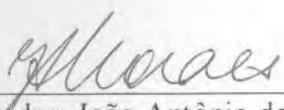
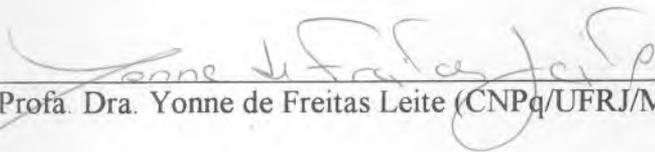


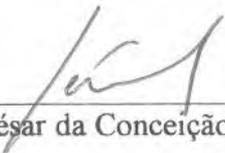
DEFESA DE TESE

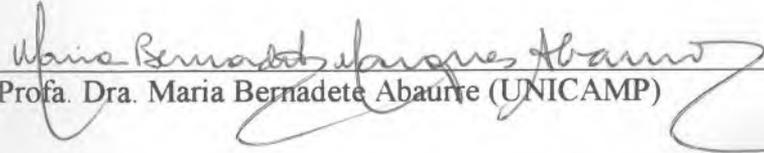
CUNHA, Cláudia de Souza (2000). **Entoação Regional no Português do Brasil**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 308 fls., mimeo. 1 vol.


Orientador: João Antônio de Moraes (UFRJ)


Co-orientador: Dinah Maria Isensee Callou (UFRJ)


Profª. Dra. Yonne de Freitas Leite (CNPq/UFRJ/Museu Nacional)


Prof. Dr. César da Conceição Reis (UFMG)


Profª. Dra. Maria Bernadete Abaurre (UNICAMP)

Prof. Dr. José Olímpio Magalhães (UFMG)

Profª. Dra. Sílvia Figueiredo Brandão (UFRJ)

Defendida a Tese:

Conceito: *Bom*

Em 30/05/2000

ENTOACÃO REGIONAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Por:

Cláudia de Souza Cunha

Tese de Doutorado em Língua Portuguesa
apresentada à Coordenação do Curso de Pós-
Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade
de Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro (UFRJ).

Orientador: Prof. Dr. João Antônio de Moraes.

Co-orientador: Profa. Dra. Dinah Maria
Isensee Callou.

Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1º semestre de 2000

Agradecimentos

À Capes, pelo financiamento parcial da pesquisa;

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, especialmente pelo empenho na defesa da prorrogação do prazo para o término da tese;

A João Antônio de Moraes, que além de me sugerir o tema da pesquisa a orientou com amizade, incentivo e um imbatível bom humor;

A Dinah Maria Isensee Callou, co-orientadora da pesquisa e orientadora incansável de tantas vidas acadêmicas, de geração a geração;

A Yonne de Freitas Leite, pelas sugestões quando do Exame de Qualificação e pela presença nos momentos-chave de minha vida profissional;

A Afranio Gonçalves Barbosa, ao lado de quem dei os primeiros passos rumo à desbravação do tema;

À Sílvia Figueiredo Brandão, que em muitos almoços na cantina da Faculdade de Letras me deu sugestões preciosas para a abordagem metodológica;

À Fabiana da Silva Campos e à Carolina Ribeiro Serra, que, como bolsistas de Iniciação Científica, me auxiliaram tremendamente em diferentes fases da pesquisa, partilhando de minhas aflições sempre com carinho e competência;

À Célia Regina dos Santos Lopes, professora com quem divido os prazeres do magistério, pesquisadora atenta com quem troquei idéias e cujas observações foram de uma contribuição inestimável e, sobretudo, amiga cuja mão esteve sempre pronta para amparar a minha;

A Pedro Rosa, meu grande amigo poliglota e sambista, que me auxiliou nas traduções;

Aos informantes que, prestimosamente, me cederam parte de seu tempo, de suas histórias e de sua voz;

A meus pais e meus amigos, que, de fora do mundo das Letras, torceram por mim;

À companhia amorosa e incansável dos meus felinos, Silvia e Raja, madrugadas adentro;

A Deus (e, com licença dele, a Santo Expedito!) que não me faltaram quando eu já dava tudo por perdido.

SINOPSE:

Entoação regional no português do Brasil. Descrição dos parâmetros prosódicos responsáveis pela indexação regional. Análise da fala urbana culta em cinco capitais por meio de duas modalidades de discurso: fala espontânea e leitura. Observação do fenômeno em amostras de ficção televisiva. Tratamento acústico-experimental e abordagem teórica auto-segmental métrica. Prosódia e fonologia: reconhecimento de padrões lingüísticos unificadores. Estabelecimento de padrões prosódicos atuantes na individualização de falares das regiões nordeste e centro-sul.

vamo lá rapaziada
Todo mundo dançando
vamo lá rapaziada
todo mundo pulando
vamo lá rapaziada
todo mundo dançando
dançando sem parar

o brasileiro é do suingue
o brasileiro é do baile
o brasileiro é de festa
o brasileiro tem carnaval no
sangue
tem carnaval no sangue

deixa solta essa bundinha
deixa solto esse quadril e grita
Brasil, Brasil
Brasil é o país do suingue

vem comigo dançar
em Belém do Pará
na festa aparelhagem tupinambá
vem comigo dançar
o reggae do Maranhão
nos tambores da crioula
à toa rebolar
vem comigo dançar
o forró do cearense
e o reggae do surfista
catarinense
vem comigo pra São Paulo
vem dançar na liberdade
se acabar na festa funk japonesa
que beleza
vamo pra Bahia se acabar na rua
no esculacho da delícia
de vontade de festa
é timbalada llê Aiê
candomblé de umbandance
é timbalada llê Aiê
candomblé de umbandance

vem dançar em Pernambuco
o mangue-beat recifense
vem dançar em Porto Alegre
o rock-funk do Ocidente
vem comigo vem pro Rio de Janeiro
vem comigo vem pro Rio de Janeiro
cidade do swing sensual demais
toda esquina é samba-funk
terra de malboro
rei dos bailes big mix
big mix total, big mix total
.....

funk nordeste
funk noroeste
funk centro-oeste
no sudeste, norte-sul

Mato Grosso, Pernambuco
Maranhão e Goiás
Rondônia, Paraíba, Paraná
Minas Gerais
Brasília, Roraima
Piauí, Espírito Santo
São Paulo, Ceará, Acre, Tocantins
Amazonas, Sergipe, Alagoas, Amapá
Santa Catarina, Bahia e Pará
Rio Grande do Norte
Rio Grande do Sul
Grande Rio de Janeiro

deixa solta essa bundinha
deixa solto esse quadril e grita
Brasil, Brasil
Brasil é o país do suingue

(Fernanda Abreu, Fausto Fawcett,
Laufer e Hermano Vianna. "Brasil
é o país do suingue". **Fernanda
Abreu – Da Lata**)

SUMÁRIO

Agradecimentos	iii
Sinopse	iv
Índice de Figuras, Gráficos, Quadros e Tabelas	xi
Abreviaturas	xxiii
1. INTRODUÇÃO	24
2. DIALETOLOGIA E PROSÓDIA NO BRASIL: O INÍCIO	29
2.1. <u>Para entender o problema: que canto que a fala tem?</u>	29
2.2. <u>O saboroso terreno das impressões</u>	33
3. SUBSÍDIOS TEÓRICOS OU O PALPÁVEL TERRENO DA PROSÓDIA COMO CIÊNCIA	37
3.1. <u>Reconhecendo o chão: origem, definição e caracterização do termo <i>prosódia</i>; apresentação dos parâmetros prosódicos</u>	37
3.2. <u>Ponderações acerca das categorias funcionais: entoação, acento, tom, quantidade e ritmo</u>	40
3.2.1. Produção e percepção: a complexidade na correspondência entre os dois níveis	40
3.2.2. O ritmo posto à parte	41
3.2.2.1. Definição	41
3.2.2.2. Tipologia	42
3.3. <u>Para resolver o problema: a entoação como ponto de partida</u>	44
3.3.1. Origem e evolução do termo	46
3.3.2. As funções da entoação	48

3.3.2.1. A função contrastiva	51
3.3.2.2. A função indexical	54
3.4. <u>Abordagem fonológica da entoação: o modelo de Pierrehumbert</u>	56
4. METODOLOGIA	60
4.1. <u>Retomando o objetivo geral: em busca de um método</u>	60
4.1.1. Revisão da literatura: como o fenômeno vem sendo tratado em outras línguas	60
4.1.1.1. O estudo de Carton (1972)	60
4.1.1.2. O estudo de Pierre León e Monique León (1983)	63
4.1.1.3. O estudo de Sosa (1999)	65
4.1.2. Comentários	66
4.2. <u>Definição das etapas a cumprir – o roteiro de viagem</u>	68
4.2.1. Primeira parada: visão geral dos falares do Brasil	68
4.2.1.1. Objetivo 1: o reconhecimento da marca	69
4.2.1.2. Objetivo 2: distribuição da marca – o contexto de ocorrência	72
4.2.1.3. Objetivo 3: distribuição da marca – a frequência de ocorrência	73
4.2.2. Segunda parada: tomando pouso no Rio de Janeiro e em Salvador	75
4.2.3. Terceira parada: revisitando lugares marcantes	80
4.3. <u>O Corpus</u>	81
4.3.1. Constituição da amostra	81
4.3.2. Distribuição da amostra	82
5. ANÁLISE – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	86
5.1. <u>1ª Etapa – Visão geral do Nordeste ao Sul: a análise acústica em cinco cidades: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre</u>	87
5.1.1. Resultados obtidos na 1ª etapa da análise	
5.1.1.1. Duração	88
5.1.1.2. Frequência Fundamental	92
5.1.1.3. Intensidade	95
5.1.2. Considerações acerca dos resultados	98

5.1.2.1. Caracterização melódica	98
5.1.2.2. Estilos de fala	99
5.1.2.3. Localização e frequência	99
5.2. <u>2ª Etapa – Aprofundando a investigação: a análise acústica em duas cidades:</u> <u>Rio de Janeiro e Salvador</u>	102
5.2.1. Resultados obtidos na 2ª etapa da análise	
5.2.1.1. <i>Fala espontânea</i>	102
5.2.1.1.1. Duração silábica na cidade do Rio de Janeiro	104
5.2.1.1.2. Duração silábica na cidade de Salvador	108
5.2.1.1.3. Sobre os resultados da duração silábica	112
5.2.1.1.4. Intensidade silábica na cidade do Rio de Janeiro	113
5.2.1.1.5. Intensidade silábica na cidade de Salvador	116
5.2.1.1.6. Sobre os resultados da intensidade silábica	119
5.2.1.1.7. Frequência Fundamental na cidade do Rio de Janeiro ..	121
5.2.1.1.8. Frequência Fundamental na cidade de Salvador	124
5.2.1.1.9. Sobre os resultados da frequência fundamental	126
5.2.1.2. <i>Leitura</i>	128
5.2.1.2.1. Duração Silábica na leitura do Rio de Janeiro	130
5.2.1.2.2. Duração silábica na leitura de Salvador	132
5.2.1.2.3. Sobre os resultados da duração silábica	135
5.2.1.2.4. Intensidade silábica na leitura do Rio de Janeiro	137
5.2.1.2.5. Intensidade silábica na leitura de Salvador	140
5.2.1.2.6. Sobre os resultados da intensidade silábica	142
5.2.1.2.7. Frequência Fundamental na leitura do Rio de Janeiro ...	144
5.2.1.2.8. Frequência Fundamental na leitura de Salvador	147
5.2.1.2.9. Sobre os resultados da frequência fundamental	149
5.2.1.3. <i>Padrões melódicos na fala espontânea</i>	151
5.2.1.3.1. A fala carioca	153
5.2.1.3.1.1. Padrão assertivo final	153
5.2.1.3.1.2. Padrão assertivo não-final	158

5.2.1.3.2. A fala baiana	162
5.2.1.3.2.1. Padrão assertivo final	162
5.2.1.3.2.2. Padrão assertivo não-final	166
5.2.1.3.3. Sobre os padrões melódicos na fala espontânea	170
5.2.1.4. <i>Padrões melódicos na leitura</i>	173
5.2.1.4.1. A leitura dos cariocas	175
5.2.1.4.1.1. Padrão assertivo final	175
5.2.1.4.1.2. Padrão assertivo não-final	178
5.2.1.4.1.3. Padrão interrogativo	180
5.2.1.4.2. A leitura dos baianos	184
5.2.1.4.2.1. Padrão assertivo final	184
5.2.1.4.2.2. Padrão assertivo não-final	187
5.2.1.4.2.3. Padrão interrogativo	190
5.3. <i>Interpretação dos resultados</i>	193
5.3.1. Duração e Intensidade	193
5.3.2. Frequência Fundamental	201
5.4. <i>3ª Etapa – Análise comparativa:</i> <i>estudo de alguns casos prototípicos</i>	204
6. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	208
7. BIBLIOGRAFIA	209
8. ANEXOS	221
Anexo 1 – <i>Corpus</i> de Leitura da 1ª etapa da pesquisa	
Anexo 2 – Medições realizadas na 2ª etapa de análise	

ÍNDICE DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Capítulo 1

FIGURAS

Figura (A): Delimitação lingüística das áreas regionais do Brasil (Nascentes, 1953)	2
---	---

Capítulo 3

FIGURAS

Figura (A): Variação da F0 na leitura do enunciado <i>Foi por dinheiro?</i> feita por uma informante da cidade do Rio de Janeiro	22
Figura (B): Variação da F0 na leitura do enunciado <i>Foi por dinheiro?</i> feita por uma informante da cidade do Recife	22
Figura (C): Contorno melódico da frase assertiva "Parece que tudo ficou mais claro pra mim", lida por uma informante carioca do sexo feminino. <i>Corpus</i> de leitura 1, dado 29	29
Figura (D): Contorno melódico da frase interrogativa "Apenas por dinheiro?", lida por uma informante gaúcha do sexo feminino <i>Corpus</i> de leitura 1, dado 4	30

QUADROS

Quadro (i): Parâmetros prosódicos: correlatos físicos e funções	16
Quadro (ii): Os fatos prosódicos e suas funções (Gonçalves, 1997:64)	27

Capítulo 4

QUADROS

Quadro (i): Diferenciação prosódica entre três subfalares do Brasil: hipóteses e argumentos	48
Quadro (ii): Natureza das amostras	52

Quadro (iii): Distribuição da amostra segundo as modalidades de discurso contempladas	58
Quadro (iv): Distribuição da amostra utilizada na 1ª etapa da pesquisa	59
Quadro (v): Distribuição da amostra utilizada na 2ª etapa da pesquisa	61
Quadro (vi): Obras de ficção televisiva que constituem o <i>corpus</i>	62

GRÁFICOS

Gráfico (1): Proeminências silábicas no nível perceptivo	49
--	----

TABELAS

Tabela (1): Número de dados analisados na 1ª etapa da pesquisa	60
Tabela (2): Número de dados analisados na 2ª etapa da pesquisa	60

Capítulo 5

FIGURAS

Figura (A): Linha melódica da frase “ou será que você ficou noivo de mim”, colhida em <u>A Indomada</u>	100
Figura (B): Linha melódica da frase “só pra... se divertir às minhas custas?”, colhida em <u>A Indomada</u>	100
Figura (C): Contorno melódico da unidade entoacional “além da utilidade de servir a gente um pouco”, lida por uma informante recifense	204
Figura (D): Contorno melódico da unidade entoacional “e tem utilidade pra nós”, lida por uma informante recifense	205
Figura (E): Contorno melódico da unidade entoacional “foi por dinheiro?” – <i>corpus A Indomada</i> . Dado 2.	206

GRÁFICOS

Gráfico (1): Duração média na fala espontânea das cinco cidades do Projeto NURC	88
---	----

Gráfico (2): Duração média nos dados de leitura das cinco cidades	89
Gráfico (3): Comparação entre o comportamento da duração silábica na fala espontânea (NURC) e o comportamento na leitura	91
Gráfico (4): Frequência Fundamental média na fala espontânea das cinco cidades do Projeto NURC	92
Gráfico (5): Frequência Fundamental média na leitura de Recife, Rio de Janeiro e Porto Alegre	93
Gráfico (6): Variação média da intensidade na fala espontânea das cinco cidades do Projeto NURC	96
Gráfico (7): Variação média da intensidade nos dados de leitura das cinco cidades	97
Gráfico (8): Universo das marcas regionais no texto lido	101
Gráfico (9): Duração silábica média na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	104
Gráfico (10): Duração silábica média na fala espontânea dos informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	105
Gráfico (11): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea das mulheres cariocas no contexto “fim de unidade entoacional”	107
Gráfico (12): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea dos homens cariocas no contexto “fim de unidade entoacional”	108
Gráfico (13): Duração silábica média na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	109
Gráfico (14): Duração silábica média na fala espontânea dos informantes baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	109
Gráfico (15): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea das mulheres baianas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	111
Gráfico (16): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea dos homens baianos no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	112
Gráfico (17): Variação média da intensidade na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	113

Gráfico (18): Variação média da intensidade na fala espontânea dos informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”.....	114
Gráfico (19): Padrão médio da intensidade na fala espontânea dos homens cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional” .	115
Gráfico (20): Variação média da intensidade silábica na fala espontânea das mulheres baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	116
Gráfico (21): Padrão médio da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	117
Gráfico (22): Variação média da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea dos informantes baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	118
Gráfico (23): Padrão médio da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea dos homens baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	119
Gráfico (24): Padrão médio da intensidade silábica (em decibéis) reunindo todos os informantes do Projeto NURC – Rio de Janeiro x Salvador – no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	120
Gráfico (25): Frequência fundamental média na fala espontânea das 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	122
Gráfico (26): Frequência fundamental média na fala espontânea dos 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	123
Gráfico (27): Frequência fundamental média na fala espontânea das 3 informantes baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	124
Gráfico (28): Frequência fundamental média na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	125
Gráfico (29): Padrão médio da frequência fundamental (em Hertz) reunindo todos os informantes do Projeto NURC – Rio de Janeiro x Salvador – no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	127

Gráfico (30): Duração silábica média na leitura das informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	130
Gráfico (31): Duração silábica média na leitura dos informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	131
Gráfico (32): Duração silábica média na leitura das informantes baianas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	133
Gráfico (33): Duração silábica média na leitura dos informantes baianos no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	133
Gráfico (34): Padrão comportamental da duração silábica média na leitura de todos os informantes cariocas e baianos	135
Gráfico (35): Diferenças nos padrões da duração silábica média estabelecidos na leitura de todos os informantes cariocas e baianos	136
Gráfico (36): Intensidade silábica média na leitura das informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	137
Gráfico (37): Intensidade silábica média na leitura dos informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	139
Gráfico (38): Intensidade silábica média na leitura das mulheres baianas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	140
Gráfico (39): Intensidade silábica média na leitura dos homens baianos no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	141
Gráfico (40): Padrão da intensidade silábica média na leitura de todos os informantes no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	143
Gráfico (41): Diferenças no comportamento da intensidade silábica média na leitura de todos os informantes no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	143
Gráfico (42): Frequência fundamental silábica média na leitura das informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	145
Gráfico (43): Frequência fundamental silábica média na leitura dos homens cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	146
Gráfico (44): Frequência fundamental silábica média na leitura das mulheres de Salvador no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	147
Gráfico (45): Frequência fundamental silábica média na leitura dos homens de Salvador no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	148

Gráfico (46): Variação da frequência fundamental silábica média na leitura de todos os informantes no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	150
Gráfico (47): Distribuição dos dados pelos 5 contextos sintático-semânticos que ocorrem no <i>corpus</i> de fala espontânea	153
Gráfico (48): Contexto assertivo na fala espontânea dos homens cariocas	154
Gráfico (49): Contexto assertivo na fala espontânea das mulheres cariocas	154
Gráfico (50): Padrão assertivo na fala dos informantes cariocas que apresentam contorno melódico similar – gráfico modelo 1	156
Gráfico (51): Padrão assertivo na fala de todos os informantes cariocas – gráfico modelo 2	157
Gráfico (52): Contexto continuativo na fala dos homens cariocas	158
Gráfico (53): Padrão continuativo na fala carioca – gráfico modelo 1	160
Gráfico (54): Padrão continuativo na fala carioca – gráfico modelo 2	161
Gráfico (55): Contexto assertivo na fala dos homens baianos	162
Gráfico (56): Contexto assertivo na fala das mulheres baianas	162
Gráfico (57): Padrão Assertivo na fala baiana – gráfico modelo 1	164
Gráfico (58): Padrão Assertivo na fala baiana – gráfico modelo 2	165
Gráfico (59): Contexto continuativo na fala dos homens baianos	166
Gráfico (60): Contexto continuativo na fala das mulheres baianas	166
Gráfico (61): Padrão continuativo na fala baiana – gráfico modelo 1	168
Gráfico (62): Padrão continuativo na fala baiana – gráfico modelo 2	169
Gráfico (63): Padrão assertivo na fala carioca e na fala baiana.	170
Gráfico (64): Padrão enumerativo na fala das mulheres cariocas e baianas	171
Gráfico (65): Contexto assertivo na leitura dos homens cariocas	175
Gráfico (66): Contexto assertivo na leitura das mulheres cariocas	175
Gráfico (67): Contexto assertivo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 1	176
Gráfico (68): Contexto assertivo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 2	177

Gráfico (69): Contexto continuativo na leitura dos homens cariocas	178
Gráfico (70): Contexto continuativo na leitura das mulheres cariocas	178
Gráfico (71): Padrão continuativo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 2	180
Gráfico (72): Contexto interrogativo na leitura dos homens cariocas	181
Gráfico (73): Contexto interrogativo na leitura das mulheres cariocas	181
Gráfico (74): Padrão interrogativo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 1	182
Gráfico (75): Padrão interrogativo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 2	183
Gráfico (76): Contexto assertivo na leitura dos homens baianos	184
Gráfico (77): Contexto assertivo na leitura das mulheres baianas	184
Gráfico (78): Padrão assertivo na leitura dos baianos – gráfico modelo 1	185
Gráfico (79): Padrão assertivo na leitura dos baianos – gráfico modelo 2	186
Gráfico (80): Contexto continuativo na leitura dos homens baianos	187
Gráfico (81): Contexto continuativo na leitura das mulheres baianas	187
Gráfico (82): Padrão continuativo na leitura dos baianos – gráfico modelo 1	188
Gráfico (83): Padrão continuativo na leitura dos baianos – gráfico modelo 2	189
Gráfico (84): Contexto interrogativo na leitura dos homens baianos	190
Gráfico (85): Contexto interrogativo na leitura das mulheres baianas	190
Gráfico (86): Padrão interrogativo na leitura dos baianos – gráfico modelo 1	191
Gráfico (87): Padrão interrogativo na leitura dos baianos – gráfico modelo 2	192
Gráfico (88): Padrão comportamental da duração silábica na fala espontânea de todos os informantes cariocas e baianos	194
Gráfico (89): Reprodução do gráfico (34) apresentado à pág. 135	194
Gráfico (90): Comportamento da duração silábica na fala espontânea carioca, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca	196

Gráfico (91): Comportamento da duração silábica na fala espontânea de Salvador, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca	196
Gráfico (92): Reprodução do gráfico (24) apresentado à pág. 120	198
Gráfico (93): Reprodução do gráfico (40) apresentado à pág. 143	198
Gráfico (94): Comportamento da intensidade silábica na fala espontânea carioca, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca	200
Gráfico (95): Comportamento da intensidade silábica na fala espontânea de Salvador, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca	200

QUADROS

Quadro (i): Esquema de oposição entre as cinco cidades analisadas nos dois estilos de fala (espontâneo e lido) tomando por base o comportamento da Frequência Fundamental	94
Quadro (ii): Esquema de oposição prosódica entre as cinco cidades analisadas tomando por base os parâmetros acústicos que se mostraram mais relevantes para a determinação das proeminências silábicas	98
Quadro (iii): Distribuição silábica no <i>corpus</i> de leitura – número de pretônicas, tônicas e postônicas	129

TABELAS

Tabela (1): Número de sílabas analisadas em cada inquérito do Projeto NURC do Rio de Janeiro	102
Tabela (2): Número de sílabas analisadas em cada inquérito do Projeto NURC de Salvador	103
Tabela (3): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala das informantes cariocas do Projetos NURC no contexto vocábulo em fim de Unidade Entoacional	104
Tabela (4): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala dos informantes cariocas do Projeto NURC no contexto vocábulo em fim de Unidade Entoacional	105

Tabela (5): Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo as 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto vocábulo em fim de Unidade Entoacional	106
Tabela (6): Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo os 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto vocábulo em fim de Unidade Entoacional	107
Tabela (7): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	108
Tabela (8): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea dos informantes baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	109
Tabela (9): Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo as 3 informantes baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	110
Tabela (10): Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo os 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	111
Tabela (11): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	113
Tabela (12): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea dos informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	114
Tabela (13): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea dos 3 informantes cariocas do Projeto NURC em conjunto no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	115
Tabela (14): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	116
Tabela (15): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea das 3 informantes baianas do Projeto NURC em conjunto no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	117
Tabela (16): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC em conjunto no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	118

Tabela (17): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC em conjunto no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	119
Tabela (18): Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea das 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	121
Tabela (19): Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea dos 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	122
Tabela (20): Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea das 3 informantes baianas do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	124
Tabela (21): Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	125
Tabela (22): Variação média da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea dos 6 informantes cariocas e dos 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto “vocábulo em fim de unidade entoacional”	126
Tabela (23): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura das informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	130
Tabela (24): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura dos informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	131
Tabela (25): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura das informantes baianas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	132
Tabela (26): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura dos informantes baianos no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	133
Tabela (27): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura de todos os informantes no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	135
Tabela (28): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura das informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	137

Tabela (29): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura dos informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	138
Tabela (30): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura das informantes baianas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	140
Tabela (31): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura dos informantes baianos no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	141
Tabela (32): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura de todos os informantes no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	142
Tabela (33): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura das informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	144
Tabela (34): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura dos informantes cariocas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	146
Tabela (35): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura das informantes baianas no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	147
Tabela (36): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura dos informantes baianos no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	148
Tabela (37): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura de todos os informantes no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”	149
Tabela (38): Distribuição dos dados colhidos na leitura do Rio de Janeiro – <i>Corpus</i> Frases – pelos 7 contextos sintático-semânticos definidos para a observação dos contornos melódicos	152
Tabela (39): Distribuição dos dados colhidos na leitura de Salvador – <i>Corpus</i> Frases – pelos 7 contextos sintático-semânticos definidos para a observação dos contornos melódicos	152
Tabela (40): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão assertivo representado no gráfico(50)	156
Tabela (41): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão assertivo representado no gráfico(51)	157
Tabela (42): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(53)	160

Tabela (43): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(54)	161
Tabela (44): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão assertivo representado no gráfico(57)	165
Tabela (45): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(58)	166
Tabela (46): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(61)	168
Tabela (47): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(62)	169
Tabela (48): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto assertivo, considerando apenas os informantes onde se verifica padrões melódicos similares	176
Tabela (49): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto assertivo, considerando todos os informantes	177
Tabela (50): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto assertivo, considerando todos os informantes	179
Tabela (51): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto interrogativo, excluindo a informante M1	182
Tabela (52): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto interrogativo, considerando todos os informantes	183
Tabela (53): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto assertivo, excluindo os informantes M2 e H2	185
Tabela (54): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto assertivo, considerando todos os informantes	186
Tabela (55): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto continuativo, excluindo os informantes M1 e H3	188
Tabela (56): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto continuativo, considerando todos os informantes	189
Tabela (57): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto interrogativo, considerando apenas 4 informantes	191
Tabela (58): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto interrogativo, considerando todos os informantes	192

Tabela (59): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional"	193
Tabela (60): Reprodução da tabela (27), apresentada à pág. 135	193
Tabela (61): Valores médios da duração silábica (em segundos) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na fala do Rio e de Salvador	195
Tabela (62): Valores médios da duração silábica (em segundos) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na leitura feminina do Rio e de Salvador	195
Tabela (63): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional"	197
Tabela (64): Reprodução da tabela (32)	197
Tabela (65): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na fala espontânea feminina do Rio e de Salvador	199
Tabela (66): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na leitura feminina do Rio e de Salvador	199

ABREVIATURAS

- D – duração
- F0 – frequência fundamental
- I – intensidade
- Inq. – inquérito
- Pre4 – sílaba pretônica 4
- Pre3 – sílaba pretônica 3
- Pre2 – sílaba pretônica 2
- Pre1 – sílaba pretônica 1
- Tôn – sílaba tônica
- Pos1 – sílaba postônica 1
- Pos2 – sílaba postônica 2
- UE – unidade entoacional

1. Introdução

A despeito de sua impressionante unidade, o Português do Brasil, como qualquer língua de cultura que se encontre exposta às transformações impostas pelo uso, traz consigo a diversidade lingüística. Variáveis sociais e regionais perpassam o sistema em todos os níveis, mas, com relação a modalidades regionalmente distintas, terão sempre destaque as variantes fonéticas e lexicais: por ocorrerem com maior freqüência, são as que mais facilmente se percebem e, ao conjunto formado por elas, a grande massa de usuários da língua atribuirá o rótulo de “sotaque”. A palavra costuma também ser empregada de modo mais específico, fazendo referência apenas às variantes fonéticas. Sobre essa maleabilidade de empregos, Crystal (1986:244-5) comenta que “a literatura da lingüística insiste que o termo se refere apenas à pronúncia, distinguindo-se do *dialeto*, que se refere à gramática e ao vocabulário”. Como o autor, entendemos que *sotaque* é um “termo que indica os efeitos auditivos dos traços da pronúncia de uma pessoa que identificam a sua procedência, regional ou social”. Os sotaques regionais, que nos interessam particularmente, “podem estar associados a qualquer local, mesmo comunidades rurais ou urbanas de um país (de uma cidade ou uma região do estado) assim como a grupos nacionais que falem a mesma língua, e ainda nossa impressão de outras línguas (‘sotaque estrangeiro’)”. Mas, lançando o olhar apenas sobre o Brasil, quantos sotaques, regionalmente, se podem distinguir?

Nascentes (1953) propõe uma delimitação lingüística das áreas regionais no Brasil, dividindo o território em duas grandes áreas – Norte e Sul – que contêm, ao todo, 5 subfalares¹: ao Norte, estão os subfalares *amazônico* e *nordestino*; ao Sul, estão os subfalares *baiano* (intermediário entre as duas áreas), o *fluminense*, o *mineiro* e o *sulista*, cujos limites geográficos se podem conferir no mapa:

¹ Uso aqui o termo adotado por Nascentes, mas doravante optarei pelo termo *falar*, mais simples e mais genérico. Não creio que as variedades regionais do português do Brasil já tenham sido estudadas o suficiente para categorizarmos quais delas constituem um falar ou um subfalar. Pode-se discutir, inclusive, a possibilidade de emprego do termo *dialeto* para denominar determinadas variantes ou conjunto de variantes, visto reconhecerem-se nelas traços que Crystal (1986:81) e Trudgill (1975:17-18), p. ex., afirmam serem próprios a um dialeto, compreendido como uma variante de uma língua identificada por um conjunto particular de fatos lexicais, gramaticais e fonéticos



Figura (A): Delimitação lingüística das áreas regionais do Brasil (Nascentes, 1953)

Eis o que comentam Ferreira e Cardoso (1994:42) a respeito dessa divisão:

Tal proposta ainda não pôde ser testada integralmente a partir do confronto dos limites que estabelece com as características dialetais de que se revestem as áreas em questão. Em parte, pode-se dizer que pelo menos no que se refere à linha divisória entre o falar do Norte e o falar do Sul, com base na realização das vogais médias pretônicas, ela se confirma. Os dados do *Atlas Prévio dos falares Baianos*, conjugados aos do *Atlas Lingüístico de Sergipe* e do *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* permitiram comprovar-se que os limites estabelecidos por Nascentes, e para esse caso, correspondem à realidade hoje descrita, como mostra Cardoso (1986)².

² O texto a que as autoras se reportam é o artigo "Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil)", publicado na Revista *Estudos lingüísticos e literários* (Salvador), 5, pp. 49-59.

Fato é que a proposta de Nascentes continua vigorando e o passar dos anos tem produzido pesquisas de base dialectológica e/ou sociolinguística que por hora confirmam as delimitações traçadas por ele.

Voltemos às variantes fonéticas, das quais buscarei extrair a hipótese central deste estudo. Diferenças linguísticas regionalmente relevantes são reconhecidas por qualquer falante nativo através de características segmentais e suprasegmentais. Um brasileiro comum reconhece uma fala regionalmente diversa da sua e é capaz de identificar características próprias ao seu falar, imitando-o, com certo exagero na reprodução dos padrões, ou descrevendo-o por contraste, tomando por base um outro padrão regional. Não será incomum que o mesmo brasileiro, pinçado aleatoriamente em meio à multidão, seja capaz de reconhecer também traços identificadores dos subfalares nordestino e dos subfalares sulistas. Mas se o indivíduo que tomamos por exemplo for, suponhamos, um carioca, creio eu que lhes soarão parecidas (senão iguais) a fala de baianos e pernambucanos; alagoanos e paraibanos, gaúchos e curitibanos. Com certeza um baiano se reconhece linguisticamente diferente de um pernambucano e um gaúcho vê, entre si e um curitibano, traços de fala inconfundíveis. Assim como nós, cariocas, nos sentimos/ouvimos absolutamente opostos aos paulistas... Mineiros, maranhenses, goianos, paraenses... que “música” cada um de nós canta? Com que notas ela se escreve?

O que me parece indiscutível é que qualquer falante nativo:

- reconhece a individualidade de seu falar — por contraste com outro(s) falar(es) e, conseqüentemente,
- reconhece uma fala regionalmente distinta da sua;
- é capaz de apontar traços que compõem, no plano fônico/sonoro, o sotaque de outrem e, de acordo com sua sagacidade/acuidade perceptiva e sua competência produtiva,
- é capaz de reproduzir (com maior ou menor fidelidade) a fala do outro.

Capacitado então a reconhecer e descrever um sotaque, o falante (continuo de braços com o brasileiro comum, leigo, que encontramos há algumas esquinas / alguns parágrafos atrás) deverá quase sempre, ao apontar os traços que lhe chamam a atenção, fazer, ao lado de observações segmentais (comportamento de ésses e érres, abertura de vogais), tecer comentários de ordem prosódica. As diferenças suprasegmentais costumam ser atestadas pelos falantes por meio de descrições bastante subjetivas, que

lançam mão de metáforas, às vezes construídas sobre noções tomadas à música. Fazem-se desde descrições genéricas – com referências a um “cantar” ou a um “falar cantando” – até descrições que buscam qualificativos mais específicos: falar “descansado”, “devagar/rápido”, “com a boca mole”, “em tom de briga” (como já ouvi com relação à fala gaúcha), etc. Isso nos faz acrescentar à lista acima um último item:

- qualquer falante, além de ser capaz de reconhecer e descrever um falar, terá sobre ele uma impressão, baseada num julgamento de valor individual, coletivo/cultural..., que pode advir ou da qual se podem formar, gerando um ciclo, estereótipos.

Se os falares se distinguem prosodicamente e essa diferença é perceptível e descritível empiricamente por um leigo é porque, de fato, as diferenças existem e são passíveis de um estudo científico. Este trabalho objetiva, então: comprovar as diferenças suprasegmentais entre os falares de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, representados pela modalidade urbana culta, e descrever os padrões prosódicos que os individualizam regionalmente. O cumprimento da tarefa perfaz o percurso descrito a seguir.

No capítulo 2 apresento um breve apanhado de como, ao longo do desenvolvimento dos estudos dialetológicos no Brasil, as diferenças de ordem suprasegmental foram tratadas, com o objetivo de situar mais vivamente o tema e o problema que motivam este estudo, buscando, além disso, justificar sua relevância.

O capítulo 3 se destina à apresentação de subsídios teóricos – no âmbito da fonética e da fonologia – que permitam tratar o fenômeno da entoação regional não de forma impressionística, mas de forma científica. Nele, apresento fundamentos necessários aos estudos prosódicos em geral, definindo a área de estudo e as categorias que a compõem (tecendo considerações mais detidas a respeito do ritmo); defino a entoação como ponto de partida para a investigação, reconhecendo nela a categoria que mais fortemente expressa o fenômeno observado; e detenho-me nas funções que a entoação pode assumir, enfatizando: a função contrastiva, responsável pelo estabelecimento de padrões melódicos comuns a todas as variantes lingüísticas; e a função indexical ou sinalizadora, responsável pela identificação das origens sociais e regionais do indivíduo. Ao final do capítulo, na seção 3.4., apresento o modelo teórico em que baseio a descrição fonológica do fenômeno entoação regional.

No capítulo 4 trato da metodologia empregada na pesquisa. Sendo este um estudo experimental em quase todos os sentidos, a escolha do conjunto de procedimentos a ser empregado vai além da definição de uma linha teórica e de um

modelo de análise a ser seguido. Ante a inexistência de estudos como este, tendo como objeto o português brasileiro, cada passo à frente é dado em terreno virgem e tudo, desde a escolha do *corpus*, exigiu reflexões, idas e vindas, muitas discussões entre os membros da equipe (professores orientadores, bolsistas de iniciação científica). O que exponho neste capítulo é, basicamente, o álbum de memórias desta pesquisa. Inicialmente, na seção 4.1.1., apresento alguns estudos que tomaram por tema a prosódia regional, refletindo sobre as metas e os métodos adotados. Nos itens seguintes dedico-me à exposição das escolhas feitas para esta pesquisa, partindo, na seção 4.2., da discussão dos objetivos. Nesta seção, reparto o objetivo geral da pesquisa em três objetivos específicos que penso ser necessário cumprir. Em seguida, na seção 4.3., apresento a amostra, justificando a escolha das capitais cuja fala foi descrita (4.3.1) e a constituição de três *corpora* distintos, em função dos objetivos definidos anteriormente (4.3.2.). Ainda na seção 4.3. reporto como se eliciaram dos *corpora* os dados a serem analisados e que hipóteses fundamentam a análise *stricto sensu*.

O capítulo 5 é destinado à análise dos dados. Nele acham-se os resultados da observação dos vários recortes feitos na amostra, percorrendo duas etapas distintas. Na primeira (seção 5.1.), apresenta-se uma visão geral do fenômeno mediante a análise de dados de fala espontânea e de leitura nas cinco capitais eleitas para a análise. Na segunda (seção 5.2.), faz-se um refinamento da análise mediante a observação de apenas duas capitais: Rio de Janeiro e Salvador. Na terceira (seção 5.3.), analisam-se comparativamente enunciados escolhidos, sem preocupação quantitativa, com o objetivo de observar a qualidade das marcas identificadoras de um sotaque.

O capítulo 6 apresenta as conclusões do trabalho. Nele confronto os resultados encontrados com as hipóteses postuladas e (graças a Deus!) o destino não me pregou uma grande peça: lá estão as cinco cidades individualizadas, com resultados que vão ao encontro da maior parte das hipóteses e que me parecem, portanto, significativos.

Aos examinadores e aos que vierem, posteriormente, a se interessar pelo que escrevinhei aqui, boas vindas e boa leitura.

2. Dialektologia e prosódia no Brasil: o início

2.1. Para entender o problema: que canto que a fala tem?

As referências mais antigas que encontramos acerca de características prosódicas nos falares do Brasil se pautam, via de regra, em impressões auditivas e, muitas vezes, um julgamento de valor perpassa o texto. Serafim da Silva Neto, em sua *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, de 1950, não titubeia em reiterar a escolha da fala carioca como padrão tomando por base suas "propriedades intrínsecas". Eis o comentário:

Faremos distinção de um lado entre a pronúncia culta do Rio de Janeiro (carioca) considerada padrão, e de outro, entre várias pronúncias regionais. As razões da preferência pela carioca, confirmada em dois congressos, são: ela é a de maior musicalidade; ela é a mais elegante e mais urbana das pronúncias brasileiras; ela é uma síntese de colaboração de todos os brasileiros e por isso mesmo a mais adaptável a todos eles; enfim, é a que mais se difunde por todo o país.³

As afirmações acima podem ser consideradas sob duas óticas, tomando-se como ponto de partida: aspectos de cunho histórico-cultural e aspectos de feição estritamente lingüística. Analisemos cada um deles.

- Aspectos histórico-culturais

Considerando que "a língua é (...) a representação do universo cultural em que o homem se acha"⁴, parte das observações de Silva Neto encontra respaldo no papel desempenhado pelo Rio de Janeiro no cenário social, político e econômico do Brasil ao

³ p.147.

⁴ CAMARA JR., J. M. "A língua e seu conceito". In: *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, Museu Nacional. p. 11-28.

longo de sua história. Segundo o historiador Nireu Cavalcanti, Portugal sempre preparou o Rio para ser a continuidade da Corte. Ele observa que

Na época da colônia, os 60 mil habitantes do núcleo urbano do Rio, mesmo com todo o subdesenvolvimento controlado milimetricamente por Portugal, tinham acesso às últimas informações do mundo. (...) O Rio já era a 2ª cidade de Portugal (só ficava atrás de Lisboa), e a 29ª cidade mais importante do mundo na época. Tanto que os ingleses, na época em que a corte veio fugida de Napoleão, propunham que D. João VI fosse para alguma cidade no interior. Mas ele veio para o Rio. O rei também não foi para a Bahia, que era a capital na época. O projeto da monarquia portuguesa era o Rio como sede.⁵

Essa vocação de sede sócio-cultural manteve-se durante o Império e a República e, mesmo a mudança da capital política para Brasília e o alçamento de São Paulo ao posto de “capital” sócio-econômica do país, não retiraram do Rio o *status* de pólo cultural, irradiador de tendências e comportamentos tomados como padrão. Há que se admitir, no entanto, que a escolha da pronúncia carioca como padrão (instituída formalmente na década de 30, o que se comentará mais adiante) veio, paulatinamente, sendo substituída por uma modalidade híbrida, constituída de traços da fala culta carioca e da fala culta paulista (esta cada vez mais presente), filtrados, via de regra, por uma tendência a se neutralizarem as diferenças entre fala e escrita.

Voltemos ao texto de Silva Neto e à escolha da fala culta carioca como padrão. O autor apresenta as razões para a preferência pela pronúncia carioca e afirma que ela foi “confirmada em dois congressos”. O primeiro e mais importante foi realizado em julho de 1937, na cidade de São Paulo, por um grupo de filólogos e musicólogos, capitaneados por Mário de Andrade. De acordo com o que nos informa Arnold (1996:499), em seu artigo “Questões de pronúncia do português brasileiro na década de 30”,

⁵ Entrevista concedida a Jorge Sayão e publicada na revista *Domingo*, nº 1.191, encartada no *Jornal do Brasil* de 28/02/99.

[O Congresso teve] o objetivo de definir e adotar uma pronúncia padrão para as artes nacionais. (...) As discussões (...) se fizeram em torno de um anteprojeto, em que era proposta a pronúncia carioca como língua padrão para o teatro, a declamação e o canto erudito no Brasil (Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, 1938, p.5), utilizando-se como fonte de consulta os seguintes trabalhos: *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920); *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922); *Lições de português*, de Sousa da Silveira (1934); *A língua no nordeste*, de Mário Marroquim (1934); *O português do Brasil*, de Renato de Mendonça (1936) e o *Relatório* feito pela comissão encarregada de estudar a pronúncia carioca, depois editado sob o título de *Boletim de Educação Pública, ano 1, nº 4*.

Esse Congresso gerou a publicação *Normas do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*⁶, e nela instituiu-se

a pronúncia da cidade do Rio de Janeiro, na época sede do Distrito Federal, como modelo a ser seguido nas artes, admitindo-se as pronúncias das demais regiões do Brasil apenas para efeito de caracterização regional. A pronúncia carioca passa a assumir, então, se já não tinha, o estatuto de fala supra-regional, neutra, e a representar artisticamente a língua nacional.⁷

As decisões desse encontro “continuaram repercutindo em trabalhos e movimentos de décadas subseqüentes”⁸. Prova disso foi a realização, em 1956, na Bahia, do *Primeiro Congresso da Língua Falada no Teatro*, (é o segundo congresso a que Silva Neto se referia) “cujas normas reiteraram, com apenas algumas restrições, as normas aprovadas pelo Congresso de 1937.”⁹

- Aspectos lingüísticos

Silva Neto (em consonância com os congressistas de 37) afirma que a pronúncia carioca “é a de maior musicalidade” e é “a mais elegante”. Não discutamos elegância, pois que, em questões de gosto e estilo, os critérios tenderão sempre a um subjetivismo

⁶ *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, s/n, 1938.

⁷ Arnold (1996:500)

⁸ *Idem*, p. 501

(in)discutível. Detenhamo-nos na musicalidade, que é a “qualidade ou caráter de musical”. E o que é “ser musical”? Mais uma vez nos socorra o Aurélio: define-se *musical* como aquilo que é “relativo à, ou próprio à música” ou ainda (dentro das interpretações que o contexto permite) como o que é “agradável ao ouvido; harmonioso.” Sem dúvida, a primeira acepção é mais objetiva, remete-se à arte e ciência de combinar os sons. Já a segunda, depende de uma apreciação pessoal, sem que necessariamente se envolvam escalas e acordes (o som de um córrego d’água pode ser considerado musical, bem como palavras que agradem a quem as ouve podem ter como resposta: “Isso é música para os meus ouvidos...”).

Pergunta-se então: a qual *musicalidade* o autor se refere no texto? Qual o critério empregado para classificar a pronúncia carioca como a mais musical? Rossi et al.(1981, p.2) chamam atenção para o fato de que a melodia da fala pode ser estudada paralelamente à melodia do canto. Se a base do comentário de Silva Neto fosse musical, calcada em observações acústicas, dir-se-ia que a fala carioca é mais musical porque os sons que a compõem se distribuem na cadeia da fala tal como notas musicais numa pauta. Eis a explicação do autor:

A diferença no comportamento dos tons, apresentada por Aristoxene (Rossi 1980:2) reside no fato de que, no canto, a passagem de uma nota para outra se dá por meio de saltos, ao passo que, na fala, a melodia desliza continuamente do agudo ao grave.¹⁰

A passagem de uma nota para outra, na música, não se dá continuamente, os tons são proporções fixas e pula-se de um para outro sem sons intermediários. Na fala, a saída de um tom para outro envolve uma série de variações. Se essas variações diminuem, a fala é mais "cantada". Por outra, quando a variação da Frequência Fundamental (F0) numa sílaba é grande, ela é mais "falada" do que "cantada". Com certeza, não era este o critério de Silva Neto ao emitir o comentário sobre a fala do Rio de Janeiro.¹¹ Então, que critério devemos usar? Sobre que bases se devem descrever os cantares das gentes do Brasil? Exposto o problema motriz deste estudo, retornemos ao passado, vasculhando os “apontamentos musicais” deixados pela dialetologia.

⁹ Idem, p. 501.

¹⁰ Rossi. 1980, p.2

¹¹ Vejam-se em Fónagy (*La vive voix*, 1983) comentários sobre “melodicidade”.

2.2. O saboroso terreno das impressões

Em estudos dedicados estritamente a descrever falares do Brasil, o tom impressionístico se mantém quando o assunto é prosódia. Ferreira & Cardoso (1994) dividem em duas fases os estudos dialetais no Brasil. A primeira, que se inicia em 1826, é marcada por estudos, basicamente, lexicográficos, dos quais “resultaram numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais.”¹² *O dialeto caipira*, de 1920,¹³ é o título que inaugura a segunda fase dos estudos dialetais, também marcada em seu início pela publicação, em 1922, de *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes. Nesta fase, predominam “trabalhos voltados para os estudos gramaticais, nada obstante produzirem-se, ainda, numerosos estudos de natureza lexicográfica.”¹⁴ Elencam-se, a seguir, os exemplos mais expressivos de comentários acerca de fenômenos prosódicos que se encontram nas obras de nossos primeiros dialetólogos.

Amadeu Amaral, em seu estudo, esclarece que empregará o termo *prosódia* “numa acepção lata, que também abranja o ritmo e a musicalidade da linguagem”¹⁵. Na prosódia caipira, diz o autor,

O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa. Os *acentos* em que a voz mais demoradamente carrega, na prolação total de um grupo de palavras, não são em geral os mesmos que teria esse grupo na boca de um português; e as *pausas* que dividem tal grupo na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuídas de modo diverso. Na duração das vogais igualmente difere muito o dialeto: se, proferidas pelos portugueses, as breves duram *um tempo* e as longas *dois*, pode-se dizer, comparativamente, que no falar caipira duram as primeiras *dois* tempos e as segundas *quatro*. Este fenômeno está estreitamente ligado à lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto dela, pois a linguagem vagarosa, *cantada*, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais.

¹² Para maiores informações, vejam-se as páginas 37-39, onde se apresenta, inclusive, um elenco de títulos ilustrativos do período.

¹³ AMARAL, Amadeu (1920) *O dialeto caipira*. São Paulo, HUCITEC, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, 3ª ed.

¹⁴ Ferreira & Cardoso, 1994, p. 39.

¹⁵ p.45

E acrescenta em nota de rodapé:

“Cantada” se lhe chama vulgarmente; mas é preciso notar que apesar disso é muito menos musical do que aquela que não é assim qualificada. A prosódia portuguesa é mais musical, porque comporta muito maior variabilidade de ritmos, de inflexões e modulações, destinados, já a pôr em relevo todo o valor dos termos empregados, já a dar à fala o colorido das emoções que a acompanham.¹⁶

Note-se que Amaral enfoca três parâmetros prosódicos (tom – em sentido genérico, “inflexões” –, intensidade – a que ele parece se referir como *acento* – e duração), ainda que de forma algo indistinta. O termo *tom*, por exemplo, é empregado genericamente, englobando características rítmicas, além das que se referem propriamente às variações de altura. É interessante também apreciar o que se define como fala cantada e fala musical.

Nascentes, em *O linguajar carioca* (1953:20), é mais sucinto em seus comentários. Ele identifica a pronúncia do Rio de Janeiro com a do país como um todo, afirmando que:

O traço que caracteriza de um modo geral a pronúncia carioca é o mesmo que a distingue em todo o Brasil: há mais frouxidão, demora, sonoridade, suavidade do que na pronúncia de Portugal.

Mário Marroquim publica, em 1934, *A língua no nordeste (Alagoas e Pernambuco)*, fornecendo observações sagazes e preciosas, ilustradas por pautas musicais¹⁷:

¹⁶ *ibid.*

¹⁷ Infelizmente não me foi possível reproduzi-las aqui. Vejam-se as páginas 32 e 33 da 2ª edição da obra de Marroquim, publicada em 1945 pela Companhia Editora Nacional.

Em confronto com a prosódia do sul do Brasil, o falar do nordestino goza da fama particular de ser cantado. Examinemos uma mesma palavra pronunciada por um carioca e por um alagoano. Seja *mamãe* em tom de chamamento. [Apresentam-se as pautas musicais do Rio.] A entonação forma uma terça diminuída, característica do falar carioca nesses casos. [Apresentam-se as pautas musicais de Alagoas.] Há mais musicalidade na entonação carioca; a alagoana, entretanto, deixa maior impressão de fala cantada, porque as duas sílabas são pronunciadas mais vagarosamente, e têm o mesmo valor, são duas semínimas com acento ligeiramente descendente ou ascendente em terça com um portamento da voz.

José Aparecido Teixeira, por sua vez, é francamente determinista em *O falar mineiro* (1938:12), quando atribui ao meio os traços caracterizadores da pronúncia, descrita num tom visivelmente apaixonado/romântico:

A fala do mineiro é calma e sossegada. Caracteriza-se por uma grande suavidade na pronúncia. Nela impera, mais do que em qualquer outra, a lei do menor esforço, criando, através das alterações fonéticas, um timbre de notas aveludadas, que traduz o temperamento brando e suave, gerado nos longos anos de pacíficas atividades agrícolas e pastoris. (...) Há na pronúncia mineira um tom bem brasileiro, um acento bem nacional.

Já ao tratar da linguagem de Goiás, em 1944¹⁸, o mesmo autor adota um tom mais objetivo, chegando a discriminar características duracionais e intensivas:

De maneira geral, há na pronúncia goiana, sobretudo nos meios rurais, um alongamento pronunciado das vogais postônicas (...) que resulta na abertura das vogais, criação de um acento secundário, e na lentidão e arrastamento característico no falar daquelas populações.

Mais recentemente, Massini-Cagliari (1992) buscou, num rápido comentário – não menos impressionístico –, caracterizar os falares de São Paulo e Porto Alegre¹⁹.

¹⁸ p.33-5.

(...) muitas diferenças de sotaque entre falantes da nossa língua constituem principalmente diferenças de ritmo. É o que acontece entre os dialetos paulistano e gaúcho. Neste último, as sílabas são ditas "muito bem explicadinhas", com uma duração mais ou menos igual; já no paulistano, as sílabas possuem durações muito diferentes entre si.

A leitura dos trechos acima mostra a necessidade de tratar-se a prosódia regional como fenômeno lingüístico passível de uma descrição científica, onde as impressões não passem de hipóteses a serem testadas. Não se nega aqui o valor dos precursores, que, ora apregoando passionalmente as qualidades de um falar, ora fazendo do ouvido um instrumento arguto, capaz de embasar uma descrição melódica acurada, abriram a trilha.

Apenas reconhecemos ser necessário prosseguir e a descrição que me proponho a fazer, porém, não se baseia em metáforas (embora elas me sejam caras e eu não me comprometa a deixá-las esquecidas). Buscar-se-ão critérios objetivos, abalizados pela ciência da linguagem. Dissecaremos os falares com os instrumentos fornecidos pela fonética experimental para conhecê-los por dentro, em seu corpo físico. Para fazê-lo, entramos a seguir nos domínios da acústica.

¹⁹ Cabe ressaltar que neste livro a autora tem por objetivo descrever acusticamente o acento do português através de estudo experimental e não fazer uma abordagem regional.

3. Subsídios teóricos ou O palpável terreno da prosódia como ciência

3.1.Reconhecendo o chão: origem, definição e caracterização do termo *prosódia*; apresentação dos parâmetros prosódicos

Moraes (1998:1) estima que o termo *prosódia* tenha aparecido no português no final do século XVIII, tendo sido abonado pela primeira vez na 2ª edição do Dicionário de Moraes e Silva, em 1813. Sobre a evolução de seu significado, acrescenta o autor que, em grego, “*prosódia* significava primariamente ‘canto para acompanhar a lira’, vindo entretanto a adquirir (...) a acepção metalingüística de meios fônicos para a acentuação na linguagem (acentuação aqui tomada em seu sentido mais amplo: aspiração, acento melódico, etc.). Posteriormente, passou a ter uma nova acepção, a saber, a de ‘sinais gráficos que representavam, na escrita, tais características fônicas’. Em latim, o termo se reportaria ao acento tônico e à quantidade.”

A despeito das demais acepções que o vocábulo possa acolher²⁰, emprega-se o termo, em lingüística, basicamente, para designar uma sub-área da fonética e da fonologia cujo objeto de estudo é composto de três elementos – a duração, a intensidade e a altura melódica –, que, unidos indissociavelmente aos fonemas, compõem a fala em termos musicais.

Duas características individualizam os fenômenos prosódicos:

1. Sintagmaticamente, são elementos cuja extensão, no tempo, é sempre maior do que a de um fone (Hockett, 1942);
2. Paradigmaticamente, ao contrário dos fones, que sucedem um ao outro (podendo ocorrer apenas um a cada vez, a cada espaço de tempo), os elementos prosódicos

²⁰ A fonologia e a fonética suprasegmental costumam empregá-lo, de forma geral, para indicar as variações de pitch, altura, tempo e ritmo. (Crystal, 1986). Alguns autores, porém, reservarão o termo para referências a traços fonológicos, fazendo dele um uso mais restrito. Na visão de Trask (1996), por exemplo, *prosódia* é “o estudo do acento (stress), do tom (pitch) e da entoação (intonation); é “um elemento fonológico que se realiza foneticamente em mais de um segmento”, o que permite se incluir sob essa noção traços como as articulações secundárias (tais como arredondamento dos lábios e nasalização) e excluir correlatos físicos como a duração. O autor refere-se a ela como “o primeiro correlato fonético da quantidade (length) e às vezes um correlato fonético do acento.” A duração seria então uma característica restrita ao domínio do segmento, não atendendo pois à condição de estender-se, como todo parâmetro prosódico, além do fone.

apresentam-se superpostos, como num acorde musical, sendo impossível decompô-los em unidades discretas.

Essas duas características evidenciam um traço comum, fundamental no reconhecimento dos fatos prosódicos: a noção de continuidade. Ela constitui a base da noção de suprasegmentalidade, que, depois de 1942 (quando Hockett cria o termo *suprassegmento*), serve à caracterização dos fatos prosódicos. A partir de então e, preferencialmente dentre os lingüistas norte-americanos, características que incidem sobre cada elemento (ou fone) que se segue na cadeia da fala são ditas segmentais. Aquelas que se estendem sobre uma série de muitos grupos de segmentos se identificam como suprasegmentais.

A definição de suprasegmento e os critérios envolvidos na distinção entre elementos segmentais e suprasegmentais, no entanto, provocam algumas divergências

Pike (1945), por exemplo, não considera a entoação como um fenômeno suprasegmental; para o autor, o contorno entoacional é formado de fonemas de altura. Para Martinet, o fato de a entoação ser suprasegmental se justifica por ela não participar da dupla articulação. De acordo com esse critério, o acento é segmental e corresponde à organização das unidades não-significantes da 2ª articulação ("acentemas"). Em Trager (1941) a suprasegmentalidade aparece definida por meio da noção de bilinearidade: o suprasegmental é o que se superpõe à linha dos elementos discretos. Já Lehiste (1970) identifica segmento e suprasegmento tomando por base somente as relações combinatórias: é suprasegmental um elemento que não é identificado por oposição paradigmática, mas somente por comparação com outro que o preceda e o siga, por contraste sintagmático.²¹

No quadro abaixo, definem-se (sob o aspecto acústico, físico) os três parâmetros prosódicos e apontam-se: a unidade que lhes serve usualmente de medida, o correlato fonético correspondente sob o aspecto da percepção (isto é, do recebimento e da decodificação da fala) e as funções (em termos contrastivos) que esses parâmetros costumam assumir:

²¹ Rossi (1980:9-14)

Parâmetro acústico	Unidade de medida	Definição	Correlato fonético no nível perceptivo	Função sistêmica ou papel fonológico
Duração	Milissegundos (ms)	“Extensão de tempo envolvida na articulação de um som ou sílaba.” ²²	“longura” ²³ (som mais ou menos longo)	<u>quantidade</u> (contrastiva em latim, p.ex.)
Intensidade	decibel (dB)	“A quantidade de energia produzida por uma onda sonora.” ²⁴	volume sonoro (som mais forte ou mais fraco)	<u>acento</u> (contrastivo em português, p.ex.)
Frequência	Ciclos por segundo (cs) ou, mais atualmente, Hertz (Hz)	<u>Definição geral:</u> “Número de ciclos completos (movimentos de abrir e fechar) da vibração das cordas vocais em uma unidade de tempo”. ²⁵	-	-
Frequência fundamental (ou F0)	Hz	F0: “O componente de frequência mais baixa em uma onda sonora complexa” ²⁶	altura melódica (tom mais agudo ou mais grave)	<u>entoação</u> (contrastiva em português, p.ex., distinguindo perguntas de assertivas) <u>tom</u> (contrastivo em chinês, p.ex.)
Frequências secundárias ou formânticas	Hz	As demais frequências encontradas nos sons complexos. Cada feixe de frequências constitui um formante. ²⁷	timbre	<u>qualidade vocálica</u> (contrasta, p. ex. as vogais /e/ e /ɛ/, em português.)

Quadro (i): Parâmetros prosódicos: correlatos físicos e funções.

²² Crystal (1986).

²³ Tomo de empréstimo a Moraes (1999:6) o termo e parte das informações constantes do quadro.

²⁴ Trask (1996): “The amount of energia carried by a sound wave”.

²⁵ Crystal (1986).

²⁶ Idem.

²⁷ Para esclarecer a distinção entre a F0 e as frequências formânticas, cabe acrescentar que um som complexo (musical, formado de ondas periódicas, como, p. ex., as vogais), é a soma de várias frequências. A F0 é a frequência básica (a mais baixa), à qual se irão somar as frequências secundárias (identificadas como as *frequências formânticas, formantes*). “A descrição das vogais é fornecida por três formantes principais: o ‘primeiro formante’ é o mais baixo, seguido pelo ‘segundo’ e pelo ‘terceiro’, cada vez mais altos. Outros formantes são menos significativos para a análise linguística” Crystal (1986)

3.2. Ponderações acerca das categorias funcionais: entoação, acento, tom, quantidade e ritmo

3.2.1. Produção e percepção: a complexidade na correspondência entre os dois níveis

Ao correlacionar, no quadro acima, um parâmetro acústico a um único parâmetro perceptivo e ao atribuir uma só função a cada parâmetro, estamos simplificando demasiadamente as relações. Primeiro, porque, fisicamente, duração, intensidade e F0 estão sempre presentes nos sons complexos; segundo, porque mais de um parâmetro contribui, via de regra, para a composição daquilo que percebemos foneticamente e interpretamos fonologicamente. Ao estabelecer relações biunívocas, tenho por intenção dizer que o parâmetro citado numa dada linha e numa dada coluna do quadro (a *intensidade*, p. ex., situada na linha 3, col. 1) é parâmetro mais sobressalente, o que mais contribui para uma proeminência percebida quer no nível fonético (o *volume*, 1.3, col.4), quer no nível fonológico (o *acento*, 1.3, col.5). E para estabelecer tais correspondências, tomou-se por base o que diz, tradicionalmente, a literatura. Faço a última ressalva pensando justamente na questão do acento lexical em português. Tradicionalmente, aponta-se a intensidade como seu principal correlato físico. No entanto, Massini-Cagliari (1994:38) conclui que “no nível lexical, os principais correlatos do acento são (em ordem decrescente de importância): duração, intensidade e qualidade vocálica” e outros estudos como os de Cunha e Campos (1998) – “Sobre a duração silábica na fala do Rio de Janeiro e Recife” – e os de Moraes (1987 e 1995) corroboram tais resultados.

3.2.2. O ritmo posto à parte

3.2.2.1. Definição

No âmbito dos estudos prosódicos, resta enfocar uma última categoria funcional que, dada a sua complexidade, não incluímos no quadro: o *ritmo*. Pode-se defini-lo como “uma regularidade percebida nas unidades proeminentes da fala”²⁸ e que se situa no eixo temporal. Em outras palavras, é o retorno periódico de um padrão de proeminência, gerado do ponto de vista perceptivo e que se encontra vinculado sempre à idéia de tempo, de duração. Ou ainda, como sintetiza Massini-Cagliari (1992:41) ritmo “é a maneira que a linguagem tem de organizar, no tempo, o que deve ser dito.” Pode-se perceber o ritmo, no exemplo abaixo, a partir da repetição, a intervalos regulares, de padrões de natureza diversa:

“*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim
que amava Lili que não amava ninguém.*”²⁹

No texto, a idéia de encadeamento, de *quadrilha* (que, uma vez começada, se desenvolve ininterruptamente até que seja assinalado o seu fim) se dá, entre outros recursos:

a) Pelo paralelismo sintático, criado através do encaixe de cinco orações adjetivas, que se acham unidas por um padrão entoacional ascendente indicativo de continuidade (determinado por uma mesma variação de *frequência fundamental*);

b) Pelo fato de todas as subordinadas, excetuando a última, serem *redondilhas menores*, por terem o mesmo número de sílabas métricas (cinco), o que determina um paralelismo acentual. Para que esse paralelismo exista, a *duração* de cada conjunto de sílabas métricas ‘átonas’ posto entre as sílabas tônicas, sobre as quais recai o *acento* (cuja proeminência pode se dever principalmente à *intensidade*), deve ser a mesma;

²⁸ Crystal, 1988.

²⁹ Trecho de “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade. In: *Antologia poética*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979, 13^a ed. p.136.

c) Pela recorrência de uma rima interna (“que amava”), ou seja, pelo retorno de um timbre.

Visualmente, poder-se-ia tornar esse paralelismo nítido, dispondo-se os versos do poema de forma tradicional:

*João amava Teresa
que amava Raimundo
que amava Maria
que amava Joaquim
que amava Lili
que não amava ninguém.*

3.2.2.2. Tipologia

Pike (1947) estabelece uma tipologia rítmica das línguas, utilizando como critério de classificação a natureza e o comportamento das sílabas em relação ao tempo. Nas línguas de ritmo silábico (como o francês, o espanhol, o italiano e o japonês), as sílabas (acentuadas ou não) são isócronas; nas línguas de ritmo acentual (como o inglês, o russo, o árabe e o português), a isocronia está no intervalo entre as sílabas acentuadas, ou melhor, o conjunto de sílabas átonas compreendido entre dois acentos apresenta a mesma duração. A tipologia proposta por Pike vem sendo questionada e revista, conforme avançam as pesquisas na área. Citemos algumas.

Dauer (1983), comparando dados do inglês e do espanhol, verifica que os intervalos entre as tônicas do inglês (língua de ritmo acentual) não são mais isócronos do que os mesmos intervalos no espanhol (de ritmo silábico) e que há uma tendência de os acentos recorrerem regularmente, o que levou o autor à hipótese de que essa “recorrência regular” constitua uma propriedade universal da linguagem.

Com relação ao português, Cagliari (1981) e Major (1981) classificam, como Pike, o português como língua de ritmo acentual. Entretanto, Cagliari & Abaurre (1986), num experimento em que 1 enunciado foi lido por 12 falantes, demonstraram que acusticamente a noção de isocronia não se verifica (sendo o ritmo para os autores

um fenômeno psicológico e não físico) e constataram a ocorrência, em seus dados, tanto do ritmo acentual quanto do ritmo silábico.³⁰

A mesma duplicidade de padrões foi constatada por Moraes & Leite (1993), ao medir a duração dos pés métricos³¹ num *corpus* de fala espontânea: os autores concluem que os pés curtos e alguns dos pés médios possuem ritmo acentual, enquanto o restante dos pés médios e longos teriam sido ditos em ritmo silábico.

A exposição acima mostra que, sob o ponto de vista fonético, o ritmo é uma categoria complexa, de difícil descrição. Analisando-o do ponto de vista funcional, a complexidade se mantém: não é claro, por exemplo, que o ritmo, por si só, tenha função contrastiva. Todavia, há indícios fortes de que, como afirmam Amaral, Massini-Cagliari³², e Moraes (1999), os dialetos se diferenciem também por características rítmicas. Eis o comentário de Moraes³³:

No português do Brasil padrão, a mudança de um ritmo acentual para um ritmo silábico em uma certa palavra (normalmente acompanhada por um *ritardando*) é usada como um artifício para enfatizar essa mesma palavra.

É no domínio das funções fonoestilística e indexical, porém, que mudanças rítmicas desempenham o seu papel mais evidente. Essas alterações que podem se inclinar mais em direção à marcação silábica ou à distribuição rítmica do acento, são capazes de nos fornecer informações sobre as raízes geográficas do falante ou indicar o uso de um certo registro ou até de um estilo vocal específico. Um bom exemplo deste último é o estilo efeminado, no qual um prolongamento exagerado de sílabas acentuadas, em comparação com o português padrão, é compensado com uma redução exagerada de sílabas não-acentuadas, criando um ritmo acentual muito específico caracterizado por contrastes bem definidos entre a duração das sílabas acentuadas e não-acentuadas.

³⁰ Massini-Cagliari (1992:41-7) é a fonte dos textos que comento aqui.

³¹ No artigo ("Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho"), os autores definem *pé* como "pé-compasso", isto é, uma estrutura formada por sílaba acentuada seguida de pausa ou mais sílabas não-acentuadas.

³² Faço remissão às citações constantes da seção 2.2.

³³ 1999

Gonçalves (1997), ao sintetizar as funções que os fatos prosódicos podem assumir³⁴, também atribui ao ritmo (associado sempre à categoria *acento*) além de funções estritamente gramaticais, funções “sócio-pragmáticas”, rótulo que recobre as funções *atitudinal* e *indexical* – responsável pela identificação do falante como membro de um grupo social – das quais trato no decorrer deste capítulo.

As ponderações feitas nesta seção visaram a mostrar que *entoação*, *acento*, *tom*, *quantidade* e *ritmo* compõem, em conjunto, o que chamamos *prosódia*. Essas categorias prosódicas se expressam por meio de parâmetros físicos e, seja qual for a natureza do estudo, devem-se considerar todos os correlatos físicos (variação de *frequência fundamental*, *duração* e *intensidade*), que, por meio de infinitas combinações, definem os padrões rítmicos e entoacionais possíveis em uma língua.

3.3. Para resolver o problema: A entoação como ponto de partida

Reconhecido o terreno (pois que já apresentamos os parâmetros prosódicos e as categorias funcionais), é chegada a hora de decidir: como erguer a casa? Por onde começar? De que forma iniciar, tendo em mãos algum aparato teórico, a abordagem do fenômeno que nos propomos a analisar?

De fato, embora haja outros parâmetros prosódicos funcionalmente relevantes, cabe à *entoação* um lugar de destaque, o posto de “elemento prosódico por excelência”, pois, ao contrário de categorias prosódicas como *acento*, *tom* e *quantidade* – que são típicos de determinados conjuntos de línguas –, a entoação é um universal fonético-fonológico. Assim, a entoação tem atraído para si o maior número de pesquisas, pelo fato de corresponder ao parâmetro acústico mais facilmente identificável em termos distintivos – no nível não-experimental, apresentando inclusive maior riqueza em termos de padrões fonético-fonológicos e ser a característica suprasegmental mais importante no estabelecimento de contrastes, quer no âmbito da fonologia propriamente dita, quer em sua interface com a sintaxe e o discurso.

Para a caracterização da prosódia regional pretendo observar os três parâmetros acústicos supracitados, seguindo, entre outros, os passos de Garding (1977), Carton et

³⁴ Cf. quadro de Gonçalves (1997:64), que reproduzo ao final da seção 3.3.2

al. (1983) e Sosa (1999), cujos objetivos e métodos se acham expostos no capítulo seguinte. Mas de início, motivada por Marroquim (que, empiricamente, baseou a distinção entre o falar carioca e o pernambucano nas variações tonais), parto da hipótese de que a entoação representa o pilar descritivo da prosódia regional. Os exemplos que exponho a seguir não intentam antecipar a descrição e a análise dos dados. Eles têm lugar aqui como argumentos paupáveis de que os ouvidos não iludiram Mário Marroquim e, confirmada a sua idéia, tenho, por minha vez, mais um motivo para dedicar atenção especial à entoação.

Nos traçados acústicos que nos servem de exemplo, um mesmo enunciado (*Foi por dinheiro?*) foi lido por uma carioca e uma pernambucana da cidade do Recife. As figuras abaixo mostram as variações tonais em cada leitura, tomando por base o comportamento da F0:

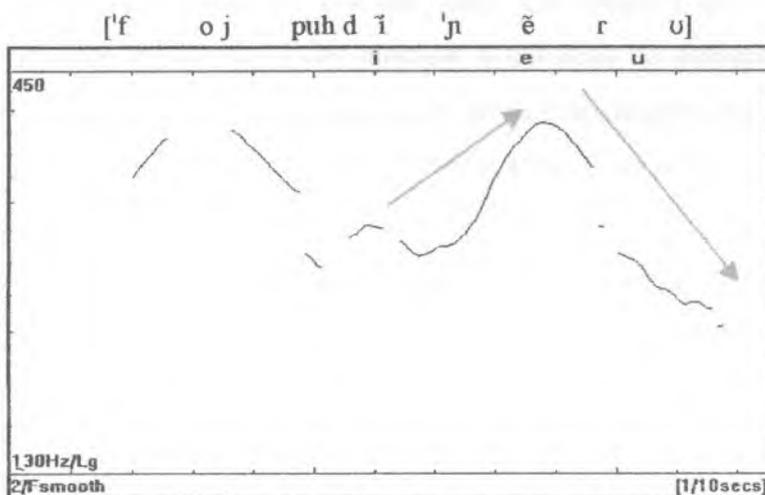


Figura (A): Variação da F0 na leitura do enunciado *Foi por dinheiro?* feita por uma informante da cidade do Rio de Janeiro.

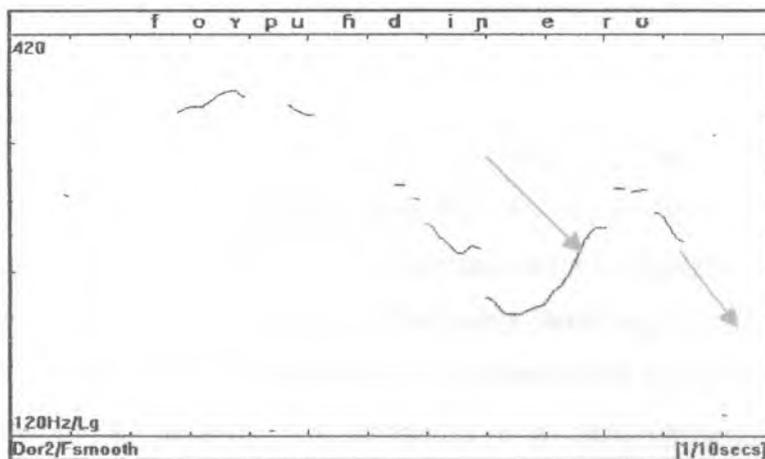


Figura (B): Variação da F0 na leitura do enunciado *Foi por dinheiro?* feita por uma informante da cidade do Recife.

A comparação entre os traçados nos permite perceber, no último vocábulo (*dinheiro*), mudanças diversas no nível e na direção da linha melódica, conforme indicam as setas em vermelho. No Rio de Janeiro, a sílaba pretônica – *di* – é mais **grave** que a tônica – *nhei* –, isto é, há uma variação tonal ascendente da pretônica para a tônica. No Recife a relação é inversa. A sílaba pretônica – *di* – é mais **aguda** que a tônica – *nhei* –, isto é, há uma variação tonal descendente da pretônica para a tônica. Note-se que em ambos os traçados a vogal tônica, seja em sua porção medial, seja em sua porção final, apresenta, localmente, um movimento de subida da F0, contrastando com a descida na sílaba postônica, como indica a seta em azul, o que caracteriza gramaticalmente o enunciado como uma pergunta. Quero com isso salientar que nesses traçados vemos a F0 atuando de duas formas: ela diferencia regionalmente os informantes e identifica, fonologicamente, o enunciado como uma pergunta.

Exemplificaram-se aqui, de antemão, duas das funções que a entoação pode assumir, mas sejamos prudentes. Cabe elucidar a natureza da entoação e sua relação com a prosódia regional, e para tanto utilizar-se-ão os fundamentos constantes em Rossi (1981), Couper-Kuhlen (1986), Cruttenden (1986), Gonçalves (1997) e Moraes (1999). As seções seguintes se destinam pois: (1) a recordar a origem e a evolução do termo *entoação*; (2) a apresentar, de forma geral, as funções que a entoação pode assumir; e (3) a explorar, mais detidamente, a *função indexical*, a qual engloba o fenômeno ora em estudo.

3.3.1. Origem e evolução do termo

O primeiro registro do termo *entoação* em nossos dicionários data de 1813, ano da publicação do Dicionário da língua portuguesa, de Antonio Moraes e Silva. Nele, o termo aparece apenas com o sentido de “solfejo, que canta o principiante de Música”. Já o vocábulo *entoar* tem, em seu emprego, referência a fatos lingüísticos. Moraes e Silva o define como: ‘Dar tom mais ou menos alto no *accento* [sic] das palavras’ ‘do acento, com que entoamos as palavras’. A abonação é a obra Orthographia da Lingua

Portuguesa, de Duarte Nunes de Leão. A. G. Cunha³⁵ registra *entoar* datando do século XV, *(des)entoar* e *(des)entoado* datando do século XVI, e *entoação* datando de 1813 (o que deve ter sido tomado a Moraes e Silva).

Segundo Rossi (1980:1)³⁶ data de 1372 a criação, no francês, do termo *intonation*, que provém do latim *intonare*, com o sentido de “fazer ressoar”, sendo, originalmente, um termo musical. Em fins do século XVIII, embora seu uso não fosse corrente, registra-se a utilização do termo para designar “os tons da fala”. No século XIX, o termo se presta a designar “os tons da voz”, sendo também sinônimo de musicalidade e melodia. No século XX, o emprego do termo *entoação* ainda faz referência à “melodia do canto”. Scripture (1902)³⁷ distingue sons vocais “cantados ou “entoados” de sons vocais “sonantes” ou “vozeados”. Os sons “cantados” são os produzidos com as vibrações das cordas vocais quando eles aparecem no canto e os “sonantes”, quando eles aparecem na fala.

Scripture e Rousselot identificam a entoação (ou “linha melódica”) como um dos componentes da frase, ao lado da “linha da fala” e essa acepção se irá firmar nos estudos posteriores. Grammont (1960), Dubois (1973), Crystal (1986), e Cruttenden (1986) também identificam a entoação com as variações de altura na melodia da fala. Na definição sucinta de Trask (1996), *entoação* é “o uso da frequência fundamental e a possibilidade de uso de um fenômeno prosódico adicional como altura, tempo e pausas, sobre um período de enunciados geralmente mais longos do que uma palavra única para o propósito de compreensão do significado”.

³⁵ Dicionário Etimológico Nova Fronteira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. O autor, nas páginas iniciais, ressalva que todas as datações apresentadas são ditas “datas prováveis” e que, em seu dicionário, o vocabulário do XVII ao XX advém quase todo de J. Pedro Machado.

³⁶ Não nos interessa especialmente a origem do termo em francês. Cito o autor pela apresentação de um panorama geral da evolução significativa do termo do latim à linguística atual.

³⁷ Apud Rossi, 1980:1.

3.3.2. As funções da entoação

Grammont (1960)³⁸, tomando por base a função desempenhada pela melodia, distingue *linguas tonais* (que utilizam a altura como elemento de fala para distinguir as palavras) de *linguas acentuais* (em que intensidade e duração detêm o papel de oposição lexical, deixando à entoação a função de dar movimento musical à frase).

Grammont e Fouché definem três funções para a entoação:

1. Caracterizar a frase de uma língua, sua linha melódica padrão;
2. Veicular emoções e estados d'alma;
3. Conferir significação à frase (enunciativa, etc.).

Identificam-se com essas funções várias das definições encontradas na literatura sobre o tema: Nyrop (1963) define entoação como “modulação da voz que revela a alma”; Mounin³⁹, em *seu Dicionário de Linguística*, afirma que a entoação traduz a presença de fatores extralingüísticos pertencentes ao domínio afetivo e só a melodia característica da frase interrogativa é realmente significativa; Dubois, da mesma forma, mostra que a entoação, além da função distintiva na interrogação, veicula uma informação afetiva, conotativa, estética; para Martinet (1965), a melodia, além de assumir funções relacionadas a tom, acento e interrogação, assume funções mal diferenciadas do tipo expressiva.

As visões apresentadas acima são bastante incipientes e delas pode-se dizer, em suma, que a entoação tem um **papel distintivo** (no nível da frase) e um **papel expressivo**, cuja definição é vaga e imprecisa.

Couper-Kuhlen (1986), numa perspectiva mais atual, apresenta seis funções para a entoação, contemplando em sua categorização um elenco maior de aspectos. Além dos papéis distintivo e expressivo, imputam-se à entoação funções discursivas e indexicais:

1. *função informacional*: Nela, a entoação tem por papel opor a informação nova à informação dada. A escolha do padrão entoacional funciona para assinalar a estrutura informativa de enunciados.

³⁸ Apud Rossi, 1980

³⁹ Idem

2. *função gramatical*: Na função gramatical – citada reiteradamente na literatura – a entoação expressa a modalidade da frase. São exemplos clássicos dessa função o uso de um contorno crescente em oposição a um contorno decrescente para tornar uma declaração uma pergunta. A autora inclui ainda, nesse item, as variações de contorno que expressam uma ordem ou um pedido.

3. *função ilocucionária*: É aquela em que se assinala a força intencional de uma frase num dado contexto. Através de variações tonais pode-se diferenciar, em inglês, por exemplo, uma pergunta que visa a um esclarecimento de uma pergunta que visa a fazer uma sugestão.

4. *função atitudinal*: É a que expressa estados d'alma – excitação, felicidade, tristeza, ironia, etc.. Cabe observar que, numa abordagem pragmática mais rigorosa que a de Couper-Kuhlen, pode-se fazer distinção entre *emoção*, *atitude* e *força ilocucionária*: as emoções são os sentimentos básicos, instintivos do ser humano. A atitude é o uso domesticado da emoção. A força ilocucionária está ligada aos verbos performativos, em que o *dizer* se confunde com o *fazer* (afirmações como “eu prometo” ou “eu te batizo” são, ao mesmo tempo, palavra e ato).

5. *função textual/discursiva*: Atua na segmentação do discurso. Através da entoação se indica se uma oração está ligada à outra ou não e qual a natureza dessa ligação.

6. *função indexical*: Por meio dela podem-se identificar os falantes como indivíduos ou como membros de um grupo social, individualizados pelo sexo, pela faixa etária, pela região de origem ou pela ocupação profissional.

Crystal (1986) destaca como a função mais importante da entoação a de “assinalar uma estrutura gramatical, desempenhando um papel semelhante ao da pontuação na escrita”, mas alerta para o fato de que ela “envolve muitos outros contrastes. A demarcação das sentenças, das orações e de outras fronteiras, além do contraste entre algumas estruturas gramaticais, como as interrogações e declarações, podem ser feitos com o uso da entoação. Um segundo papel da entoação é a comunicação da atitude pessoal: sarcasmo, dúvida, raiva, etc. Outros papéis da entoação na língua foram propostos, como, por exemplo, assinalar o ambiente social.” O autor faz referência, de forma geral, às mesmas categorias descritas por Couper-Kuhlen. São consideradas as funções: *demarcativa* (responsável pela segmentação no eixo sintagmático), *contrastiva* (que expressa a modalidade da frase), *atitudinal* (que reúne

as funções ilocucionária e atitudinal, definidas por Couper-Kuhlen) e “sinalizadora” (ou indexical).

Moraes (1999), em seu artigo *Intonation in Brazilian Portuguese*, afirma que a entoação expressa:

1. modalidade (quando: distingue perguntas de assertivas, p. ex.; demarca atos elocutivos; é responsável por efeitos de focalização e efeitos contextuais – ao assinalar tema e rema, p. ex.);
2. ênfase;
3. organização frasal e textual;
4. variação dialetal.

Gonçalves (1997:54), ao tratar da entoação, define-a como a linha melódica do enunciado e salienta o fato de ser ela o parâmetro que mais se relaciona a fatos sintáticos. Quanto às suas funções, destaca um papel eminentemente discursivo, que permite relacionar os tons: a) a tipos de frases e b) a grupos/constituintes sintáticos; e um papel secundário, de ordem semântico-pragmática, em que os tons se relacionam às atitudes do falante.

Ao sistematizar as funções que a entoação e os demais fatos prosódicos – a saber: *tom, tessitura, duração e mora, pausa, acento, ritmo, velocidade, registro e volume* - podem assumir, Gonçalves (cf. p. 64) evidencia a entoação como o fato prosódico de maior relevância funcional. Assim, ela se faz presente em todos os grupos de funções, conforme se demonstra no quadro que reproduzo abaixo:

Fatos Prosódicos	Função propriamente gramatical (fonológica, morfológica e sintática)					F. semântico-discursiva		Função sócio-pragmática	
	Fono-lógica	Morfo-lógica	Coesão frástica	C. trans-frástica	Estrut. Semântica	Tema-remã	Turno-mudança	Atitudinal	Indexical
Tom	+	+	-	-	-	-	-	-	-
Tessitura	+	-	+	+	+	+	+	+	-
Entonação	+	-	+	+	+	+	+	+	+
Duração/Mora	+	+	-	-	-	-	-	+	+
Acento/Ritmo	+	+	+	+	+	-	-	+	+
Velocidade	+	-	-	-	-	-	-	+	-
Pausa	+	-	+	+	+	+	+	-	-
Registro	-	-	-	-	-	-	+	+	+
Volume	-	-	-	-	-	-	-	+	+

Quadro (ii): Os fatos prosódicos e suas funções (Gonçalves, 1997:64).

Cruttenden (1986) identifica os tons nucleares do inglês e as significações que lhes podem ser atribuídas. Segundo o autor, diferentes descrições têm enfatizado significação gramatical, atitudinal e discursiva para a entoação, o que se verifica nos comentários de Crystal (1986), Moraes (1999), Couper- Kuhlen (1986) e Gonçalves (1997), que tiveram lugar parágrafos atrás.

Segundo o mesmo autor, poder-se-ia postular uma associação entre os diferentes tons e estruturas sintáticas específicas para o cumprimento das três funções enumeradas acima, sendo que, em algumas situações, as marcas tonais poder-se-iam fazer presentes mesmo sem as marcas sintáticas. Entretanto, o próprio Cruttenden, com muita propriedade, rebate esse ponto de vista argumentando não ser difícil encontrar exemplos em que qualquer tom nuclear possa se combinar com qualquer padrão sintático, sem que haja correlações fixas. Ademais, o autor alerta para outra dificuldade no estudo das funções da entoação. Na prática, nem sempre é fácil separar uma utilização discursiva dos tons de uma utilização atitudinal, que envolve rótulos como 'protesto', 'desinteresse', 'interesse', 'encorajamento', etc.. Há um número de emoções como alegria, raiva, medo, mágoa, que não são usualmente associadas de forma direta a tons, mas podem ser indicadas por uma combinação de fatores como uma dado tipo de inflexão (raivosa, excitada, etc.).

3.3.2.1. A função contrastiva

Anteriormente, abordaram-se, de forma geral, as funções que a entoação pode assumir. Nesta seção, pretende-se mostrar como a frequência fundamental se comporta conforme a função semântico-discursiva. Entretanto, limites se impõem. Tratar-se-á apenas dos padrões que têm função distintiva – e, conseqüentemente, admitem um grau menor de variabilidade – permitindo-nos tomar parâmetros seguros como guia para nortear a descrição do fenômeno que escolhemos – o qual, por sua vez, é extremamente variável e pontual.

Como mostram Lehiste (1970), Cruttenden (1986), Cagliari (1982a e 1982b), Moraes (1984, 1993 e 1999), Fónagy (1993) e Sosa (1999), entre outros autores, distinguem-se claramente, na maior parte das línguas – bem como em português –, dois padrões entoacionais: (1) o padrão assertivo e (2) o padrão interrogativo, ambos de

valor distintivo, definidores da modalidade frasal. Também encontram-se padrões melódicos específicos para a manifestação de atos ilocucionários específicos: há um padrão próprio para fazer com que uma frase seja interpretada como uma ordem, um pedido ou uma sugestão.

O padrão assertivo é marcado na maior parte das línguas estudadas por uma altura melódica média na porção inicial e medial do enunciado e por uma queda da frequência fundamental na última sílaba tônica. A duração do enunciado influi na “visibilidade” desse padrão melódico. Quando a assertiva for formada por uma única sílaba, o padrão se condensará, mostrando a queda da F0 do começo para o fim da sílaba. Quanto mais longo o enunciado, mais o padrão se espraia, tornando-se global. Verifica-se, então, a queda moderada e constante da F0 – isto é, a linha de declinação –, desde o ataque até a última sílaba. Por vezes, essa queda é interrompida na última pretônica (a qual recebe entoação ascendente) de forma a conferir maior destaque à queda melódica seguinte, localizada na tônica final. A figura mostra o contorno da F0 do enunciado “Parece que tudo ficou mais claro pra mim”, dito [pa'resikj'tudufikowmaj]'klarupra'mĩj], constante do *corpus* de leitura 1:

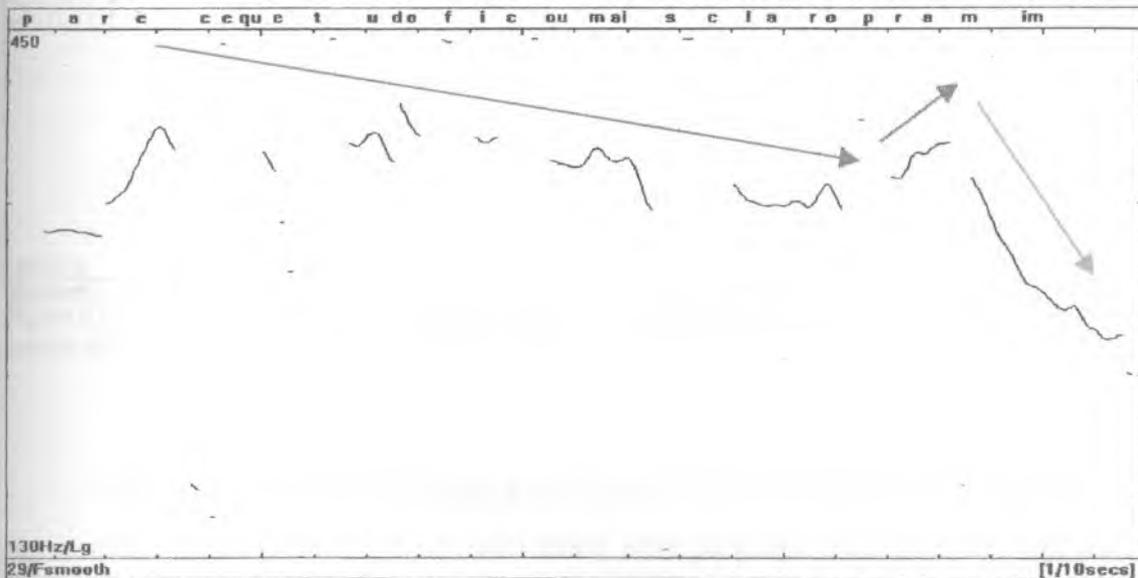


Figura (C): Contorno melódico da frase assertiva “Parece que tudo ficou mais claro pra mim”, lida por uma informante carioca do sexo feminino. *Corpus* de leitura 1, dado 29.

Este é um enunciado longo, de 13 sílabas, que dura 2,16s. Nele a F0 descreve um contorno com três momentos distintos. Do ataque até a penúltima sílaba átona ([ru])

a F0 declina de forma constante. Esse movimento é indicado pela seta em azul. Nessa porção da assertiva três vocábulos recebem acento frasal: *parece, tudo e claro*. O valor de F0 mais alto (ou seja, o pico da F0) medido em cada uma das vogais tônicas foi: 360Hz ([ε]), 355Hz ([u]) e 298Hz ([a]). A seta em verde mostra a subida melódica na sílaba que antecede a última tônica. Nela, a linha melódica muda de direção e a F0 alcança 341.5Hz. Por fim, a seta em vermelho mostra a queda melódica final, que incide sobre a última tônica, cujo valor máximo de F0 foi 239Hz.

A entoação interrogativa se caracteriza por uma altura melódica média mais elevada que a que se encontra nas assertivas. Registram-se diferenças, no entanto, entre a estrutura melódica de uma pergunta total (como “Você vai voltar?”) e a estrutura de uma série de outros tipos de pergunta. A figura seguinte ilustra uma questão total – “Apenas por dinheiro”, dita [a'pẽnɛspordʒi'jẽru] – presente no *corpus* de leitura 1:

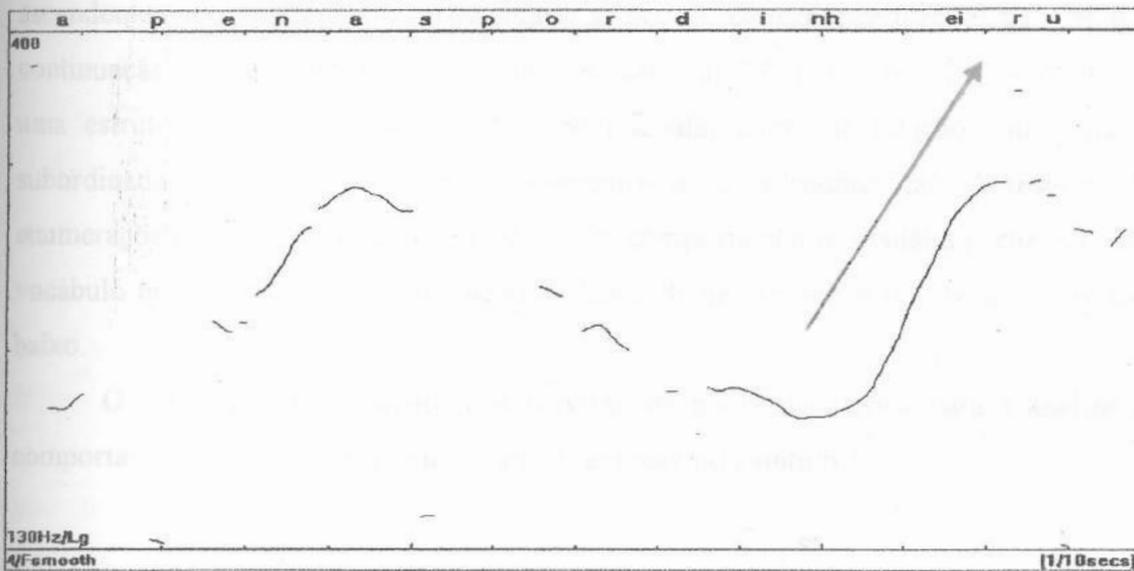


Figura (D): Contorno melódico da frase interrogativa “Apenas por dinheiro?”, lida por uma informante gaúcha do sexo feminino. Corpus de leitura 1, dado 4.

Verifica-se uma subida melódica na última sílaba acentuada (assinalada pela seta em vermelho), que define o enunciado como uma pergunta. Podem-se apontar ainda como características dos enunciados interrogativos do tipo questão total: maior elevação do ataque melódico (se comparado ao das assertivas); posicionamento melódico da pretônica final em um nível mais baixo que o das assertivas, dando ênfase à subida imediatamente seguinte.

Além do padrão próprio à questão total tem-se: (a) a questão parcial com a partícula interrogativa no início do enunciado (como “Quem vai voltar?”), em que a subida melódica ocorre na primeira sílaba acentuada da frase; (b) A questão parcial com a partícula interrogativa posta no fim do enunciado (como “Você vai aonde?”), em que a subida melódica se localiza na sílaba acentuada que precede imediatamente a partícula interrogativa; (c) a questão disjuntiva (como “Ele tem fome ou sono?”), em que a elevação melódica precede a partícula *ou*; (d) a questão total introduzida por “será que” (“Será que vai chover?”), em que se vê uma dupla elevação (maior na 1ª sílaba acentuada e menor na última); (e) a questão parcial veiculadora de um pedido (“Com quem quer falar?”) em que a F0 sobe – ao invés de cair – na porção final do enunciado para denotar um comportamento social respeitoso ou polido.

Cagliari (1980), ao descrever os tons do português brasileiro, afirma que parece ser válido dizer que os contornos descendentes significam algo certo e os contornos ascendentes, algo incerto. Eu acrescentaria às noções certeza/incerteza, as de término e continuação. Os tons ascendentes podem indicar uma fronteira sintática no interior de uma estrutura que ainda está por ser completada, como na relação entre orações subordinadas ou na relação entre os elementos de uma enumeração. A respeito das enumerações, inclusive, Cagliari alude a um comportamento: a sílaba pretônica, num vocábulo que integre uma enumeração, é descendente por saltos ou nivelada em nível baixo.

Os padrões aqui descritos nos servirão de ponto de partida para a análise do comportamento da frequência fundamental, exposta no capítulo 5.

3.3.2.1. A função indexical

Dentre as funções da entoação elencadas em 3.3.2. figura a função indexical, de grande relevância para nós uma vez que a presente investigação se move, justamente, em direção a sua descrição, especificamente no que tange ao reconhecimento prosódico de um falar. Por meio dela, de acordo com Couper-Kuhlen, podem-se reconhecer os falantes como indivíduos ou como membros de um grupo social, identificados pelo sexo, pela faixa etária, pela região de origem ou pela ocupação. A função indexical é

uma categoria prosódica cuja expressão se dá primordialmente por variações melódicas, embora possa ser expressa também por variações rítmicas.

Moraes, em seu artigo "À propos des marques prosodiques du style efeminé en portugais brésilien", em que se propõe a estabelecer as principais características prosódicas do falar afeminado, dá notícias de alguns estudos que se debruçaram sobre a investigação de marcas adquiridas, culturais, que singularizam os dois sexos, dentre os quais cito os três mais recentes: Günzburger et al. (1987), Günzburger (1989) e Mora (1990). Também vale citar os estudos de Terango (1966), Hamlil (1987) e Thomas (1991), voltados para a descrição do estilo afeminado⁴⁰. O autor conclui que a singularização do estilo se faz, em primeiro lugar, pela elevação melódica da pretônica que precede imediatamente a tônica final do grupo prosódico. Em segundo lugar, verifica-se uma diferença rítmica: notam-se trechos em que há um "débito" muito elevado, contrastando com os prolongamentos importantes que incidem sobre a tônica final do grupo prosódico.

Cruttenden (1986, p.134-138) afirma parecer provável que todas as línguas e dialetos envolvam alguma variação entoacional determinada por estilo, classe e sexo e, a título de exemplo, relaciona um estilo formal no inglês com o emprego dos tons "low-rise" e "fall-rise", em oposição ao tom "high-rise", típico de um estilo informal.

Quanto à variação dialetal, Cruttenden, a despeito de não ter conhecimento de estudos que comparem detalhadamente os vários dialetos do inglês, é reticente em suas observações, salientando que as dificuldades em estudos de tal natureza são imensas. Ainda assim, o autor aponta com relação ao inglês britânico, dentre outros exemplos, o uso de tons ascendentes como característica dialetal de algumas cidades do norte (Birmingham e Liverpool, p. ex.).

No capítulo seguinte, especialmente na seção 4.1.1., tratar-se-á de estudos que tenham tido como foco a descrição da prosódia dialetal, de modo a buscarmos um norte para esta investigação.

⁴⁰ As referências completas acham-se na bibliografia do artigo de Moraes.

3.4. Abordagem fonológica da entoação: o modelo de Pierrehumbert

Assim como Sosa (1999:92),

consideramos indispensable, para la descripción y análisis de la entonación del español o de cualquier lengua, distinguir al menos dos niveles de representación: el nivel abstracto o fonológico, y el nivel de las realizaciones fonéticas. Esta división permite, al igual que en la fonología segmental, distinguir entre lo que es sistemático e inherente al sistema subyacente, y lo que es meramente circunstancial y propio del acto de habla particular.

Far-se-á uso, para a descrição fonológica da entoação regional, dos pressupostos teóricos com que a corrente auto-segmental métrica trata fenômenos entoacionais, tomando-se por base os preceitos lançados por Pierrehumbert (1980) e a proposta de aplicação de Sosa (1999), em sua descrição da entoação do espanhol.

Os modelos auto-segmentais da entoação têm sido adotados em muitos dos trabalhos, nas mais variadas línguas, produzidos nas últimas décadas e um dos estudos mais citados é o de Pierrehumbert (1980), do qual se fará aqui um pequeno resumo. A autora concebeu um modelo gerativo para dar conta das características fonológicas da entoação no inglês. Desenvolveu-se uma representação abstrata, isto é, uma representação subjacente da entoação, e propõe-se uma série de regras que transformam essas representações em realizações fonéticas. A teoria permite estabelecer: (a) que tipos de melodias/tons são possíveis; (b) de que forma essas melodias se realizam em textos de duração e configuração acentual diversas.

Nesse modelo, o sistema abstrato das representações subjacentes é composto de apenas dois tons: o tom alto e o tom baixo, representados como **H** (do inglês *high*, para designar o **tom alto**) e **L** (do inglês *low*, para designar o **tom baixo**), mantendo assim uma notação consagrada pelo uso. Com essas designações caracterizam-se os movimentos de subida e descida melódicas presentes na unidade entoacional. As diferenças melódicas são descritas em termos de seqüências de tons onde há um ou mais acentos tonais, sempre recaindo sobre as sílabas acentuadas.

Ao lado desses tons postulam-se outros dois, adicionais, que caracterizam posições/proeminências ou funções tonais específicas dentro do grupo entoacional: o **tom de juntura** ou **tom de fronteira**, situado nos extremos do enunciado, e o **acento de frase**, situado imediatamente depois do acento tonal nuclear, que controla a entoação desde esse ponto até o ponto de juntura.

Os acentos tonais podem ser simples, formados de um único tom, ou duplos, bitonais. No entanto, nem o acento de frase nem o tom de juntura podem ser bitonais. Esses tons também não devem se alinhar necessariamente com sílabas acentuadas, diferentemente dos acentos tonais.

Para representá-los, utiliza-se a seguinte notação:

- Tom alto: H
- Tom Baixo: L
- Tom de juntura: %
- Acento Tonal *
- Acento de frase: ~

Pierrehumbert define para o inglês o seguinte esquema tonal:

1. Um tom de fronteira inicial (optativo): H%, L%.
2. Uma seqüência de um ou mais acentos tonais: H*, L*, L* + H, H* + L, L + H*, H+L*, H* + H.
3. Um acento de frase: H, L.
4. Um tom de fronteira final: H%, L%.

Esses tons se associam fonologicamente ao texto da seguinte forma: o tom com asterisco de acento tonal indica o centro do acento, que se associa com a sílaba de maior acentuação da palavra; o outro tom dos acentos tonais duplos se associa com o material segmental que precede ou segue a sílaba acentuada. O acento de frase se associa com o final da palavra que contém o último acento tonal, mas não a uma sílaba em particular. Os tons de fronteira se associam com uma sílaba situada a cada extremo da frase entoacional.

Cabe agora definir o que é **frase entoacional**, ou **grupo prosódico**, ou, ainda, **unidade entoacional**. Pode-se entender unidade entoacional como uma unidade melódica, que constitui também uma unidade significativa, em cujos limites pode ser inserida uma pausa sem haver modificação do contorno melódico. Essa pausa, porém, não pode ser de natureza hesitativa. Cruttenden (1986) afirma que o mais comum é as

unidades entoacionais se alinharem junto a constituintes sintáticos. Ainda segundo o autor, em 40% dos casos o grupo entoacional corresponde a uma estrutura sintática que envolve um verbo finito e que pode ser simples ou complexa. O grupo contém um núcleo, o qual recebe a maior proeminência tonal e se localiza, em regra, no fim da unidade. As exceções seriam determinadas pela presença, por exemplo, de: advérbios finais, pronomes interrogativos funcionando como objeto direto e oposição entre informação dada e nova. Chafe (1992) também constitui uma referência importante sobre o tema. Mas voltemos à abordagem de Pierrehumbert. A autora não investiga minuciosamente os problemas de delimitação das unidades entoacionais, como por exemplo a relação entre essas unidades e as pausas, por considerar que questões como essas se inserem no campo dos estudos de interface sintaxe-semântica, o que extrapola os domínios de seu modelo.

Em sua descrição do sistema tonal do inglês, Pierrehumbert postula a existência de quatro combinações possíveis entre o acento de frase e o tom de fronteira:

1. H H%
2. L[~] H%
3. H L%
4. L[~] L%

Cada uma dessas combinações implica numa configuração melódica distinta. Como são os tons finais que governam a direção da linha melódica, pode-se dizer que eles determinam a interpretação semântica do contorno. Os tons que terminam com H% serão sempre ascendentes. Se tanto o acento tonal como o acento de frase são baixos, haverá subida apenas no último momento, chegando-se a um registro médio. Se os dois acentos são altos, também haverá subida no último momento, mas o ponto de partida dessa subida final será o tom médio-alto, porque o registro final será agudo. Os contornos que terminam com tom de junção L% terminarão com trajetória francamente descendente quando precedidos por um acento de frase igualmente baixo, como L[~]. Quando um tom de fronteira baixo suceder um acento de frase alto H[~], a regra que Pierrehumbert denomina *Upsted Rule* manterá o final do contorno no mesmo nível que se alcançou no momento da emissão do acento de frase.

Sosa, em sua aplicação do modelo à descrição fonológica da entoação no espanhol, não se restringe a propor tons de junção terminais. Usa-os também para dar conta de subidas globais não causadas por acentos tonais no início de alguns enunciados. Segundo o autor, o tom de junção inicial em espanhol é sempre baixo, mas

verifica-se um aumento sistemático na altura em perguntas do tipo questão total. Mas, diferentemente do modelo descrito, em sua análise não se considera a noção de acento de frase. Eis a justificativa:

Como explicamos en el Capítulo 1, este tono tiene como función principal caracterizar ciertos detalles importantes de la realización fonética de los contornos terminales del inglés, especialmente cuando su último acento tonal (o núcleo) está a cierta distancia del tono de juntura. En nuestra análisis de la entonación del español, sin embargo, consideramos, al igual que otros autores que usan modelos autosegmentales, que esse tipo de tono es superfluo para la generación de los contornos, por lo que no lo hemos incluido en nuestra representación fonológica.

Como demostramos en el Capítulo 1, el español es una lengua de núcleo fijo, y la limitada variabilidad de su posible ubicación refleja la estructura acentual de la última palabra del grupo melódico. En general no puede haber más de dos sílabas (inacentuadas) después del último acento tonal, y excepcionalmente tres. Por esta circunstancia, el último acento tonal no puede estar muy lejos del tono de juntura, por lo cual un acento de frase, de cualquiera de los tipos (H' ou L') no podría generar ningún tipo de contrastes.⁴¹

Mais comentários sobre a aplicação do modelo de Pierrehumbert nos estudos de Sosa terão lugar nas seções finais do capítulo 5, destinado à descrição dos resultados. A partir do capítulo seguinte tem início, de fato, a tarefa a que me propus: investigar a forma através da qual se expressam em cinco cidades do Brasil os índices de regionalidade.

⁴¹ 1999:95.

4. Metodologia

4.1. Retomando o objetivo geral: em busca de um método

Pretende-se com este trabalho, como foi exposto na apresentação, evidenciar as diferenças suprasegmentais entre os falares de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, representados pela modalidade urbana culta, e descrever acusticamente os padrões prosódicos que conferem identidade regional a cada cidade. Uma vez definido o objetivo, impôs-se uma questão: que metodologia seguir? Que dados colher? Como analisá-los acusticamente? Com que instrumental? Ante o ineditismo do tema em língua portuguesa, busquei orientar-me pelos caminhos apontados por Carton (1972), Léon & Léon (1983), sobre a dialeção no francês, Garding (1977), em seus estudos sobre o escandinavo, e Sosa (1999), sobre a entoação no espanhol.

4.1.1. Revisão da literatura: como o fenômeno vem sendo tratado em outras línguas

4.1.1.1. O estudo de Carton (1972)⁴²

Há de fato um acento em francês ou o que se chama de acento é, na verdade, uma entoação demarcativa? Esta é a questão motriz do estudo de Fernand Carton – “L’Accentuation dans le Français Dialectal du nord de la France”. Para respondê-la, o autor decide investigar os traços de um antigo sistema acentual, estudar as manifestações da expressividade e a questão de mudança / deslocamento do acento em francês, tomando por *corpus* conversações marcadas dialetalmente. O autor se volta, especialmente, para os falares da região de Lille, que, embora sejam certamente

⁴² A tese intitulada *Recherches sur l’accentuation des parles populaires du Nord de la France* (Lille, 1972) deu origem ao artigo constante de Carton et al (1983:65-92.)

franceses, guardam em si traços ainda muito “vivazes” de um substrato picardo, ao qual se atribuiria um ritmo diferente do ritmo do francês padrão. Aventa-se a hipótese de que nesses falares (que se diferenciam do francês dialetal do norte) possa subsistir um acento, definível no plano da forma, da realização concreta, e no plano do conteúdo – ou plano funcional. Assim, interessa ao autor distinguir *acentuação* e *entoação* nos dois planos: a) o funcional – no qual segundo Faure (1962:18-19)⁴³ dá-se mais relevância à expressão de um certo conteúdo de pensamento ou de emoção sem que se encontrem alterações em suas nuances psicológicas; e b) o das realizações concretas, fonéticas – no qual, um complexo de fatores psicológicos e acústicos confere à determinada sílaba uma proeminência auditiva.

O *corpus* da pesquisa é composto de 12 registros, de cerca de 4 minutos cada, feitos entre 1962-1966, em 5 comunidades do norte da França: Lille, Roubaix, Tourcoing, Wattrelos, Hem et Flers-lès-Lille.

Como método, adota-se uma tripla análise do *corpus*: lingüística, instrumental e auditiva.

Quanto à tarefa da audição, o autor adverte que a análise auditiva é delicada porque não se pode encontrar um critério de apreciação infalível. Para torná-la mais “confiável”, submeteu os dados, além de sua apreciação pessoal, ao julgamento de outros seis ouvintes, sendo: a) dois especialistas em fonética, estrangeiros às regiões analisadas; b) duas pessoas que compreendiam os falares analisados e o francês dialetal do Norte; c) duas

pessoas que falavam correntemente as duas variedades. À situação de concordância entre os julgadores deu-se o nome de “unanimidade de julgamentos de proeminências”. A análise instrumental foi aplicada a mais da metade do *corpus* e serviu-se de oscilogramas - para a análise da melodia e da intensidade) - e de espectogramas (em mais da metade dos dados), para o controle das frequências e para a observação de como se realizavam vogais e consoantes.

Quanto ao manuseio dos parâmetros prosódicos, observaram-se isoladamente vogais e consoantes, de acordo com os seguintes procedimentos:

⁴³ Confira-se o texto de Carton, p. 65-66

1. Vogais

- a) a intensidade foi, inicialmente, corrigida de acordo com seu timbre, uma vez que, de uma vogal para outra, há uma variação / um desvio de 0 e 5 decibéis;
- b) Em virtude de os três parâmetros prosódicos se influenciarem mutuamente e serem, em conjunto, responsáveis pelas proeminências percebidas, cumpriu-se (a exemplo de Rossi, 1967) o seguinte expediente: fez-se a conversão, em função da altura, das intensidades medidas ao ponto máximo e corrigidas em função do timbre. Depois, para acompanhar a intensidade temporal, utilizaram-se gráficos indicando a perda de fones da função da duração. Ao resultado desses cálculos, chamou-se “sonoridade corrigida”. Ressalte-se que os valores obtidos, apesar de “brutos”, “grosseiros”, foram assim mesmo considerados como os valores de base para a pesquisa, uma vez que pareceram suficientes para atender ao seu propósito: estabelecer coincidências entre as características auditivas e acústicas constantes das proeminências percebidas em enunciados marcados dialetalmente.
- c) O autor estabelece que a proeminência acentual se manifesta no plano da sonoridade corrigida segundo a seguinte repartição: duração 79,3%, altura 72,6% e intensidade 59,1%.

2. Consoantes

A energia das consoantes foi calculada segundo a fórmula de F. Falc'hun (1951, p.116)⁴⁴, que parece⁴⁵ dar uma imagem fiel da força articulatória:

$$\text{Energia Consonantal} = \frac{\text{duração da consoante} \times 100}{\text{duração da vogal precedente} + \text{duração da consoante}}$$

As análises auditiva e acústica apresentaram os seguintes resultados:

- a) Dos enunciados submetidos à apreciação auditiva dos juizes, houve unanimidade em 498 casos e divergência em 112;

⁴⁴ O texto a que Carton, se remete (vejam-se a p.70 e a bibliografia, à p.91) se intitula *Le système consonantique du breton avec étude comparative de phonétique expérimentale*.

⁴⁵ Sempre aos olhos de Carton, cujo texto estou resenhando.

- b) Depois, os dados foram submetidos ao teste estatístico de Man-Whitney (Siegel 1965, p.116-117), a fim de saber se as diferenças observadas são representativas de fato de um traço individual dos locutores ou se constituem, somente, diferenças na aferição dos juízes;
- c) O teste mostrou que a “ruptura melódica” maior que um quarto de tom e a “sonoridade corrigida” foram repartidas de modo muito semelhante pelos diversos locutores quando um acento foi unanimemente percebido. Hierarquicamente, mostraram-se importantes para a percepção das proeminências os seguintes correlatos acústicos:
- 1º – “ruptura melódica” e “sonoridade corrigida” (geralmente associadas);
 - 2º – duração vocálica;
 - 3º – energia e duração consonânticas.
- d) Outros nove fatores de realização estudados foram responsáveis pela formulação de uma regra secundária. Dentre eles, considerou-se primordialmente, a questão dos alongamentos: percebeu-se que os falares dão destaque às consoantes das sílabas proeminentes (cf. p.71-73).
- e) A análise espectrográfica, por sua vez, forneceu dados importantes para o estabelecimento da distinção “acentuado / não-acentuado” na fala dos locutores arcaizantes. Perceberam-se por meio dela:
- Ditongações: criação de falsos ditongos em acento final de sintagma (15 casos);
 - Desnasalização parcial: ocorrência, também, em acento final de sintagma (10 casos);
 - Abertura de vogais: ocorrência em sílabas acentuadas (11 casos).

4.1.1.2. O estudo de Pierre León e Monique León ⁴⁶

Observations sur l'accentuation des français regionaux é um estudo posterior ao de Carton (1972) e também se volta para a questão do acento em francês regional. Os autores objetivam estabelecer e descrever as funções desempenhadas pelo acento, uma

⁴⁶ O presente artigo se encontra em Carton et al (1983:93-106)

vez que funções diferentes se superpõem em uma mesma unidade ou coexistem em um mesmo enunciado (p.96). Com base na literatura sobre o tema, os autores sabem, de antemão, que o fenômeno é sensível à dialeção e é justamente na variação regional que eles vão buscar respostas para a questão motivadora do estudo.

O *corpus* da pesquisa é composto do registro de 34 entrevistas feitas entre 1976 e 1977, em treze localidades: Tours, Caen, Lille, Nancy, Strasbourg, Besançon, Grenoble, Nice, Aix, Marseille, Montpellier e Toulouse, totalizando vinte horas de gravação. De cada entrevista, analisou-se somente um trecho (colhido ao acaso), de um a dez minutos de fala, para que todo o material pudesse ser submetido a testes de audição. Quanto à natureza das entrevistas, informa-se que: a) os informantes são sindicalistas que ocupam um posto de alta responsabilidade (“secretário geral”, em sua maioria); b) a amostra foi categorizada como sendo representativa de fala espontânea.

Como procedimento metodológico submeteu-se o *corpus*, de início, a um teste de audição, realizado por um “júri” composto de: sete estudantes francófonos, 5 estudantes anglófonos, um estudante indiano e outros cinco francófonos, sendo dois deles professores. O júri foi orientado a marcar, na transcrição dos trechos de fala escolhidos, as sílabas acentuadas percebidas como proeminentes. Consideraram-se para a análise os dados onde houve, pelo menos, 75% de respostas coincidentes. Outros fatores concorreram para a seleção dos dados: consideraram-se somente os grupos que formavam uma unidade semântica completa, sendo eliminadas as hesitações e as unidades fragmentadas. Os resultados do teste permitiram aos autores verificar, dentre outras coisas, que há um elenco de contextos mais ou menos propícios à manifestação do índice de regionalidade: na grande maioria dos casos, o índice ocorreu unicamente no fim das unidades entoacionais. Em segundo lugar, de acordo com o número de ocorrências, as marcas situaram-se em dois lugares, simultaneamente – no interior da unidade e no fim. Em terceiro lugar, percebeu-se a ocorrência da marca unicamente no interior da unidade.

O método empregado na medição e na interpretação dos parâmetros acústicos fornecidos pelos oscilogramas não é descrito pelos autores. Eles se reportam diretamente aos resultados da análise acústica, apresentando generalizações descritivas. Observou-se a incidência da proeminência na sílaba precedente à acentuada e no grupo entoacional como um todo, o que é apresentado em um quadro (cf. Carton et al. 1983, p.103) em que a concorrência ou não de cada um dos três parâmetros acústicos para a proeminência percebida é marcada pelos símbolos (+) e (-). Num segundo quadro,

apresenta-se o número de proeminências observadas em cada localidade. No terceiro e último, os autores comparam, de forma geral, utilizando percentuais, o desempenho dos três parâmetros acústicos nos falares do norte da França em oposição aos falares da região central. Os números mostram que a intensidade e a altura caracterizam a proeminência nos falares centrais, ao passo que a duração é mais relevante nos falares do norte.

4.1.1.3. O estudo de Sosa (1999)

O objetivo do autor em seu estudo é saber: como se organizam fonologicamente os padrões entoacionais do espanhol; que elementos os estruturam e com que funções; que regras e princípios transformam esses elementos abstratos em representações fonéticas, isto é, em curvas melódicas.

Para tanto, a pesquisa se baseia em um *corpus* composto de várias horas de gravação, contendo entrevistas em questionários orais representativos de distintas variedades do espanhol, provenientes da Espanha e de grande parte dos países hispano-americanos. As variedades peninsulares estudadas são as de Madri, Pamplona, Barcelona e Sevilha. As variedades hispano-americanas estudadas são os dialetos urbanos de Buenos Aires (Argentina), Bogotá (Colômbia), Cidade do México (México), San Juan (Porto Rico), Caracas (Venezuela), Havana (Cuba) e Lima (Peru). A seleção desses dialetos se baseou no julgamento do autor de que eles são suficientemente distintos para que a comparação seja produtiva. A maior percentagem dos contornos entoacionais que se apresentam, porém, pertencem à variedade culta do espanhol de Caracas, dialeto que se descreve dentro da área dialetal caribenha do espanhol hispanoamericano. Essa variante foi escolhida por ser o dialeto nativo do autor e por ser aquele cujo *corpus*, numericamente, era o mais representativo.

A escolha dos informantes se pautou pelos seguintes critérios: a) ouviram-se homens e mulheres; b) todos os escolhidos foram considerados como representantes legítimos de seu dialeto; c) todos os informantes têm nível universitário. Quanto à faixa etária, há diferença entre as amostras. Os informantes representativos do espanhol hispano-americano pertencem à faixa etária compreendida entre 24 e 34 anos (com uma só exceção). Os quatro informantes cuja fala compõe a amostra peninsular pertencem a

faixa etária compreendida entre 48 e 62 anos. Ressalte-se que foi ouvido somente um informante por localidade.

O *corpus* é formado de três tipos de oração: declarativas finais, perguntas absolutas e perguntas pronominais. O questionário elaborado para a pesquisa foi lido por cada informante mediante a instrução de que a sua leitura deveria ser o mais natural possível.

Os resultados são apresentados sob a forma de contornos melódicos para os quais se estabeleceu uma interpretação fonológica segundo o modelo auto-segmental métrico.

4.1.2. Comentários

Observa-se que Carton procedeu a uma análise minuciosa da substância fonética, que se encontra detalhadamente descrita em sua pesquisa. O mesmo rigor fonético se vê em dois outros estudos que também merecem destaque: Garding (1977), sobre os acentos no escandinavo, e Gösta Bruce (1977), sobre os acentos no sueco. O texto de Garding, que é mais abrangente, tem por objetivo reunir os estudos que representem uma contribuição para a definição de uma tipologia dos acentos em escandinavo. Segundo a autora, os trabalhos que se lançaram nesse terreno orientaram seus experimentos a partir das seguintes perguntas: a) que parâmetros acústicos são importantes para o reconhecimento dos acentos?; b) que padrões são essenciais para o reconhecimento de um acento em particular?; c) considerando que os padrões diferem de um dialeto para outro, como os acentos são compreendidos por todos os falantes?; d) os acentos têm alguma característica comum que foge à análise acústica convencional?; e) que papel têm os acentos no reconhecimento da fala?

Perguntas como essas também moveram Léon & Léon e Sosa, cujos procedimentos metodológicos se assemelham. Nos dois trabalhos percebe-se menos preocupação com o tratamento fonético dos dados – que constituiria uma etapa intermediária do trabalho, chegando à microprosódia – e mais preocupação com as etapas de recolha do *corpus* e apresentação do resultados por meio de generalizações descritivas. A linha metodológica que pretendo seguir, sem dúvida, se identifica com a

linha destes estudos, cuja leitura aponta para um conjunto de procedimentos que me parecem fundamentais:

- Estabelecimento de um *corpus* de fala espontânea;
- Submissão do *corpus* à análise auditiva (para a qual os testes de audição contribuem bastante);
- Seleção dos dados a serem analisados instrumentalmente e estatisticamente com base nos resultados dos testes de audição;
- Segmentação dos trechos escolhidos para a análise em unidades entoacionais;
- Submissão dos dados à análise acústica, aferindo-se o comportamento dos três parâmetros prosódicos;
- Observação, dentre outros, do contexto “fim de grupo entoacional”, que se mostrou o mais relevante em todos os estudos.

Não me estenderei nesta seção comentando cada um dos itens acima. Posso, de antemão, adiantar que adotei a maior parte dos procedimentos citados, porém a forma como o fiz, bem como os comentários a respeito de pontos divergentes e convergentes face à metodologia empregada em outras pesquisas terão lugar no decorrer dos capítulos 4 e 5. Hora de pôr o pé na estrada e traçar meu próprio caminho.

4.2. Definição das etapas a cumprir – o roteiro de viagem

Como se vê, um estudo prosódico de natureza descritiva e experimental requer rigor na escolha da linha teórica e, sobretudo, na definição do método a ser empregado. Em função dele decidir-se-á desde a constituição da amostra (que conjunto de dados melhor representa o fenômeno) até o conjunto de procedimentos empregados na descrição (que dados submeter à análise e quais desprezar; quais as melhores formas de abordar o *corpus*). Não é minha intenção, no entanto, extrapolar o nível descritivo, vindo a formular regras fonológicas para o fenômeno. A proposta da pesquisa é tão somente fornecer uma descrição acústica do fenômeno “entoação regional no português do Brasil”, buscando esclarecer as relações internas que o regem. Creio ser válido abordar o fenômeno de três formas distintas, complementares entre si.

4.2.1. Primeira parada: visão geral dos falares do Brasil

A entoação regional é um fenômeno intermitente, cujos domínios e contextos de ocorrência não são claramente perceptíveis – diferentemente do acento de frase, p. ex., que se faz presente em toda unidade entoacional. Para estudá-la, numa primeira abordagem, o caminho mais seguro parece ser voltar os ouvidos justamente para os vocábulos ou conjunto de vocábulos que sejam perceptivamente característicos dos falares em questão, isto é, para as porções de discurso onde se localize o fenômeno. Assim procederam Carton (1972), Léon & Léon (1983) e Moraes (1997b). Define-se então uma 1ª etapa de análise norteada pela seguinte hipótese: se tomarmos amostras de fala representativas de diferentes falares do Brasil e identificarmos nelas, de outiva (mediante julgamento do pesquisador e de outros juizes, por meio de testes de audição), vocábulos ou conjuntos de vocábulos que pareçam melodicamente representativos dos falares em questão, devem-se encontrar, além das coincidências melódicas percebidas auditivamente, padrões prosódicos comuns, capazes de diferenciar os sotaques entre si. Para essa 1ª etapa, elegeram-se, como localidades a serem investigadas, as cinco capitais abrangidas pelo Projeto NURC. Feita a opção pela modalidade culta (uma vez que o Projeto oferece um acervo farto e rigorosamente controlado em termos

dialectológicos e sociolinguísticos e que já, de há muito, integro a equipe interessada em descrever a fala culta), uma outra questão se impôs: seria viável restringir a amostra a gravações de fala espontânea? Nelas, apesar de o sotaque dever se apresentar com mais vivacidade, haveria, além da variável região, uma série de outras variáveis, de ordem prosódica, que poderiam interferir na análise: a manifestação do sotaque muito provavelmente se daria em vocábulos segmentalmente distintos, postos em contextos variados, eliciados de gravações de qualidade sonora oscilante... Como forma de minimizar e controlar a indesejável presença de tantas variáveis fonéticas e de tornar os dados comparáveis entre si, constituiu-se, paralelamente um *corpus* de leitura, tendo como informantes falantes igualmente cultos das três cidades. Assim, nessa 1ª etapa, analisaram-se dados provenientes de 5 inquiridos do Projeto NURC e de 5 gravações em que se faz a leitura de um mesmo texto. Tendo a 1ª etapa de análise a função de fornecer uma visão geral do fenômeno, definiram-se três objetivos cruciais:

1. Identificar as marcas prosódicas próprias a cada região e descrevê-las acusticamente, buscando o padrão definido pelos parâmetros *intensidade*, *duração* e *frequência fundamental* nos locais (grupos entoacionais, vocábulos, sílabas) onde se reconhece, perceptivamente, a marca regional;
2. Identificar a localização das marcas/ os contextos que favorecem o seu aparecimento;
3. Verificar a frequência com que elas ocorrem.

Prosseguindo na busca de um método, esquadriremos cada um dos objetivos, dando a conhecer as perguntas que se escondem sob cada um deles e as hipóteses que, por hora, vislumbramos para sustentá-los.

4.2.1.1. Objetivo 1: o reconhecimento da marca

Com relação ao reconhecimento da marca, pergunta-se: *qual é a marca prosódica que caracteriza cada falar? Acusticamente, qual é o comportamento dos parâmetros prosódicos?* Alguns indícios do que e onde procurar atravessam por vezes nosso cotidiano. Vejamos: o que se pode apontar, por exemplo, como prosodicamente característico na fala carioca? É comum ouvirem-se comentários de brasileiros oriundos de outras partes do país classificando-a como uma fala “mole”, “gingada”, “malandra” –

termos que se associam ao estereótipo do carioca malandro, que tem sempre um jeitinho pra tudo e vive na praia. Assim como tal conduta não se pode estender indiscriminadamente a toda a população do Estado, também os traços melódicos que a individualizam aparecem mais ou menos intensificados a depender do grupo social e da situação comunicativa: um professor universitário ao proferir uma conferência em um congresso, por exemplo, deverá neutralizar muitas marcas de seu sotaque, ao passo que um ator, interpretando um apontador do jogo-do-bicho, freqüentador das cinucas da Lapa, tenderá à caricatura, exacerbando as marcas capazes de identificar seu falar como o de um carioca pertencente a um grupo específico.

É justamente o retrato de um grupo (o das *socialites* residentes no Edifício Chopin, em Copacabana) que os jornalistas Marceu Vieira e Luciana Nunes Leal, redatores do *Jornal do Brasil*, tentam traçar na matéria “O endereço da fina-flor carioca”, da qual se transcreve um trecho a seguir:

“Nanãããã, arrasta o piano para miiiiim, que eu quero me ver no espeeelho...”, pedia com voz de sorvete derretendo, na tarde de quinta-feira, a *dondocalite* Narcisa Tamborindeguy. A cena: Nanã, gordinha simpática, amiga da anfitriã, levanta correndo e – hurmnnrrnr! – empurra o piano, trambolhão entre Narcisa e o espelho de parede inteira, no salão de visitas. Largada no sofá, Narcisa, vaidade em forma de gente, prepara-se para uma bateria de fotos. Motivo: o prédio onde mora, o Chopin, na Avenida Atlântica, está novamente na moda – e, melhor, com ela dentro no 1102. (...) No Chopin, qualquer coisa que pareça futilidade tem status de artigo de primeira necessidade. Narcisa, por exemplo, a caçula de dona Alice, não se importa de trocar de roupa quantas vezes forem necessárias para aparecer bem na foto: “Estou boniiiiita?”, pergunta. “Precisa mudar o briiiinco?”, pega pesado na insegurança. Me traz o batooon”, pede. “A escova também”, emenda. Narcisa, justiça seja feita é realmente muito bonita. E assume a vaidade. “Não me chamo Narcisa à toa. Mas só escreve coisa normal.” O que será coisa normal? “Que sou feliz, advogada e estudo jornalismo”, ela explica.

(*Jornal do Brasil*, 07/01/96)

A fala de Narcisa soa tão “afetada” aos ouvidos dos repórteres que eles tentam representar, na transcrição, o que lhe é peculiar – uma proeminência das vogais tônicas dos vocábulos que encerram grupo prosódico: “Nanãããã, arrasta o piano para miiiiim, que eu quero me ver no espeeelho...”, “Estou boniiiiita?”, “Precisa mudar o briiiinco?”.

"Me traz o *batoon*". O que estará determinando a proeminência? Um alongamento da vogal, como pode sugerir a repetição do grafema que a representa? Os repórteres, além de tentar representar a proeminência prosódica da vogal tônica, descrevem a voz de Narcisa como "voz de sorvete derretendo", expressão que bem se incorpora ao rol das que foram citadas antes. Nascentes (1953:20), como já se disse no capítulo 1, também atribui à fala do Rio de Janeiro adjetivos pertencentes a esse mesmo campo semântico, quando afirma que "o traço que caracteriza de um modo geral a pronúncia carioca é o mesmo que a distingue em todo o Brasil: há mais frouxidão, demora, sonoridade, suavidade do que na pronúncia de Portugal". Digressões à parte, resumo, no quadro abaixo, as hipóteses das quais estou partindo⁴⁷, bem como forneço argumentos que lhes sirvam (ou pretendam servir) de base:

<p><u>Subfalar Nordestino</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Recife <p><u>Subfalar Baiano</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Salvador 	<p><u>Hipótese:</u></p> <p>Proeminência nas sílabas pretônicas</p>	<p>Argumentos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Marroquim aponta isso em sua transcrição musical; 2. Se há marca segmental nas vogais dessas sílabas reveladoras do regionalismo, é possível que também incida(m) sobre elas marca(s) suprasegmental (is); 3. A análise preliminar de alguns dados (do Projeto NURC e da TV mostraram proeminência marcada por aumento dos valores de F0 e I nas pretônicas.
<p><u>Subfalar Fluminense</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Rio de Janeiro 	<p><u>Hipótese:</u></p> <p>Proeminência nas sílabas tônicas</p>	<p>Argumentos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Perceptivamente, parece haver um alongamento das tônicas; a proeminência parece se dever à duração (cf. artigo do Jornal do Brasil e também as observações de Marroquim); 2. Na imitação, um ator, ao caricaturar o sotaque carioca (Edson Celulari, em <i>Lisbela e o prisioneiro</i>), confere proeminência às tônicas – o que foi percebido de outiva por mim em alguns dados.
<p><u>Subfalar Sulista</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Porto Alegre 	<p><u>Hipóteses:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Proeminência nas sílabas postônicas Ritmo mais rápido 	<p>Argumentos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Perceptivamente, parece haver mudança da direção da curva da F0 da pretônica para a tônica – mantida na postônica – num sentido ascendente; 2. Se há marca segmental – possibilidade das pronúncias [o] e [e] em posição postônica, é provável que, paralelamente, haja marca suprasegmental (fica a questão: tal possibilidade seria propiciada pelo aspecto segmental ou, por outra, seria determinante dele? Quem favorece quem?) 3. Análises preliminares, com <i>corpus</i> de TV, corroboram a hipótese da proeminência nas tônicas. 4. Quanto ao ritmo, a hipótese advém do comentário de Massini-Cagliari.

Quadro (i): Diferenciação prosódica entre três subfalares do Brasil: hipóteses e argumentos.

⁴⁷ Em princípio, não tenho hipóteses específicas para a caracterização da fala paulistana, mas creio que prosodicamente, ela tem comportamento muito próximo ao da fala carioca

Visualmente, nossas hipóteses sugerem o seguinte esquema prosódico:

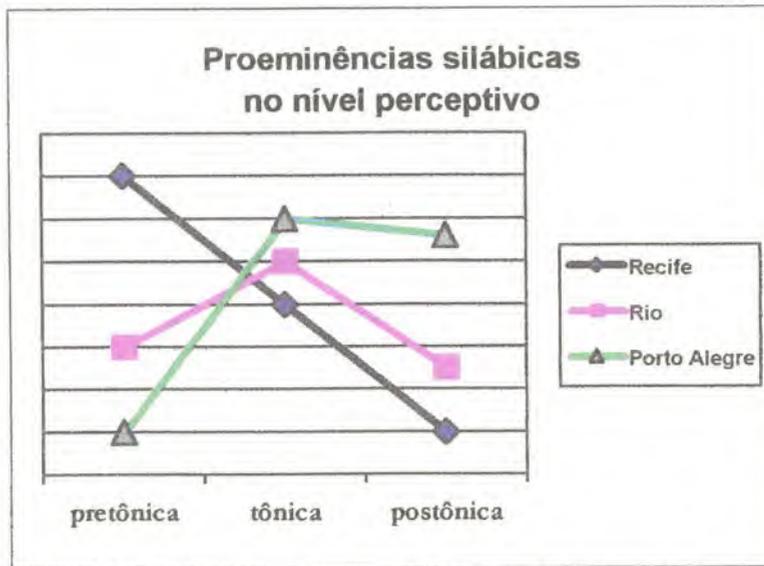


Gráfico (1): Proeminências silábicas no nível perceptivo.

As sílabas a que se atribuíram valores mais altos, no gráfico, são as que, perceptivamente, nos parecem ter maior proeminência; são as que “chamam mais a atenção”, as que sobressaem mais, seja por causa da F0, seja pela atuação da intensidade, seja devido à duração, ou seja pela atuação combinada de todos esses fatores.

4.2.1.2. Objetivo 2: distribuição da marca – o contexto de ocorrência

O segundo objetivo que me propus a cumprir foi identificar os contextos que favorecem o aparecimento das marcas. Pergunta-se: *Como as marcas se distribuem no discurso? Há um contexto preferencial? Onde elas recaem?* Partimos da premissa, como Carton et al. (1983), de que *as marcas recaem nos vocábulos recebedores de acento frasal, pois neles estão as sílabas mais proeminentes*. Sabemos também que *na fala espontânea, no nível perceptivo, nem todo acento frasal receberá marca e há contextos que favorecem a sua ocorrência*. Isso se verifica na pesquisa de Monique e

Pierre León. Os resultados do teste de audição⁴⁸ feito pelos autores fornecem subsídios para a investigação da entoação regional no Brasil. Os autores verificaram que há um elenco de contextos mais ou menos propícios à manifestação do índice de regionalidade: na grande maioria dos casos, o índice ocorreu unicamente no fim das unidades entoacionais. Em segundo lugar, de acordo com o número de ocorrências, as marcas situaram-se em dois lugares, simultaneamente – no interior da unidade e no fim. Em terceiro lugar, percebeu-se a ocorrência da marca unicamente no interior da unidade. *Parece-me que também no português do Brasil as marcas apresentam distribuição variada, com maior relevância para o contexto final.*

4.2.1.3. Objetivo 3: distribuição da marca – a frequência de ocorrência

A terceira tarefa do trabalho é verificar a frequência com que as marcas aparecem. Pergunta-se: *é possível estabelecer alguma regularidade na distribuição das marcas? Todos os contextos passíveis de recebê-la são preenchidos? De quanto em quanto tempo elas se repetem? Essa repetição é regular?* O objetivo da pesquisa é descrever a fala em sua modalidade espontânea, colhida em entrevista informal. Mas para aferir a frequência de aparecimento das marcas (mais que para cumprir os outros dois objetivos) creio ser necessário lançar mão de outras modalidades de fala para contraste. Assim contraponho a fala espontânea: a) à leitura (onde, me parece, *as diferenças regionais serão atenuadas e buscar-se-á um padrão intermediário entre a modalidade escrita e a modalidade oral culta*) e b) à fala ficcional da TV (onde tenho a expectativa de encontrar *uma intensificação quantitativa do uso das marcas*).

Em observações preliminares o *corpus* mostrou a possibilidade de situações bastante variadas. Pode acontecer de, numa frase: a) nenhum acento aparecer marcado dialetalmente; b) uns acentos aparecerem marcados e outros não; c) todos os acentos frasais receberem marca; d) mais raramente, todos os vocábulos, recebedores de acento frasal ou não, trazerem em si um índice regional. *Creemos que os padrões a, b e c são próprios à fala espontânea; os padrões a, b constituem a base da leitura e o padrão d é próprio a uma fala caricatural*, estabelecendo um contínuo que parte de um padrão que

⁴⁸ Veja-se Carton et al (1983:97-102)

tende à neutralidade (leitura) e chega a um padrão que tende ao exagero (caricatura, imitação).

A hipótese lançada para o padrão de leitura baseia-se nos seguintes fatos: 1) meus informantes, quando lêem, apresentam menos marcas (no nível da percepção) do que quando conversam espontaneamente; 2) Moraes verificou o papel da leitura como atenuadora de marcas ao estudar a linha de declinação da frequência fundamental e a fala afeminada⁴⁹.

A hipótese lançada para o padrão caricatural da TV tem como base: 1) um certo “senso comum” entre os falantes, principalmente os nativos das regiões enfocadas pelas obras televisivas, de que a fala veiculada não corresponde à sua; 2) dois pequenos estudos que fiz – um sobre a fala carioca (Cunha e Moreira, 1997) e outro sobre a fala pernambucana (Cunha, 1997) –, em que busquei diferenciar a fala espontânea do padrão imitativo da TV numa obra de ficção. Nos dois, postulei a hipótese de que a qualidade das marcas distinguiria os dois padrões e, na verdade, a distribuição é que se mostrou relevante. Percebi que na fala da TV, em muitos casos, ao invés de as marcas “elegerem” determinados acentos para incidir, espriavam-se por todos ou quase todos os acentos, aproximando-se por vezes da caricatura, representada abaixo por um esquema (baseado numa frase hipotética) onde todas as sílabas que precedem uma sílaba tônica recebem marca:

Coragem / quem tive / fui eu / que estava / sozinha / no mundo.

x x x x x x

Creio que isso se verificará em outras amostras de TV, em razão de, nesse veículo, a representação de um sotaque (variando de acordo com as diretrizes dos produtores/diretores): ou quer-se *natural*, mas é malfeita; ou quer-se *caricatural*: a) dado o caráter não-realista da obra (como se propõe em algumas novelas e minisséries); b) dada a intenção de tornar cômico um personagem, ridicularizando-o / particularizando-o, fundamentando o efeito de comicidade em sua origem, unindo muitas vezes características regionais e sociais, representadas pelo exagero, por ênfase no modo de ele se vestir, comportar-se, falar, etc.).

⁴⁹ vejam-se, respectivamente, Moraes 1999 e 1997b.

4.2.2. Segunda parada: tomando pouso no Rio de Janeiro e em Salvador

Já tive oportunidade de testar, em pesquisas-piloto, os procedimentos metodológicos definidos para a 1ª etapa de análise dos dados, o que me leva a tecer, de antemão algumas considerações cautelosas. O resultado dessa forma de abordar o fenômeno pode ser, a um só tempo, promissor e falho. Promissor, porque, como se esperava, o comportamento dos parâmetros acústicos evidenciou, nas pesquisas-piloto, as diferenças melódicas presentes no nível perceptual. Falho, porque, apesar de nos propormos a descrever um número considerável de dados na amostra de fala espontânea (considerando todas as ocorrências de vocábulos regionalmente indexadores em gravações de 45 minutos), eles serão oriundos, em cada cidade, de apenas um informante (bem como na leitura, onde ouvimos um falante por localidade), o que, estatisticamente, não garante que estejamos tomando características individuais por características regionais. Além disso, com relação à amostra de fala espontânea (que vem se mostrando a mais importante por de fato evidenciar melhor o fenômeno), há padrões mínimos de comparabilidade entre os dados, padrões que, com certeza, podem e devem ser ampliados. Em vista de tal avaliação, decidiu-se cumprir uma segunda etapa, complementar à primeira, através da qual a análise pudesse ganhar profundidade e apresentar resultados quantitativamente válidos.

Para cumpri-la, fizeram-se necessárias modificações no tocante ao número de cidades descritas – restringindo a análise a Rio de Janeiro e Salvador – e no tocante ao número de dados descritos – que foi bastante ampliado, com o aumento do número de informantes de 1 para 6 em cada cidade (na verdade, de 1 para 12: 6 no *corpus* de fala espontânea e 6 no de leitura. Cf. a seção dedicada à apresentação do *corpus*).

Cabe ressaltar que a escolha dessas duas cidades se deu por motivos operacionais: primeiro, pelo fato de terem aspectos entoacionais bastante contrastantes no nível da percepção (mais que Rio de Janeiro e São Paulo, ou Salvador e Recife, p. ex.); segundo, pelo fato de eu ter tido, na época em que se decidiu pela ampliação do *corpus*, mais facilidade de acesso a informantes de Salvador e do Rio para a realização de novas gravações.

Quanto aos procedimentos de recolha dos dados também houve modificações. Ao invés de tomar como dado para análise somente os vocábulos fonológicos em que de outiva percebe-se a manifestação do sotaque (como na 1ª etapa), tomaram-se, no *corpus*

de fala espontânea, 50 vocábulos fonológicos – onde se manifestasse o sotaque ou não – recebedores de acento frasal e situados em fim de Unidade Entoacional (UE), cujos critérios de coleta foram os seguintes: desprezaram-se os 10 primeiros minutos de cada entrevista e colheram-se as 50 UEs seguintes, sem interrupção, isto é, tomou-se uma porção de discurso contínua para análise.

A título de exemplificação, transcrevo abaixo o trecho do inquérito NURC-RJ H233 utilizado na pesquisa:

Loc. não... /evidentemente.../ (1) /o Rio modificou em muitos outros aspectos.../ (2) né? /e como tem se modificado/ (3) como uma... uma série de outras cidades... quer dizer... você tem... você observa isso em quase todas as cidades... agora... eu... eu... eu disse por onde estive /e eu devo dizer uma coisa.../ (4) /eu não conhe...ço cidade mais agressiva/ (5) /do que o Rio de Janeiro.../ (6) /quando se fala em centro de cidade.../ (7) quer dizer... por exemplo “New York Down Town”... /o centrinho de Nova York.../ (8) não é tão agressivo como o Rio de Janeiro... /em termos de barulho.../ (9) em termos de... de... gente empurrando... em termos de... de... de corrida e etc... /não é tanto.../ (10) Tóquio... que dizem que é o fim da picada em matéria de poluição... /de cidade desagradável.../ (11) etc... eu acho que é um paraíso ((riso)) perto do Rio de Janeiro... /perto da Esplanada do Castelo.../ (12) mas... mas o Rio de Janeiro tem se modificado demais... não é? quer dizer... /o Rio de Janeiro.../ (13) eh... /realmente é uma cidade que podia ser bem mais agradável.../ (14) não é? /o Rio de Janeiro a gente tem essa impressão.../ (15) ah... /isso é lugar comum.../ (16) mas é uma... uma verdade... quer dizer que... apesar de todo o esforço da natureza... o Rio de Janeiro não... não tem... não chega a ser uma cidade boa por causa dos homens que vivem nela... não é... /uma cidade muito prejudicada.../ (17) /o que se faz aí em termos de viadutos horríveis.../ (18) /o que se faz em termos de asfaltamento/ (19) /indiscriminado / (20) de... de... de ruas e o que se faz em... /em desfiguração / (21) de... de... de edifícios e de casas... o que se faz em... /em destruição/ (22) de... de... de... /de árvores/ (23) e de... de... /de zonas verdes.../ (24) não é... que aliás já... eh... /já são muito poucas... / (25) não é? o que se fez no Rio de Janeiro em matéria de... /de transformar a cidade.../ (26) /que era uma cidade que tinha determinadas soluções para o clima tropical.../ (27) o Rio de Janeiro era um... /antigo.../ (28) /eu não peguei esse tempo.../ (29) e agora eu não sou tão velho assim... /mas a gente sente.../ (30) /quando a gente pegava aquelas regiões mais antigas do Rio de Janeiro.../ (31) /o Rio de Janeiro era uma cidade bem bolada prum clima tropical.../ (32) /ruas estreitas.../ (33) /casario/ (34) se aproximando.../ (35) /formando uma sombra.../ (36) não é? as casas de paredes grossas... pé-direito alto... /varandas.../ (37) etc... /e o Rio de Janeiro foi destruído.../ (38) quer dizer... /todo esse aspecto do Rio de Janeiro.../ (39) /não sei se você é de Recife ou é do Norte.../ (40)

Doc. do norte

Loc. /mas no norte se encontra muito ainda alguma coisa nesse sentido.../ (41) quer dizer... /o bom senso de construir.../ (42) /tendo em vista o clima tropical.../ (43) /nós enchemos o Rio de Janeiro de concreto armado.../ (44) /de vidro.../ (45) acumulando calor... o Rio de Janeiro não devia ser tão quente como é hoje... /eu tenho certeza como não era.../ (46) /se a gente vê os retratos de antigamente.../ (47) se a gente vê... você lê Machado de Assis... /você sente que o Rio de Janeiro não podia ser tão quente.../ (48) /eles não podiam levar aquele tipo de vida.../ (49) né? e o Rio de Janeiro hoje é uma cidade inóspita... eu acho... barulho como existe no Rio de Janeiro /eu acho que dificilmente se encontrará em outra cidade.../ (50)

O texto foi reproduzido conforme se encontra publicado em Callou e Lopes (1993:91-93), sendo acrescido aqui de barras que delimitam as 50 UEs consideradas e de sublinhas e numeração para os vocábulos que se prestaram à medição.

Do *corpus* de leitura, recolheram-se todos os vocábulos postos igualmente nesse contexto (vocábulo acentuado no nível da frase e posto em fim de UE).

Para o cumprimento das diretrizes acima, procedeu-se a:

- Seleção de 10 novos inquiridos do Projeto NURC;
- Gravação de 12 informantes (em Salvador e no Rio) lendo os mesmos textos;
- Transcrição das amostras selecionadas para a análise (quando ainda não transcritas no acervo do Projeto NURC);
- Estabelecimento de novos critérios para a recolha dos vocábulos, a saber:
 - Considerar somente vocábulos formais ou fonológicos localizados no fim da UE;
 - Considerar somente dados com boas condições de audibilidade e medição acústica;
 - Desprezar monossílabos – há casos, por exemplo, em que a UE é formada de um único vocábulo, de uma única sílaba, como “Sim” –, pois não permitem o contraste;
 - Recolher, preferencialmente, vocábulos de acentuação paroxítona, com uma ou mais pretônicas, para poder estabelecer as relações entre as sílabas pretônicas, tônicas e postônicas;
- Levantamento do *corpus*, perfazendo um total de 600 dados (considerados apenas os de fala espontânea);
- Medição dos parâmetros acústicos duração, intensidade e frequência fundamental nos 600 dados;
- Transformação numérica dos valores brutos do parâmetro intensidade em valores relativos;
- Cálculo das médias dos valores obtidos;
- Disposição dos resultados numéricos em gráficos gerais, de formatos diversos, para a visualização das tendências comportamentais de cada parâmetro;
- Definição dos contextos semântico-sintáticos presentes no *corpus*: a partir da observação dos dados, definiram-se 7 contextos (enumerados aqui e exemplificados logo após este inventário de procedimentos):
 - Contexto Assertivo Final
 - Contexto Continuativo ou Assertivo Não-Final
 - Contexto Enumerativo

- Contexto de Fronteira Intra-Sintagmática
- Contexto Interrogativo – Questão Total
- Contexto Interrogativo – Questão Parcial
- Contexto Anafórico
- Codificação de todos os dados segundo o contexto semântico-sintático para controle das variações do parâmetro frequência fundamental (F0);
- Feitura de novos gráficos representativos das tendências variacionais da F0 gerados a partir da separação contextual dos dados.

Visto o conjunto de procedimentos adotados na 2ª etapa de análise, vejamos detalhadamente como se define cada um dos contextos sintático-semânticos eleitos para observação:

1. Contexto Assertivo Final

Incluíram-se neste contexto todos os vocábulos que encerravam uma assertiva – entendida como uma oração afirmativa ou negativa, com sentido completo, que expressa um pensamento de forma conclusiva, delimitando o final de uma porção do discurso. Como o vocábulo *cidade*, no exemplo colhido ao inquérito NURC-RJ H233:

/barulho como existe no Rio de Janeiro /eu acho que dificilmente se encontrará em outra cidade.../ ⁵⁰

2. Contexto Continuativo ou Assertivo Não-Final

Considerou-se em contexto continuativo todo vocábulo localizado diante de uma fronteira sintática, no interior de uma assertiva, desde que não enumerativo. A porção de discurso em que ele se insere, embora tenha unidade semântica e seja uma unidade sintagmaticamente completa, não põe fim ao que está sendo dito. As unidades entoacionais citadas no contexto assertivo final contêm um exemplo: o topônimo *Rio de Janeiro*, enunciado pelo informante como um só vocábulo fonológico.

⁵⁰ As barras, conforme convencionamos, indicam os limites de uma unidade entoacional. A sublinha destaca o vocábulo exemplificador.

3. Contexto Enumerativo

Puseram-se aqui os vocábulos postos no fim de uma UE que integrasse uma cadeia de elementos enumerados, como no trecho colhido ao inquérito NURC-SSA M81:

/eu falei sobre peixe.../ assado.../ peixe ao forno.../ peixe.../ de ensopado.../ peixe frito.../ moqueca de peixe.../ e.../ sopa de peixe.../ geralmente.../ é o que se usa mais assim/ pelo menos por aqui.../

4. Contexto Anafórico

Usei o termo “anafórico” para identificar a UE que precede uma enumeração, isto é, aquela em que o informante *anuncia*, sinaliza, com uma estrutura sintática e uma entoação características, que vai começar uma enumeração, como no trecho do inquérito NURC-SSA M323:

/ mas daqui pra o norte.../ nós temos no café.../ banana da terra.../ aipim.../ eh.../ inhame.../ tem alguns lugares que abóbora cozida... / se usa no café.../ cuzcuz.../ nas várias qualidades nós temos aqui.../

5. Contexto Interrogativo – Questão Total

Consideraram-se neste contexto os vocábulos que encerrassem uma pergunta que admitisse sim / não como resposta. São exemplos:

/ em feijoada?/ bem.../ vamos começar do princípio.../ acho que feijoada eu sei fazer.../ (Inq. NURC-SSA M81)

/ em restaurante?/ ah o que nós usamos em casa.../ né?/ (Inq. NURC-SSA H254)

6. Contexto Interrogativo – Questão Parcial

Previmos também a ocorrência de questões parciais, ou seja, perguntas em que houvesse um vocábulo interrogativo, como “Quando ela vem?”. No entanto, não se registrou nenhum dado desse tipo no *corpus*. Na modalidade de discurso que analisamos (entrevista entre informante e documentador) o papel de perguntar cabe bem mais ao entrevistador que ao entrevistado. As poucas interrogativas do tipo pergunta total que

encontramos apareceram nas entrevistas como um rápido pedido de esclarecimento, por parte do informante, da pergunta que o entrevistador acabara de lhe fazer.

7. *Contexto Fronteira Intra-Sintagmática*

Classificaram-se assim os vocábulos postos diante de uma pausa inserida no interior de um sintagma. É o que ocorre na 1ª UE do trecho citado anteriormente:

/eu falei sobre peixe.../ assado.../ peixe ao forno.../ peixe.../ de ensopado.../ peixe frito.../ moqueca de peixe.../ e.../ sopa de peixe.../ geralmente.../ é o que se usa mais assim/ pelo menos por aqui.../

4.2.3. **Terceira parada: revisitando lugares marcantes**

A proposta, nesta 3ª etapa de análise, é focalizar um pequeno conjunto de dados prototípicos, formados de: a) grupos entoacionais apontados por todos os juízes nos testes de audição como característicos de um falar; b) grupos entoacionais provenientes de amostras de TV onde a entoação regional sirva à caricatura. Os procedimentos metodológicos empregados trazem da 1ª etapa a forma de recolher os dados, baseada na percepção e, da 2ª etapa, o rigor empregado na descrição. O objetivo é complementar a análise, evidenciando a individualização da prosódia regional nos momentos em que ela mais contrasta com a fala padrão.

4.3. O Corpus

4.3.1. Constituição da amostra

De forma geral, todos os conjuntos de dados utilizados na pesquisa se enquadram em três modalidades discursivas:

1. Fala espontânea	• Entrevistas do tipo DID – Projeto NURC.
2. Leitura	• Gravações realizadas por mim. Leram-se textos de dois tipos: 1) frases curtas e soltas, de padrão assertivo ou interrogativo, incluindo pausa continuativa e pausa final; 2) conjunto de 33 falas de uma personagem da novela “A Indomada”, tomadas em uma única cena, de forte carga dramática, constituindo o que chamei de “leitura interpretativa” ⁵¹ .
3. Fala “ficcional”	• Amostras de fala colhidas em programas de TV representantes da teledramaturgia e que produzem as chamadas “obras de ficção”. Parte do que analisamos se compõe de capítulos de novelas, mas a maior parte advém de minisséries e especiais, constantes do acervo do Projeto PELLA-TV. ⁵²

Quadro (iii): Distribuição da amostra segundo as modalidades de discurso contempladas.

Os três conjuntos de dados permitem contrapor:

- A fala espontânea à fala “ficcional”, veiculada pela TV;
- A fala espontânea à leitura informal;

O número de gravações por cidade, sua identificação em termos de catalogação no acervo do Projeto NURC, sua classificação segundo faixa etária, sexo, e modalidade (entrevista, leitura, etc.) são apresentados a seguir, conforme a etapa de descrição dos dados.

⁵¹ Para a leitura desse texto, os informantes foram orientados a fazer uma leitura prévia e buscar o “tom” ideal para expressar os sentimentos da personagem, buscando conferir uma interpretação ao que estavam lendo.

⁵² O PELLA-TV (*Projeto de Estudo da Língua na Literatura Adaptada para a TV*) foi criado por mim e pelos professores Afranio Gonçalves Barbosa, Célia Regina dos Santos Lopes e Maria Emília Barcelos da Silva (as quais coordenam nossas atividades) e vem sendo desenvolvido na Faculdade de Letras da UFRJ desde 1994, com o intuito de introduzir no ensino de graduação práticas didático-pedagógicas motivantes e interativas, trazendo para o ensino de língua portuguesa as contribuições da literatura e da TV.

4.3.2. Distribuição da amostra

Para a 1ª etapa constituíram-se os *corpora* explicitados no quadro abaixo:

CIDADES	NURC		LEITURA	
	M	H	M	H
Rio	inq. 328 - F2	-	F1	-
Recife	inq. 108 - F2	-	F1	-
Porto Alegre	inq. 012 - F2	-	F2	-
Salvador	inq. 321 - F2	-	F3	-
São Paulo	inq. 235 - F2	-	F2	-

Quadro (iv): Distribuição da amostra utilizada na 1ª etapa da pesquisa. A abreviação inq. significa inquérito (é a forma como se faz referência no Projeto NURC às gravações) e o número que a segue é o número que a identifica no acervo. F1, F2 e F3 identificam a faixa etária a que pertence o locutor. Consideramos, em todo o corpus, a divisão adotada pelo Projeto NURC: faixa 1, 25 a 35 anos; faixa 2, 36 a 55 anos; faixa 3, 56 anos em diante.

Como mostra o quadro todos os 10 informantes são do sexo feminino e variam da 1ª à 3ª faixa etária. Todas as locutoras têm 3º grau completo e podem ser consideradas informantes típicas de suas regiões de origem: viveram no mínimo três quartos de sua vida na cidade-natal e seus pais também nasceram, se criaram e viveram a maior parte de suas vidas lá.

As entrevistas do Projeto NURC têm, em média, 45 minutos de duração e os registros da leitura duram em média 15 minutos⁵³. Ambos os *corpora* foram submetidos, integralmente, ao julgamento auditivo de dois pesquisadores (eu minha primeira colaboradora, uma bolsista de iniciação científica) e deles extraíram-se todos vocábulos onde, perceptivamente, recaía a marca melódica caracterizadora. Para referendar nossa capacidade de identificar a proeminência melódica submetemos parte do *corpus* (logo no início da pesquisa) a dois testes de audição, dos quais participaram, além de mim, seis outros “juizes”, todos estudantes de Letras. Aqui, diferentemente de

⁵³ O texto lido pelas informantes se encontra no Anexo.

Carton e León & León, optei por realizar os testes apenas como um expediente de “controle de qualidade” da acuidade auditiva das pesquisadoras, ao invés de proceder à análise apenas com os trechos testados. Assim fiz pois era meu intento, numa primeira abordagem, analisar as gravações integralmente, o que seria inviabilizado se toda a amostra tivesse de ser submetida ao julgamento de outros ouvintes.

Mediante tais procedimentos, recolheram-se ao todo 800 dados, assim distribuídos:

	NURC	LEITURA
Recife	120	37
Salvador	120	40
Rio	130	44
São Paulo	110	40
Porto Alegre	120	39
Total	600	200

Tabela (1): Número de dados analisados na 1ª etapa da pesquisa.

Para a 2ª etapa da pesquisa reformulou-se o *corpus* por meio do aumento do número de informantes e da diminuição do número de cidades enfocadas. Ao invés das 5 cidades constantes da 1ª etapa da análise, restringiu-se a investigação a duas cidades – Rio de Janeiro e Salvador. Em compensação, ao invés de contar com um único inquérito do Projeto NURC e apenas uma gravação do *corpus* de leitura por cidade, a amostra passou a ser composta de 6 inquéritos do NURC-RJ, 6 inquéritos do NURC-SSA, 6 gravações de leitura do Rio de Janeiro e 6 gravações de leitura de Salvador, perfazendo um total de 24 informantes de ambos os sexos. Com respeito à faixa etária dos informantes também se fizeram modificações: todos situam-se na faixa 2. Recolheram-se ao todo 1200 dados, cuja distribuição numérica está na tabela abaixo:

	NURC	LEITURA
Salvador	300	300
Rio	300	300
Total	600	600

Tabela (2): Número de dados analisados na 2ª etapa da pesquisa.

O quadro abaixo mostra a identificação das gravações utilizadas:

NOVO CORPUS	RIO DE JANEIRO		SALVADOR	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
<i>Corpus NURC</i>	Inq. 205	Inq. 140	Inq. 069	Inq. 081
	Inq. 233	Inq. 184	Inq. 136	Inq. 231
	Inq. 254	Inq. 328	Inq. 254	Inq. 323
<i>Corpus de Leitura</i>	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
	H1	M1	H1	M1
	H2	M2	H2	M2
	H3	M3	H3	M3

Quadro (v): Distribuição da amostra utilizada na 2ª etapa da pesquisa.

O segundo *corpus* de leitura difere do primeiro e se compõe de um conjunto de 16 frases soltas, de dimensão pequena e média, que não constituem uma unidade textual. Ele é identificado no decorrer do capítulo 5 como o *Corpus Frases*. Eis o conjunto:

1. O documento foi levado pelo deputado.
2. O deputado cassou o documento.
3. A Câmara, na última sessão, votou o projeto e cassou o deputado.
4. A Câmara cassou o deputado?
5. A Câmara cassou o deputado, votou o projeto e encerrou a sessão.
6. Me dá um pouco de batata, sopa e cenoura cozida.
7. Me dá um pouco de batata, sopa e cenoura cozida, por favor?
8. Vamos conhecer a cidade?
9. Vamos visitar a mata, conhecer a cidade?
10. Mandei lavar o tapete e passar cera na sacada.
11. O cadete fez o depósito, sacou o dinheiro e saiu do banco.
12. O cadete sacou o dinheiro e fez o depósito.
13. O cadete mora no Catete?
14. E cadê o corpo de delito?
15. Antes do exame de corpo de delito, a vítima contou o caso.
16. Os animais, eles são divididos em animais úteis e animais nocivos

Para a 3ª e última etapa de análise, utilizam-se dados provenientes de qualquer um dos *corpora* descritos até aqui. Incluem-se nesta fase as amostras de televisão provenientes de trechos das obras listadas no quadro:

TELEVISÃO	
Fala Feminina e Fala Masculina	
<i>Explode Coração</i> (novela) <i>Lisbela e o Prisioneiro</i> (minissérie)	<ul style="list-style-type: none"> • Fala baiana • Fala pernambucana e carioca
<i>A Indomada</i> (novela)	<ul style="list-style-type: none"> • Fala pernambucana
<i>O Tempo e o Vento</i> (minissérie)	<ul style="list-style-type: none"> • Fala gaúcha
<i>O Compadre de Ogum</i> (minissérie)	<ul style="list-style-type: none"> • Fala baiana

Quadro (vi): Obras de ficção televisiva que constituem o corpus.

5. Análise - Descrição dos resultados

As três etapas descritas a seguir espelham os diferentes estágios da pesquisa definidos no capítulo 4. Cada uma se baseou em uma hipótese específica e requis, para a sua testagem, a utilização de *corpora* e procedimentos metodológicos próprios. As 3, em conjunto, representam uma tentativa de cercar o fenômeno de todas as possibilidades de análise que nos parecem válidas. Vejamos como se caracteriza cada uma:

- *1ª etapa*: análise de dados provenientes de três cidades (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), recolhidos de outiva (sendo o critério de recolha haver marca perceptual de sotaque), e colhidos em 10 gravações – 5 do Projeto NURC (uma de cada cidade) e 5 de um mesmo texto, lido por uma informante de cada cidade;
- *2ª etapa*: análise de dados provenientes de duas cidades (Rio de Janeiro e Salvador), recolhidos segundo o contexto de ocorrência – fim de Unidade Entoacional. Ampliou-se o *corpus*: utilizaram-se 24 gravações (12 do Projeto NURC – três homens e três mulheres cariocas, três homens e três mulheres baianas – e 12 de leitura, com igual distribuição entre os sexos;
- *3ª etapa*: análise comparativa de enunciados escolhidos, sem preocupação quantitativa, ou seja, não há uma distribuição equilibrada, em termos numéricos, dos dados que representam cada cidade. O interesse aqui é observar, em dados provenientes de qualquer um dos *corpora* reunidos ao longo da pesquisa, a qualidade das marcas identificadoras de um sotaque, fornecendo uma interpretação fonológica.

5.1. 1ª Etapa - Visão geral do Nordeste ao Sul: a análise acústica em três cidades: Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre

Nesta seção apresenta-se o comportamento dos parâmetros prosódicos nas cinco cidades, por meio de gráficos que contemplam as duas modalidades de fala observadas: a fala espontânea e a leitura.

As médias constantes dos seis gráficos que aqui estão foram calculadas a partir dos valores brutos, fornecidos pelo Programa Cecil. Os gráficos da duração e da F0 trazem em si, respectivamente, os valores apurados em segundos e em Hertz. O gráfico da intensidade teve alterados, para fins de melhor apresentação, os valores negativos em decibéis fornecidos pelo Programa. Eles se acham aqui substituídos por uma escala onde o menor valor de intensidade medido passou a ser representado por 1,0 e a partir desse número transformaram-se todos os demais valores, mantendo-se a variação de intensidade entre as sílabas, anteriormente expressa em decibéis.

Quanto ao número de sílabas apresentado nos gráficos, cabe uma observação. Não se deixou de medir os parâmetros duração, intensidade e F0 em nenhuma sílaba dos vocábulos que a percepção nos apontou como dados a serem descritos. Assim, além da sílaba tônica, mediram-se todas as sílabas em posição pretônica e postônica. Entretanto, sílabas como pretônica 4 e postônica 2 foram eliminadas dos gráficos, devido ao baixo percentual de ocorrência no *corpus* de fala espontânea e a sua ausência de dados no *corpus* de leitura.

5.1.1. Resultados obtidos na 1ª etapa da análise

5.1.1.1. Duração

O gráfico a seguir mostra os resultados obtidos na análise da fala espontânea:

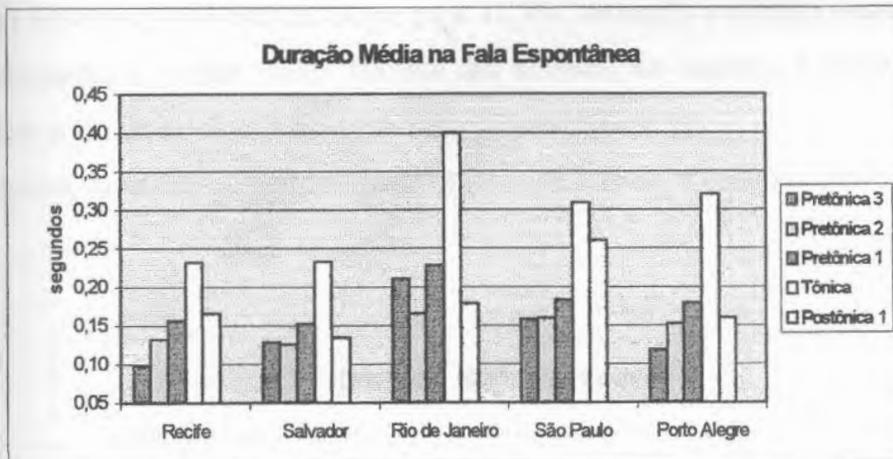


Gráfico (1): Duração média na fala espontânea das cinco cidades do Projeto NURC.

O gráfico evidencia, logo de início, uma duração maior das tônicas nas cinco cidades. Vejamos como se comportam as sílabas átonas.

Com relação às pretônicas, podem-se fazer as seguintes observações, considerando essas sílabas em conjunto: em Recife elas duram em média 0,129s e são 44,4% mais breves que a sílaba tônica; em Salvador encontram-se as pretônicas mais longas: duram em média 0,165s e são 29,2% mais breves que a tônica; no Rio de Janeiro, as pretônicas duram em média 0,201s e são 50,3% mais breves que a tônica; em São Paulo, as pretônicas em conjunto têm a duração média de 0,167s e são 46% mais breves que a tônica; em Porto Alegre as pretônicas duram em média 0,149s e são 54% mais breves que a tônica.

Com relação às postônicas, vê-se que elas são as sílabas de menor duração em três das cinco cidades: as exceções estão na fala de São Paulo, onde as postônicas correspondem a 80,9% da duração da tônica, e na fala de Recife, onde as postônicas correspondem a 71,1% da duração da tônica. Nas demais cidades o percentual é menor: 57,9% em Salvador, 50% em Porto Alegre e 44,5% no Rio de Janeiro.

Já se disse que, em todas as cidades, a sílaba de maior duração é a tônica. O gráfico mostra que Rio de Janeiro e Porto Alegre são as cidades em que, notoriamente, a

silaba tônica é mais longa. Na fala carioca e na fala gaúcha as sílabas átonas, em conjunto, são 48,5% mais breves que a tônica; na fala paulistana, se considerássemos apenas as pretônicas, o percentual seria parecido: 46%. No entanto, as postônicas em São Paulo apresentaram grande duração, sendo apenas 19,1% mais breves que a tônica. Isso faz com que, no conjunto, as sílabas átonas sejam apenas 32,4% mais curtas que a tônica. Na fala de Recife, as sílabas átonas em conjunto são 40,6% mais breves que a tônica. Em Salvador, o percentual desce para 32,3%, tornando a relação entre tônicas e átonas semelhante à de São Paulo. Na fala dos baianos, no entanto, a pouca diferença entre tônicas e átonas se deve à maior duração das sílabas pretônicas.

Abaixo, mostram-se os resultados obtidos na análise dos dados provenientes da leitura:

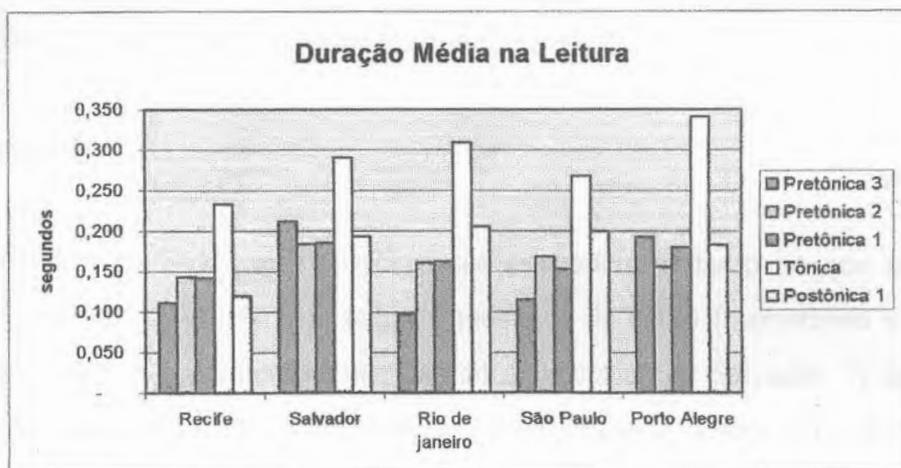


Gráfico (2): Duração média nos dados de leitura das cinco cidades.

Como na fala espontânea, vê-se uma duração maior das tônicas na leitura das informantes das cinco cidades. Vejamos como se comportam as demais sílabas:

Se considerarmos as três pretônicas em conjunto, podemos dizer que: em Recife elas duram em média 0,132s e são 43,6% mais breves que a sílaba tônica; em Salvador encontram-se as pretônicas mais longas: duram em média 0,193s e são 33,7% mais breves que a tônica; no Rio de Janeiro, as pretônicas duram em média 0,141s e são 54,5% mais breves que a tônica; em São Paulo, as pretônicas em conjunto têm a duração média de 0,145s e são 45,9% mais breves que a tônica; em Porto Alegre as pretônicas duram em média 0,176s e são 48,5% mais breves que a tônica.

Com relação às postônicas, vê-se que elas são as sílabas de menor duração apenas em Recife, onde representam 51,3% da duração da sílaba tônica. Nas demais cidades, as postônicas ou têm duração equivalente à média das pretônicas (como em Salvador, onde ambas duram 33,7% da sílaba tônica), ou têm duração superior a essa média: no Rio, as postônicas representam 66,1% da duração da tônica; em Porto Alegre, 53,5%; em São Paulo, 32,6%.

Por fim, contrapondo a sílaba tônica a todas as sílabas átonas em conjunto, temos idéia de quanto varia a duração das tônicas de uma cidade para outra. O gráfico mostra que Porto Alegre, Recife e Rio de Janeiro são as cidades em que, na leitura, a sílaba tônica é mais longa. Na leitura gaúcha as sílabas átonas, em conjunto, são 47,4% mais breves que a tônica; na leitura de Recife, são 46,2% mais breves; na leitura carioca, 44,2%. Os dados de São Paulo mostram que as átonas são 35,4% mais breves que a sílaba tônica e em Salvador o valor encontrado é 33,7%.

Alguns comentários

A descrição dos dados aponta diferenças substanciais tanto no que tange à diferenciação regional quanto no que tange à mudança de estilo (espontâneo x lido). Tomem-se como exemplo, primeiramente, os dados da cidade de Salvador. A duração média das sílabas pretônicas, tão expressiva na fala espontânea, se encontra nivelada à duração das sílabas postônicas na leitura, o que pode ser interpretado como uma atenuação de um traço prosódico regional. Também nos dados de leitura do Rio as postônicas ganharam relevância, o que fez com que as tônicas – que tanta evidência tinham na fala espontânea – não tivessem tanto destaque em relação às sílabas átonas. Já com os dados de Recife ocorre o contrário: as postônicas superavam as pretônicas em termos de duração na fala espontânea e, nos dados de leitura, elas são levemente mais breves que as pretônicas. São Paulo e Porto Alegre, por outro lado, mantêm nos dois estilos as mesmas características de duração silábica.

O gráfico apresentado a seguir auxilia na sumarização dos resultados:

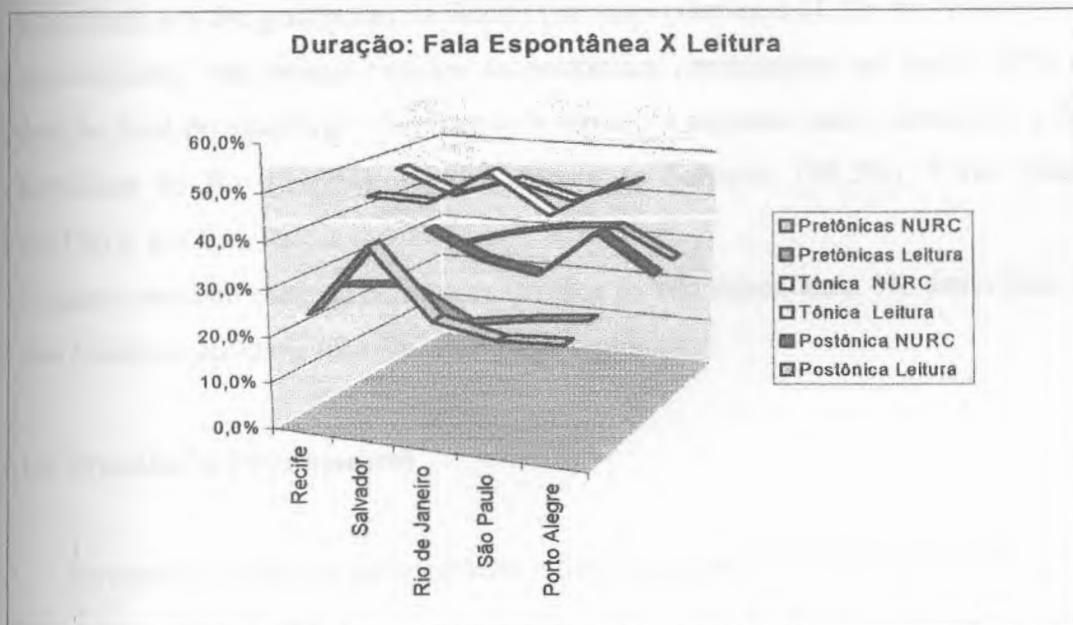


Gráfico (3): Comparação entre o comportamento da duração silábica na fala espontânea (NURC) e o comportamento na leitura. O eixo Y apresenta o percentual representado por cada sílaba na duração total do vocábulo. As três pretônicas foram consideradas em conjunto e o gráfico foi elaborado com o valor da duração média dessas sílabas.

Em síntese, pode-se afirmar que:

- As tônicas, nos dois estilos de fala, têm duração superior a de qualquer outra sílaba. Na fala espontânea, as de maior duração são as do Rio de Janeiro (correspondentes a 51,4% da duração total do vocábulo), seguidas de perto das de Porto Alegre (50,9%). Em terceiro lugar estão as tônicas de Recife (44,2%), seguidas das de Salvador (43,7%) e, por último, das de São Paulo (43%). Na leitura, as tônicas de Porto Alegre são as mais longas (47,4%), seguidas de perto das de Recife (46,2%) e das do Rio (44,2%). As tônicas de São Paulo e Salvador são as mais breves (correspondendo, respectivamente, a 35,4% e 33,7% da duração total do vocábulo).
- Salvador é a cidade em que as pretônicas são mais longas: na fala espontânea elas correspondem a 40% da duração total do vocábulo, ao passo que nas demais cidades elas correspondem, em média, a 25%. Na leitura, as pretônicas baianas também são as mais longas, correspondendo a 28,5% da duração total do vocábulo. Nas outras cidades, porém, a duração das pretônicas é similar (vai de 27,2% em Recife a 21,5% no Rio).
- As postônicas mais longas são as de São Paulo, tanto nos dados do NURC – onde correspondem a 34,3% da duração total do vocábulo – quanto nos dados do *corpus* de leitura – onde elas correspondem a 32,6%). A segunda maior duração, na fala

espontânea, é a das postônicas de Recife (correspondentes a 31,3% da duração total do vocábulo). Nas demais cidades as postônicas representam em média 25% da duração total do vocábulo. Nos dados de leitura, a segunda maior duração é a das postônicas do Rio (31,2%), seguida depois de Salvador (28,5%), Porto Alegre (26,1%) e, por fim, Recife (24,7%).

- O maior contraste entre as cidades se verifica na fala espontânea. No estilo lido, há uma tendência de atenuação das diferenças regionais.

5.1.1.2. Frequência Fundamental

Apresentam-se abaixo os resultados referentes ao *corpus* de fala espontânea:

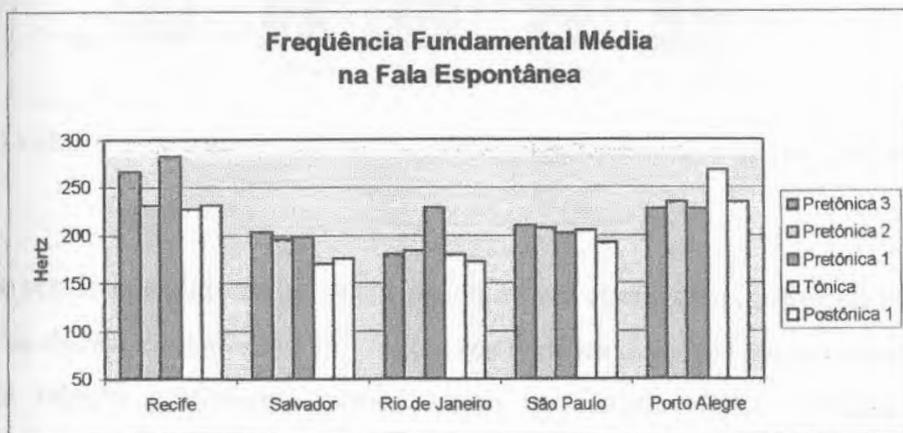


Gráfico (4): Frequência Fundamental média na fala espontânea das cinco cidades do Projeto NURC.

Os valores médios da F0 obtidos na medição dos dados da fala de cada uma das informantes mostram diferenças claras entre as cidades. Para proceder à análise, mais uma vez consideramos as sílabas pretônicas em conjunto e, depois, observamos a variação da F0 de uma posição silábica para a outra.

A relação pretônica – tônica opõe, de forma geral, Porto Alegre a todas as outras cidades. Na fala gaúcha há uma grande elevação da F0 (da ordem de 37,7Hz) das pretônicas para a tônica. Nas outras cidades, ao contrário, a F0 decai em direção à sílaba tônica: em Recife e Salvador a queda é maior – 31Hz em média; no Rio de Janeiro, a queda é 18,4Hz; em São Paulo, a F0 também cai, mas num valor muito pequeno: 1,6Hz.

Na relação tônica – postônica Recife e Salvador têm comportamento similar: nas duas cidades registra-se uma elevação média da F0 de 5Hz. Rio, São Paulo e Porto

Alegre apresentam, por sua vez, queda da F0 da sílaba tônica para a postônica. Essa queda é similar nas cidades do sudeste (sendo de 10Hz em média) e se acentua em Porto Alegre, onde chega a 33,1Hz.

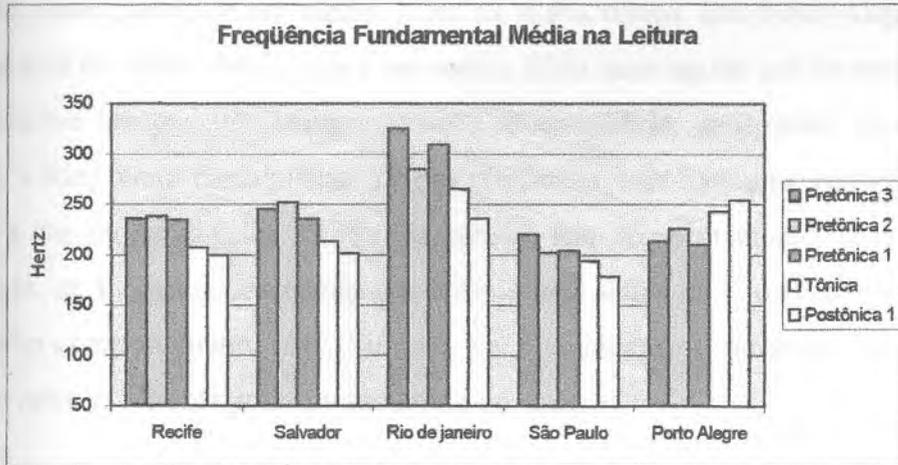


Gráfico (5): Frequência Fundamental média nos dados de leitura das cinco cidades.

Os resultados obtidos no *corpus* de leitura ora confirmam as diferenças reveladas pela análise da fala espontânea e ora fogem aos padrões descritos anteriormente.

Na relação pretônica – tônica, como no *corpus* NURC, verifica-se queda melódica em quatro cidades. Recife e Salvador têm queda da mesma ordem (de 30Hz em média). Na leitura, porém a maior queda se registra na leitura do Rio (41,7Hz) e em São Paulo a descida melódica se acentua (passa de 1,6Hz na fala espontânea para 15,2 Hz na leitura). Como no *corpus* de fala espontânea, Porto Alegre é a única cidade em que há subida melódica em direção à sílaba tônica, sendo que na leitura essa subida é um pouco menor (25Hz).

Na relação tônica – postônica há algumas inversões de comportamento. Em Recife e Salvador, ao contrário do que se verificou na fala espontânea, vê-se um movimento de descida melódica (em média, de 10Hz). No Rio de Janeiro a queda da F0 é mais acentuada na leitura (chega a quase 30Hz) e em São Paulo ela se mantém no mesmo nível (15Hz). Em Porto Alegre o comportamento também é inverso: verifica-se uma elevação melódica de 11,1Hz de uma sílaba para a outra.

Alguns comentários

Analisando todas as variações melódicas observadas nos dois estilos de fala, pode-se dizer que as cidades do nordeste se opõem sempre à cidade que representa a fala sulista. Em Recife e em Salvador as sílabas pretônicas têm maior destaque no vocábulo, distanciando-se em média 32Hz da sílaba tônica. Em Porto Alegre, o maior destaque está na sílaba tônica, que é em média 32Hz mais aguda que as pretônicas. São Paulo assume sempre um comportamento intermediário, mostrando (como Recife, Salvador e Rio) maior destaque nas sílabas pretônicas, mas com uma variação em Hertz inferior a das outras cidades. O Rio de Janeiro tem comportamento variável: na fala espontânea, se aproxima dos resultados obtidos para a fala de São Paulo; nos dados de leitura, têm comportamento mais próximo ao das cidades do nordeste. O esquema de oposição entre as cidades pode ser resumido no quadro:

<i>Corpus</i> NURC	RECIFE / SSA	RJ / SP	POA
<i>Corpus de Leitura</i>	RECIFE / SSA / RJ	SP	POA
	Destaque nas pretônicas, com grande variação em Hertz.	Destaque nas pretônicas, com menor variação em Hertz.	Destaque nas tônicas.

Quadro (i): Esquema de oposição entre as cinco cidades analisadas nos dois estilos de fala (espontâneo e lido) tomando por base o comportamento da Frequência Fundamental.

5.1.1.3. Intensidade

A confecção dos gráficos referentes à intensidade exigiu uma tarefa extra: a transformação numérica dos valores brutos, medidos em decibéis, em valores relativos, também expressos em decibéis, capazes de exprimir as variações de intensidade entre as sílabas de um mesmo vocábulo e capazes de tornar possível a comparação entre sílabas de diferentes vocábulos. Tomemos como exemplo o vocábulo *chegada*, tomado ao inquérito RJ M328. Os valores medidos foram:

Pretônica 1	Tônica	Postônica
-8,2 dB	-15 dB	-17,3 dB

À sílaba de menor intensidade atribuiu-se sempre o valor zero – no exemplo, a sílaba menos intensa é a postônica 1. As demais sílabas são identificadas numericamente pelo tanto, em decibéis, que as distancia da sílaba menos intensa: assim, a tônica do vocábulo *chegada* é 2,3 dB mais intensa que a postônica 1 e a pretônica 1 é 9,1 dB mais intensa que essa mesma sílaba. Feita a relativização dos valores medidos, chega-se à tabela abaixo, que evidencia a relação entre as sílabas:

	Pretônica 1	Tônica	Postônica
Valor bruto	-8,2 dB	-15 dB	-17,3 dB
Valor relativo	9,1 dB	2,3 dB	0

Esclarecidos os cálculos, passemos aos gráficos. O primeiro que se apresenta é referente aos resultados obtidos mediante a análise da fala espontânea.

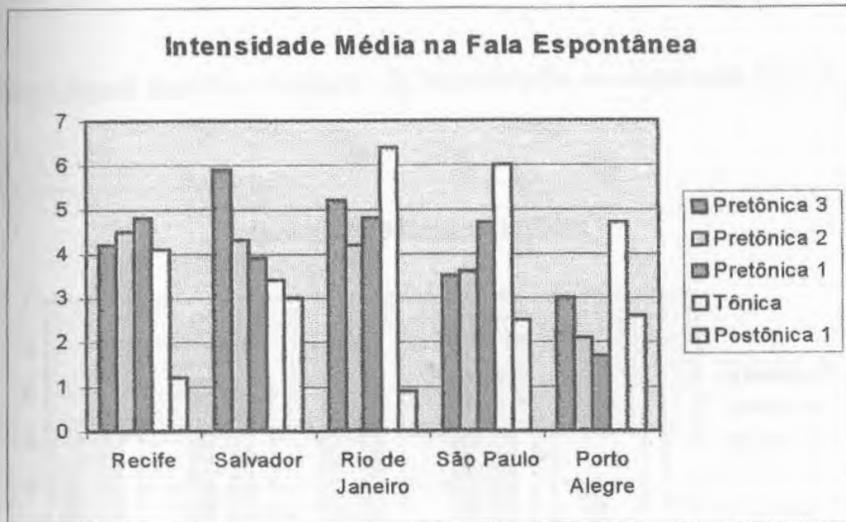


Gráfico (6): Variação média da intensidade na fala espontânea das cinco cidades do Projeto NURC.

Os valores médios da variação da intensidade obtidos na medição dos dados da fala de cada uma das informantes mostram diferenças claras entre as cidades. Mais uma vez, para proceder à análise, consideramos as sílabas pretônicas em conjunto e, depois, observamos a variação da intensidade de uma posição silábica para a outra.

A relação pretônica – tônica opõe, de forma geral Recife e Salvador a todas as outras cidades. Em Recife, a intensidade diminui em 0,4dB das pretônicas para a tônica; em Salvador essa queda é de 1,3dB. No Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre acontece o contrário: a intensidade aumenta em direção à sílaba tônica. No Rio, esse aumento é de 1,7dB; em São Paulo, 2,1dB; em Porto Alegre, 2,4dB.

Na relação tônica – postônica registra-se sempre diminuição da intensidade. Em Recife, ela é de 2,9dB; em Salvador, 0,4dB; no Rio de Janeiro, 5,5dB; em São Paulo, 4,5dB; em Porto Alegre, 2,1dB.

De forma geral, pode-se afirmar que:

- A posição pretônica se destaca através do parâmetro intensidade em nas cidades do nordeste;
- A posição tônica é a mais relevante no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre;
- A posição postônica é sempre a de maior atonicidade. Em Porto Alegre, a intensidade da postônica é maior que a das pretônicas 1 e 2, mas a pretônica 3 (com 3dB) supera em tonicidade a postônica (2,6dB).

O gráfico a seguir mostra a variação da intensidade no *corpus* de leitura:

O gráfico a seguir mostra a variação da intensidade no *corpus* de leitura:

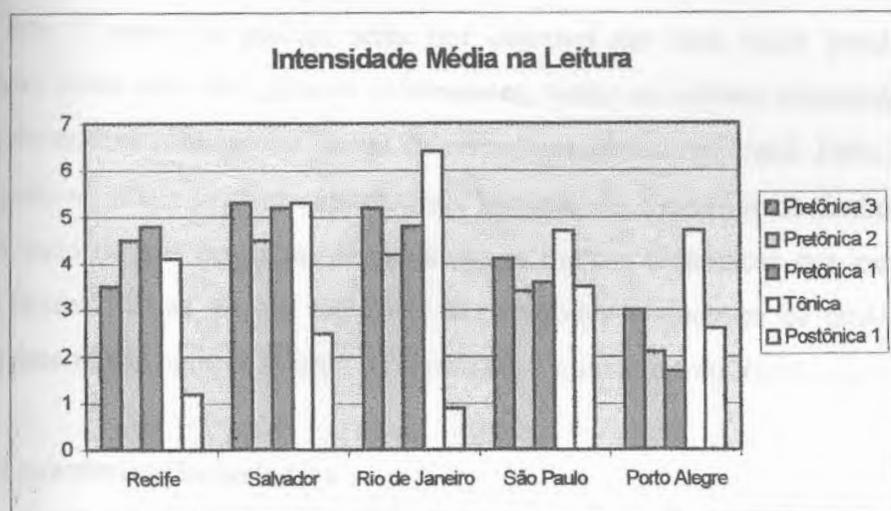


Gráfico (7): Variação média da Intensidade nos dados de leitura das cinco cidades.

Observemos a variação da intensidade de uma posição silábica para a outra.

A relação pretônica – tônica opõe claramente Recife e Salvador às demais cidades. Em Recife, as sílabas pretônica 2 e pretônica 1 são mais intensas que a tônica. Considerando as pretônicas em conjunto, no entanto, a diferença se torna pequena, visto ser a intensidade da pretônica 3 menor que a da tônica. Assim, as pretônicas superam em apenas 0,2dB a intensidade da tônica. Em Salvador ocorre uma situação parecida. A pretônica 2 tem intensidade inferior à da tônica e as sílabas pretônica 3 e pretônica são um pouco mais intensas que a tônica. Considerando as três pretônicas juntas, tem-se uma elevação da intensidade de 0,3dB em direção à sílaba tônica. Nas demais cidades, há uma proeminência notória da sílaba tônica. No Rio, a tônica é 1,7dB mais intensa que as pretônicas; em São Paulo, 1dB; em Porto Alegre, 2,4dB.

Na relação tônica – postônica registra-se sempre, como no *corpus* do Projeto NURC, diminuição da intensidade. Em Recife, ela é de 2,9dB; em Salvador, 2,8dB; no Rio de Janeiro, 5,5dB; em São Paulo, 1,2dB; em Porto Alegre, 2,1dB.

De forma geral, pode-se afirmar que os valores médios da variação da intensidade obtidos na medição dos dados da leitura de cada uma das informantes ratifica a diferença entre as cidades revelada pelo corpus de fala espontânea, embora mostrando uma atenuação das variações nos dados de Recife e São Paulo.

5.1.2. Considerações acerca dos resultados

Esta 1ª etapa de análise tinha por objetivo dar uma visão geral do fenômeno, enfocando, ainda que com poucos informantes, todas as cidades abrangidas pelo Projeto NURC, de modo a esboçar um painel da entoação regional no Brasil. Feita a descrição dos dados, pode-se, numa primeira abordagem, entrever os contornos do fenômeno, que traço aqui por meio de três perguntas: 1) quais são as marcas prosódicas que caracterizam cada um dos falares?; 2) as marcas regionais são sensíveis à mudança de estilo de fala?; 3) é possível determinar onde as marcas se localizam e com que frequência elas ocorrem?

5.1.2.1. Caracterização melódica

Os padrões melódicos dos falares observados se definem pelas relações que se estabelecem entre a sílaba tônica e as sílabas átonas adjacentes. A relação entre a tônica e as pretônicas (considerando a sua relevância fônica no português do Brasil) mostrou-se primordial para a caracterização dos cinco falares. Seguramente, pode-se afirmar que: 1) as falas de Recife e Salvador se opõem às outras por darem mais destaque às sílabas pretônicas, marcadas por: maior intensidade, maior frequência e duração pouco inferior a da sílaba tônica (principalmente na fala de Salvador); 2) a fala de Porto Alegre se caracteriza pela elevação da F0 na sílaba tônica, a qual recebe também a maior intensidade e a maior duração (bastante expressiva, chegando a quase o dobro das demais sílabas); 3) as falas do Rio de Janeiro e de São Paulo apresentam características das outras cidades, ora se assemelhando às cidades do nordeste, ora se assemelhando a Porto Alegre.

Tais oscilações podem-se resumir no seguinte quadro:

		Proeminência nas sílabas pretônicas	Proeminência na sílaba tônica
Fator determinante da proeminência:	Duração	RE / SSA	RJ / SP / POA
	Frequência Fundamental	RE / SSA / RJ / SP	POA
	Intensidade	RE / SSA	RJ / SP / POA

Quadro (ii): Esquema de oposição prosódica entre as cinco cidades analisadas tomando por base os parâmetros acústicos que se mostraram mais relevantes para a determinação das proeminências silábicas.

5.1.2.2. Estilos de fala

Os padrões melódicos observados se revelam sensíveis à mudança de estilo. Percebeu-se, no *corpus* de leitura, um movimento de atenuação das marcas indexadoras por meio de um achatamento dos contrastes, expresso por diminuição da distância entre o valor máximo e o valor mínimo dos parâmetros analisados – como se viu, principalmente, no comportamento da duração silábica e da F0.

5.1.2.3. Localização e frequência

A recolha dos dados nessa etapa da pesquisa se pautou sempre por um só critério: ser o vocábulo identificado perceptivamente como portador de marca sinalizadora da regionalidade, o que, como já se disse, foi referendado por meio de testes de audição. Sendo assim, não se fez nenhum controle do(s) contexto(s) em que os dados ocorreram. Observando o *corpus* – sem recorrer à estatística – percebe-se que tais marcas, apesar de poderem estar no início, no meio ou no fim de uma unidade entoacional, tendem a se localizar na posição final, ou seja, na fronteira da unidade, às vezes marcada, dentre outros fatores, por pausa e/ou por mudança de direção da linha melódica. Uma distribuição semelhante, confirmada estatisticamente, foi encontrada por Léon e Léon (1983), conforme relatório no item 4.1.1.2: a partir dos testes de audição, os autores verificaram que, em 1º lugar, o índice de regionalidade ocorreu unicamente no fim das unidades entoacionais. Em segundo lugar, as marcas situaram-se em dois lugares, simultaneamente – no interior da unidade e no fim. Em terceiro lugar, percebeu-se a ocorrência da marca unicamente no interior da unidade.

Se não apresento um mapeamento da localização em termos de posição do vocábulo na unidade entoacional, posso, por outro lado, afirmar que há algo em comum entre todos os dados em termos de acento frasal: todas as marcas encontradas recaem sempre sobre um vocábulo acentuado na frase. Todavia, a recíproca não é verdadeira, isto é: nem todo acento frasal será recebedor de marca regional. Vejamos, por exemplo, a questão da representação dos sotaques na televisão. Acredito que a disparidade melódica muitas vezes encontrada entre a fala real e o sotaque virtual, criado pelas ficções televisivas, deva-se, em grande

parte, ao exagero na frequência de uso das marcas. A imitação tende a dispor, em todos os acentos de todas as unidades entoacionais, a marca caracterizadora de um dado falar. É o que se vê na frase a seguir, extraída de um capítulo de *A Indomada*:

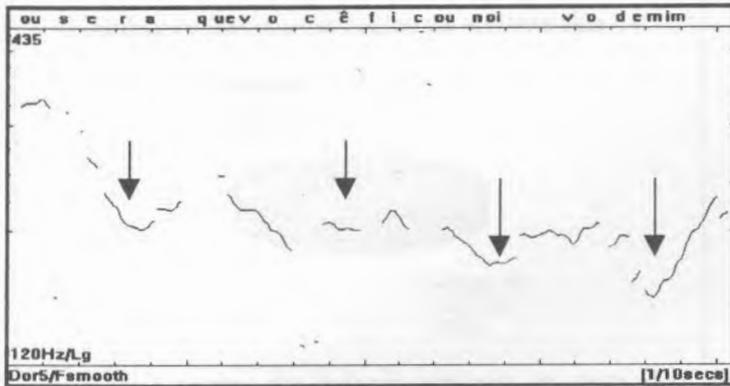


Figura (A): Linha melódica da frase "ou será que você ficou noivo de mim", colhida em *A Indomada*.

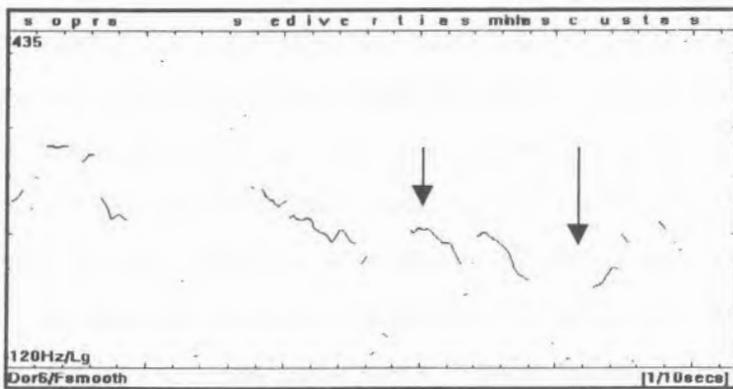


Figura (B): Linha melódica da frase "só pra... se divertir às minhas custas?", colhida em *A Indomada*.

Os traçados acima representam o contorno melódico da pergunta "Ou será que você ficou noivo de mim só pra se divertir às minhas custas?", descrito a partir das variações da frequência fundamental. Note-se que a atriz, em sua enunciação, empregou, reiteradamente, a marca melódica que identifica a fala pernambucana: todas as tônicas apresentam queda da F0 em relação à pretônica.

A tendência na distribuição das marcas, na realidade, parece seguir em direção oposta, isto é: as marcas se diluem no discurso ao invés de virem sobrepostas a todos os

acentos de frase. Para testar a hipótese, contabilizaram-se, no *corpus* de leitura, o número total de vocábulos e o número de vocábulos indexadores. Veja-se o gráfico obtido:

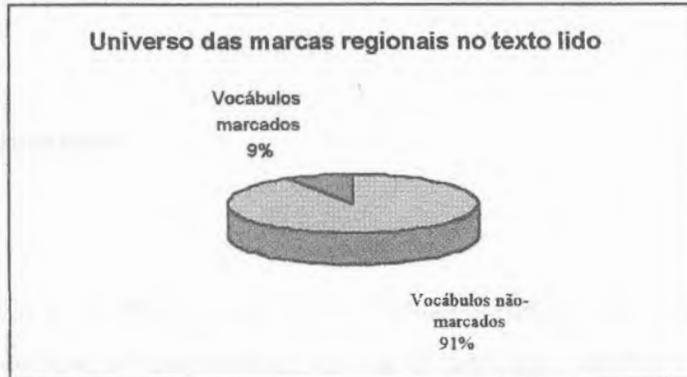


Gráfico (8): *Universo das marcas regionais no texto lido*. O gráfico resume o percentual encontrado na leitura de cada uma das cinco cidades.

De fato, o universo de vocábulos não-marcados, no estilo lido, é maciçamente superior ao universo em que ocorrem os vocábulos identificados perceptivamente como marcados por um grupo de ouvintes. Para que se possam fazer afirmações sobre a distribuição das marcas na fala espontânea (onde se deve encontrar um quadro similar a esse, em que o fenômeno que elegemos como objeto de estudo desponta como um tênue acorde dissonante rodeado pela unidade lingüística) é necessário empregar metodologia diversa. Lembre-se que o *corpus* analisado nessa 1ª etapa é todo composto de vocábulos indexadores, reconhecidos como identificadores dos falares em questão, o que nos impede de confrontar o número de vocábulos marcados e o número de vocábulos não marcados. Para tanto, o método de recolha dos dados deve ser outro, de natureza neutra, no aspecto perceptual. Refletindo sobre essa, dentre outras questões, procedeu-se à segunda etapa da pesquisa.

5.2. 2ª Etapa – Aprofundando a investigação: a análise acústica em duas cidades: Rio de Janeiro e Salvador

5.2.1. Resultados obtidos na 2ª etapa da análise

5.2.1.1. Fala espontânea

Esta seção se destina a mostrar o comportamento dos parâmetros Duração, Intensidade e Frequência Fundamental na fala de homens e mulheres no Rio de Janeiro e em Salvador. Neles, apresenta-se o comportamento médio das sílabas que compõem os 600 vocábulos recebedores de acento frasal e localizados em fim de UE. Esses vocábulos, bem como os valores medidos, acham-se relacionados no Anexo.

Embora haja no *corpus* vocábulos com duas, três e até quatro pretônicas, bem como vocábulos em que se acha uma segunda postônica, optamos por limitar a descrição ao comportamento de apenas quatro sílabas: pretônica 2, pretônica 1, tônica e postônica 1. A exclusão das demais sílabas se deve à desigualdade em sua distribuição, a qual pode ser percebida através das tabelas a seguir (que contemplam a distribuição dos dados na fala de homens e mulheres, nas duas cidades). Nelas, apresenta-se o número de sílabas obtidas, em cada posição, inquirido a inquirito:

	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
RJ H205	2	3	16	50	50	39	0
RJ H233	3	10	29	50	50	40	0
RJ H254	2	5	15	47	50	36	0
total	7	18	60	147	150	115	0

RJ M140	0	1	14	50	50	29	0
RJ M184	0	6	14	47	50	35	3
RJ M328	0	0	22	50	50	38	0
total	0	7	50	147	150	102	3

Tabela (1): Número de sílabas analisadas em cada inquirido do Projeto NURC do Rio de Janeiro.

	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
BA H069	2	3	16	50	50	39	0
BA H136	0	4	25	50	50	36	0
BA H254	0	4	19	50	50	36	0
total	2	11	60	150	150	111	0

BA M081	3	8	24	50	50	35	1
BA M323	0	4	15	50	50	40	0
BA M231	0	0	17	50	50	32	0
total	6	12	56	150	150	107	1

Tabela (2): Número de sílabas analisadas em cada inquérito do Projeto NURC de Salvador.

Conforme vê-se nas tabelas, em nenhum dos trechos de fala feminina colhidos nos inquéritos do Rio de Janeiro houve ocorrência de pretônica 4 e na fala dos homens cariocas, tem-se, ao total, apenas 7 dados. Também na Bahia essa distribuição é falha: somente os informantes M081 e H069 enunciaram vocábulos com a pretônica em tal posição. A pretônica 3, por sua vez, é mais freqüente. Entretanto, em uma das informantes cariocas e em uma das informantes baianas não ocorreu nenhum caso. Além disso, o número de ocorrências dessa sílaba é baixo, se comparado ao das que se posicionam mais perto da sílaba tônica: em média, acham-se quatro pretônicas 3 por inquérito. A posição menos privilegiada é a da sílaba postônica 2. Em uma informante do Rio acham-se 3 dados. Em Salvador, acha-se apenas 1 dado.

As 4 posições silábicas que elegemos para descrição (pretônica 2, pretônica 1, tônica e postônica 1) apresentam ocorrências em todos os inquéritos e têm a mesma distribuição – contabilizam-se 50 sílabas tônicas por inquérito – 147 pretônicas 1 das mulheres cariocas e 147 pretônicas 1 dos homens cariocas, a serem comparadas com 300 pretônicas 1, igualmente distribuídas entre homens e mulheres baianas; 115 postônicas 1 na fala dos homens do Rio e 102 na fala das mulheres a serem comparadas com 111 sílabas, nessa posição, na fala dos homens da Bahia e 107 na fala das mulheres. A distribuição dos dados, em suma, atende à proposta metodológica da 2ª etapa da análise, contrapondo amostras de fala significativamente comparáveis em termos teóricos e quantitativos.

5.2.1.1.1. Duração silábica na cidade do Rio de Janeiro

Esta seção se destina a mostrar a duração média das sílabas pretônica 2, pretônica 1, tônica e postônica 1, através de valores em segundos obtidos após: 1) a medição individual da duração de cada sílaba; 2) a soma de todos os valores individuais num dado inquérito e numa dada posição no vocábulo (soma de todas as tônicas presentes no inquérito M184, p.e.); e 3) a divisão do valor obtido na soma pelo número de ocorrências naquela posição (por exemplo: juntas, as cinquenta sílabas tônicas presentes nos dados do inquérito M140 somam 12,8 segundos. A duração média das tônicas na fala dessa informante é, então, de 0,256 segundos).

A tabela abaixo apresenta os valores médios da duração na fala das mulheres:

	M328	M184	M140
PRE 2	0,133	0,120	0,125
PRE 1	0,179	0,170	0,168
TON	0,271	0,332	0,329
POS 1	0,124	0,169	0,174

Tabela (3): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

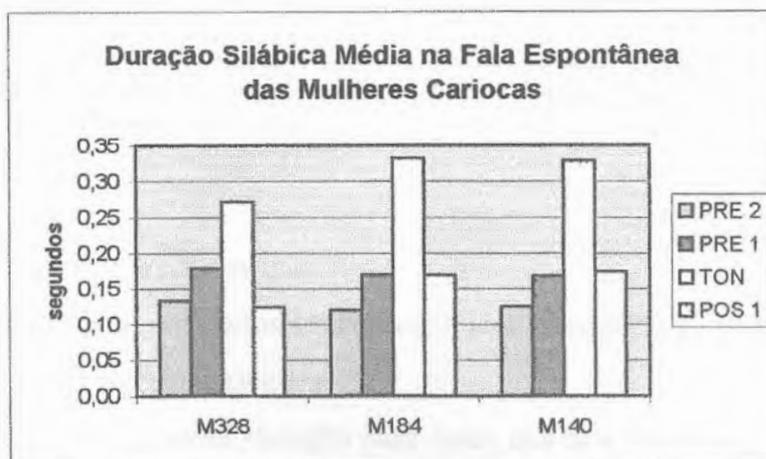


Gráfico (9): Duração silábica média na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Antes de tecer comentários, vejamos o comportamento da duração silábica na fala dos homens. A tabela abaixo apresenta os valores médios, em segundos, a que se chegou após a análise acústica:

	H233	H254	H205
PRE 2	0,138	0,267	0,150
PRE 1	0,177	0,189	0,157
TON	0,260	0,260	0,289
POS 1	0,150	0,167	0,190

Tabela (4): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea dos informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

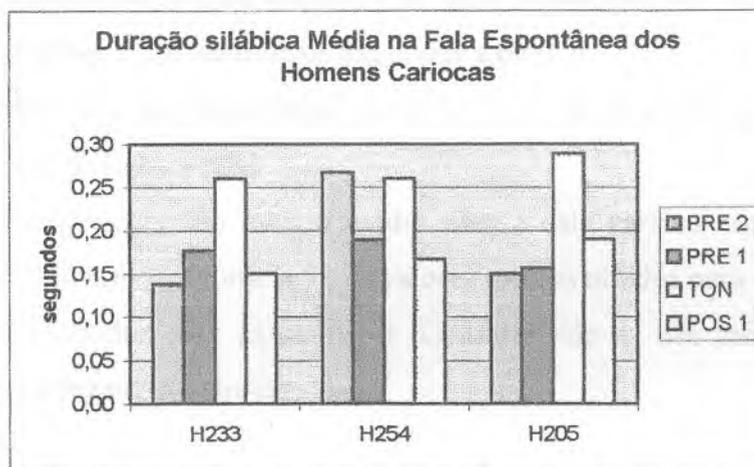


Gráfico (10): Duração silábica média na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

De forma geral, percebe-se que:

- A duração apresenta, nos dados analisados, maior constância de comportamento na fala feminina que na fala masculina.
- A sílaba tônica é a de maior duração para cinco dos seis informantes. A exceção é H254, que apresenta como sílaba mais longa a pretônica 2.
- A sílaba pretônica 2 é a sílaba mais breve, sendo a de menor duração em quatro dos seis informantes.

Em particular, sobre a fala das mulheres cariocas, percebe-se que as informantes M140 e M184 têm comportamento similar, diferenciando-se um pouco de M328. Tomando a sílaba tônica como parâmetro de comparação, pode-se dizer que:

- Em M328 a tônica é duas vezes mais longa que a Pre2, 1,5 vezes mais longa que a Pre1 e 2,1 vezes mais longa que a pos1.
- Em M184 a tônica é 2,7 vezes mais longa que a Pre2, 2 vezes mais longa que a Pre1 e 2 vezes mais longa que a pos1.
- Em M140 a tônica é 2,6 vezes mais longa que a Pre2, 2 vezes mais longa que a Pre1 e 1,8 vezes mais longa que a pos1.

Sobre a fala dos homens cariocas, pode-se dizer que:

- Em H233 a tônica é 2 vezes mais longa que a Pre2, 1,5 vezes mais longa que a Pre1 e 1,7 vezes mais longa que a pos1.
- Em H254 a Pre2 é uma vez mais longa que a tônica, e esta, por sua vez, é 1,4 vezes mais longa que a Pre1 e 1,6 vezes mais longa que a pos1.
- Em H205 a tônica é 2 vezes mais longa que a Pre2, 1,8 vezes mais longa que a Pre1 e 1,5 vezes mais longa que a pos1.

É possível estabelecer um padrão médio para a fala carioca com respeito à duração silábica, se somarmos, de um lado, os valores médios obtidos para os homens e, de outro, os valores obtidos para as mulheres. Considerando as três informantes em conjunto, obtemos os seguintes valores:

Mulheres Cariocas	
PRE 2	0,126 s
PRE 1	0,172 s
TON	0,310 s
POS 1	0,155 s

Tabela (5): *Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo as 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".*

A partir desses valores, pode-se propor o seguinte gráfico:

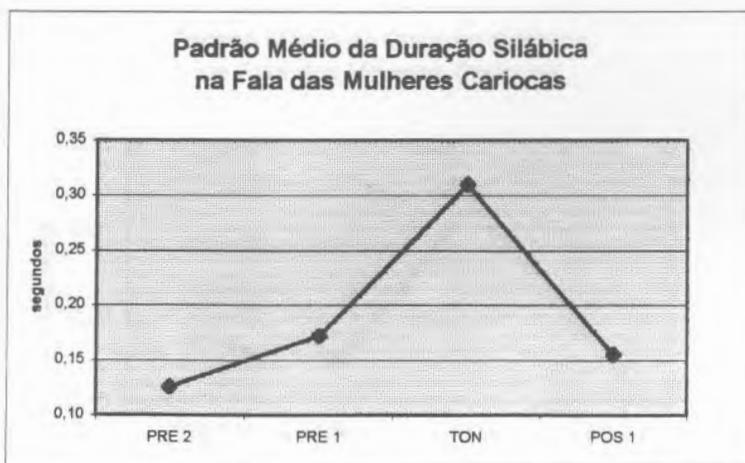


Gráfico (11): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea das mulheres cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Segundo o gráfico padrão, a Pre2 representa 41% da sílaba tônica, a Pre1, 55%, e a Pos1, 50%, o que equivale a dizer que a tônica é, em média, 49% mais longa que as demais sílabas na fala das mulheres do Rio. Sua duração é, em média, de 0.310 segundos e as sílabas átonas duram, no máximo, metade desse valor (0,155s).

Considerando agora os três informantes do sexo masculino em conjunto, obtemos os seguintes valores:

Homens Cariocas	
PRE 2	0,185 s
PRE 1	0,174 s
TON	0,269 s
POS 1	0,169 s

Tabela (6): Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo os 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir desses valores, pode-se propor o seguinte gráfico:

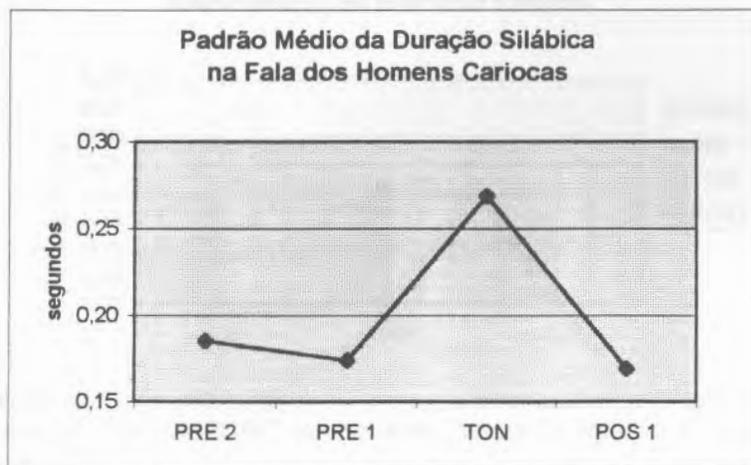


Gráfico (12): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea dos homens cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

O contraste entre as sílabas, na fala dos homens, se mantém, mas em menor escala. A Pre2 representa 68% da sílaba tônica, a Pre1, 64%, e a Pos1, 62%, o que equivale a dizer que a tônica é, em média, 35% mais longa que as demais sílabas na fala dos homens do Rio. Sua duração é, em média, de 0.27 segundos e as sílabas átonas chegam a durar, em conjunto, 65% desse valor.

5.2.1.1.2. Duração silábica na cidade de Salvador

Adotam-se aqui os mesmos procedimentos empregados na descrição dos dados provenientes da cidade do Rio de Janeiro. Iniciemos pela fala das mulheres, cujos valores médios da duração se acham na tabela abaixo:

	M081	M323	M231
PRE 2	0,174	0,175	0,155
PRE 1	0,185	0,182	0,156
TON	0,338	0,287	0,252
POS 1	0,246	0,189	0,125

Tabela (7): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A tabela gerou o seguinte gráfico:

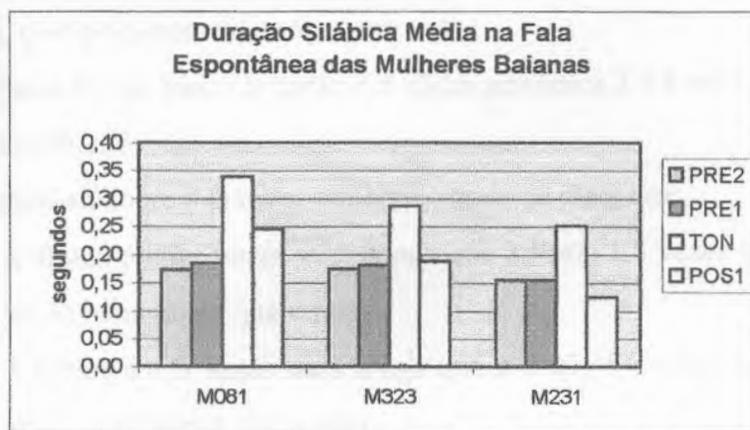


Gráfico (13): Duração silábica média na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Observemos o comportamento da duração silábica na fala dos homens baianos. A tabela abaixo apresenta as médias (em segundos) de todos os dados submetidos à medição:

	H069	H136	H254
PRE 2	0,129	0,139	0,172
PRE 1	0,148	0,173	0,193
TON	0,268	0,280	0,330
POS 1	0,156	0,159	0,233

Tabela (8): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea dos informantes baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A tabela gerou o seguinte gráfico:

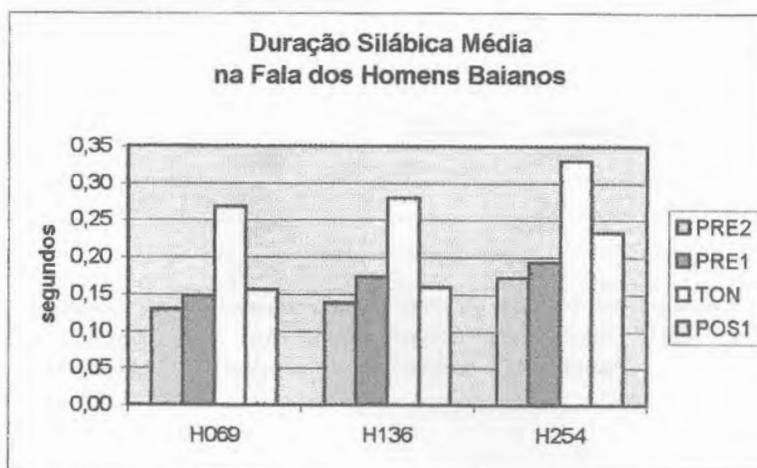


Gráfico (14): Duração silábica média na fala espontânea dos informantes baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

De forma geral, percebe-se que:

- Estabelecem-se, à primeira vista, padrões similares para a fala feminina e a fala masculina, com pequenas diferenças entre elas.
- A sílaba tônica é a de maior duração e a sílaba pretônica 2 é a mais breve na fala de todos os informantes.

Em particular, sobre a fala das mulheres, pode-se dizer que:

- Em M081 a tônica é duas vezes mais longa que a Pre2, 1,8 vezes mais longa que a Pre1 e 1,4 vezes mais longa que a pos1.
- Em M323 a tônica é 1,6 vezes mais longa que a Pre2, 1,6 vezes mais longa que a Pre1 e 1,5 vezes mais longa que a pos1.
- Em M231 a tônica é 1,6 vezes mais longa que a Pre2, 1,6 vezes mais longa que a Pre1 e 2 vezes mais longa que a pos1.

Sobre a fala dos homens baianos, pode-se dizer que:

- Em H069 a tônica é 2 vezes mais longa que a Pre2, 1,8 vezes mais longa que a Pre1 e 1,7 vezes mais longa que a pos1.
- Em H136 a tônica é 2 vezes mais longa que a Pre2, 1,6 vezes mais longa que a Pre1 e 1,8 vezes mais longa que a pos1.
- Em H254 a tônica é 2 vezes mais longa que a Pre2, 1,7 vezes mais longa que a Pre1 e 1,4 vezes mais longa que a pos1.

Como fizemos para a fala carioca, buscaremos estabelecer um padrão médio para a fala baiana com respeito à duração silábica, somando, de um lado, os valores médios obtidos para os homens e, de outro, os valores obtidos para as mulheres. Considerando as três informantes em conjunto, obtemos os seguintes valores:

Mulheres Baianas	
PRE 2	0,168 s
PRE 1	0,174 s
TON	0,292 s
POS 1	0,186 s

Tabela (9): Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo as 3 informantes baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir desses valores, pode-se propor o seguinte gráfico:

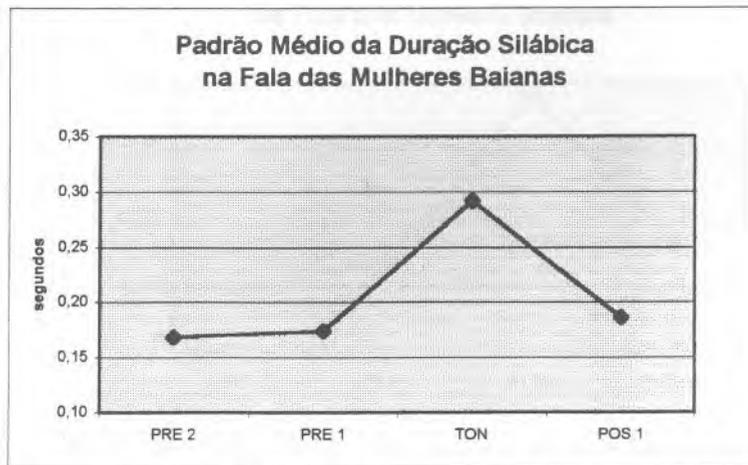


Gráfico (15): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea das mulheres baianas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Observando os valores, vê-se que a Pre2 representa 57% da sílaba tônica, a Pre1, 59%, e a Pos1, 63%, o que equivale a dizer que a tônica é, em média, 40% mais longa que as demais sílabas na fala das mulheres de Salvador. Sua duração é, em média, de 0,29 segundos e a sílaba átona que detém a 2ª maior duração (a Pos2) se distancia da tônica apenas por 0,1s. A sílaba tônica é, em média, 40% mais longa que as sílabas átonas em conjunto.

Considerando agora os três informantes do sexo masculino, obtemos os seguintes valores:

Homens Baianos	
PRE 2	0,146 s
PRE 1	0,171 s
TON	0,292 s
POS 1	0,182 s

Tabela (10): Valores médios da duração silábica (em segundos) reunindo os 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir desses valores, pode-se propor o seguinte gráfico:

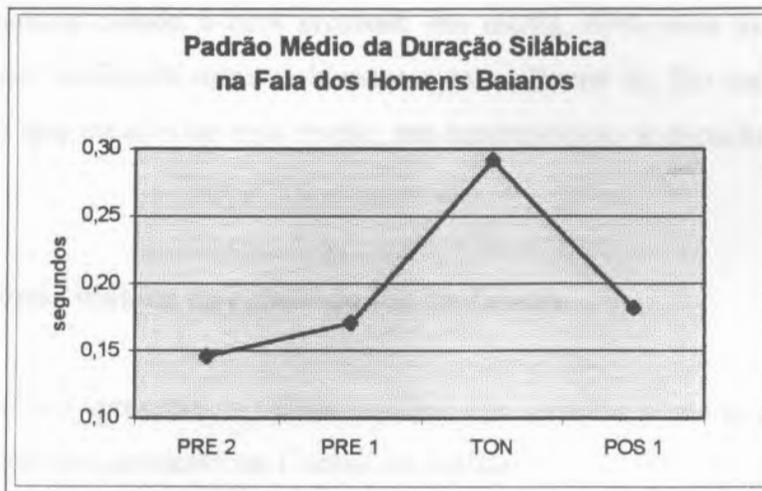


Gráfico (16): Padrão médio da duração silábica na fala espontânea dos homens baianos no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

O contraste entre as sílabas, na fala dos homens, se mantém e o comportamento é bem similar ao das mulheres, excetuando a duração da Pre2, que na fala feminina mostrou-se 7% mais longa que a tônica. Do gráfico acima pode-se comentar que a Pre2 representa 50% da sílaba tônica, a Pre1, 59%, e a Pos1, 62%, o que equivale a dizer que a tônica é, em média, 43% mais longa que as demais sílabas na fala dos homens de Salvador.

5.2.3.1.3. Sobre os resultados da duração silábica

Comparando os resultados obtidos para os 12 informantes que representam as cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, encontram-se algumas diferenças comportamentais, sendo muito difícil, no entanto estabelecer padrões próprios às duas variáveis contempladas (sexo e região).

As sílabas tônicas das mulheres cariocas foram as que apresentaram maior duração. As sílabas átonas, se tomadas em conjunto, são, em média, 49% mais breves as sílabas tônicas. De acordo com o mesmo cálculo, vê-se que, na fala dos homens do Rio, no entanto, as átonas são bem mais longas: são apenas 35% mais breves, em média, que

a sílaba tônicas. A segunda maior duração silábica registra-se na fala dos homens de Salvador, cujas átonas são 43% mais breves que a tônica. A duração das tônicas nas mulheres dessa mesma cidade é bem próxima: em média, 60% mais longas que as átonas. A diferença verificada entre os homens e as mulheres do Rio nos impede de definir um padrão que caracterize essa região, em contraposição à duração das tônicas na Bahia.

5.2.1.1.4. Intensidade silábica na cidade do Rio de Janeiro

A tabela abaixo apresenta os valores médios, em decibéis, a que se chegou após os cálculos descritos anteriormente na 1ª etapa de análise:

	M328	M184	M140
PRE 2	3,8	3,2	4,1
PRE 1	3,6	4,4	3,4
TON	3,0	6,8	4,2
POS 1	0,9	1,5	1,6

Tabela (11): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela gerou-se o gráfico:

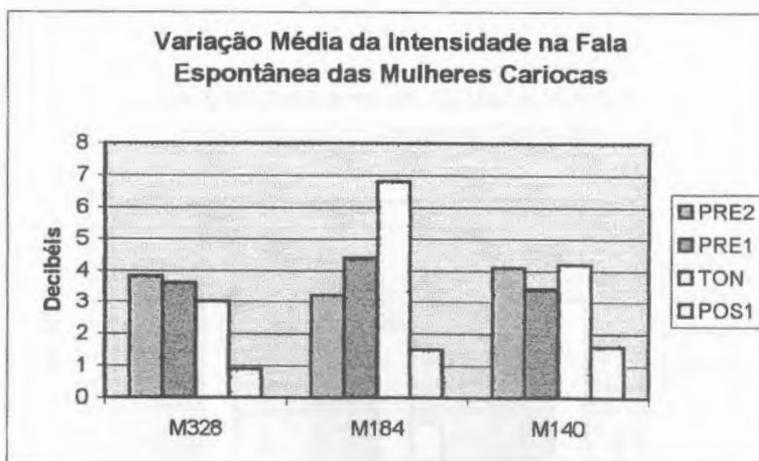


Gráfico (17): Varição média da intensidade na fala espontânea das informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A sílaba postônica, nas três informantes, é a de menor intensidade. Quanto às outras sílabas, porém, há bastante variação. Vejamos:

- A sílaba tônica é a mais intensa na fala de M184; em M140 ela é quase tão intensa quanto a Pre2 e em M328 ela é menos intensa que as duas átonas que a antecedem.
- A pretônica 2 é a sílaba mais intensa na fala de M328 e, na fala de M140, ela compete com a intensidade da tônica.
- A pretônica 1 é menos intensa que a tônica na fala de duas informantes (M184 e M140). Em M328 a relação é inversa entre as duas sílabas se inverte.

Com tais resultados não se consegue estabelecer um padrão comum para a fala feminina na cidade do Rio de Janeiro. Observemos, então, a fala dos homens. A tabela abaixo mostra os valores médios, em decibéis, que resumem a totalidade dos dados auferidos:

	H233	H254	H205
PRE 2	6,3	6,4	5,7
PRE 1	3,6	4,7	4,1
TON	9,4	5,2	6,2
POS 1	1,4	1,6	1,3

Tabela (12): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea dos informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir dos números acima, confeccionou-se o gráfico:

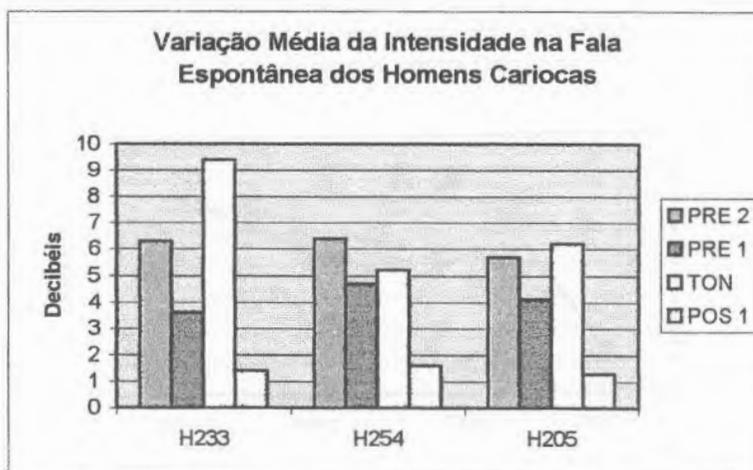


Gráfico (18): Varição média da intensidade na fala espontânea dos informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Como na fala feminina, a postônica 1 é a sílaba de menor intensidade. Mas, diferentemente, na fala dos homens, há bastante coincidência no comportamento das sílabas. Vejamos:

- A tônica é a sílaba mais intensa em dois informantes (H205 e H233).
- A pretônica 2 é a sílaba mais intensa em H254 e se mostra relevante também nos outros informantes, sendo a segunda sílaba mais intensa na fala de H233 e H205.
- A pretônica 1 apresenta o mesmo comportamento em todos os informantes: é sempre a 3ª sílaba em nível decrescente de intensidade.

Parece-nos possível o estabelecimento de um padrão para o comportamento da intensidade na fala masculina. Para tanto, fez-se, na tabela abaixo, a média dos valores nos três informantes, considerando-os em conjunto:

Homens Cariocas	
PRE 2	6,1 dB
PRE 1	4,1 dB
TON	6,9 dB
POS 1	1,4 dB

Tabela (13): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea dos 3 informantes cariocas do Projeto NURC em conjunto no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir desses valores, pode-se propor o seguinte gráfico:

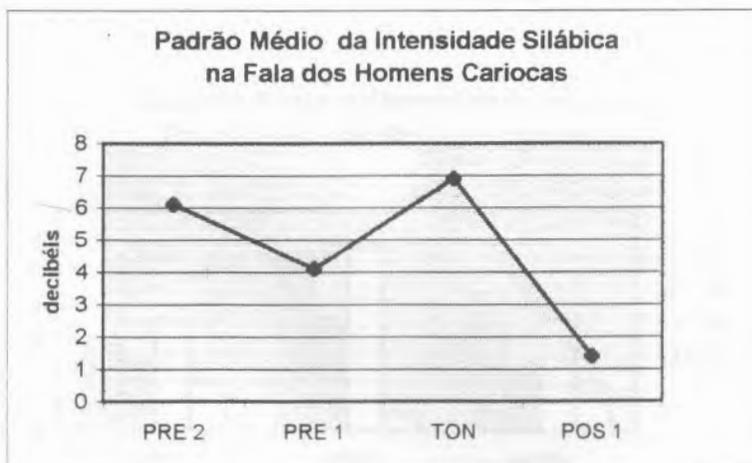


Gráfico (19): Padrão médio da intensidade na fala espontânea dos homens cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Ressalve-se que a supremacia da tônica é garantida, no padrão acima, pelo seu desempenho na fala de H233. Se considerarmos apenas os padrões coincidentes (a tônica como a segunda sílaba mais intensa, na fala de H254 e H205) a pretônica 2 é alçada ao posto de mais relevante de acordo com o parâmetro intensidade.

5.2.3.1.5. Intensidade silábica na cidade de Salvador

A tabela abaixo apresenta os valores médios, em decibéis, a que se chegou após a medição e a relativização dos valores colhidos à fala das informantes do sexo feminino da cidade de Salvador:

	M081	M323	M231
PRE 2	2,8	5,7	4,4
PRE 1	2,2	3,7	1,9
TON	3,6	5,8	3,6
POS 1	1,6	0,6	1,3

Tabela (14): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela foi gerado o gráfico:

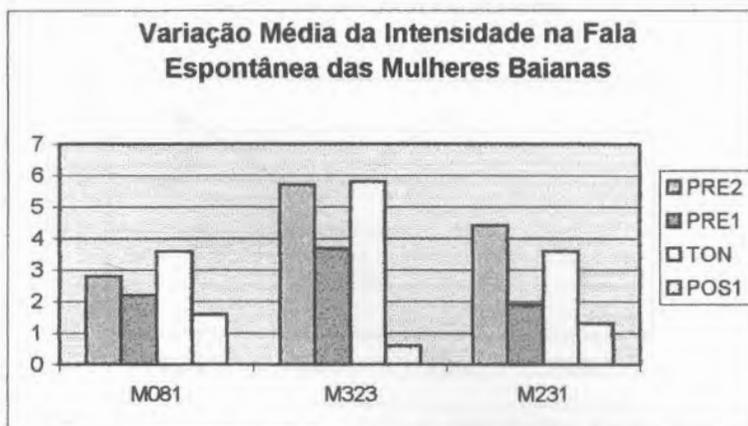


Gráfico (20): Varição média da intensidade silábica na fala espontânea das mulheres baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A sílaba postônica, nas três informantes, é a de menor intensidade. Quanto às outras sílabas, há coincidências comportamentais, com pequenas variações. Vejamos:

- A sílaba tônica é a mais intensa na fala de M081; em M323 ela é quase tão intensa quanto a Pre2 e, em M231, ela é menos intensa que a Pre2.
- A pretônica 2 é a sílaba mais intensa na fala de M231. Na fala de M323, ela compete com a intensidade da tônica e, em M081 ela é a segunda sílaba mais intensa.
- A pretônica 1 é menos intensa que a tônica e que a pretônica 2 na fala das três informantes.

Parece-nos possível o estabelecimento de um padrão para o comportamento da intensidade na fala feminina da cidade de Salvador. Para tanto, fez-se, na tabela abaixo, a média dos valores nos três informantes, considerando-os em conjunto:

Mulheres Baianas	
PRE 2	4,3 dB
PRE 1	2,6 dB
TON	4,3 dB
POS 1	1,2 dB

Tabela (15): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea das 3 informantes baianas do Projeto NURC em conjunto no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir desses valores, pode-se propor o seguinte gráfico:



Gráfico (21): Padrão médio da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea das informantes baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Conforme se percebe, a pretônica 2 e a tônica estão num mesmo nível de intensidade. A pretônica 1 é a segunda sílaba mais intensa e, em terceiro lugar, tem-se a postônica. Uma vez analisado o gráfico padrão, observemos a fala dos homens soteropolitanos. A tabela abaixo mostra os valores médios, em decibéis, que resumem a totalidade dos dados auferidos:

	H069	H136	H254
PRE 2	6,9	3,5	3,8
PRE 1	6,3	4,5	2,8
TON	7,8	5,6	6,0
POS 1	1,0	0,7	1,3

Tabela (16): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC em conjunto no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir dos números acima, confeccionou-se o gráfico:

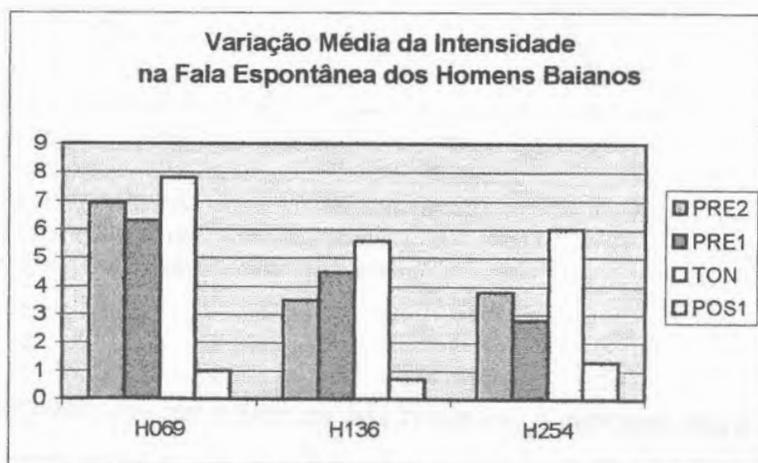


Gráfico (22): Varição média da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea dos informantes baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Há, notoriamente, um padrão similar para os três informantes: a sílaba tônica é sempre a mais intensa e a postônica é sempre a menos intensa e, no geral, a pretônica 2 é mais intensa que a pretônica 1 – apenas a fala de H136 diverge desse padrão. Para tornar as similaridades ainda mais visíveis, consideremos os três informantes em conjunto:

Homens Baianos	
PRE 2	4,7 dB
PRE 1	4,5 dB
TON	6,5 dB
POS 1	1,0 dB

Tabela (17): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC em conjunto no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir desses valores, pode-se propor o seguinte gráfico:

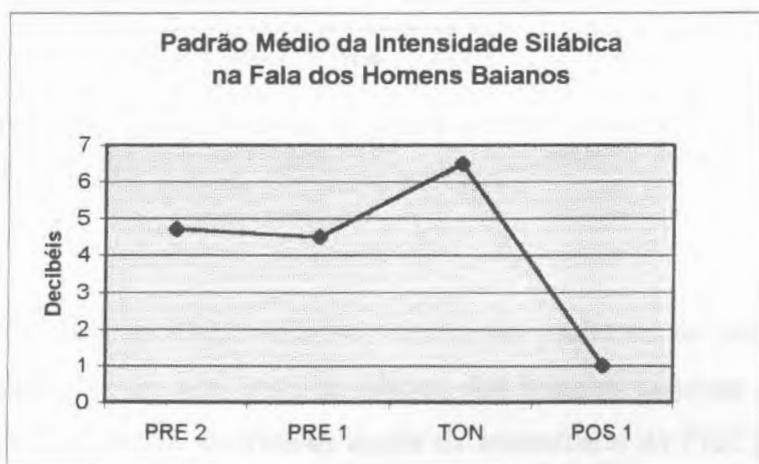


Gráfico (23): Padrão médio da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea dos homens baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Diferentemente do que ocorre na fala feminina, o contraste entre a pretônica 1 e a pretônica 2 é praticamente nulo e a sílaba de maior intensidade é a tônica.

5.2.1.1.6. Sobre os resultados da intensidade silábica

Comparando os resultados obtidos para os dados dos 12 informantes analisados nas duas cidades, percebe-se – assim como se deu com os resultados da duração – que, apesar das diferenças comportamentais constatadas, a amostra não revela um padrão

nitido que oponha a fala do Rio de Janeiro à fala de Salvador. O gráfico abaixo sintetiza o que vimos observando ao longo dessa seção:

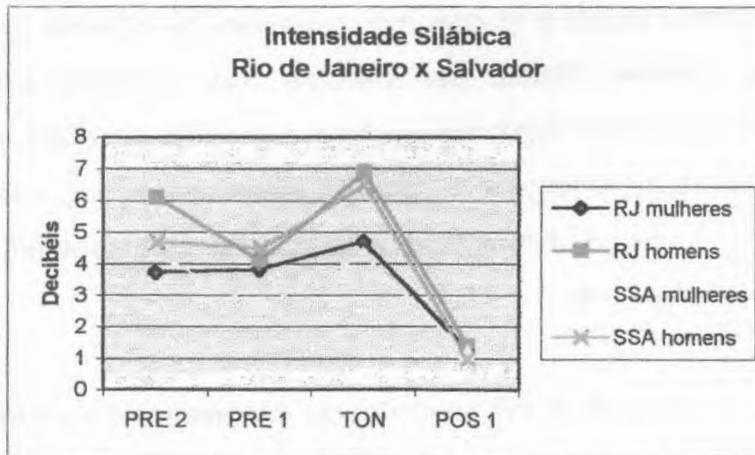


Gráfico (24): Padrão médio da intensidade silábica (em decibéis) reunindo todos os informantes do Projeto NURC – Rio de Janeiro x Salvador – no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”.

A relação entre as sílabas que se observa nas mulheres de Salvador, coincide mais com a relação observada entre as sílabas dos homens cariocas que com a dos homens baianos. Em ambos verifica-se queda da intensidade da Pre2 para a Pre1 (da ordem de 1,7 dB para as mulheres e 2 dB para os homens); elevação da intensidade da Pre1 para a tônica (da ordem de 1,7 dB para as mulheres e 2,8 dB para os homens); e queda acentuada da intensidade em direção à Pos1 (da ordem de 3,1 dB para as mulheres e 5,5 dB para os homens);

Comparando a fala de mulheres e homens em Salvador acha-se um mesmo padrão, mas com uma discrepância significativa em alguns valores. Há queda da intensidade da Pre2 para a Pre1. No entanto, se nas mulheres ela é de 1,7 dB, na fala dos homens é de apenas 0,2 dB. Da Pre1 para a tônica verifica-se um aumento equivalente da intensidade para ambos: Nas mulheres ele é de 1,7 dB, na fala dos homens, é de 2dB.

As mulheres do Rio de Janeiro, por sua vez, têm um comportamento diferente, em sua fala, do comportamento dos homens da mesma cidade. Na fala feminina, praticamente não há contraste entre a Pre2 e a Pre1, pois de uma sílaba para a outra registra-se elevação de 0,1 dB. Já na fala masculina, como mostrou-se acima, há um aumento de 2 dB da Pre2 para a Pre1. Também na relação Pre1 – tônica há diferenças:

em ambos, vê-se uma aumento da intensidade, mas, se na fala masculina ele é de 2,8 dB, na fala feminina é somente de 0,9 dB.

Observando o gráfico como um todo, porém, deparamo-nos com um padrão geral: queda da intensidade da Pre2 para a Pre1 (verificada em três dos quatro conjuntos de informantes), elevação da intensidade em direção à tônica e queda acentuada em direção à sílaba postônica. Isso significa que, se não achamos por meio dessa metodologia de análise as diferenças regionais que objetivávamos, achamos, por outra, um padrão comum que possivelmente expressa as relações de intensidade em vocábulos proferidos em fim de unidade entoacional no português do Brasil.

5.2.1.1.7. Frequência Fundamental na cidade do Rio de Janeiro

Esta seção se destina a mostrar a frequência fundamental (F0) média das sílabas pretônica 2, pretônica 1, tônica e postônica 1 – sempre medida no pico de intensidade silábica –, através de valores em Hertz obtidos por meio dos mesmos procedimentos de cálculo adotados para a duração e a intensidade.

A tabela abaixo apresenta os valores médios da F0 na fala das mulheres:

	M328	M184	M140
PRE 2	222,5	186,9	115,0
PRE 1	200,7	200,2	124,5
TON	196,6	200,3	122,8
POS 1	193,1	189,2	115,2

Tabela (18): Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea das 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

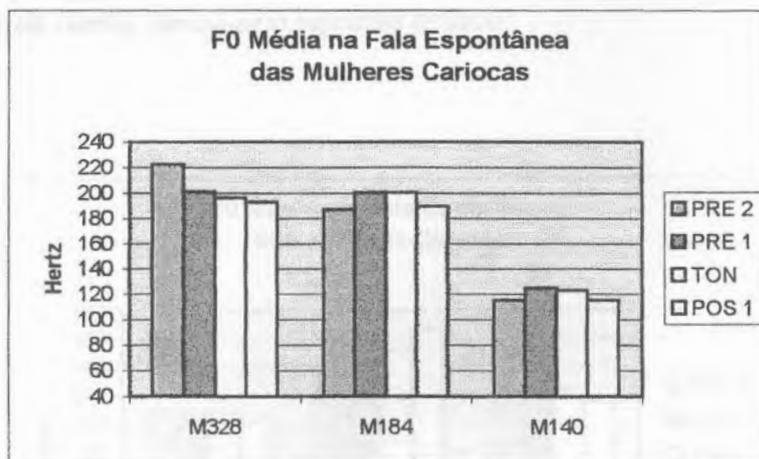


Gráfico (25): *Frequência fundamental média na fala espontânea das 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".*

Uma primeira vista d'olhos no gráfico já revela padrões diferenciados na fala das três informantes. Vejamos, sílaba à sílaba, que relações se estabelecem:

- Na relação entre as sílabas pretônicas as informantes M184 e M140 têm comportamento similar: em ambas, verifica-se elevação da F0, sendo essa elevação de 13.3Hz na primeira informante e 9.5Hz na segunda. Em M328, inversamente, a relação é de queda da F0, sendo a Pre2 21.8Hz mais aguda que a Pre1.
- Na relação entre a Pre1 e a tônica, duas informantes apresentaram queda da F0. Em M328 ela é de 4.1Hz e em M140, é de 1.7Hz. Em M184 verifica-se uma equivalência tonal entre a Pre1 e a tônica, com pouca variação em Hertz – um ínfimo aumento de 0.1Hz.
- Na relação tônica – postônica as três informantes apresentam o mesmo padrão: queda da F0 em direção à postônica. Ela é de 3.5Hz em M328, 11.1Hz em M184 e 7.6Hz em M140.

Vistos os resultados da fala feminina, observemos agora a fala dos homens.

A tabela abaixo apresenta os valores médios a que se chegou após a análise acústica:

	H233	H254	H205
PRE 2	110,1	145,9	115,0
PRE 1	106,5	144,6	124,5
TON	107,1	151,7	122,8
POS 1	102,4	165,5	115,2

Tabela (19): *Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea dos 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".*

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

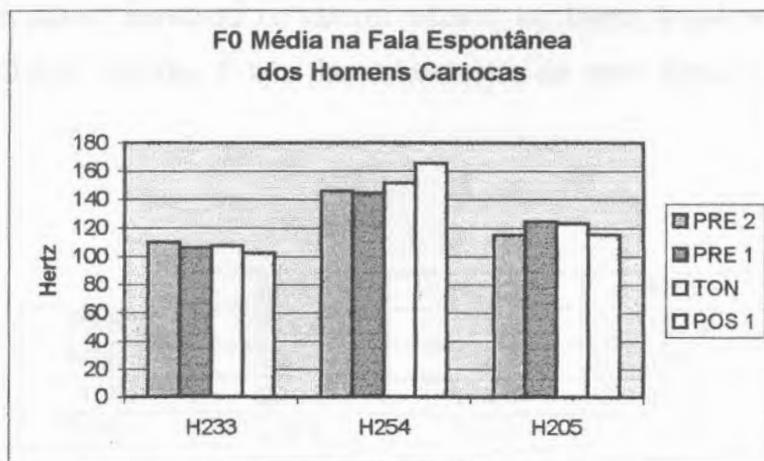


Gráfico (26): *Frequência fundamental média na fala espontânea dos 3 informantes cariocas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".*

Como na fala feminina, o gráfico revela padrões diferenciados entre os três informantes. Vejamos, sílaba à sílaba, as relações que se estabelecem:

- Na relação entre a Pre2 e a Pre1, os informantes H233 e H254 apresentam o mesmo comportamento: em ambos, verifica-se queda da F0, sendo essa queda de 3.6Hz no primeiro informante e 1.3Hz no segundo. Em H205, inversamente a relação é de elevação da F0, sendo a segunda pretônica 9.5Hz mais aguda que a Pre1.
- Na relação entre a Pre1 e a tônica, dois informantes apresentaram elevação da F0. Em H233 ela é de 0.6Hz e em H254, é de 7.1Hz. Em H205 verifica-se um declínio da F0 em direção à sílaba tônica, da ordem de 1.7Hz.
- Na relação tônica – postônica apenas dois informantes apresentam o padrão de queda da F0 em direção à postônica. Ela é de 4.7Hz em H233 e 7.6Hz em H205. O informante H254 apresenta um padrão, a princípio incomum, de elevação da F0 nesse contexto. A postônica 1, em sua fala, é, em média, 13.8Hz mais aguda que a tônica.

5.2.1.1.8. Frequência Fundamental na cidade de Salvador

A tabela abaixo apresenta os valores médios, em Hertz, a que se chegou após a medição das sílabas colhidas à fala das informantes do sexo feminino da cidade de Salvador:

	M081	M323	M231
PRE 2	214,4	179,3	189,5
PRE 1	196,1	188,6	180,4
TON	204,3	176,5	180,6
POS 1	204,9	180,3	176,8

Tabela (20): Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea das 3 informantes baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela acima foi gerado o gráfico:

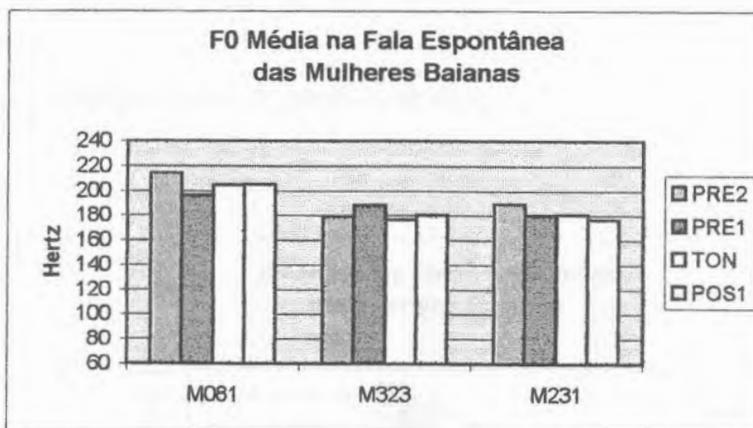


Gráfico (27): Frequência fundamental média na fala espontânea das 3 informantes baianas do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Mais uma vez deparamo-nos com uma grande diversidade de comportamento entre os informantes. Vejamos as relações que se estabelecem de uma sílaba à outra:

- Na relação entre a Pre2 e a Pre1, as informantes M081 e M231 apresentam queda da F0, sendo essa queda de 18.3 Hz na primeira informante e 9.1. Hz na segunda. Em

M323, inversamente, a relação é de elevação da F0, sendo a segunda pretônica 9.3Hz mais aguda que a Pre1.

- Na relação entre a Pre1 e a tônica, duas informantes apresentaram elevação da F0. Em M081 ela é de 8.2 Hz e em M231, é de, somente, 0.2 Hz. Em M323 verifica-se um declínio da F0 em direção à sílaba tônica, da ordem de 12.1Hz.
- Na relação tônica – postônica apenas uma informante (M231) apresenta o padrão de queda da F0 em direção à postônica (queda de 3.8 Hz). As demais informantes, contrariamente, apresentam elevação. Em M081, o há um aumento ligeiro da F0 – 0.6 Hz. Em M323 esse aumento é maior: 3.8 Hz.

Por fim, passemos à descrição dos resultados concernentes à fala dos homens da cidade de Salvador. A tabela abaixo apresenta os valores médios, em Hertz, da frequência fundamental nos três informantes do sexo masculino:

	H069	H136	H254
PRE 2	115,1	189,3	157,5
PRE 1	110,9	176,8	150,7
TON	104,7	168,8	140,1
POS 1	109,6	158,5	106,9

Tabela (21): Valores médios da frequência fundamental (em Hertz) na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela acima foi gerado o gráfico:

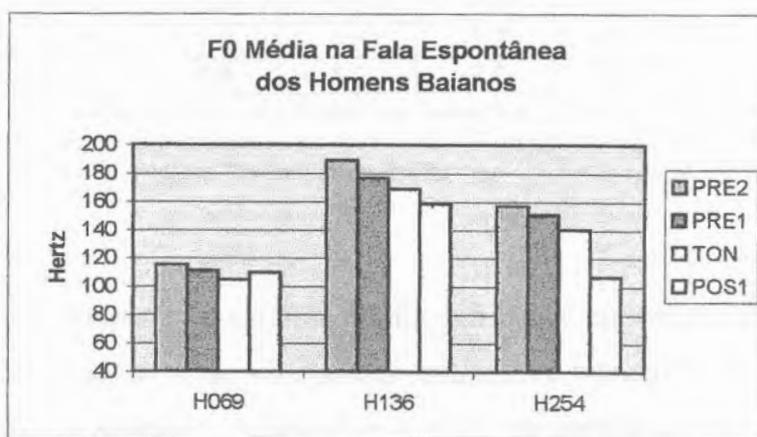


Gráfico (28): Frequência fundamental média na fala espontânea dos 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

O gráfico revela uma relação constante de declínio da F0, da 1ª à última sílaba dos vocábulos analisados, contrariada apenas pela elevação da F0 na postônica na fala de H069. Vejamos, sílaba à sílaba, a variação dos valores em Hertz:

- Na relação entre a Pre2 e a Pre1, todos os informantes queda da F0: em H069 ela é de 4.2 Hz; em H136, é de 12.5 Hz; em H254, de 6.8 Hz.
- Na relação entre a Pre1 e a tônica, todos os informantes apresentam queda da F0. Em H069 ela é de 6.2 Hz; em H136, é de 8 Hz; e em H254, é de 10.6 Hz.
- Na relação tônica – postônica dois informantes apresentam o padrão de queda da F0 em direção à postônica. Ela é de 10.3 Hz em H136 e de 33.2 Hz em H254. O informante H069 apresenta padrão inverso, de elevação da F0 nesse contexto. A postônica 1, em sua fala, é, em média, 4.9 Hz mais aguda que a tônica.

5.2.3.1.9. Sobre os resultados da Freqüência Fundamental

Ao tratar separadamente cada cidade me eximi, propositalmente, de quaisquer comentários analíticos. A tabela abaixo e o gráfico que a segue servirão de argumento:

	RJ - M	RJ - H	SSA - M	SSA - H
PRE2	0,0	0,0	0,0	0,0
PRE1	0,3	1,5	-6,0	-7,8
TON	-1,6	3,5	-7,2	-16,1
POS1	-8,9	4,0	-7,0	-28,1

Tabela (22): Variação média da freqüência fundamental (em Hertz) na fala espontânea dos 6 informantes cariocas e dos 3 informantes baianos do Projeto NURC no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Os números representam a variação média, em Hertz, encontrada de uma sílaba para outra, nos quatro conjuntos de informantes: mulheres e homens do Rio de Janeiro, mulheres e homens de Salvador. Atribuiu-se o valor de referência 0.0 à Pre2. Para melhor entendimento da tabela, tome-se como exemplo, para a demonstração do cálculo feito, a relação entre as sílabas pretônica 2 e pretônica 1 na fala das mulheres cariocas. A informante M328 apresentou um valor médio de 222.5Hz na Pre2 e 200.7Hz na Pre1. Logo, de uma sílaba para outra, houve um decréscimo de 21.8Hz, que foi representado

por um número negativo: -21.8Hz. Na informante M184 o valor médio da Pre2 foi 186.9Hz e o valor médio da Pre1, 200.2Hz. Logo, houve uma elevação de 13.3Hz. Em M140 também houve elevação: de 115 Hz na Pre2 passou-se à média de 124.5 Hz na Pre1, havendo então um aumento de 9.5Hz. Somados os três números (-21.8 + 13.3 + 9.5) tem-se como resultado 1Hz. Para que se obtivesse o valor médio da variação entre as sílabas, esse número foi dividido pelo total de informantes (3), obtendo-se o valor médio de 0.3Hz, constante na célula situada na 3ª linha da 2ª coluna. Na 4ª linha, segundo os mesmos cálculos, estão os valores que expressam a variação em Hertz da sílaba Pre1 para a tônica e, na 5ª linha, estão os valores que exprimem a relação entre a tônica e a postônica. Na 2ª linha, todos os valores são iguais a zero, porque não consideramos nenhuma sílaba anterior à pretônica 2 e por isso ela foi tomada como ponto de partida para a observação das variações melódicas no vocábulo. Com base nesses números, confeccionou-se o gráfico:

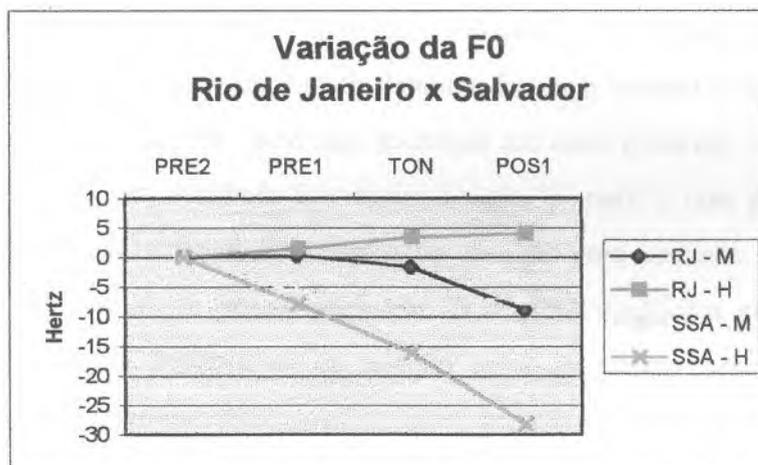


Gráfico (29): Padrão médio da frequência fundamental (em Hertz) reunindo todos os informantes do Projeto NURC – Rio de Janeiro x Salvador – no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional”.

É claramente perceptível que se os dados são considerados como um todo, sem respeitarem-se as especificidades semântico-sintáticas de cada um, não é possível estabelecer padrões melódicos. Apesar de todos os vocábulos analisados estarem num mesmo contexto prosódico – fim de unidade entoacional – não há, necessariamente, equivalência melódica entre eles. Alguns recaem no fim de uma assertiva; alguns se acham diante de uma pausa continuativa (como nas enumerações, em que tende a haver

uma entoação suspensiva ao final de cada vocábulo ou unidade frasal enumerada); alguns encerram perguntas e alguns, ainda, encontram-se em outros contextos. Para descrever o comportamento da frequência fundamental, separaram-se os dados de acordo com o contexto de ocorrência, e os resultados obtidos têm lugar numa seção especial – *Padrões melódicos na fala espontânea* – apresentada ao final do item 5.2, juntamente com a seção destinada aos padrões melódicos na leitura.

5.2.1.2. Leitura

Esta seção se destina a mostrar o comportamento dos parâmetros Duração, Intensidade e Frequência Fundamental na fala de homens e mulheres no Rio de Janeiro e em Salvador em um *corpus* de frases lidas.

Aqui apresentam-se os resultados obtidos mediante o seguinte procedimento descritivo: 12 informantes (sendo 3 homens e 3 mulheres da cidade de Salvador e 3 homens e 3 mulheres da cidade do Rio de Janeiro) leram o mesmo conjunto de frases. Este conjunto foi construído de modo que houvesse em cada frase um vocábulo formal (como “deputado”) ou um vocábulo fonológico (como “a mata”), com pelo menos três sílabas e acentuação paroxítona, localizado no fim de uma unidade entoacional. A escolha de paroxítonos tri ou polissílabos em 29 dos 32 vocábulos arrolados teve a finalidade de permitir a observação da relação entre as sílabas pretônica, tônica e postônica. As exceções são os vocábulos *por favor*, presente no fim do enunciado *Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida, por favor?*; o vocábulo *câmara*, presente no assertiva *A Câmara, na última semana, votou o projeto e cassou o deputado*; e o vocábulo *animais*, presente na frase *Os animais, eles são divididos em animais úteis e animais nocivos*, a qual foi proferida, originalmente pela informante do inquérito de nº 108 do Projeto NURC de Recife. Nela analisou-se o vocábulo “animais”, de acentuação oxitona, e que, topicalizado, aparece diante de pausa continuativa. Incluiu-se a frase por nos parecer interessante comparar, em pelo menos um dado, a elocução espontânea com a leitura. Tal frase, além de constar do *Corpus* NURC, consta de gravações de leitura realizadas em três das cinco cidades compreendidas pelo Projeto e cujos resultados de análise constam da seção 5.1.1.. Abaixo apresenta-se o conjunto de frases, na ordem em que foram lidas e, com sublinha, os vocábulos analisados:

1. O documento foi levado pelo deputado.
2. O deputado cassou o documento.
3. A Câmara, na última semana, votou o projeto e cassou o deputado.
4. A Câmara cassou o deputado?
5. A Câmara cassou o deputado, votou o projeto e entrou em recesso.
6. Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida.
7. Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida, por favor?
8. Vamos conhecer a cidade?
9. Vamos visitar a mata, conhecer a cidade?
10. Mandei lavar o tapete e passar cera na sacada.
11. O cadete fez o depósito, sacou dinheiro e saiu do banco.
12. O cadete sacou dinheiro e fez o depósito.
13. O cadete mora no Catete?
14. E cadê o corpo de delito?
15. Antes do exame de corpo de delito, a vítima contou o caso.
16. Os animais, eles são divididos em animais úteis e animais nocivos.

Assim como na análise dos dados provenientes do *corpus* de fala espontânea, optamos por limitar a descrição ao comportamento de apenas quatro sílabas: pretônica 2, pretônica 1, tônica e postônica 1. Isso porque se incluíram no *corpus* apenas 1 vocábulo fonológico com mais de duas pretônicas (*os animais* – com uma ocorrência) e apenas 2 vocábulos com postônica 2, totalizando 4 dados (*câmara* – com 3 ocorrências – e *depósito* – com uma ocorrência). Além do mais, visualmente, os gráficos tornam-se mais facilmente comparáveis aos referentes à fala espontânea. A tabela abaixo mostra a distribuição silábica no *corpus*:

	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
Nº de sílabas constante no conjunto de vocábulos	0	1	12	41	47	43	4
Nº total de sílabas, considerados os 12 informantes (RJ e SSA)	0	12	144	492	564	516	48

Quadro (iii): Distribuição silábica no corpus de leitura – número de pretônicas, tônicas e postônicas.

Para cada informante, então, mediram-se os 3 parâmetros acústicos em 12 pretônicas 2, 41 pretônicas 1, 47 tônicas e 43 postônicas 1. Ressalve-se que a igualdade distribucional se viu comprometida, algumas vezes, na medição do parâmetro frequência fundamental, o que se comentará com mais detalhes na seção 5.2.1.2.7.

Por intermédio das tabelas e dos gráficos dispostos a seguir, apresenta-se o comportamento médio das sílabas que compõem os 32 vocábulos recebedores de acento frasal nos 6 informantes ouvidos no Rio de Janeiro e nos 6 informantes ouvidos em Salvador.

5.2.1.2.1. Duração silábica na leitura do Rio de Janeiro

Esta seção se destina a mostrar a duração média das sílabas pretônica 2, pretônica 1, tônica e postônica 1, através de valores, expressos em segundos, obtidos após os mesmos procedimentos que se veio seguindo até aqui e que nortearão os cálculos relativos à intensidade e à F0. Cabe esclarecer que os três homens entrevistados são identificados sempre como H1, H2 e H3 e as três mulheres como M1, M2 e M3.

A tabela abaixo apresenta os valores médios da duração, em segundos, na leitura das mulheres:

	M1	M2	M3
PRE 2	0,114	0,117	0,143
PRE 1	0,156	0,154	0,155
TON	0,263	0,261	0,293
POS 1	0,149	0,143	0,142

Tabela (23): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura das informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

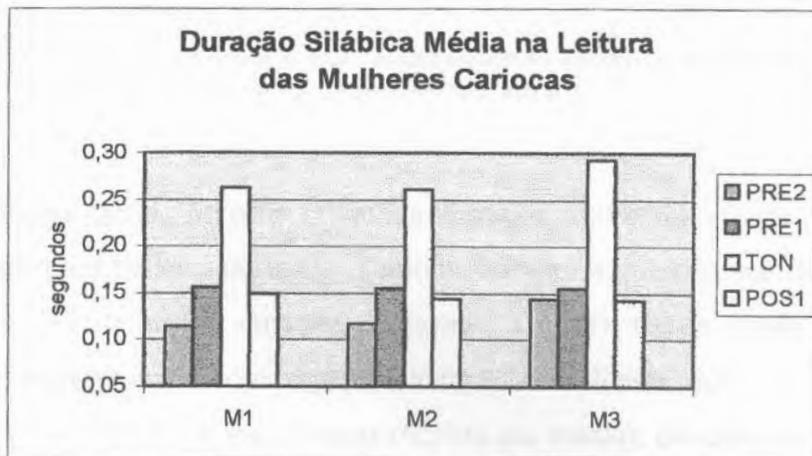


Gráfico (30): Duração silábica média na leitura das informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Antes de tecer comentários, vejamos o comportamento da duração silábica na leitura dos homens. A tabela abaixo apresenta os valores médios, em segundos, revelados pela análise acústica:

	H1	H2	H3
PRE 2	0,114	0,119	0,114
PRE 1	0,146	0,134	0,156
TON	0,228	0,239	0,263
POS 1	0,153	0,115	0,149

Tabela (24): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura dos informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

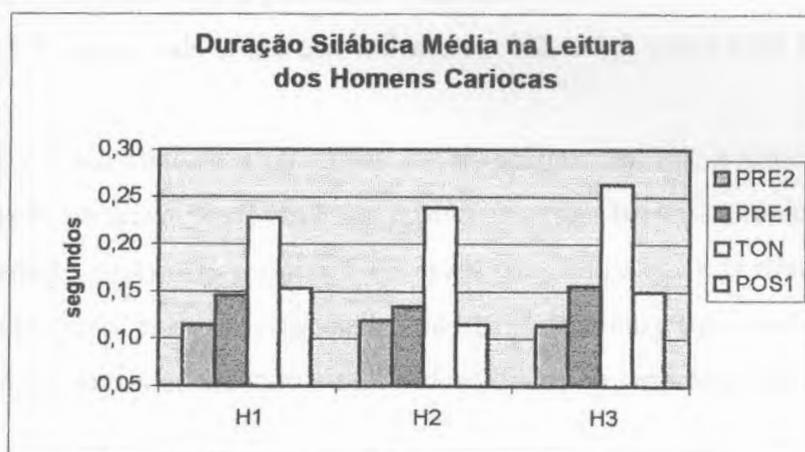


Gráfico (31): Duração silábica média na leitura dos informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

De forma geral, percebe-se que a duração apresenta grande constância de comportamento nos dados analisados. Tanto na leitura feminina quanto na masculina, a sílaba tônica é a de maior duração. Tomando a sílaba tônica como parâmetro de comparação, pode-se dizer, com respeito à leitura das mulheres, que:

- As tônicas de M3 são as mais longas (0,293s em média), durando cerca de 0,031s a mais que as tônicas de M1 e M2.

- A tônica, nas três informantes, tem uma relação similar com a Pre2: em M1, a tônica é 2,3 vezes mais longa que a Pre2; em M2, ela é 2,2 vezes mais longa; em M3, a tônica supera a duração da segunda pretônica 2,04 vezes.
- A relação entre a tônica e a pretônica 1 também é similar nas três informantes: em M1 e M2, ela é 1,7 vezes mais longa que a Pre2 e em M3, é 1,9 vezes mais longa.
- A relação entre a tônica e a postônica 1 é a seguinte: em M1 e M2, a postônica é 1,8 vezes mais breve que a tônica. Em M2, sua duração é menor ainda: a postônica 1 é 2,06 vezes mais breve que a tônica.

Com relação à leitura dos homens cariocas, pode-se afirmar que:

- As tônicas de H3 são as mais longas (0,263s em média), durando 0,024s a mais que as tônicas de H2 e 0,035s a mais que as tônicas de H1.
- A tônica, nos três informantes, tem uma relação similar com a Pre2: em H1 e H2, a tônica é 2 vezes mais longa que a Pre2; em H3, a tônica é 2,3 vezes mais longa que a pretônica 2.
- A relação entre a tônica e a pretônica 1 também é similar nos três informantes: em H1 ela é 1,6 vezes mais longa que a Pre1; em H2, é 1,8 vezes mais longa; em H3, 1,7.
- A relação entre a tônica e a postônica 1 é a seguinte: em H1, a tônica é uma vez e meia mais longa que a Pos1; em H2 a postônica é mais breve – a tônica tem o dobro de sua duração – e em H3 a tônica é 1,8 vezes mais longa que a postônica 1.

Mesmo sendo possível estabelecer padrões, deixemos esta tarefa para o item 5.2.1.2.3., em que se vão comentar os resultados obtidos no parâmetro duração.

5.2.1.2.2. Duração silábica na leitura de Salvador

A tabela abaixo apresenta os valores médios, em segundos, obtidos na análise acústica da leitura das mulheres de Salvador:

	M1	M2	M3
PRE 2	0,131	0,132	0,132
PRE 1	0,151	0,148	0,147
TON	0,270	0,228	0,232
POS 1	0,126	0,135	0,130

Tabela (25): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura das informantes baianas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

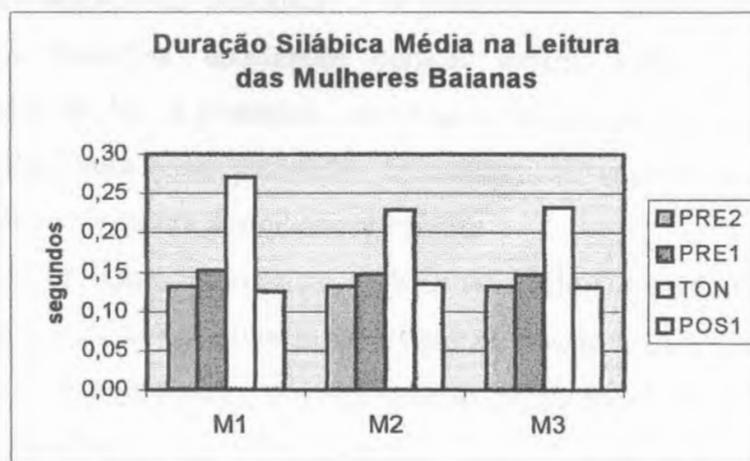


Gráfico (32): Duração silábica média na leitura das informantes baianas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Vejam os o comportamento da duração silábica na leitura dos homens. A tabela abaixo apresenta os valores médios, em segundos, revelados pela análise acústica:

	H1	H2	H3
PRE 2	0,143	0,120	0,138
PRE 1	0,159	0,134	0,160
TON	0,275	0,235	0,254
POS 1	0,133	0,119	0,124

Tabela (26): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura dos informantes baianos no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

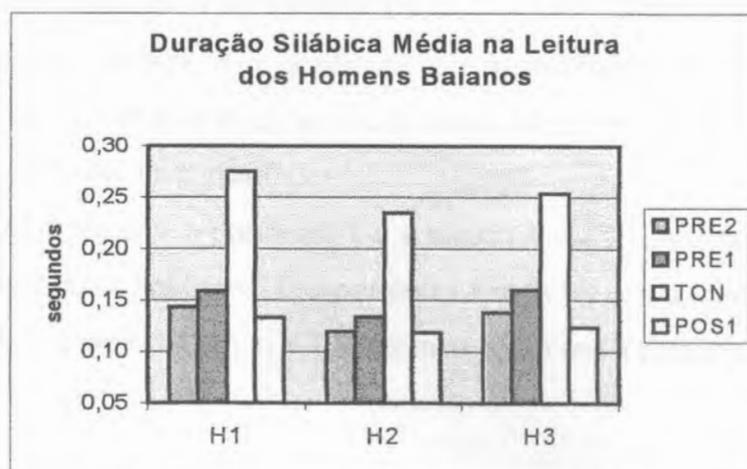


Gráfico (33): Duração silábica média na leitura dos informantes baianos no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Com relação à leitura das mulheres e dos homens baianos, pode-se afirmar, de forma geral, que a duração apresenta comportamento constante. A tônica é a sílaba de maior duração, seguida da pretônica 1. A pretônica 2 e a postônica 1, na leitura feminina e na masculina, apresentam duração similar, sendo, com exceção dos resultados médios de M2, a pretônica 2 um pouco mais longa que a Pos1. Novamente tomando a sílaba tônica como parâmetro de comparação, vejamos as particularidades da duração silábica na leitura das mulheres baianas:

- As tônicas de M1 são as mais longas (0,270s em média), durando cerca de 0,038s a mais que as tônicas de M3 e 0,042s a mais que as tônicas de M2.
- A tônica, nas três informantes, tem uma relação similar com a Pre2: em M1, a tônica é 2,1 vezes mais longa que a Pre2; em M2, ela é 1,7 vezes mais longa; em M3, a tônica supera a duração da segunda pretônica 1,8 vezes.
- A relação entre a tônica e a pretônica 1 também é similar nas três informantes: em M1 a tônica é 1,8 vezes mais longa que a Pre 1; em M2, ela é 1,5 vezes mais longa; em M3, a Pre2 é 1,6 vezes mais breve que a tônica.
- A relação entre a tônica e a postônica 1 é a seguinte: em M1 a postônica 2,1 vezes mais breve que a tônica; em M2 a tônica é 1,7 vezes mais longa que a postônica. Em M3, a postônica 1 é 1,8 vezes mais breve que a tônica.

Com relação à leitura dos homens baianos pode-se dizer que:

- As tônicas de H1 são as mais longas (0,275s em média), durando 0,04s a mais que as tônicas de H2 e 0,021s a mais que as tônicas de H3.
- A tônica, nos três informantes, tem uma relação similar com a Pre2: em H1 a tônica é 1,9 vezes mais longa que a Pre2; em H2, é duas vezes mais longa; em H3, a tônica é 1,8 vezes mais longa que a segunda pretônica.
- A relação entre a tônica e a pretônica 1 é praticamente a mesma nos três informantes: em H1 a tônica é 2,1 vez mais longa que a Pre1; em H2 e H3, ela dura exatamente o dobro da sílaba postônica 1.
- A relação entre a tônica e a postônica 1 é a seguinte: em H1, a tônica é uma vez e meia mais longa que a Pos1; em H2 a postônica é mais breve – a tônica tem o dobro de sua duração – e em H3 a tônica é 1,8 vez mais longa que a postônica 1.

5.2.3.2.3. Sobre os resultados da duração silábica

É possível estabelecer padrões médios para a leitura dos informantes cariocas e baianos, com respeito à duração silábica, se somarmos, de um lado, os valores médios obtidos para homens e mulheres do Rio, e, de outro, os valores médios obtidos para homens e mulheres de Salvador. Considerando os informantes em conjunto, obtemos o seguinte quadro:

	Mulheres Cariocas	Homens Cariocas	Mulheres Baianas	Homens Baianos
PRE 2	0,125 s	0,116 s	0,132 s	0,134 s
PRE 1	0,155 s	0,145 s	0,149 s	0,151 s
TON	0,272 s	0,243 s	0,243 s	0,254 s
POS 1	0,145 s	0,139 s	0,130 s	0,125 s

Tabela (27): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

O gráfico nos permite visualizar o significado dos números:

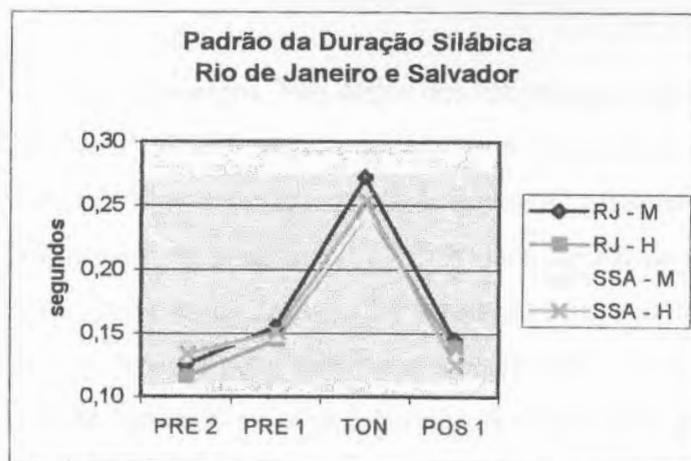


Gráfico (34): Padrão comportamental da duração silábica média na leitura de todos os informantes cariocas e baianos.

Conforme se percebe, os resultados da duração no *corpus* de leitura evidenciam, em primeiro plano, uma grande coincidência de comportamento entre as duas cidades.

Invariavelmente, a tônica é a sílaba de maior duração (oscilando numa faixa de 0,243 a 0,272 segundos) e a pretônica 1 é a sílaba que a acompanha mais de perto (oscilando numa faixa de 0,145 a 0,155 segundos). A sobreposição das linhas no gráfico, todavia, encobre algumas diferenças no comportamento das sílabas de menor tonicidade. Ao observá-lo, percebemos somente que a Pre2 e a Pos1 habitam um mesmo intervalo de tempo, compreendido entre 0,116s e 0,145s. O gráfico a seguir, num outro formato, pretende esmiuçar o comportamento das sílabas mais distantes da tônica:

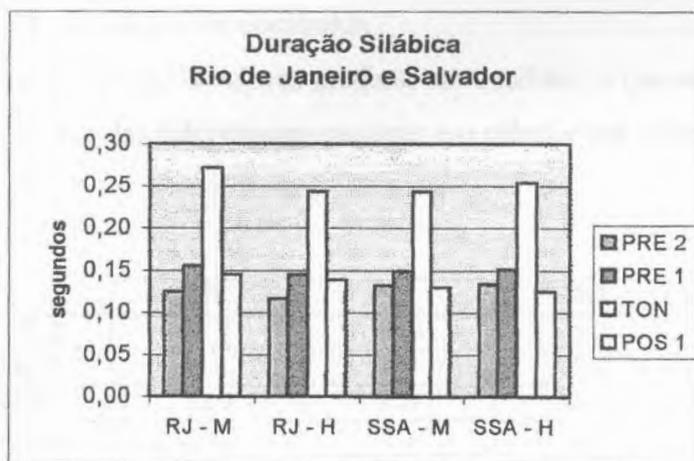


Gráfico (35): Diferenças nos padrões da duração silábica média estabelecidos na leitura de todos os informantes cariocas e baianos.

Aqui as diferenças aparecem. Nos dados dos informantes cariocas, a postônica 1 – situada numa faixa de 0,139s a 0,145s – é sempre mais longa que a pretônica 2 – que se situa numa faixa de 0,116s a 0,125s. As duas faixas de duração são bem distintas, tanto que a duração máxima da pretônica 2 (0,125s) está aquém da duração mínima da postônica 1 (0,139s). Já nos dados de Salvador a relação é inversa: a pretônica 2 – que oscila entre 0,132s e 0,134s – é mais longa que a postônica 1 – situada numa faixa de 0,125s a 0,130s. É lícito concluir que essa diferença de comportamento contribua para a indexação regional, uma vez que, durando mais, as pretônicas baianas (especificamente as que se acham na segunda posição a partir da tônica) ganham maior relevância.

5.2.1.2.4. Intensidade silábica na leitura do Rio de Janeiro

Os gráficos constantes desta seção se pautaram, em sua confecção, pelo mesmo processo descrito em 5.2.1.1.4. e 5.2.1.1.5., onde se tratou da intensidade na fala espontânea do Rio e de Salvador, respectivamente. Em ambos, bem como aqui e nos dados de leitura de Salvador, fez-se a transformação numérica dos valores brutos, medidos em decibéis, em valores relativos, capazes de exprimir as variações de intensidade entre as sílabas de um mesmo vocábulo e capazes de tornar possível a comparação entre sílabas de diferentes vocábulos.

A tabela abaixo apresenta os valores médios, em decibéis, a que se chegou após a recolha de dados na leitura das informantes cariocas e o cálculo dos valores relativos:

	M1	M2	M3
PRE 2	13,7	10,3	5,7
PRE 1	9,1	7,7	5,0
TON	13,0	8,8	5,2
POS 1	2,2	1,3	0,4

Tabela (28): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura das informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela foi gerado o gráfico:

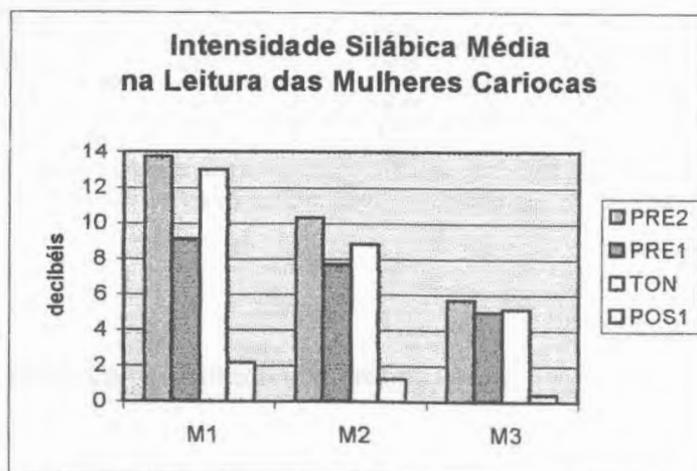


Gráfico (36): Intensidade silábica média na leitura das informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Como comportamento geral, tem-se que a sílaba pretônica 2 é a mais intensa, a sílaba tônica é a segunda sílaba mais intensa, a pretônica 1 aparece em terceiro lugar e a sílaba postônica é a de menor intensidade. Percebe-se, porém, que os contrastes entre as sílabas são maiores na leitura de M1, atenuam-se na leitura de M2 e tornam-se ainda mais tênues na leitura de M3. Vejamos o que ocorre pormenorizadamente com todas as sílabas:

- A sílaba pretônica 2 é a mais intensa na leitura das três informantes, mas há diferenças numéricas. M1 apresenta o maior contraste entre a pretônica 2 e a pretônica 1: da 1ª para a 2ª sílaba, registra-se uma queda média de 4,6dB. Em M2 a queda é menor (2,6dB) e em M3 a diminuição da intensidade é bem pequena (queda de 0,7dB).
- M1 apresenta também o maior contraste entre a Pre1 e a tônica. Em sua leitura, a sílaba tônica é, em média, 3,9dB mais intensa que a Pre1. Em M2 esse contraste é de 1,1dB e, em M3, é de 0,2dB apenas.
- As relações entre a tônica e a postônica seguem as mesmas tendências de atenuação: o maior contraste é em M1, em que a tônica é 10,8dB mais intensa que a postônica 1. Em M2, essa diferença é de 7,5dB e em M3, de 4,8dB.

Vejam-se, na tabela abaixo, os resultados referentes à leitura dos homens cariocas:

	H1	H2	H3
PRE 2	12,3	14,6	15,7
PRE 1	8,3	10,8	10,0
TON	12,0	12,4	11,3
POS 1	1,1	1,3	1,9

Tabela (29): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura dos informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Com base na tabela, confeccionou-se o gráfico:

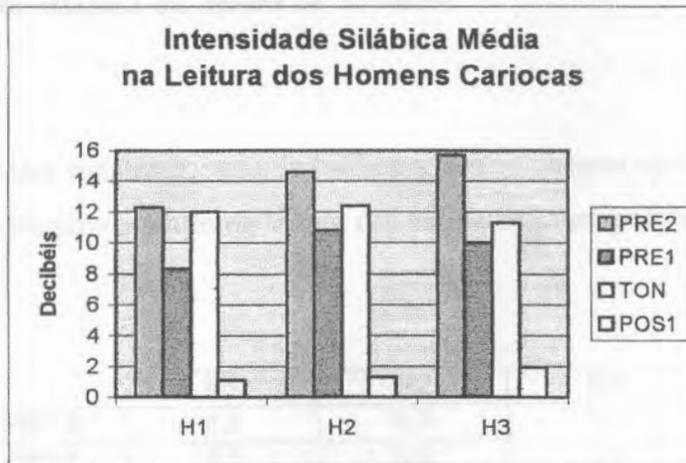


Gráfico (37): Intensidade silábica média na leitura dos informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

O comportamento geral é igual ao encontrado na leitura feminina: tem-se que a sílaba pretônica 2 é a mais intensa, a tônica é a segunda sílaba mais intensa, a pretônica 1 aparece em terceiro lugar e a sílaba postônica é a de menor intensidade. Percebem-se, porém, contrastes diferenciados entre as sílabas para cada informante. Vejamos:

- A sílaba pretônica 2 é a mais intensa na leitura dos três informantes, mas há diferenças numéricas. H3 apresenta o maior contraste entre a pretônica 2 e a pretônica 1: da 1ª para a 2ª sílaba, registra-se uma queda média de 5,7dB. Em H1 a queda é menor (4dB) e em H2 ela é quase a mesma (queda de 3,8dB).
- H1 apresenta o maior contraste entre a Pre1 e a tônica. Em sua leitura, a sílaba tônica é, em média, 3,7dB mais intensa que a Pre1. Em H2 esse contraste é de 1,6dB e, em H3, é de 1,3dB.
- As relações entre a tônica e a postônica seguem tendências similares nos três informantes: o maior contraste é em H2, em que a tônica é 11,1dB mais intensa que a postônica 1. Em H1, essa diferença é de 10,9dB e em H3, de 9,4dB.

Antes de buscarmos estabelecer padrões, passemos aos resultados da leitura na cidade de Salvador.

5.2.1.2.5. Intensidade silábica na leitura de Salvador

A tabela a seguir mostra os valores médios a que se chegou após a medição e a relativização dos dados provenientes da leitura das mulheres soteropolitanas:

	M1	M2	M3
PRE 2	9,2	8,7	8,6
PRE 1	7,5	6,0	5,3
TON	7,7	8,1	6,3
POS 1	1,1	1,2	1,1

Tabela (30): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura das informantes baianas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Os números constantes da tabela geraram o seguinte gráfico:

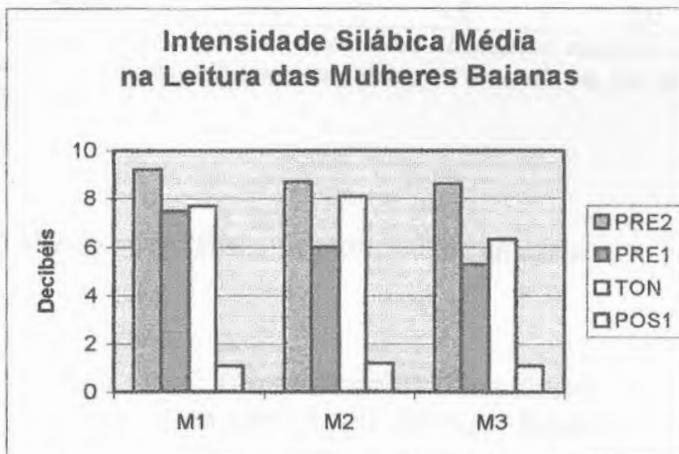


Gráfico (38): Intensidade silábica média na leitura das mulheres baianas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Assim como se viu nos resultados da leitura no Rio de Janeiro, vêem-se, na leitura das mulheres de Salvador, as mesmas relações hierárquicas: a pretônica 2 é a sílaba de maior intensidade, seguida pela tônica, pela pretônica 1 e pela postônica 1, em último lugar. Vejamos a relação, em decibéis, que há entre as sílabas:

- A sílaba pretônica 2 é a mais intensa na leitura das três informantes, mas há diferenças numéricas dispostas em ordem crescente, de uma informante para outra. M1 apresenta o menor contraste entre a pretônica 2 e a pretônica 1: da 1ª para a 2ª sílaba, registra-se uma queda média de 1,7dB. Em M2 a queda é maior (2,7dB) e em M3 ela atinge 3,3dB.
- M2 apresenta o maior contraste entre a Pre1 e a tônica - esta é, em média, 2,1dB mais intensa que a Pre1. Em M3 esse contraste é de 1dB e, em M2, é somente de 0,2dB.
- As relações entre a tônica e a postônica seguem tendências similares nas três informantes: o maior contraste é em M2, em que a tônica é 6,9dB mais intensa que a postônica 1. Em H1, essa diferença é de 6,6dB e em H3, de 5,2dB.

A tabela seguinte apresenta os resultados obtidos na análise da leitura dos homens baianos:

	H1	H2	H3
PRE 2	21,7	10,6	10,7
PRE 1	10,6	6,3	7,8
TON	13,3	8,9	8,5
POS 1	1,0	1,8	2,0

Tabela (31): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura dos informantes baianos no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

O gráfico abaixo materializa, visualmente, os números:

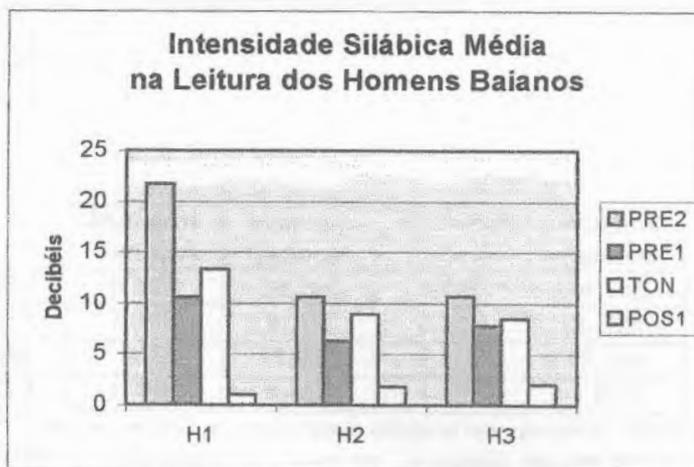


Gráfico (39): Intensidade silábica média na leitura dos homens baianos no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Mais uma vez, tem-se as mesmas relações entre as sílabas: a pretônica 2 é a sílaba de maior intensidade, seguida pela tônica, pela pretônica 1 e pela postônica 1, a menos intensa. Vejamos a relação, em decibéis, que há entre as sílabas:

- A sílaba pretônica 2 é a mais intensa na leitura dos três informantes, mas há diferenças numéricas dispostas em ordem decrescente, de um informante para outro. H1 apresenta o maior contraste entre a pretônica 2 e a pretônica 1: da 1ª para a 2ª sílaba, há uma queda média de 11,1dB. Em H2 a queda é menor (4,3dB) e em H3 ela é de 2,9dB.
- H1 e H2 apresentam contraste similar entre a Pre1 e a tônica - esta é, em média, 2,7dB mais intensa que a Pre1 em H1 e 2,6dB em H2. Em H3 esse contraste é bem menor - 0,7dB.
- As relações entre a tônica e a postônica seguem tendências similares em H2 (queda de 7,1dB) e H1 (queda de 6,5dB). Nos dados de H3, há um contraste maior: a queda de uma sílaba para a outra é de 12,3dB.

5.2.1.2.6. Sobre os resultados da intensidade silábica

É possível estabelecer padrões médios para a leitura dos informantes cariocas e baianos, com respeito à intensidade silábica, se somarmos, de um lado, os valores médios obtidos para homens e mulheres do Rio, e, de outro, os valores médios obtidos para homens e mulheres de Salvador. Considerando os informantes em conjunto, obtemos a seguinte tabela:

	Mulheres Cariocas	Homens Cariocas	Mulheres Baianas	Homens Baianos
PRE 2	9,9dB	14,2dB	8,8dB	14,3dB
PRE 1	7,3dB	9,7dB	6,3dB	8,2dB
TON	9dB	11,9dB	7,4dB	10,2dB
POS 1	1,3dB	1,4dB	1,1dB	1,6dB

Tabela (32): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Apresentemo-la sob a forma de gráfico:

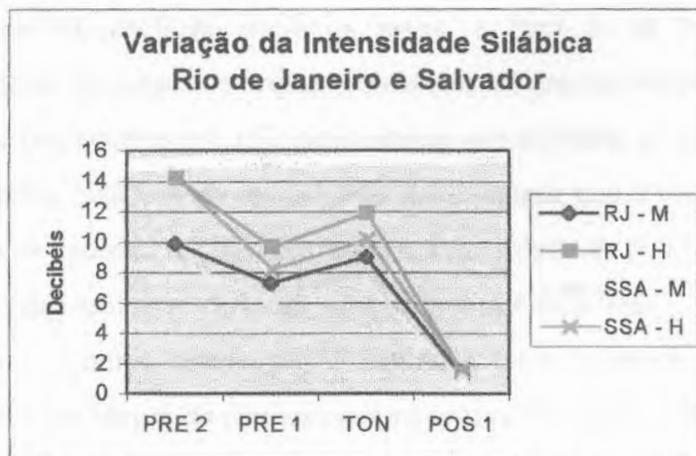


Gráfico (40): Padrão da intensidade silábica média na leitura de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Como se vê, a relação entre a pretônica 1 e a tônica é similar para homens e mulheres das duas cidades. No entanto, há comportamentos distintos que individualizam as variáveis região e sexo no tocante à relação Pre2 – Pre1 e à relação tônica – Pos1, que nos parecem mais claros no gráfico a seguir, que se vale de um outro formato:

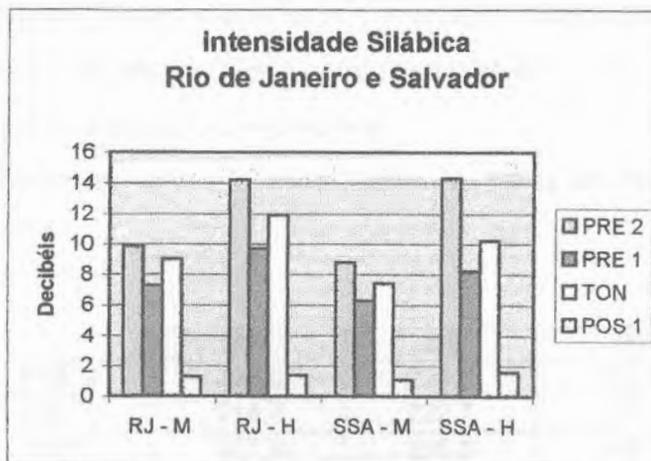


Gráfico (41): Diferenças no comportamento da intensidade silábica média na leitura de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A relação entre a pretônica 2 e a pretônica 1 é a mesma para todos os informantes, do Rio e de Salvador: a Pre2 é 2.6dB mais intensa que a Pre1. Verifica-se, no entanto, uma diferenciação entre os sexos: a Pre2 é, na leitura dos homens (independentemente da cidade de origem), mais intensa que na leitura das mulheres. Em Salvador, a Pre2 dos homens é 4,1dB mais intensa que a tônica, ao passo que a Pre2 das mulheres da mesma cidade é somente 1,4dB mais intensa que a tônica. Na leitura dos homens do Rio de Janeiro, a diferença entre a intensidade da Pre2 e a da tônica é de 2,3dB; na leitura das mulheres cariocas, essa diferença é de 0,9dB.

Ademais, o gráfico revela que o contraste entre a tônica e a postônica 1 é ligeiramente maior na leitura de cariocas que na leitura de baianos, também destacando-se os homens como acentuadores do contraste entre as sílabas: Nas mulheres cariocas a queda média da tônica para a Pos1 é de 7,7dB; nas mulheres baianas, é de 6,2dB. Nos homens baianos, a queda é de 8.6dB e, nos homens cariocas, o valor sobe: 10.5dB.

5.2.1.2.7. Frequência Fundamental na leitura do Rio de Janeiro

Esta seção se destina a mostrar a frequência fundamental (F0) média das sílabas pretônica 2, pretônica 1, tônica e postônica 1 – sempre medida no pico de intensidade silábica –, através de valores em Hertz obtidos através dos mesmos procedimentos de cálculo adotados para a duração e a intensidade.

A tabela abaixo apresenta os valores médios da F0 na leitura das mulheres:

	M1	M2	M3
PRE 2	228,3	221,0	193,0
PRE 1	214,7	222,7	178,3
TON	227,9	235,0	188,1
POS 1	204,4	244,1	180,0

Tabela (33): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura das informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela, gerou-se o seguinte gráfico:

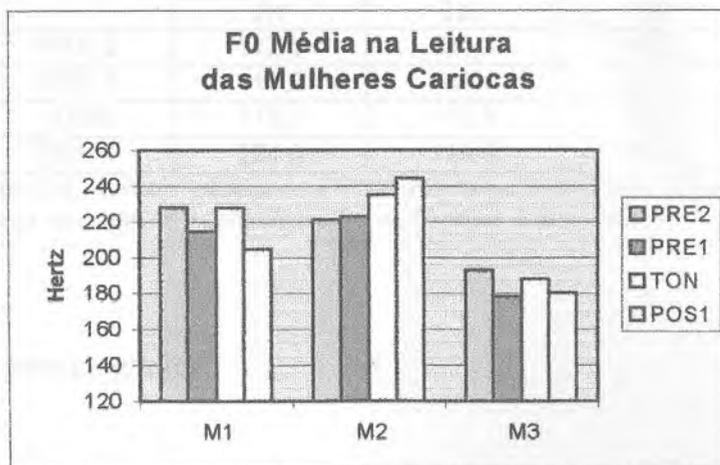


Gráfico (42): Frequência fundamental silábica média na leitura das informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A primeira informação que o gráfico nos dá é a coincidência comportamental entre M1 e M3 em oposição a M2. Vejamos, sílaba à sílaba, que relações se estabelecem:

- Na relação entre as sílabas pretônicas as informantes M1 e M3 têm comportamento similar: em ambas, verifica-se queda da F0 da Pre2 para a Pre1, sendo essa queda de 13.6Hz na primeira informante e 14.7Hz na segunda. Em M2, inversamente, a relação é de elevação da F0, sendo a Pre2 1.7Hz mais aguda que a Pre1.
- Na relação entre a Pre1 e a tônica, as três informantes apresentam elevação da F0. Em M1 ela é de 13.2Hz; em M2, é de 12.3 Hz; em M3, a elevação é de 9.8Hz.
- Na relação tônica – postônica, novamente, M1 e M3 apresentam o mesmo padrão: queda da F0 em direção à postônica. Ela é de 23.5Hz em M1 e 8.1Hz em M3. Na informante M2, há uma subida de 9.1Hz da tônica para a postônica.

Pode-se dizer, em suma, que o padrão mais geral na leitura das mulheres cariocas é de queda da F0 da Pre2 para a Pre1, elevação em direção à tônica e, por fim, queda da F0 na sílaba postônica 1.

Feitos os comentários, vejamos o que se observa na análise da leitura dos homens do Rio de Janeiro, partindo dos valores médios da F0, dispostos na tabela:

	H1	H2	H3
PRE 2	112,5	104,5	148,8
PRE 1	117,2	104,4	147,7
TON	112,3	113,0	155,0
POS 1	124,6	113,6	163,3

Tabela (34): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura dos informantes cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A tabela gerou o gráfico:

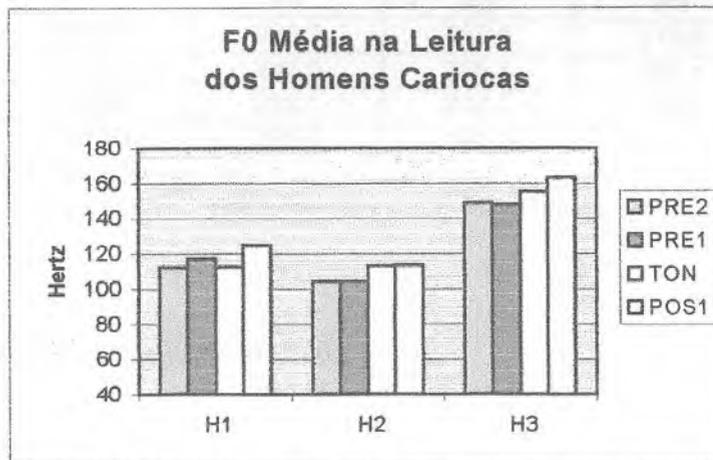


Gráfico (43): Frequência fundamental silábica média na leitura dos homens cariocas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Como na fala feminina, o gráfico revela padrões similares entre dois dos três informantes (H2 e H3). Vejamos, sílaba à sílaba, as relações que se estabelecem:

- Na relação entre a Pre2 e a Pre1, os informantes H2 e H1 apresentam o mesmo comportamento: em ambos, verifica-se queda da F0, sendo essa queda de 0.1Hz no primeiro informante e 1.1Hz no segundo. Em H3, inversamente, a relação é de elevação da F0, sendo a segunda pretônica 4.7Hz mais aguda que a Pre1.
- Na relação entre a Pre1 e a tônica, dois informantes apresentaram elevação da F0. Em H2 ela é de 8.6Hz e, em H3, é de 7.3Hz. Em H1 verifica-se um declínio da F0 em direção à sílaba tônica, da ordem de 4.9Hz.
- Na relação tônica – postônica os três informantes apresentam o padrão de elevação da F0 em direção à postônica. Ela é de 12.3Hz em H1, 0.6Hz em H2 e 8.3Hz em H3. Esse padrão (como se comentou anteriormente, na seção 5.2.3.1.7) nos parece, a princípio, incomum, para esse contexto.

5.2.1.2.8. Frequência Fundamental na leitura de Salvador

A tabela abaixo apresenta os valores médios, em Hertz, a que se chegou após a medição das sílabas colhidas à leitura das informantes do sexo feminino da cidade de Salvador:

	M1	M2	M3
PRE 2	229,7	200,5	218,6
PRE 1	222,5	209,5	203,1
TON	208,1	216,1	199,6
POS 1	228,5	199,9	202,9

Tabela (35): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura das informantes baianas no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A tabela gerou o seguinte gráfico:

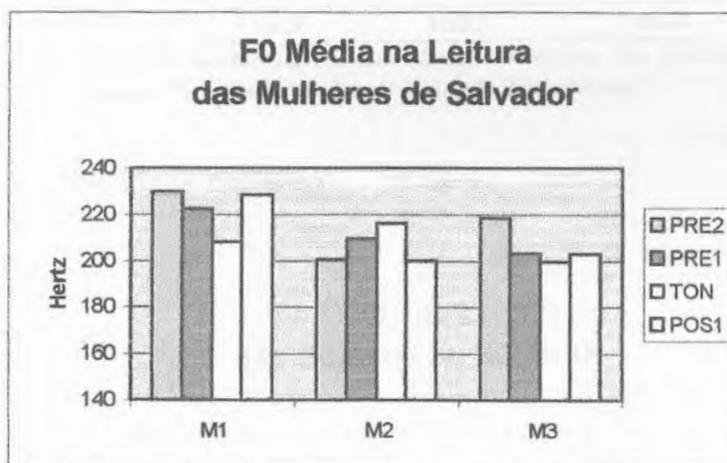


Gráfico (44): Frequência fundamental silábica média na leitura das mulheres de Salvador no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Observando o gráfico percebemos a coincidência comportamental entre M1 e M3, em oposição a M2. Vejamos, sílaba à sílaba, as relações que se estabelecem:

- Na relação entre as sílabas pretônicas as informantes M1 e M3 têm comportamento similar: em ambas, verifica-se queda da F0 da Pre2 para a Pre1, sendo essa queda de

7.2Hz na primeira informante e 15.5Hz na segunda. Em M2, inversamente, a relação é de elevação da F0, sendo a Pre2 9Hz mais aguda que a Pre1.

- Na relação entre a Pre1 e a tônica, novamente M1 e M3 se comportam da mesma forma: as duas informantes apresentam queda da F0. Em M1 ela é de 14.4Hz; em M3, é de 13.5 Hz. Em M2, em contrapartida, há uma elevação da F0 de 6.6Hz.
- Na relação tônica – postônica, M1 e M3 também apresentam o mesmo padrão: elevação da F0 em direção à postônica, embora com valores bastante distintos. Ela é de 20.4Hz em M1 e 3.5Hz em M3. Na informante M2, há uma queda de 16.2Hz da tônica para a postônica.

Pode-se dizer, em suma, que o padrão mais comum na leitura das mulheres baianas é de queda contínua da F0 da pretônica 2 até a tônica e elevação da F0 na sílaba postônica 1.

Visto isso, vejamos o que se observa na análise da leitura dos homens de Salvador, partindo dos valores médios da F0, dispostos na tabela abaixo:

	H1	H2	H3
PRE 2	132,2	106,9	133,0
PRE 1	121,6	101,2	136,4
TON	127,4	104,0	143,8
POS 1	119,3	100,8	146,8

Tabela (36): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura dos informantes baianos no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

A partir da tabela fez-se o gráfico:

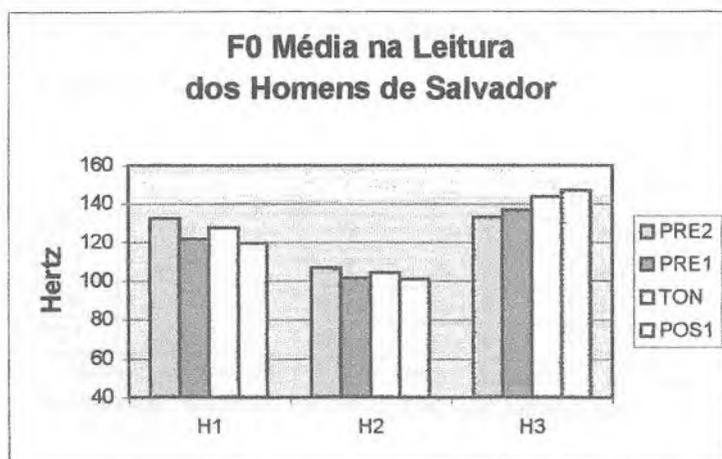


Gráfico (45): Frequência fundamental silábica média na leitura dos homens de Salvador no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Como na fala feminina, o gráfico revela padrões similares entre dois dos três informantes (H1 e H2). Vejamos, sílaba à sílaba, as relações que se estabelecem:

- Na relação entre a Pre2 e a Pre1, os informantes H1 e H2 apresentam o mesmo comportamento: em ambos, verifica-se queda da F0, sendo essa queda de 10.6Hz no primeiro informante e 5.7Hz no segundo. Em H3, inversamente, a relação é de elevação da F0, sendo a segunda pretônica 3.4Hz mais aguda que a Pre1.
- Na relação entre a Pre1 e a tônica, os três informantes apresentam elevação da F0. Em H1 ela é de 5.8Hz, em H2 ela é de 3.2Hz e, em H3, é de 7.4Hz.
- Na relação tônica – postônica H1 e H2 apresentam o padrão de queda da F0 em direção à postônica. Ela é de 8.1Hz em H1 e 3.2Hz em H2. Em H3, verifica-se uma elevação de 3Hz na sílaba postônica.

5.2.1.2.9. Sobre os resultados da Frequência Fundamental

Ao comentar os resultados da F0 no *corpus* de fala espontânea (veja-se 5.2.3.1.9) atentei para o fato de ser claramente perceptível a impossibilidade de estabelecer padrões melódicos a partir dos resultados obtidos, visto que os dados foram considerados como um todo, sem respeito às especificidades semântico-sintáticas de cada um. Creio que o mesmo ocorre com os dados provenientes do *corpus* de leitura. Assim como se fez para a fala espontânea, reuniram-se os valores médios obtidos individualmente em quatro conjuntos: mulheres e homens do Rio de Janeiro, mulheres e homens de Salvador. Veja-se a tabela abaixo:

	RJ - M	RJ - H	SSA - M	SSA - H
PRE2	214,1	121,9	216,1	124,0
PRE1	205,2	123,1	211,7	119,7
TON	217,0	126,7	207,9	125,1
POS1	209,5	133,8	210,4	122,3

Tabela (37): Valores médios da F0 (em Hertz) na leitura de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

Diferentemente do que foi apresentado nos comentários da fala espontânea, optei aqui por proceder de maneira mais simples: ao invés de operar com a variação média da

F0 encontrada de uma sílaba para outra em cada indivíduo que compõe os quatro conjuntos de informantes, utilizaram-se para o cálculo dos valores médios de cada conjunto os próprios valores em Hertz empregados ao longo das seções destinadas à F0. Cabe esclarecer que, testados os dois procedimentos, alcançaram-se os mesmos resultados, com a vantagem de ser, este segundo, mais simples.

Tome-se como exemplo, para a demonstração do cálculo feito, a linha do gráfico relativa à pretônica 2. Na segunda coluna acha-se o valor 214,1 Hz. Ele foi obtido mediante a soma dos três valores médios individuais apurados na leitura das mulheres do Rio de Janeiro – 228,3 Hz para M1, 221Hz para M2 e 193Hz para M3 – e a divisão do resultado da soma por três – chegando-se a 214,1 Hz.

Para que as relações entre os números se tornasse visualmente mais clara, fez-se o gráfico:

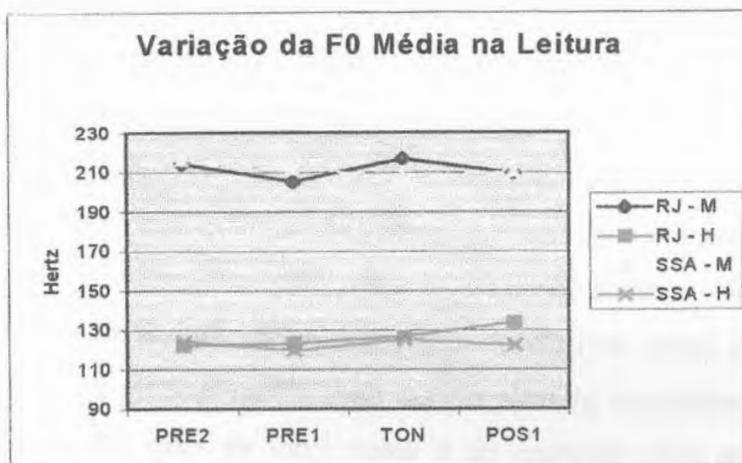


Gráfico (46): *Varição da frequência fundamental silábica média na leitura de todos os informantes no contexto "vocabulo em fim de Unidade Entoacional".*

Como se vê, as variações médias em Hertz nos dão a falsa impressão de leituras monocórdias, sem variação tonal, distinguindo-se apenas a leitura feminina (situada numa faixa de 200 a 220 Hertz) da leitura masculina (situada numa faixa de 120 a 140 Hertz). Na verdade, a não formação de padrões para a F0 se deve, em princípio, à mistura de variados contextos sintático-semânticos na análise dos dados. A conclusão a que se chega aqui é a mesma a que chegamos com relação à fala espontânea: para descrever o comportamento da frequência fundamental é preciso separar os dados de acordo com o contexto de ocorrência. As seções seguintes – *Padrões melódicos na fala espontânea e Padrões melódicos na leitura* – se destinam justamente a essa tarefa.

5.2.1.3. Padrões melódicos na fala espontânea

Na seção anterior apresentaram-se, de forma global, as médias obtidas por meio da observação indiscriminada de: todas as sílabas pretônicas em conjunto, todas as tônicas em conjunto e todas as postônicas em conjunto, eliciadas dos vocábulos situados em fim de unidade entoacional. Separam-se apenas os vocábulos provenientes da fala masculina e os vocábulos provenientes da fala feminina, constituindo dois grupos de 300 vocábulos. Os resultados obtidos mostram regularidades nos parâmetros duração e intensidade – ainda, que tais regularidades não evidenciem nesse *corpus* diferenças marcantes entre o falar carioca e o baiano.

Quanto às variações da frequência fundamental, no entanto, os gráficos se mostraram nulos. Neles, todas as sílabas apresentam praticamente o mesmo comportamento. Isso ocorre porque não há como observar o comportamento desse parâmetro sem associá-lo ao contexto em que o vocábulo ocorre. Tomemos como exemplo uma distinção melódica extrema, de ordem sistêmica, como a que se faz entre uma afirmativa e uma pergunta em que todos os fones coincidam. Nesse caso, a distinção dependerá exclusivamente da entoação para se efetivar, como acontece nos enunciados: “Você vai.” e “Você vai?”. Num *corpus* de fala espontânea raramente ocorrerá um par (quem dirá mais de um!) como o do exemplo, mas certamente as variações da F0 estarão a serviço de determinadas funções, como caracterizar uma asserção ou sinalizar um pedido (cf. o exposto em 3.3.2).

Para atribuir a cada um dos 600 vocábulos colhidos em fim de unidade entoacional (sendo 50 de cada inquérito) uma função melódica específica, que nos permite a comparação, restringimos bastante o rol de opções. Deixou-se de fora o uso da entoação para expressar características e atitudes pessoais (cf. 3.3.2., *função ilocucionária e função atitudinal*) e características pessoais e sociais do falante (cf. 3.3.2., *função indexical*). Categorizaram-se os dados com base em duas funções que a entoação assume: a demarcativa, assinalando fronteiras gramaticais, e a contrastiva, identificadora de modalidades frasais. Partindo desses pressupostos e dos caminhos que a observação do *corpus* apontava, determinaram-se os sete contextos semântico-sintáticos expostos em 4.2.2.

Distribuição dos dados pelos contextos semântico-sintáticos

As tabelas abaixo mostram, inquirido a inquirido, quantos vocábulos há em cada um dos contextos definidos. Eles se acham dispostos nas tabelas em ordem decrescente: o primeiro contexto – continuativo – é o que apresenta o maior número de dados (166 na amostra do Rio de Janeiro e 138 na de Salvador). O último contexto – Questão Parcial – não ocorreu em nenhum dos vocábulos analisados.

Rio de Janeiro

CONTEXTO	H205	H233	H254	M140	M184	M328	TOTAL
Continuativo ou Assertivo Não-Final	38	27	32	23	24	22	166
Assertivo Final	9	14	17	18	14	10	82
Enumerativo	0	3	0	3	11	17	34
Fronteira Intra-sintagmática	3	4	1	6	1	1	16
Anafónico	0	2	0	0	0	0	2
Questão Total	0	0	0	0	0	0	0
Questão Parcial	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL							50

Tabela (38): Distribuição dos dados colhidos na leitura do Rio de Janeiro – Corpus Frases – pelos 7 contextos sintático-semânticos definidos para a observação dos contornos melódicos.

Salvador

CONTEXTO	H069	H136	H254	M081	M323	M231	TOTAL
Continuativo ou Assertivo Não-Final	32	25	9	26	27	19	138
Assertivo Final	9	13	19	3	11	17	72
Enumerativo	2	5	16	16	10	9	58
Fronteira Intra-sintagmática	2	4	2	3	1	3	15
Anafónico	5	1	0	1	1	2	10
Questão Total	0	2	4	1	0	0	7
Questão Parcial	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL							50

Tabela (39): Distribuição dos dados colhidos na leitura de Salvador – Corpus Frases – pelos 7 contextos sintático-semânticos definidos para a observação dos contornos melódicos.

A leitura das tabelas prenuncia restrições à investigação que nos propomos fazer. Sendo este um *corpus* espontâneo, onde os únicos critérios unificadores na recolha dos dados foram: a) a posição do vocábulo na unidade entoacional (sempre no fim) e b) a sua configuração formal (exclusão de monossílabos não precedidos de sílaba átona que compusesse, com ele, um vocábulo fonológico)¹, era de se esperar que houvesse disparidades distribucionais. Os gráficos a seguir permitem uma visualização mais pungente dessas disparidades:



Gráfico (47): Distribuição dos dados pelos 5 contextos sintático-semânticos que ocorrem no corpus de fala espontânea.

Diante dos números, optamos por restringir a análise aos contextos *Assertivo Não-Final* e *Assertivo Final*. Eles são os únicos que estão presentes em todos os inquéritos e, juntos, reúnem 458 dados, isto é, 76,3% do total.

5.2.1.3.1. A fala carioca

5.2.1.3.1.1. Padrão assertivo final

Os gráficos que começo a apresentar a partir daqui seguem, em sua confecção, os mesmos procedimentos que foram adotados até aqui para a análise dos corpora de leitura e de fala espontânea, mais especificamente, no que concerne à F0. Os dois gráficos seguintes mostram a variação média da frequência fundamental na fala de cada

¹ O que, é bom lembrar, foi absolutamente intencional: a idéia desse *corpus* de unidades entoacionais é justamente verificar se, numa porção de discurso, tomada aleatoriamente, pode-se discernir a

um dos seis informantes do Rio de Janeiro nos vocábulos postos em contexto final de assertiva.

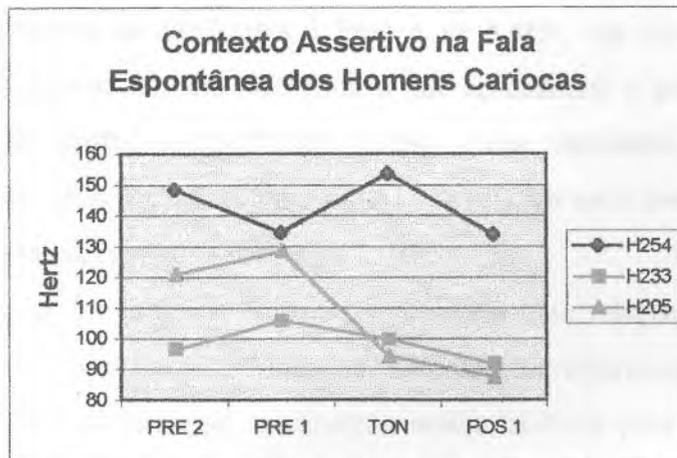


Gráfico (48): Contexto assertivo na fala espontânea dos homens cariocas.

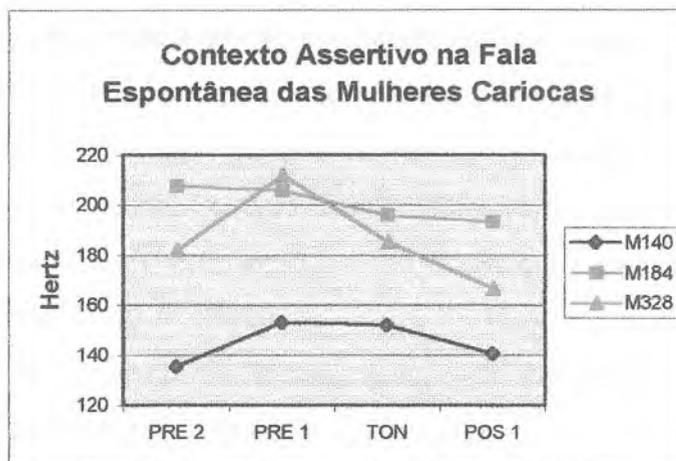


Gráfico (49): Contexto assertivo na fala espontânea das mulheres cariocas.

Verifica-se uma variedade de padrões nas realizações dos seis informantes quando proferem um vocábulo no contexto assertivo final. Contrariamente ao esperado, a linha de declinação (Moraes, 1999) não se manifesta na seqüência de sílabas. Como comportamento comum a todos os informantes, tem-se apenas o decréscimo da frequência fundamental da sílaba tônica para a postônica. Entretanto, em todas as mulheres e em dois dos três homens cuja fala foi analisada, o decréscimo da F0 se

manifestação da entoação regional tão bem quanto julgamos possível perceber em porções de discurso previamente selecionadas de oitiva como características de um dado falar.

verifica desde a pretônica 1. Outro padrão comum à maioria (verificado em duas mulheres e dois homens) é a elevação da F0 da pretônica 2 para a sílaba seguinte. Vejamos, pormenorizadamente, a variação média em Hertz de uma sílaba para a outra:

- A subida melódica da Pre2 para a Pre1 é de 8.4Hz, em média, nos homens, se considerados apenas os dois informantes que apresentam o padrão ascendente. Se incluirmos na média o informante H254 – que apresenta, inversamente, um decréscimo de 13.8Hz da Pre2 para a Pre1 – a relação entre Pre2 e Pre1 permanece ascendente, mas decai para a média de 2.9Hz.
- As mulheres, assim como os homens, apresentam uma relação ascendente da Pre2 para a Pre1. Também no sexo feminino somente uma informante apresenta padrão inverso. Note-se, porém, que a elevação média da Pre2 para a Pre1 é quase três vezes maior nas mulheres, se consideradas apenas M140 e M328: sua elevação média é de 24Hz. Se a esse cálculo adicionarmos a informante M184 – em que verifica-se queda melódica de 1.8Hz da Pre2 para a Pre1 – a média em pouco se altera: 15.8Hz, mantendo a relação ascendente entre as sílabas.
- Dois dos três homens apresentam decréscimo dos valores da F0 da Pre1 para a tônica. Considerando apenas esses dois, tem-se uma queda média de 20.1Hz. Se nesse cálculo incluirmos o informante H254, que apresenta comportamento contrário - com uma elevação melódica de 19.2Hz entre essas sílabas – a elevação média da F0 passa a ser de 7Hz.
- Todas as mulheres, por sua vez, apresentaram padrão descendente na relação entre a Pre1 e a tônica e a queda média da F0 é de 12.6Hz.
- Em todos os informantes, homens e mulheres, há declínio da F0 da sílaba tônica em direção à postônica. Nos homens, a queda média é de 11.5Hz. Nas mulheres, 10.9Hz.

A seguir apresentam-se dois gráficos, elaborados a partir dos valores médios, que buscam um modelo para expressar o padrão assertivo final encontrado na análise dos dados do Rio de Janeiro. No primeiro deles, consideraram-se para o cálculo dos valores médios da F0 apenas os informantes em que se verificava o mesmo padrão melódico. Se em dois informantes, por exemplo, via-se uma relação de ascendência entre duas sílabas e se no terceiro a relação era descendente, fez-se a média apenas com os valores tomados aos dois primeiros. Dessa forma, penso estar representando as tendências mais gerais, ainda que, conscientemente, filtrando / normalizando os

resultados. Calculado de acordo com esse modelo, a que chamaremos de *modelo 1*, encontra-se o seguinte padrão para o contexto assertivo na fala carioca:

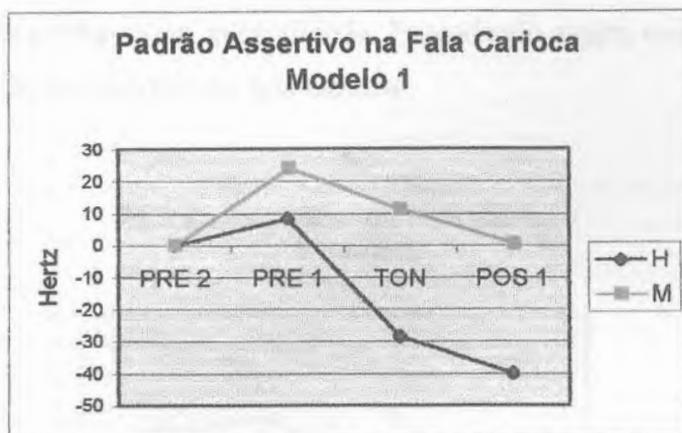


Gráfico (50): Padrão assertivo na fala dos informantes cariocas que apresentam contorno melódico similar – gráfico modelo 1.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 8.4Hz mais aguda que a Pre2 nos homens e 24Hz nas mulheres;
- A tônica é 20.1Hz mais grave que a Pre1 nos homens e 12.6Hz nas mulheres;
- A postônica é 11.5Hz mais grave que a tônica nos homens e 10.9Hz nas mulheres.

Arbitrou-se, como valor de partida, atribuído à sílaba Pre2, o número 0, para que se pudesse visualizar a variação ascendente ou descendente em Hertz de uma sílaba para outra. Assim obteve-se a tabela abaixo, geradora do gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	8,4	24,0
TON	-11,7	11,4
POS 1	-23,2	0,5

Tabela (40): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão assertivo representado no gráfico(50).

No segundo gráfico, representamos o comportamento de todos os informantes, estivessem eles dentro do padrão mais geral ou não. Se em dois informantes, por

exemplo, via-se uma relação de ascendência entre duas sílabas e se no terceiro a relação era descendente, fez-se a média da F0 considerando tanto o comportamento dos dois primeiros quanto o do terceiro. Com esse modelo – a que chamaremos *modelo 2* – perde-se a visibilidade / a intensificação do contraste entre o comportamento de uma sílaba e outra, mas ganha-se em generalidade. Procedendo assim, encontra-se o seguinte padrão para o contexto assertivo na fala carioca:

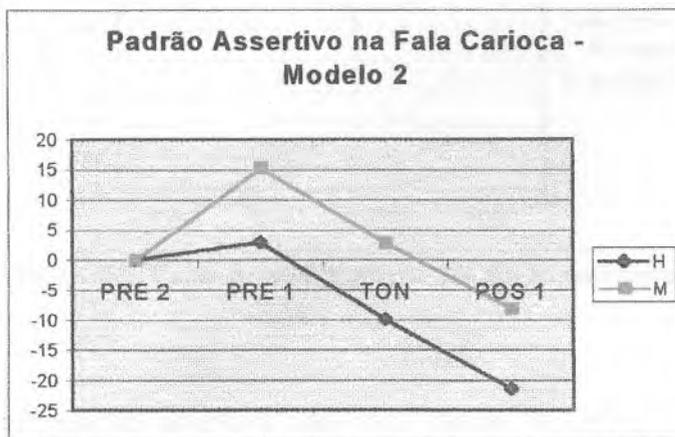


Gráfico (51): Padrão assertivo na fala de todos os informantes cariocas – gráfico modelo 2.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 2.9Hz mais aguda que a Pre2 nos homens e 15.4Hz nas mulheres;
- A tônica é 7Hz mais grave que a Pre1 nos homens e 12.6Hz nas mulheres;
- A postônica é 11.5Hz mais grave que a tônica nos homens e 10.9Hz nas mulheres.

Arbitrou-se, como no gráfico anterior, o número 0 como ponto inicial para demarcar a elevação ou o decréscimo da F0. Assim obteve-se a tabela abaixo, geradora do gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	2,9	15,4
TON	-4,1	2,8
POS 1	-15,6	-8,1

Tabela (41): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão assertivo representado no gráfico(51).

5.2.1.3.1.2. Padrão assertivo não-final

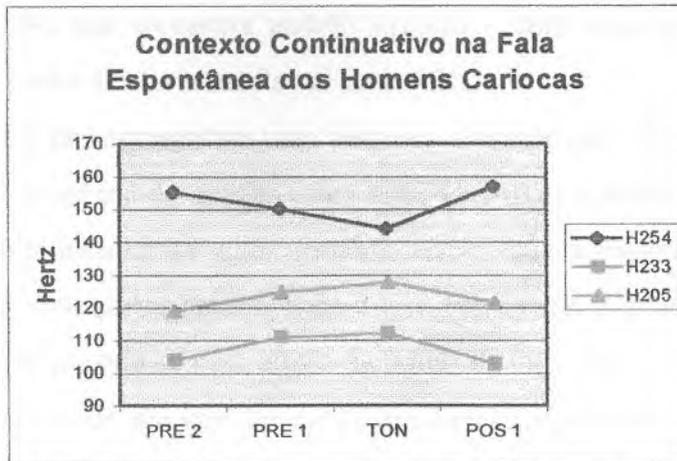


Gráfico (52): Contexto continuativo na fala dos homens cariocas.

Quando em posição assertiva não-final, diante de contexto continuativo, os vocábulos apresentam variação melódica bastante variada. O padrão mais geral entre os homens mostra uma elevação da F0 pequena mas constante da Pre2 até a tônica, com mudança de direção melódica em relação à postônica, que é mais grave que a sílaba tônica. O informante H254 apresenta comportamento melódico absolutamente diverso: há, em seus dados, uma queda constante da F0 em direção à tônica e uma elevação considerável da tônica para a postônica.

Na fala das mulheres, o padrão mais geral se assemelha um pouco àquele descrito pelos dados de H254. Há uma queda da F0 da Pre2 para a Pre1, seguida de uma elevação constante até a sílaba postônica. A informante M184, por sua vez, tem um padrão semelhante ao da maioria dos informantes do sexo masculino: ascensão constante da F0 até a sílaba tônica e queda da F0 na sílaba postônica. Vejamos a variação média, em Hertz, de uma sílaba para a outra:

- A subida melódica da Pre2 para a Pre1 é de 6.4Hz, em média, nos homens, se considerados apenas os dois informantes que apresentam o padrão ascendente. Se incluirmos na média o informante H254 – que apresenta, inversamente, um decréscimo de 5.1Hz da Pre2 para a Pre1 – a relação entre Pre2 e Pre1 permanece ascendente, mas decai para a média de 2.6Hz.

- As mulheres, diferentemente dos homens, apresentam uma relação descendente da Pre2 para a Pre1. A queda melódica é de 10.7Hz, se consideradas apenas as informantes em que se manifesta esse padrão. Se a esse cálculo adicionarmos a informante M184, que apresenta padrão inverso – com uma subida melódica de 8.9Hz da Pre2 para a Pre1 – a média cai para 4.2Hz.
- Dois dos três homens apresentam uma pequena elevação dos valores da F0 da Pre1 para a tônica. Considerando apenas esses dois, tem-se uma subida média de 2.1Hz. Se nesse cálculo incluirmos o informante H254, que apresenta comportamento contrário – com uma queda melódica de 6.1Hz entre essas sílabas – a relação entre as sílabas se inverte e tem-se uma queda de 0.6Hz da Pre1 para a tônica.
- Todas as mulheres, por sua vez, apresentaram padrão ascendente na relação entre a Pre1 e a tônica e a elevação média da F0 é de 10.9Hz.
- Na relação tônica – postônica, dois dos três informantes apresentaram padrão descendente, com uma queda média de 7.8Hz. O informante H254 – cujo comportamento sempre difere dos outros nesse contexto – apresenta uma ascensão média de 7.8Hz da tônica para a postônica. Se o levamos em consideração no cálculo da média geral, a relação entre essa duas sílabas se inverte, registrando-se uma queda de 0.9Hz.
- Na relação tônica – postônica a maioria das mulheres tem comportamento inverso ao dos homens: registra-se uma ascensão média de 7Hz entre as sílabas. Já a informante M184, tem, em média, as postônicas 11.5Hz mais graves que as tônicas. Incluindo-a na média geral, permanecemos com um padrão levemente ascendente da tônica para a postônica, da ordem de 0.8Hz.

A seguir, como se fez para o contexto assertivo final, apresentam-se dois gráficos, elaborados a partir dos valores médios, que buscam um modelo para expressar o padrão continuativo ou assertivo não-final encontrado na análise dos dados do Rio de Janeiro. Conforme explicou-se anteriormente, no primeiro deles, consideraram-se para o cálculo dos valores médios da F0 apenas os informantes em que se verificava o mesmo padrão melódico. Calculado de acordo com esse modelo (modelo 1), encontra-se o seguinte padrão para o contexto continuativo na fala carioca:

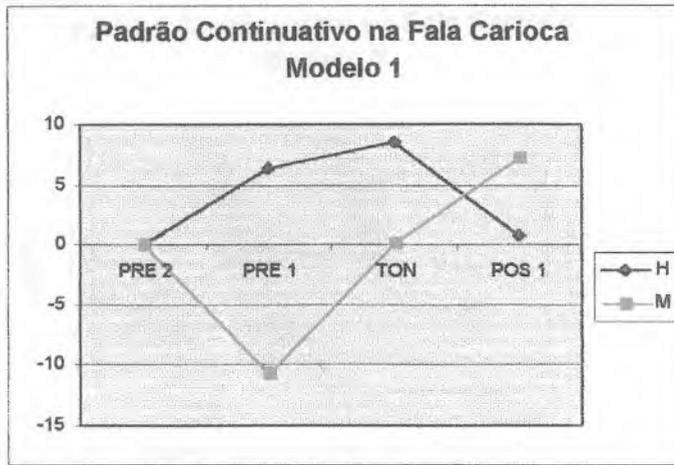


Gráfico (53): Padrão continuativo na fala carioca – gráfico modelo 1.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 6.4Hz mais aguda que a Pre2 nos homens e 10.7Hz mais grave que a Pre2 nas mulheres;
- A tônica é 2.1Hz mais aguda que a Pre1 nos homens e 10.9Hz nas mulheres;
- A postônica é 7.8Hz mais grave que a tônica nos homens e 7Hz mais aguda que a tônica nas mulheres.

Arbitrou-se, como valor de partida o número 0, atribuído à sílaba Pre2 na fala dos homens e das mulheres. Assim obteve-se a tabela abaixo, geradora do gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	6,4	-10,7
TON	8,5	0,2
POS 1	0,7	7,2

Tabela (42): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(53).

O segundo gráfico – a que chamamos *modelo 2* - representa o comportamento de todos os informantes, independente de estarem no padrão mais geral ou não. Procedendo assim, encontra-se o seguinte padrão para o contexto continuativo na fala carioca:

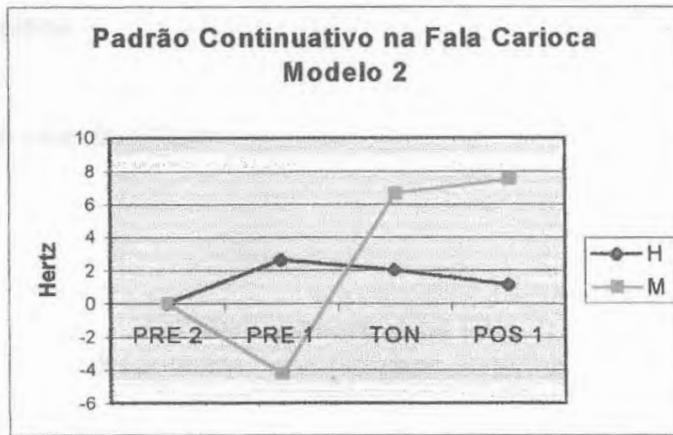


Gráfico (54): Padrão continuativo na fala carioca – gráfico modelo 2.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 2.6Hz mais aguda que a Pre2 nos homens e 4.2Hz mais grave nas mulheres;
- A tônica é 0.6Hz mais grave que a Pre1 nos homens e 10.9Hz mais aguda que a Pre1 nas mulheres;
- A postônica é 0.9Hz mais grave que a tônica nos homens e 0.8Hz mais aguda que a tônica nas mulheres.

Arbitrou-se, como no gráfico anterior, o número 0 como ponto inicial para a fala dos homens e das mulheres. Os números da tabela abaixo geraram o gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	2,6	-4,2
TON	2,0	6,7
POS 1	1,1	7,5

Tabela (43): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(54).

5.2.1.3.2. A fala baiana

5.2.1.3.2.1. Padrão assertivo final

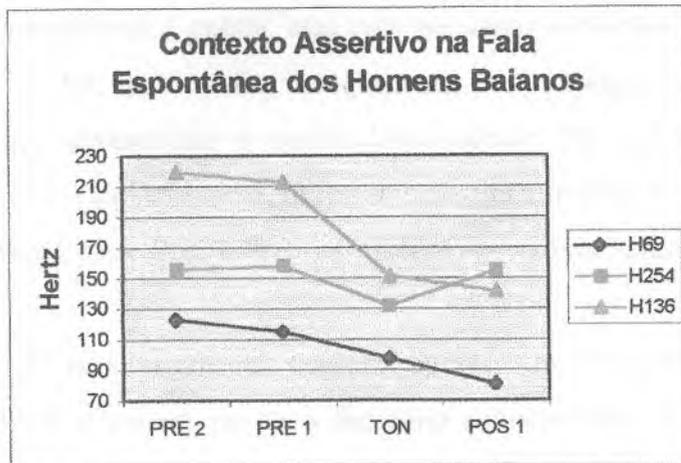


Gráfico (55): Contexto assertivo na fala dos homens baianos.

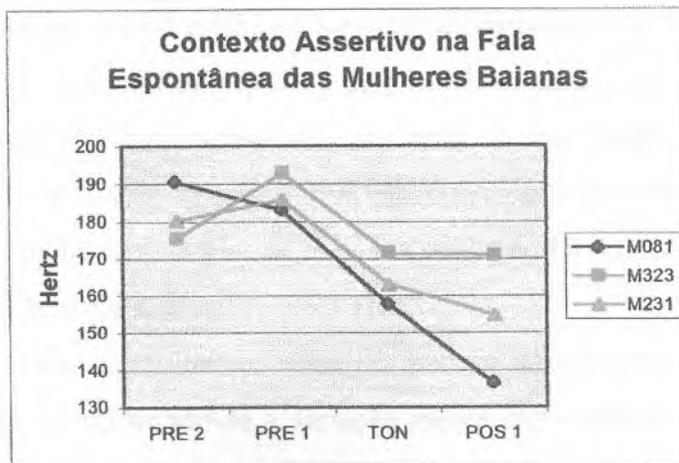


Gráfico (56): Contexto assertivo na fala das mulheres baianas.

Os gráficos mostram padrões similares nas realizações dos seis informantes quando proferem um vocábulo no contexto assertivo final. O efeito da linha de declinação é nítido na seqüência de sílabas e se mostra um comportamento comum à maior parte dos informantes. O local onde a linha de declinação mais constantemente se interrompe é na passagem da Pre2 para a Pre1 (o que ocorre com metade dos

informantes). Sua interrupção se dá também na fala de H254, que tende a elevar a frequência fundamental na sílaba postônica.

Vejam, pormenorizadamente, a variação média em Hz de uma sílaba para a outra:

- Todos os homens mantêm a F0 numa mesma faixa da Pre2 para a Pre1, percebendo-se uma ligeira tendência à queda, mas com pequenas variações em Hertz. A queda da F0 é de 7.3Hz, em média, nos homens, se considerados apenas os dois informantes que apresentam o padrão descendente. Se incluirmos na média o informante H254 – que apresenta, inversamente, um aumento de 2.6Hz da Pre2 para a Pre1 – a relação entre Pre2 e Pre1 permanece ascendente, mas decai para a média de 4Hz.
- As mulheres, diferentemente dos homens, apresentam uma relação ascendente da Pre2 para a Pre1. Também no sexo feminino somente uma informante apresenta padrão inverso. A elevação média, consideradas apenas as informantes M323 e M231, é de 11.4Hz. Se incluirmos ao cálculo a informante M081 (que apresenta uma queda média de 7.6Hz da Pre2 para a Pre1) a relação entre essas sílabas continua ascendente, mas a média da elevação da frequência decai para 5Hz.
- Em todos os homens verifica-se queda da F0 da Pre1 para a tônica. Note-se que em H136 essa queda é bem acentuada (61.4Hz), o que pode estar vinculado à manifestação da entoação regional, que, em nossas análises preliminares, mostrou localizar-se entre essas duas sílabas. A queda média da F0, considerando-se todos os informantes, é bastante expressiva: 35.1 Hz.
- Também, em todas as mulheres, vê-se um padrão descendente na relação entre a Pre1 e a tônica. Comparando-se a variação média individual da sílaba Pre1 para a tônica, encontra-se, na fala das mulheres, maior equilíbrio que na fala dos homens. Veja-se: em M081 a queda média é de 25.3Hz, em M323, é de 21.4Hz, e em M231, de 22.5Hz. Em média, o decréscimo da F0 nessas sílabas na fala das mulheres baianas é de 23.1Hz.
- Em dois dos três informantes do sexo masculino, a F0 continua decaindo em direção à postônica. Considerados apenas os dois, tem-se uma queda média de 13.1Hz. Se incluirmos no cálculo H254 (que, inversamente, apresenta a postônica em média 23.2 Hz mais aguda que a tônica), obtemos a ascensão média de 1Hz, o que significa manutenção da frequência num mesmo patamar de uma sílaba para a outra.

* Nas três informantes do sexo feminino a F0 decai em direção à postônica. Ressalve-se, no entanto, que em M323 a queda é muito pequena (0.5Hz). Em média, o declínio da F0 da sílaba tônica para a postônica na fala das mulheres baianas é de 10,1Hz.

A seguir, como se fez com os dados do Rio de Janeiro, apresentam-se dois modelos de gráfico, elaborados a partir dos valores médios descritos acima, que buscam o padrão assertivo final encontrado na análise dos dados da cidade de Salvador. Vale repetir que, no primeiro gráfico (a que vimos chamando de *modelo 1*), consideraram-se para o cálculo dos valores médios da F0 apenas os informantes em que se verificava o mesmo padrão melódico. Procedendo assim, encontra-se o seguinte padrão para o contexto assertivo final na fala baiana:

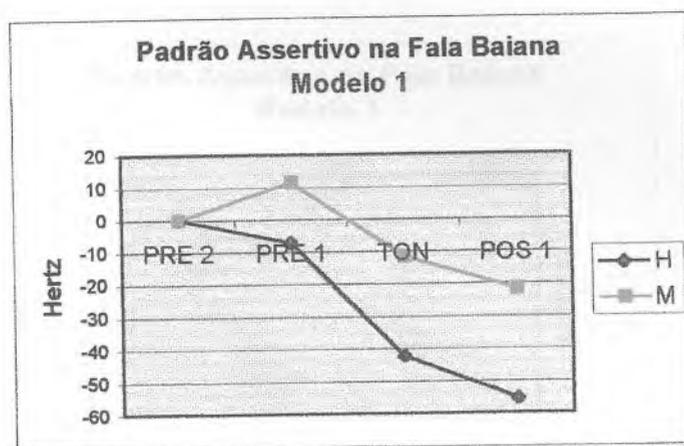


Gráfico (57): Padrão Assertivo na fala baiana – gráfico modelo 1.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 7.3Hz mais grave que a Pre2 nos homens e 11.4Hz mais aguda que a Pre2 nas mulheres;
- A tônica é 35.1Hz mais grave que a Pre1 nos homens e 23.1Hz nas mulheres;
- A postônica é 13.1Hz mais grave que a tônica nos homens e 10.1Hz mais grave que a tônica nas mulheres.

Assim obteve-se a tabela abaixo, geradora do gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	-7,3	11,4
TON	-42,4	-11,7
POS 1	-55,5	-21,8

Tabela (44): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão assertivo representado no gráfico(57).

O segundo gráfico – a que chamamos *modelo 2* – representa o comportamento de todos os informantes, independente de representarem o padrão mais geral ou não. Procedendo assim, encontra-se o seguinte padrão para o contexto assertivo final na fala baiana:



Gráfico (58): Padrão Assertivo na fala baiana – gráfico modelo 2.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 4Hz mais grave que a Pre2 nos homens e 5Hz mais aguda que a Pre2 nas mulheres;
- A tônica é 35.1Hz mais grave que a Pre1 nos homens e 23.1Hz nas mulheres;
- A postônica é 1Hz mais grave que a tônica nos homens e 10.1Hz mais grave que a tônica nas mulheres.

Assim obteve-se a tabela abaixo, geradora do gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	-4,0	5,0
TON	-39,1	-18,1
POS 1	-40,1	-28,2

Tabela (45): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão assertivo representado no gráfico(58).

5.2.1.3.2.2. Padrão assertivo não-final

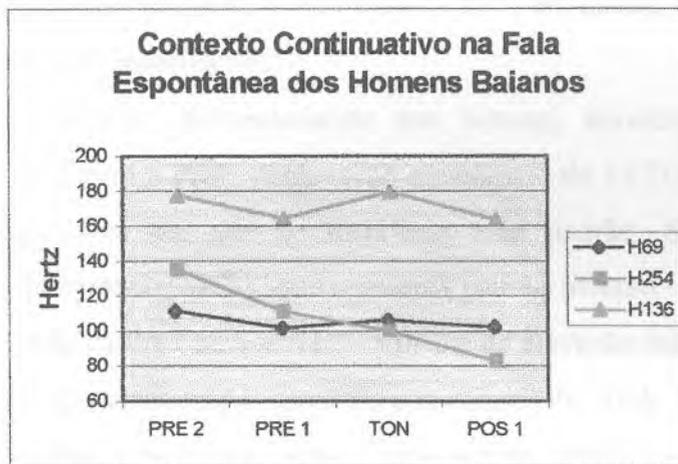


Gráfico (59): Contexto continuativo na fala dos homens baianos.

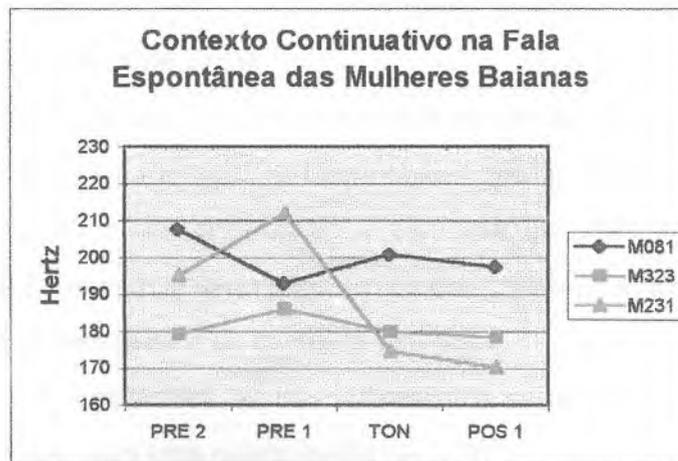


Gráfico (60): Contexto continuativo na fala das mulheres baianas.

Quando em posição assertiva não-final, diante de contexto continuativo, os vocábulos apresentam variação melódica variada, sem um padrão claramente definido. O padrão mais geral entre os homens mostra uma queda da F0 da Pre2 para a Pre1,

seguida de elevação em direção à tônica e, novamente, declínio em direção à postônica. Apenas no informante H254 a queda da F0 é constante, da primeira à última sílaba.

Na fala das mulheres, o padrão mais geral é inverso ao que se observa na fala dos homens. Da sílaba Pre2 para a Pre1, a variação melódica é ascendente e começa a descender a partir da Pre1, mantendo essa tendência até a postônica. Entretanto, esse padrão que se descreve aqui é o mais geral, o da maior parte das informantes do sexo feminino, e não de todas as mulheres baianas ouvidas.

Para descrever realmente o que ocorre com cada informante, vejamos a variação média, em Hertz, de uma sílaba para a outra:

- A descida melódica da Pre2 para a Pre1 é de 15.5Hz, em média, nos homens e esse padrão se repete nos 3 informantes.
- Duas das três mulheres, diferentemente dos homens, apresentam uma relação ascendente da Pre2 para a Pre1. A elevação melódica é de 11.7Hz, se consideradas apenas as informantes em que se manifesta esse padrão. Se a esse cálculo adicionarmos a informante M081, que apresenta padrão inverso – com uma descida melódica de 14.5Hz da Pre2 para a Pre1 – a média de elevação cai para 2.9Hz.
- Dois dos três homens apresentam elevação dos valores da F0 da Pre1 para a tônica. Considerando apenas esses dois, tem-se uma subida média de 9.7Hz. Se nesse cálculo incluirmos o informante H254, que apresenta comportamento contrário – com uma queda melódica de 11.5Hz entre essas sílabas – a elevação entre uma sílaba e outra passa a ser de 2.6Hz.
- Duas das três informantes do sexo feminino apresentam padrão descendente na relação entre a Pre1 e a tônica e, se consideradas apenas essas duas informantes, a queda média da F0 é de 21.6Hz. Se a esse cálculo adicionarmos M081, que apresenta variação melódica ascendente entre essas sílabas, a média passa a ser de 11.8Hz e a relação permanece de queda da F0.
- Na relação tônica – postônica os três informantes do sexo masculino apresentam padrão descendente, com uma queda média de 12Hz.
- Também as mulheres, nesse contexto (relação tônica – postônica), têm o mesmo comportamento: há um declínio médio de 3Hz da frequência fundamental de uma sílaba para a outra.

A seguir, como vimos fazendo para todos os contextos, apresentam-se dois gráficos, elaborados a partir dos valores médios, buscando um modelo para expressar o

padrão continuativo ou assertivo não-final encontrado na análise dos dados de Salvador. Conforme explicou-se anteriormente, no primeiro deles, consideraram-se para o cálculo dos valores médios da F0 apenas os informantes em que se verificava o mesmo padrão melódico. Calculado de acordo com esse modelo (*modelo 1*), encontra-se o seguinte padrão para o contexto continuativo na fala baiana:

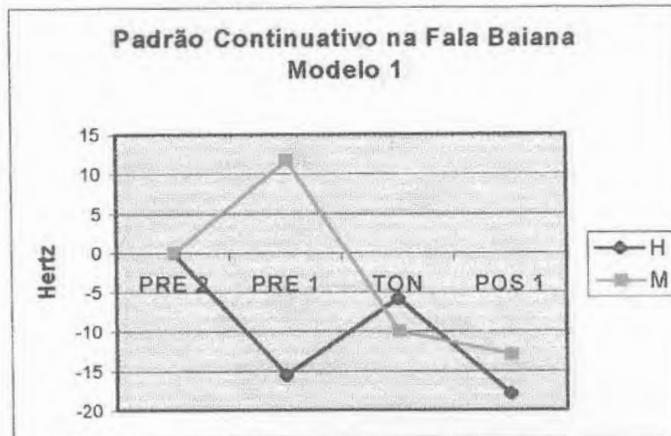


Gráfico (61): Padrão continuativo na fala baiana – gráfico modelo 1.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 15.5Hz mais grave que a Pre2 nos homens e 11.7Hz mais aguda que a Pre2 nas mulheres;
- A tônica é 9.7Hz mais aguda que a Pre1 nos homens e 21.6Hz mais grave nas mulheres;
- A postônica é 12Hz mais grave que a tônica nos homens e 3Hz mais grave que a tônica nas mulheres.

Assim obteve-se a tabela abaixo, geradora do gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	-15,5	11,7
TON	-5,8	-9,9
POS 1	-17,8	-12,9

Tabela (46): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(61).

O segundo gráfico – a que chamamos *modelo 2* - representa o comportamento de todos os informantes, independente de representarem o padrão mais geral ou não. Procedendo assim, encontra-se o seguinte padrão para o continuativo ou assertivo não-final na fala baiana:

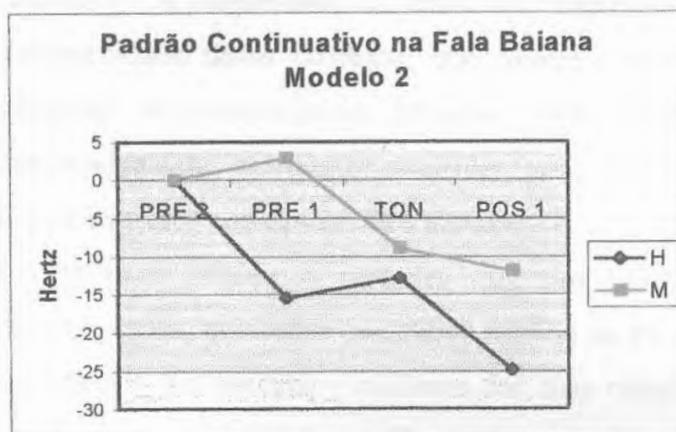


Gráfico (62): Padrão continuativo na fala baiana – gráfico modelo 2.

O gráfico foi gerado a partir dos seguintes números:

- A Pre1 é 15.5Hz mais grave que a Pre2 nos homens e 2.9Hz mais aguda que a Pre2 nas mulheres;
- A tônica é 2.6Hz mais aguda que a Pre1 nos homens e 11.8Hz mais grave nas mulheres;
- A postônica é 12 Hz mais grave que a tônica nos homens e 3Hz mais grave que a tônica nas mulheres.

Assim obteve-se a tabela abaixo, geradora do gráfico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	0,0	0,0
PRE 1	-15,5	2,9
TON	-12,9	11,8
POS 1	-24,9	3,0

Tabela (47): Variação da F0 (em Hertz) determinante do contorno melódico do padrão continuativo representado no gráfico(62).

5.2.1.3.3. Sobre os padrões melódicos na fala espontânea

Os resultados referentes ao contexto assertivo não-final não nos permitiram estabelecer padrões comuns para nenhum dos dois conjuntos de variáveis (homem x mulher, Rio x Salvador). A disparidade de resultados expressa nos gráficos-padrão aponta para a complexidade desse contexto, que reúne, a um só tempo, diversas fronteiras sintagmáticas de características próprias, com distribuição irregular no *corpus*, e que, deliberadamente, excusamos controlar, visto que não era nosso intuito investigar questões de interface entre prosódia e sintaxe.

Resultados melhores rendeu o contexto assertivo final. Para comentá-los, partiremos do gráfico a seguir, que reúne os valores médios da F0 obtidos na descrição do padrão assertivo na fala dos homens e mulheres das duas cidades. Os números que lhe deram origem foram os mesmos que utilizamos nos gráficos representativos do *modelo 2*, apresentados ao longo da descrição dos padrões melódicos:

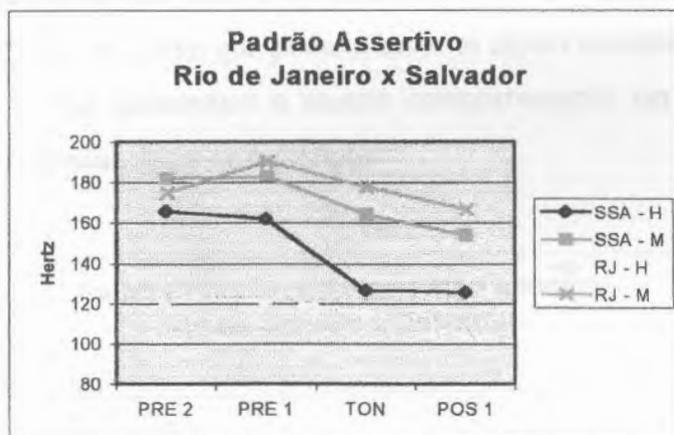


Gráfico (63): Padrão assertivo na fala carioca e na fala baiana.

Para todos os conjuntos de informantes confirma-se o padrão assertivo neutro, marcado pela queda da F0 na tônica final do enunciado. A forma de essa queda se efetivar, entretanto, é notoriamente diferente na fala das duas cidades.

Comparando inicialmente a fala das mulheres, percebe-se que as mudanças de direção na curva da F0 são iguais: há elevação da F0 da Pre2 para a Pre1, seguida de uma queda que se estende até a postônica 1. O que difere na fala das duas cidades são os valores. A subida melódica da Pre2 para a Pre1 é três vezes maior na fala carioca

(15.4Hz contra 5 Hz na fala baiana). A descida melódica da Pre1 para a tônica, por sua vez, é duas vezes maior em Salvador (23.1Hz contra 12.6Hz no Rio). Observando o gráfico, vê-se que na fala feminina do Rio de Janeiro o movimento de queda e elevação da FO entre as três primeiras sílabas tem distribuição simétrica, ao passo que na fala feminina de Salvador há um contraste maior entre a Pre1 e a tônica; acentua-se mais a descida tonal que a elevação, o que corrobora a impressão auditiva e os resultados das primeiras análises.

Comparando a fala dos homens do Rio com a dos de Salvador, acham-se resultados similares aos descritos para a fala das mulheres, mas com particularidades. A relação entre a Pre2 e a Pre1 é inversa nas duas cidades: no Rio de Janeiro há elevação (de 2.9Hz) e em Salvador há queda (de 4Hz). Mas, assim como na fala feminina e até de forma mais acentuada, contrastam a Pre1 e a tônica: se no Rio a descida melódica é de apenas 7Hz, em Salvador ela é cinco vezes maior (35.1Hz).

Embora tenha me decidido por deixar de lado outros contextos que não o assertivo final e o não-final, reuni um pequeno *corpus* formado pela fala das duas informantes cariocas e das duas informantes de Salvador que mais apresentaram dados de enumeração (totalizando 28 dados no Rio e 26 em Salvador). Por ser um contexto sintático bem específico, acreditei que poderia haver aí algum resultado interessante. As duas informantes do Rio apresentam o mesmo comportamento, em oposição às duas informantes soteropolitanas. Veja-se o gráfico:

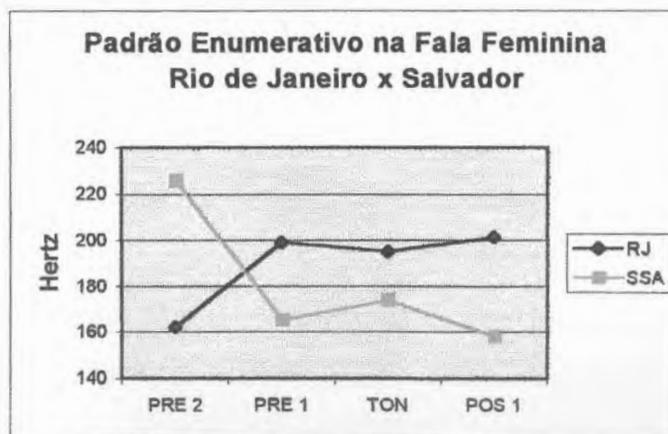


Gráfico (64): Padrão enumerativo na fala das mulheres cariocas e baianas.

O padrão descrito para uma cidade é exatamente oposto ao padrão da outra. Se no Rio de Janeiro há subida melódica da Pre2 para a Pre1, em Salvador há descida; na

relação entre a Pre1 e a tônica, as baianas elevam a F0 e as cariocas baixam; da tônica para a postônica há outra mudança de direção da linha melódica: para as mulheres do Rio registra-se elevação e para as baianas, queda da F0. O gráfico, como um todo, chama a atenção para a relação entre as pretônicas: há uma grande mudança de direção da linha melódica seguida de outras mudanças, com pequenas variações em Hertz. No Rio, a elevação de 36.9Hz da Pre2 para a Pre1 se opõe à queda de 60 Hz que se vê em Salvador e que deve ser responsável pela indexação regional. Em compensação, há elevação da Pre1 para a tônica, caracterizando o contexto continuativo, geralmente marcado por elevação da F0 nesse local. Na fala carioca, a entoação suspensiva é garantida pela pouca variação negativa da Pre1 para a tônica (4.2 Hz), acrescida de uma pequena elevação na postônica 1 (de 6.2Hz), mantendo essas sílabas num mesmo nível tonal.

5.2.1.4. Padrões melódicos na leitura

A indicação da fronteira melódica, na escrita, se fez por meio da pontuação convencional: ponto final para indicar a fronteira de uma assertiva, ponto de interrogação para indicar a fronteira de uma pergunta e vírgula para indicar pausa continuativa. Das seis perguntas inseridas no *corpus*, cinco são do tipo questão total (*yes/no question*) e uma é do tipo questão parcial (“E cadê o corpo de delito?”) e elas foram observadas separadamente.

A análise dos vocábulos sobre os quais incide a mudança de direção da curva melódica para a expressão do contexto discursivo tem o intuito de responder as seguintes perguntas: haveria, na fala lida, interferência do fator regional nos padrões entoacionais característicos de asserções, perguntas e de contextos discursivos onde a seqüenciação / a continuidade é marcada por uma entoação ascendente, como nas enumerações? Haveria, na leitura, um padrão assertivo regionalmente condicionado? O padrão melódico nas interrogativas seria o mesmo para baianos e cariocas quando lêem um texto? Elementos / sintagmas coordenados entre si apresentam, na fala de qualquer região do país, o mesmo comportamento da frequência fundamental?

Tem-se então, no *Corpus Frases*, 32 vocábulos assim distribuídos: contexto assertivo, 10 dados; contexto interrogativo, 6 dados; contexto continuativo, 16 dados. Abaixo, mostram-se as frases lidas e os vocábulos analisados:

Contexto Assertivo

1. O documento foi levado pelo deputado.
2. O deputado cassou o documento.
3. A Câmara, na última semana, votou o projeto e cassou o deputado.
4. A Câmara cassou o deputado, votou o projeto e entrou em recesso.
5. Me dá um pouco de batata, sopa e carne cozida.
6. Mandei lavar o tapete e passar cera na sacada.
7. O cadete fez o depósito, sacou dinheiro e saiu do banco.
8. O cadete sacou dinheiro e fez o depósito.
9. Antes do exame de corpo de delito, a vítima contou o caso.
10. Os animais, eles são divididos em animais úteis e animais nocivos.

Contexto Interrogativo

1. A Câmara cassou o deputado?
2. Me dá um pouco de batata, sopa e carne cozida, por favor?
3. Vamos conhecer a cidade?
4. Vamos visitar a mata, conhecer a cidade?
5. O cadete mora no Catete?
6. E cadê o corpo de delito?

Contexto Continuativo

1. A Câmara, na última semana, votou o projeto e cassou o deputado.
2. A Câmara, na última semana, votou o projeto e cassou o deputado.
3. A Câmara, na última semana, votou o projeto e cassou o deputado.
4. A Câmara cassou o deputado, votou o projeto e entrou em recesso.
5. A Câmara cassou o deputado, votou o projeto e entrou em recesso.
6. Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida.
7. Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida.
8. Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida, por favor?
9. Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida, por favor?
10. Me dá um pouco de batata, cenoura e carne cozida, por favor?
11. Vamos visitar a mata, conhecer a cidade?
12. Mandei lavar o tapete e passar cera na sacada.
13. O cadete fez o depósito, sacou dinheiro e saiu do banco.
14. O cadete sacou o dinheiro e fez o depósito.
15. Antes do exame de corpo de delito, a vítima contou o caso.
16. Os animais, eles são divididos em animais úteis e animais nocivos.

5.2.1.4.1. A leitura dos cariocas

5.2.1.4.1.1. Padrão assertivo final

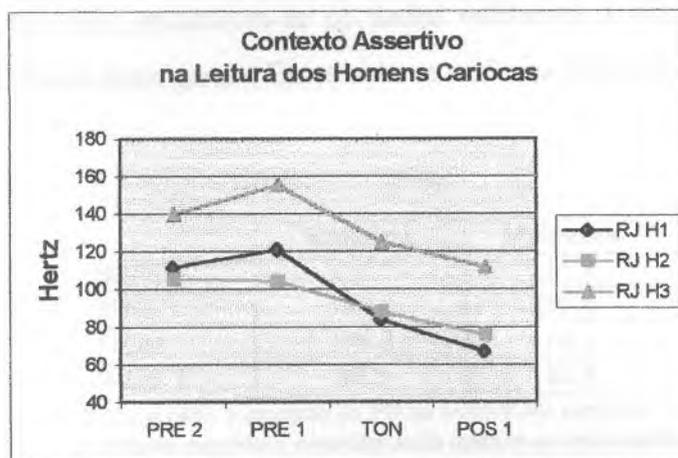


Gráfico (65): Contexto assertivo na leitura dos homens cariocas.

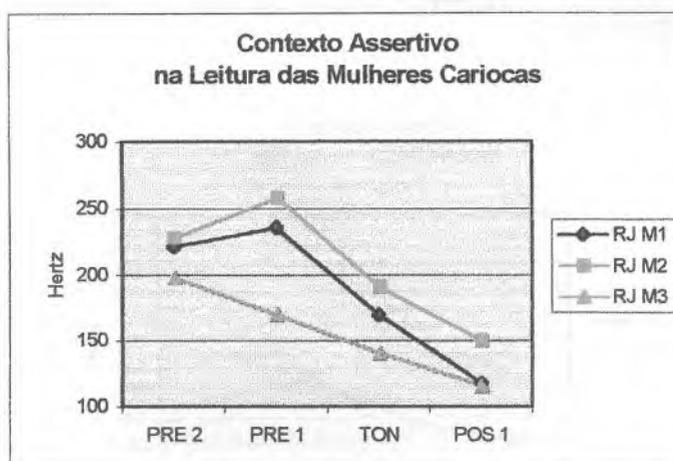


Gráfico (66): Contexto assertivo na leitura das mulheres cariocas.

Nota-se que a maior parte dos locutores descreve um mesmo padrão ao enunciar um vocábulo no final de uma assertiva: há uma ligeira elevação da Pre2 para a Pre1 seguida de um declínio constante até a última sílaba. Fogem a esses padrão a relação entre a Pre2 e Pre1 nos informantes H2 e M3, onde se verifica queda da F0.

Observando homens e mulheres em conjunto, podemos estabelecer padrões para o comportamento das assertivas. Conforme se fez na descrição dos padrões melódicos na fala espontânea, apresentam-se dois modelos de gráfico, elaborados a partir dos valores médios, que buscam expressar o padrão assertivo final encontrado na análise dos dados de leitura do Rio de Janeiro. No primeiro deles, consideraram-se para o cálculo dos valores médios da F0 apenas os informantes em que se verificava o mesmo padrão melódico (ou seja, excluíram-se os dados referentes a H2 e M3), a fim de representar as tendências mais gerais. Esses valores estão na tabela abaixo:

	Homens	Mulheres
PRE 2	125,7	224,2
PRE 1	138,1	246,8
TON	104,3	179,5
POS 1	89,3	133,8

Tabela (48): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto assertivo, considerando apenas os informantes onde se verifica padrões melódicos similares.

A partir dos números acima, foi gerado o gráfico:

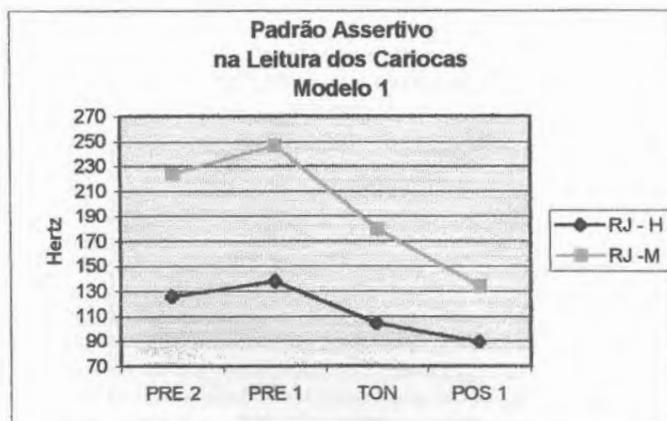


Gráfico (67): Contexto assertivo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 1.

O gráfico mostra um padrão similar para homens e mulheres nesse contexto: há elevação da F0 da Pre2 para a Pre1 seguida de declínio melódico até a última sílaba do vocábulo. Observe-se que na leitura feminina o padrão se evidencia com mais força, visto serem maiores os intervalos em Hertz na passagem de uma sílaba para outra.

Vejam os a variação média em Hertz de uma sílaba para outra:

- A subida melódica da Pre2 para a Pre1 é de 12.4Hz, em média, nos homens e 22.6Hz, nas mulheres;
- O decréscimo dos valores da F0 da Pre1 para a tônica nos homens é, em média, de 66.5Hz e, nas mulheres, 67.3Hz.
- O decréscimo dos valores da F0 da tônica para a Pos1 é de 51.1Hz em média para os homens e 45.7Hz para as mulheres.

Se acrescentarmos ao cálculo da médias os informantes H2 e M3, encontramos os seguintes valores:

	Homens	Mulheres
PRE 2	118,9	215,3
PRE 1	126,8	221,0
TON	98,7	166,4
POS 1	84,8	127,7

Tabela (49): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto assertivo, considerando todos os informantes.

De acordo com essa tabela, encontra-se o seguinte padrão, a que vimos chamando de *modelo 2*, para o contexto assertivo na leitura dos cariocas:

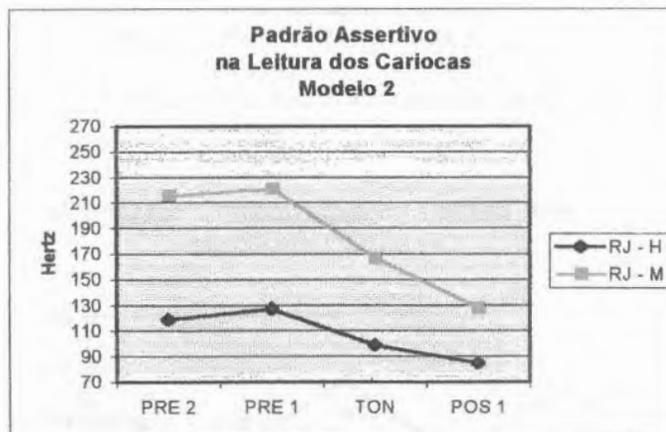


Gráfico (68): Contexto assertivo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 2.

O padrão permanece o mesmo que aquele descrito para o modelo 1. Diminuem, no entanto, alguns intervalos em Hertz entre algumas sílabas. Vejam os:

- A subida melódica da Pre2 para a Pre1 é de 7.9Hz, em média, nos homens e 5.7Hz, nas mulheres;
- O decréscimo dos valores da F0 da Pre1 para a tônica nos homens é, em média, de 28.1Hz e, nas mulheres, 54.6Hz.
- O decréscimo dos valores da F0 da tônica para a Pos1 é de 13.9Hz em média para os homens e 38.7Hz para as mulheres.

Percebe-se que os efeitos da linha de declinação são mais acentuados na fala feminina.

5.2.1.4.1.2. Padrão assertivo não-final

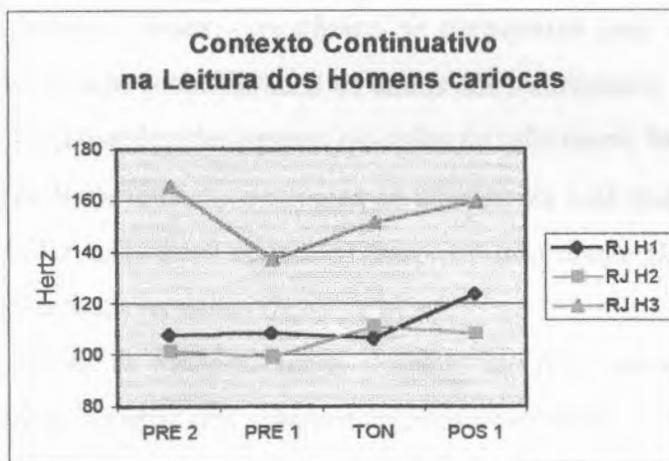


Gráfico (69): Contexto continuativo na leitura dos homens cariocas.

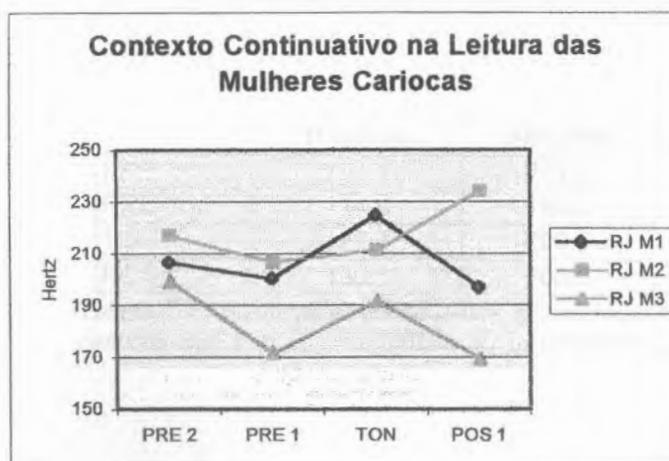


Gráfico (70): Contexto continuativo na leitura das mulheres cariocas.

Ao observar o gráfico, percebe-se ser que há grande variedade comportamental entre os informantes. Na relação Pre2 – Pre1 dois homens (H2 e H3) e as três mulheres têm comportamento similar, verificando-se uma queda melódica. Na relação entre a Pre1 e a tônica, dois homens (H2 e H3) e duas mulheres (M1 e M3) apresentam uma subida melódica. Em 3 locutores (dois homens – H1 e H3 – e uma mulher – M2) nota-se elevação do valor da F0 da tônica para a postônica. Nos demais locutores, o comportamento é inverso: há, da tônica para a postônica, queda da F0.

Vejam os a variação média em Hertz de uma sílaba para outra:

- A queda melódica da Pre2 para a Pre1 F0 é de 10Hz, em média, nos homens, e de 14.6Hz nas mulheres.
- A subida melódica da Pre1 para a tônica é de 12.9Hz em média para os homens e 16.4Hz para as mulheres.
- O padrão ascendente tônica - postônica se caracteriza pela elevação média de 14.1Hz para os homens (considerados os dados dos informantes H1 e H3) e 23.2Hz para as mulheres (considerados apenas os dados da informante M2).
- O padrão descendente tônica – postônica se caracteriza pela queda média de 2.2Hz para os homens (considerados apenas os dados do informante H2) e 24.9Hz para as mulheres (considerados os dados de M1 e M3).

Dada a variedade de padrões, sílaba à sílaba, não nos parece prodente buscar estabelecer um padrão a partir dos comportamentos coincidentes. Passemos direto aos valores médios calculados a partir das medições feitas em todos os locutores. Esses valores se encontram na tabela abaixo:

	Homens	Mulheres
PRE 2	124,7	207,5
PRE 1	114,8	192,8
TON	122,7	209,0
POS 1	130,5	200,2

Tabela (50): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto assertivo, considerando todos os informantes.

O gráfico apresentado a seguir, elaborado a partir dos valores médios constantes da tabela, representa o modelo a que chamamos de *modelo 2* – e busca expressar um padrão para o contexto continuativo

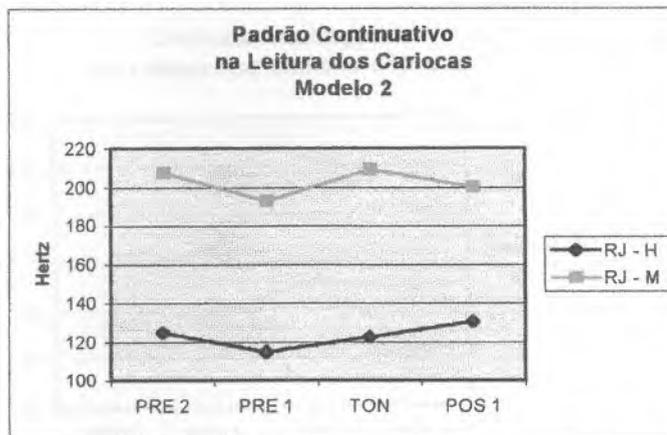


Gráfico (71): Padrão continuativo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 2.

Conforme se vê no gráfico, homens e mulheres descrevem em sua leitura a mesma curva melódica até a sílaba tônica, mas com um contraste maior na leitura feminina. Da pretônica 2 para a pretônica 1 há queda da F0 de 9.9Hz para os homens e 14.7Hz para as mulheres. Da pretônica 1 para a tônica há subida melódica de 7.9Hz para os homens e 16.2Hz para as mulheres. A relação tônica – postônica, porém, difere entre eles: na leitura dos homens, ela é ascendente, com elevação de 7.8Hz; na leitura das mulheres é descendente, com queda de 9.2Hz. Ademais, note-se que o padrão assertivo não-final se opõe claramente ao padrão assertivo final, no qual a linha de declinação se faz presente. No padrão continuativo, as sílabas se mantêm num mesmo patamar tonal, com pequenas variações em Hertz.

5.2.1.4.1.3. Padrão interrogativo

No corpus de leitura, diferentemente do corpus de fala espontânea, foi possível investigar o comportamento da frequência fundamental em enunciados interrogativos. Vejam-se os gráficos:

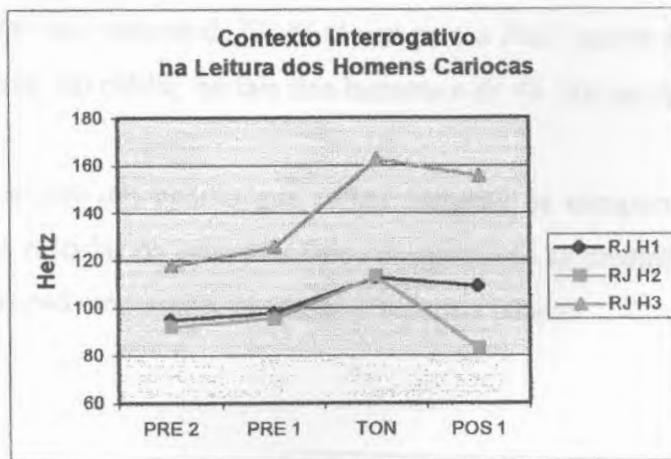


Gráfico (72): Contexto interrogativo na leitura dos homens cariocas.

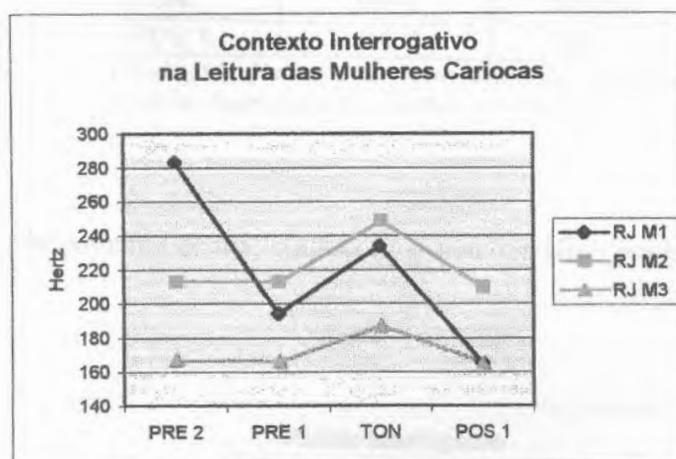


Gráfico (73): Contexto interrogativo na leitura das mulheres cariocas.

Todos os locutores seguem o mesmo padrão: ascendência da Pre1 para a tônica com leve queda em direção à postônica, caracterizando a modalidade da frase.

M1 apresenta comportamento um pouco diferente do geral: vê-se no gráfico uma grande queda da Pre2 para a Pre1, que se explica pelo fato de o vocábulo “por favor” (o único em que ocorre Pre2 nesse contexto) ter sido proferido com ênfase, elevando o valor da F0 na Pre2.

Vejam os valores médios em Hz de uma sílaba para outra:

- A subida melódica da Pre2 para a Pre1 é de 4.9Hz, em média, nos homens. Nas mulheres, o valor da F0 se mantém numa mesma faixa – excetuando M1, que apresenta uma queda de 104.5Hz;
- A subida melódica da Pre1 para a tônica ocorre em todos os informantes. Nos homens, a elevação é, em média, de 23Hz. Nas mulheres, 32Hz.

- O decréscimo dos valores da F0 da tônica para a Pos1 ocorre em todos os locutores, e é de 13.4Hz, em média, na fala dos homens e de 43.2Hz na fala das mulheres.

Se buscarmos um padrão que reflita somente os comportamentos mais gerais, será necessários calcular os valores médios desprezando as medições feitas na leitura da locutora M1. Procedendo assim, chega-se à seguinte tabela:

	Homens	Mulheres
PRE 2	101,4	190,2
PRE 1	106,3	189,6
TON	129,4	217,9
POS 1	116,0	187,4

Tabela (51): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto interrogativo, excluindo a informante M1.

A partir dos números acima, confeccionou-se o gráfico *modelo 1*:

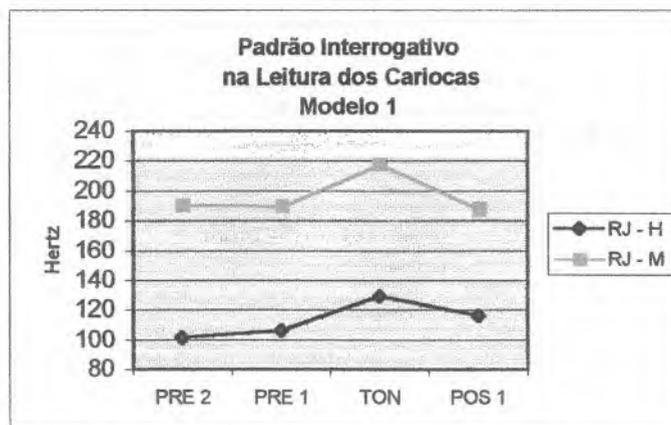


Gráfico (74): Padrão interrogativo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 1.

A relação entre as pretônicas não difere muito nos dois sexos: em ambos, percebe-se pouca variação melódica, sendo essa variação ascendente na leitura dos homens (4.9Hz) e descendente na das mulheres (0.6Hz). Da pretônica 1 até a postônica, o comportamento em ambos os conjuntos é bastante semelhante: da Pre1 para a tônica há elevação melódica da ordem de 23.1Hz para os homens e 28.3Hz para as mulheres. Da tônica para a postônica há uma descida melódica de 13.4Hz para os homens e

30.5Hz para as mulheres, valor que é quase três vezes superior àquele auferido para os homens.

Se incluirmos os dados de M1 ao cálculo dos valores médios, chegamos ao seguinte conjunto numérico:

	Homens	Mulheres
PRE 2	101,4	220,5
PRE 1	106,3	185,2
TON	129,4	224,2
POS 1	116,0	181,7

Tabela (52): Variação da F0 na leitura dos cariocas, no contexto interrogativo, considerando todos os informantes.

A partir dos números, fez-se o gráfico representativo do *modelo 2*, em que se consideram todos os informantes para expressar o padrão encontrado nas orações interrogativas:

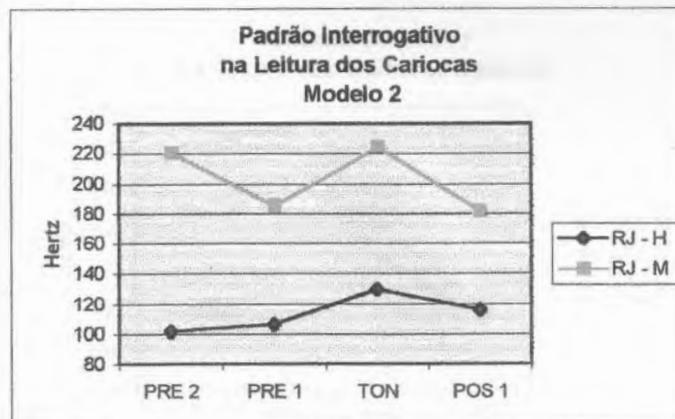


Gráfico (75): Padrão interrogativo na leitura dos cariocas – gráfico modelo 2.

A única mudança substancial que se verifica no gráfico *modelo 2* é a inversão da curva melódica no trecho entre a Pre2 e a Pre1 na fala feminina: a inclusão dos dados de M1 faz com que a relação entre essas sílabas passe a ser descendente, com uma queda média de 35.3Hz. Não nos parece que a leitura enfática de M1 deva ser considerada no *corpus* e assim optamos pelo gráfico *modelo 1* como ideal para expressar os resultados obtidos.

5.2.1.4.2. A leitura dos baianos

5.2.1.4.2.1. Padrão assertivo final

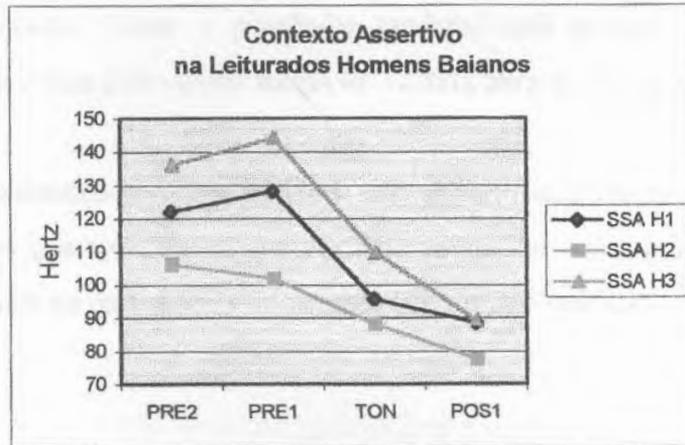


Gráfico (76): Contexto assertivo na leitura dos homens baianos.

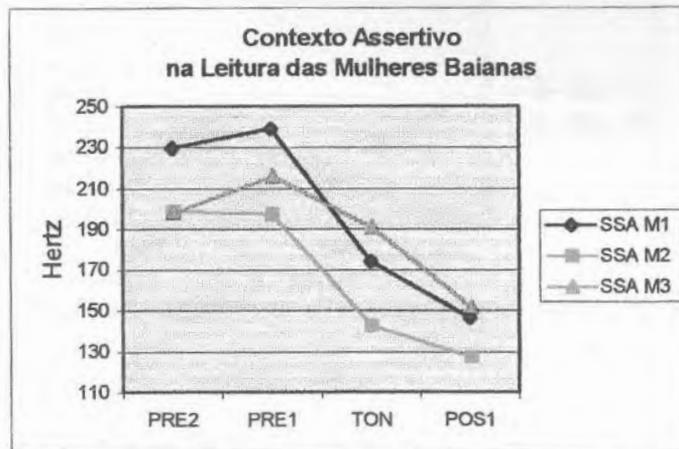


Gráfico (77): Contexto assertivo na leitura das mulheres baianas.

Percebe-se um comportamento bem uniforme no contexto assertivo, com pequenas variações na relação entre a pretônica 2 e a pretônica 1. Como padrão geral tem-se subida melódica da Pre2 para a Pre1 e, a partir daí, declínio constante dos valores da frequência fundamental.

Vejamos a variação média em Hz de uma sílaba para outra:

- A subida melódica da Pre2 para a Pre1 F0 é de 7.1Hz, em média, nos homens, e de 13.7Hz nas mulheres. As exceções são o locutor H2, que apresenta queda média de

11Hz da primeira para a segunda sílaba, e a locutora M2, que apresenta queda média de 1.7Hz da Pre2 para a Pre1.

- A queda melódica da Pre1 para a tônica ocorre em todos os locutores, sendo de 26.8Hz, em média, para o sexo masculino e 48.2Hz, em média, para o sexo feminino.
- O padrão descendente tônica – postônica também está presente em todos os locutores e se caracteriza pela queda média de 12.8Hz para os homens e 27.3Hz para as mulheres.

O gráfico apresentado a seguir foi elaborado a partir dos valores médios da F0 colhidos aos locutores que apresentam comportamento similar – é o gráfico *modelo 1*. Não representam-se nele os dados dos informantes H2 e M2. Vejamos:

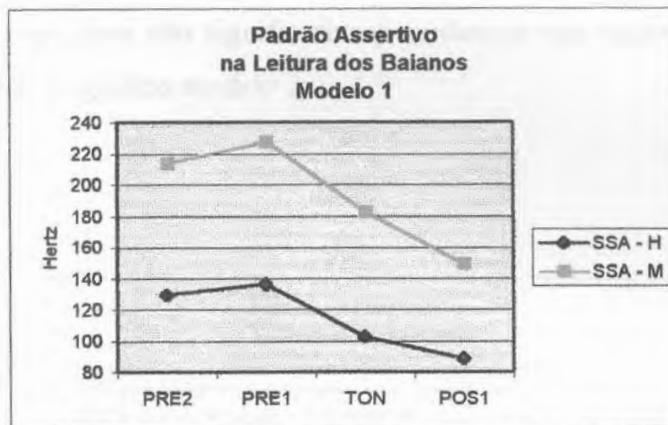


Gráfico (78): Padrão assertivo na leitura dos baianos – gráfico modelo 1.

O comportamento na leitura de homens e mulheres é bem semelhante e o gráfico reflete os valores constantes da tabela abaixo:

	Homens	Mulheres
PRE 2	129,1	213,9
PRE 1	136,2	227,6
TON	102,8	182,7
POS 1	88,9	149,3

Tabela (53): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto assertivo, excluindo os informantes M2 e H2.

Sobrepondo num mesmo gráfico todos os padrões encontrados para as interrogativas – incluindo os dados de M2 e H2 – obtêm-se os seguintes valores médios para a F0:

	Homens	Mulheres
PRE 2	121,4	208,9
PRE 1	124,7	217,5
TON	97,9	169,3
POS 1	85,1	142,0

Tabela (54): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto assertivo, considerando todos os informantes.

Traçadas assim, as curvas melódicas não se alteram: continua a haver o padrão ascendente até a pretônica 1 seguido de um padrão descendente até o final do vocábulo, registrando-se pequenas (mas não significativas) mudanças nos valores em Hertz. É o que se pode visualizar no gráfico *modelo 2*:

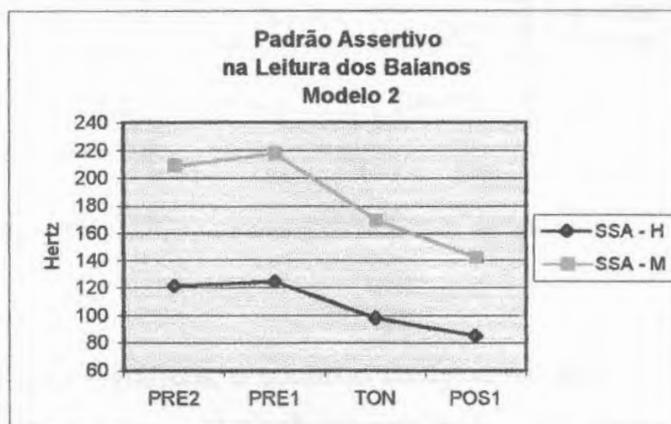


Gráfico (79): Padrão assertivo na leitura dos baianos – gráfico modelo 2.

5.1.4.2.2. Padrão assertivo não-final

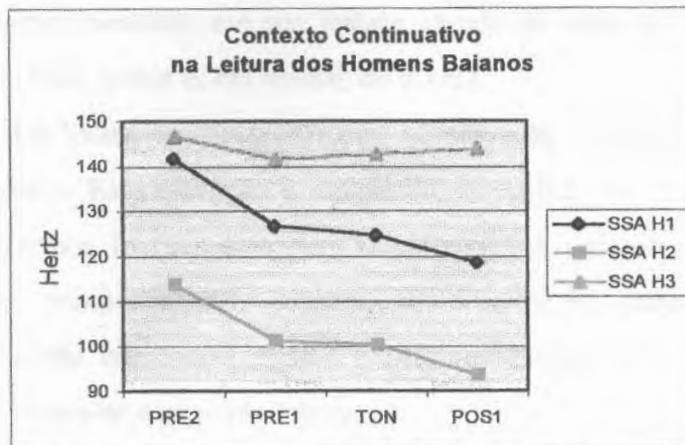


Gráfico (80): Contexto continuativo na leitura dos homens baianos.

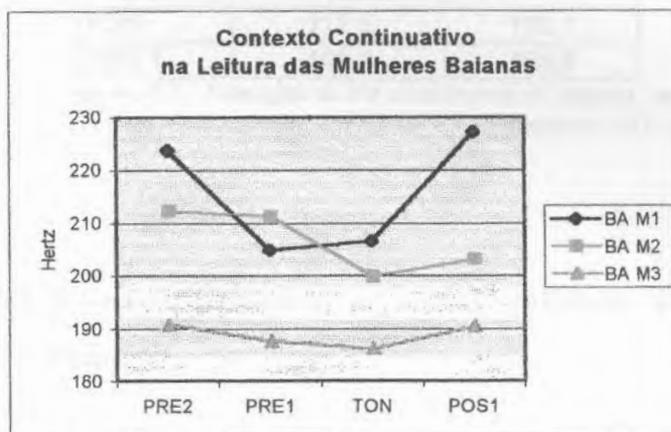


Gráfico (81): Contexto continuativo na leitura das mulheres baianas.

Como mostram os gráficos, o contexto continuativo apresenta comportamentos muito variados na relação entre a sílaba tônica e as átonas adjacentes.

- A relação de declínio do valor de F0 da Pre2 para a Pre1 está presente em todos os locutores. A média desse declínio, nos homens, é de 10.8Hz, e, nas mulheres, 7.7Hz.
- Quatro locutores apresentam queda da F0 da Pre1 para a sílaba tônica. Na leitura dos homens, esse declínio é, em média, de 1.5Hz. Na leitura das mulheres, a queda da F0 é, em média, de 6.4Hz. Excetuam-se ao padrão os locutores H3 e M1, pois em sua leitura há elevação melódica da sílaba pretônica para a tônica.

Entretanto essa elevação é muito pequena e sequer deve ser considerada: 1Hz em H3 e 1.7Hz em M1.

- A relação entre a tônica e a postônica também é variada. Os três locutores do sexo masculino mostram, em sua leitura, queda do valor da F0 de uma sílaba para a outra. Essa queda é, em média, de 6.3Hz.
- Na leitura das locutoras, inversamente, há elevação melódica da sílaba tônica para a postônica. Essa elevação é, em média, de 9.4Hz.

Se considerarmos inicialmente para o cálculo dos valores médios apenas os locutores que têm comportamento comum, reuniremos os dados de H2 e H1, representando o padrão masculino, e M2 e M3, representando o padrão feminino. Procedendo assim, chega-se a seguinte tabela:

	Homens	Mulheres
PRE 2	127,7	201,6
PRE 1	114,0	199,5
TON	112,5	193,1
POS 1	106,2	196,9

Tabela (55): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto continuativo, excluindo os informantes M1 e H3.

Para comentá-la veremos, primeiro, as curvas melódicas que esses números descrevem no gráfico *modelo 1*:

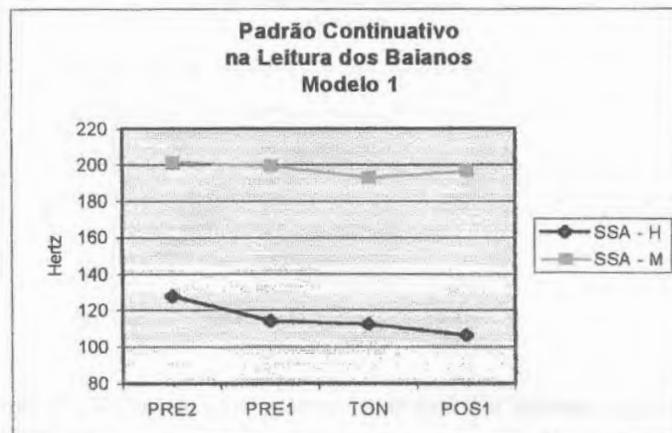


Gráfico (82): Padrão continuativo na leitura dos baianos – gráfico modelo 1.

O que logo de início chama a atenção é a pequeníssima variação melódica que se registra de uma sílaba para outra. Na leitura de homens e mulheres há declínio da F0 da Pre2 para a Pre1, sendo que para os homens esse declínio é de 13.7Hz em média, valor quase sete vezes maior que o encontrado para as mulheres (2,1Hz). A queda da F0 se mantém da Pre1 para a tônica e é de 6,4Hz para as mulheres e 1,5Hz para os homens. Na relação tônica – postônica a F0 tem comportamento diferente para os dois conjuntos de locutores: ela aumenta, na leitura das mulheres (3,8Hz) e diminui na leitura dos homens (6,3Hz).

Vejamos, na tabela abaixo, a que números se chega ao considerar todos os informantes no cálculo da média:

	Homens	Mulheres
PRE 2	134,0	209,0
PRE 1	123,2	201,3
TON	122,5	197,5
POS 1	118,8	207,0

Tabela (56): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto continuativo, considerando todos os informantes..

Partindo da tabela, foi gerado o seguinte gráfico, que representa o *modelo 2*:

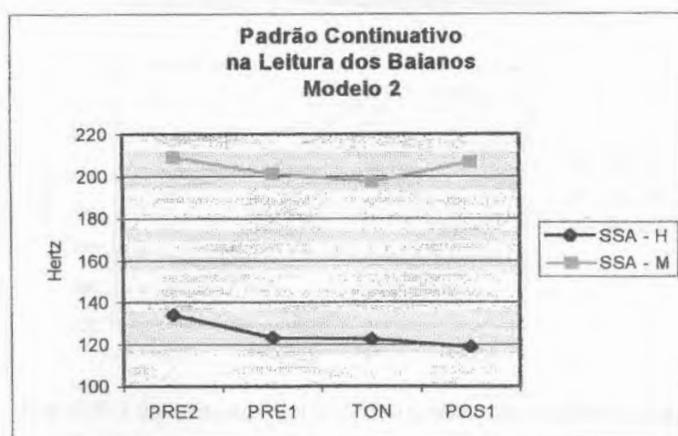


Gráfico (83): Padrão continuativo na leitura dos baianos – gráfico modelo2.

Os resultados obtidos, em termos de curva melódica, são os mesmos, com pequenas mudanças nos valores em Hertz. Torna-se um pouco maior, por exemplo, na leitura feminina, a subida melódica no final do vocábulo: de 3.8Hz auferidos nos cálculos do gráfico modelo 1 chega-se a 9.5Hz no gráfico *modelo 2*. Porém, tais modificações não são relevantes e, dada a coincidência entre os dois gráficos, optamos por dar preferência a esse, que reúne um número maior de informantes, para representar o padrão continuativo na leitura baiana.

5.2.1.4.2.3. Padrão interrogativo

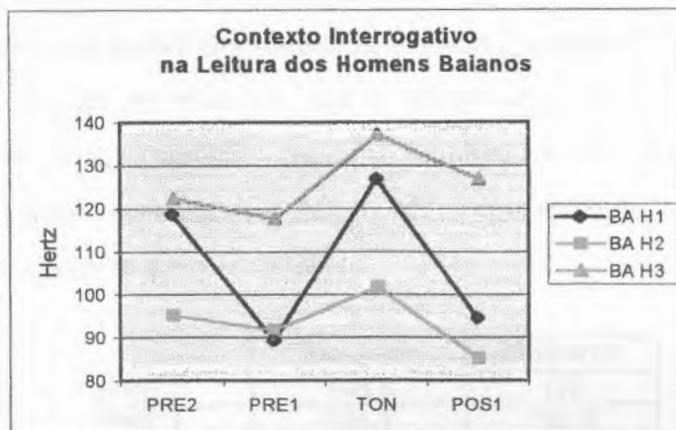


Gráfico (84): Contexto interrogativo na leitura dos homens baianos.

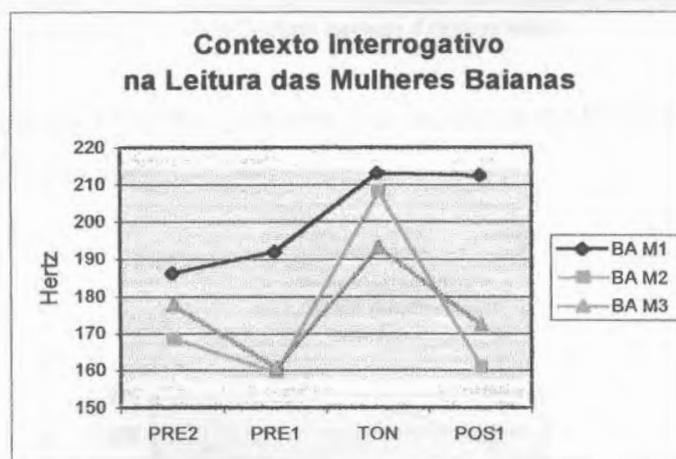


Gráfico (85): Contexto interrogativo na leitura das mulheres baianas.

O padrão comum a maior parte dos informantes consiste em descida melódica da pretônica 2 para a pretônica 1, subida melódica da pretônica 1 para a tônica e descida melódica da tônica para a postônica.

Vejamos a variação média em Hz de uma sílaba para outra:

- Todos os locutores (com exceção de M1) apresentam descida melódica da Pre2 para a Pre1. Nos homens, o declínio da F0 é de 12.5Hz em média. Nas mulheres, a média é de 12.9Hz. Em M1, que apresenta padrão inverso, a elevação melódica é de 5.8Hz.
- Em todos os locutores manifestou-se um padrão ascendente da Pre1 para a tônica. Na leitura dos homens a subida média da F0 é de 22.3Hz. Na leitura das mulheres, a elevação média é de 34Hz.
- Em todos os locutores (com exceção de M1, onde o valor da F0 se mantém praticamente o mesmo) verifica-se uma queda dos valores da frequência fundamental da sílaba tônica para a postônica. Na leitura dos homens, a queda é, em média, de 19.7Hz. Na leitura das mulheres, a queda é, em média, de 33.9Hz.

Se considerarmos inicialmente para o cálculo dos valores médios apenas os locutores que têm comportamento comum, reuniremos os dados de H2 e H3, representando o padrão masculino, e M2 e M3, representando o padrão feminino. Procedendo assim, chega-se a seguinte tabela:

	Homens	Mulheres
PRE 2	108,8	173
PRE 1	104,7	160,2
TON	119,4	193,2
POS 1	106,1	172,5

Tabela (57): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto interrogativo, considerando apenas 4 informantes.

Para comentá-la é melhor, primeiro, ver as curvas melódicas que esses números descrevem no gráfico *modelo 1*:

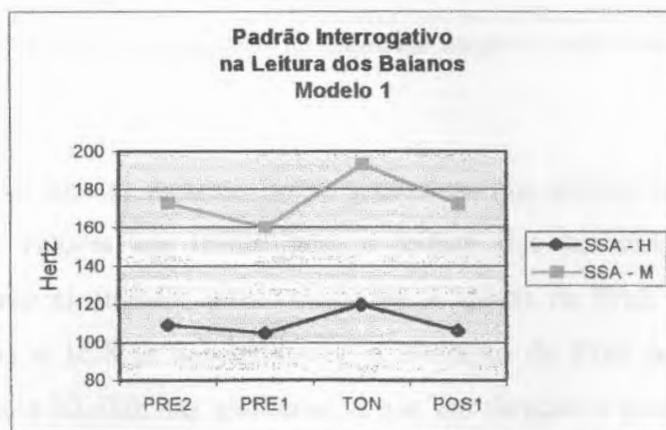


Gráfico (86): Padrão interrogativo na leitura dos baianos – gráfico modelo 1.

O padrão que se descreve para homens e mulheres é de: declínio da F0 da Pre2 para a Pre1, sendo esse declínio de 4.1Hz para os homens e 12.8Hz para as mulheres; elevação da F0 em direção à tônica da ordem de 14.7Hz na leitura masculina e, bem superiormente, 33Hz na feminina; queda da F0 em direção à postônica da ordem de 13.3Hz para os homens e, num valor um pouco maior, 20.7Hz para as mulheres.

Consideremos agora todos os informantes, incluindo H1 e M1. Eis a tabela com os valores médios da F0:

	Homens	Mulheres
PRE 2	112,1	177,6
PRE 1	99,6	160,8
TON	121,9	193,2
POS 1	102,2	172,5

Tabela (58): Variação da F0 na leitura dos baianos, no contexto interrogativo, considerando todos os informantes.

A partir da tabela, fez-se o gráfico referente ao modelo 2:

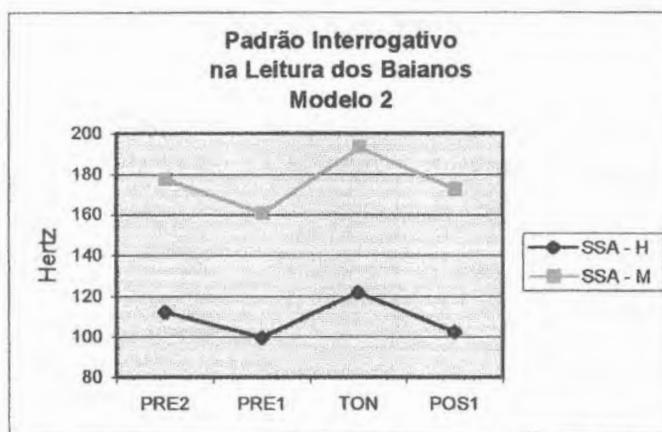


Gráfico (87): Padrão interrogativo na leitura dos baianos – gráfico modelo 2.

Descrevem-se aqui as mesmas linhas melódicas que gráfico no modelo 1, com uma diferença: os valores em Hertz, para a leitura dos homens, tornam-se mais próximos aos valores alcançados pelas mulheres: a queda da Pre2 para a Pre1 é de 12.5Hz nos homens e 16.8Hz nas mulheres; a elevação da Pre1 para a tônica é de 22.3Hz nos homens e 32.4Hz nas mulheres; a que em direção à postônica, por fim, é quase a mesma para os dois: 19.7Hz para os homens e 20.7 para as mulheres.

5.3. Interpretação dos resultados

A análise do *corpus* de vocábulos situados em fim de unidade entoacional revelou padrões semelhantes nas duas modalidades de texto observadas (fala espontânea e leitura). Reuni aqui os resultados gerais obtidos na análise dos três correlatos prosódicos – duração, intensidade e F0 – e que foram apresentados ao longo da seção 5.2.

5.3.1. Duração e Intensidade

A única hipótese que havíamos levantado a respeito da duração estava relacionada ao comportamento das sílabas tônicas no Rio de Janeiro. A primeira etapa de análise, além de corroborar a hipótese, mostrou que as tônicas de São Paulo e Porto Alegre também são mais longas, em média, que as tônicas das demais cidades analisadas. Vejamos se, como na análise preliminar, as tônicas do Rio contrastam com as tônicas de Salvador. Os resultados obtidos na 2ª etapa de análise foram os seguintes:

FALA ESPONTÂNEA

	Mulheres Cariocas	Homens Cariocas	Mulheres Baianas	Homens Baianos
PRE 2	0.126s	0.185	0.168s	0.146s
PRE 1	0.172s	0.174	0.174s	0.171s
TON	0.310s	0.269	0.292s	0.292s
POS 1	0.155s	0.169	0.186s	0.182s

Tabela (59): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na fala espontânea de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

LEITURA

	Mulheres Cariocas	Homens Cariocas	Mulheres Baianas	Homens Baianos
PRE 2	0,125 s	0,116 s	0,132 s	0,134 s
PRE 1	0,155 s	0,145 s	0,149 s	0,151 s
TON	0,272 s	0,243 s	0,243 s	0,254 s
POS 1	0,145 s	0,139 s	0,130 s	0,125 s

Tabela (60): Valores médios da duração silábica (em segundos) obtidos na leitura de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional – reprodução da tabela (27), apresentada à pág. 135.

Já havíamos comentado que os resultados da duração nos dois *corpora* – principalmente no de leitura – evidenciam, em primeiro plano, uma grande coincidência de comportamento entre as duas cidades, que fica patente nos gráficos:

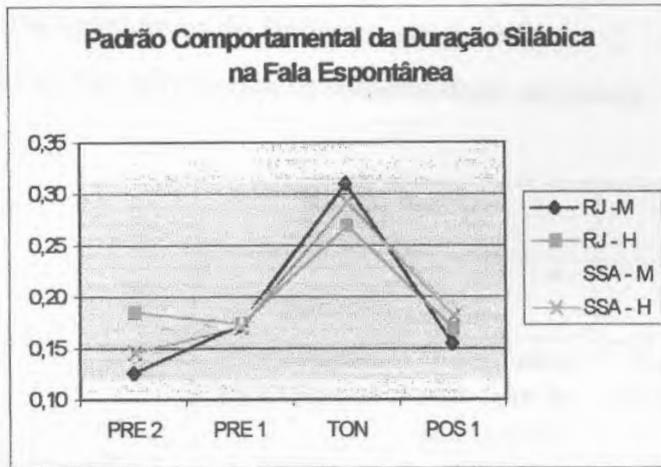


Gráfico (88): Padrão comportamental da duração silábica na fala espontânea de todos os informantes cariocas e baianos.

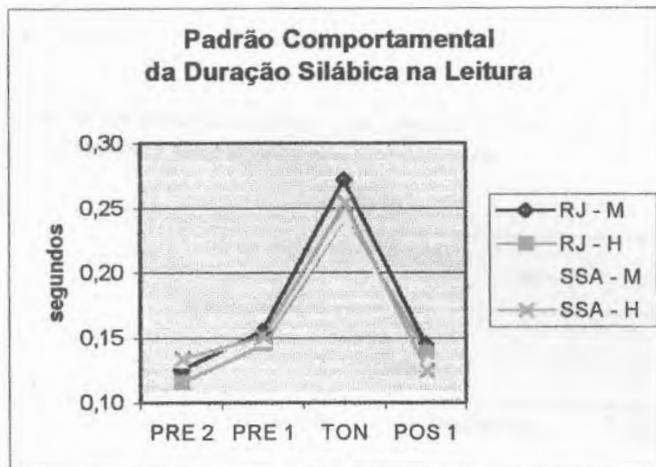


Gráfico (89): Reprodução do gráfico (34) – “Padrão comportamental da duração silábica média na leitura de todos os informantes cariocas e baianos” apresentado à pág. 135.

O que há de positivo nestes resultados é o fato de a análise de todos os vocábulos postos em fim de UE ter fornecido um parâmetro de comportamento padrão da fala carioca e da fala baiana, isto é, um parâmetro de comportamento prosódico onde

as marcas regionais aparecem niveladas. Isto pode nos servir para confrontar estes resultados com aqueles obtidos para Rio e Salvador na 1ª etapa, quando focalizaram-se somente os vocábulos indexadores, pois agora temos dois padrões que podem ser comparados: o da fala feminina em vocábulos que encerram UE e que não têm, necessariamente, marca regional; e o da fala feminina em vocábulos tidos como prosodicamente representativos do fenômeno em questão.

As tabelas abaixo apresentam os números deste confronto:

		Rio de Janeiro		Salvador	
		Fala Espontânea		Fala Espontânea	
		Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora	Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora
Correlato Prosódico: Duração	Pretônica 2	0.146s	0.126s	0.125s	0.168s
	Pretônica 1	0.188s	0.172s	0.152s	0.174s
	Tônica	0.400s	0.310s	0.233s	0.292s
	Postônica	0.178s	0.155s	0.135s	0.186s

Tabela (61): Valores médios da duração silábica (em segundos) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na fala espontânea feminina do Rio e de Salvador.

		Rio de Janeiro		Salvador	
		Leitura		Leitura	
		Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora	Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora
Correlato Prosódico: Duração	Pretônica 2	0.161s	0,125 s	0.184s	0,132 s
	Pretônica 1	0.163s	0,155 s	0.185s	0,149 s
	Tônica	0.310s	0,272 s	0.291s	0.243 s
	Postônica	0.205s	0,145 s	0.193s	0,130 s

Tabela (62): Valores médios da duração silábica (em segundos) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na leitura feminina do Rio e de Salvador.

Vejam os mesmos números organizados sob a forma de gráfico, para então

receber comentários:

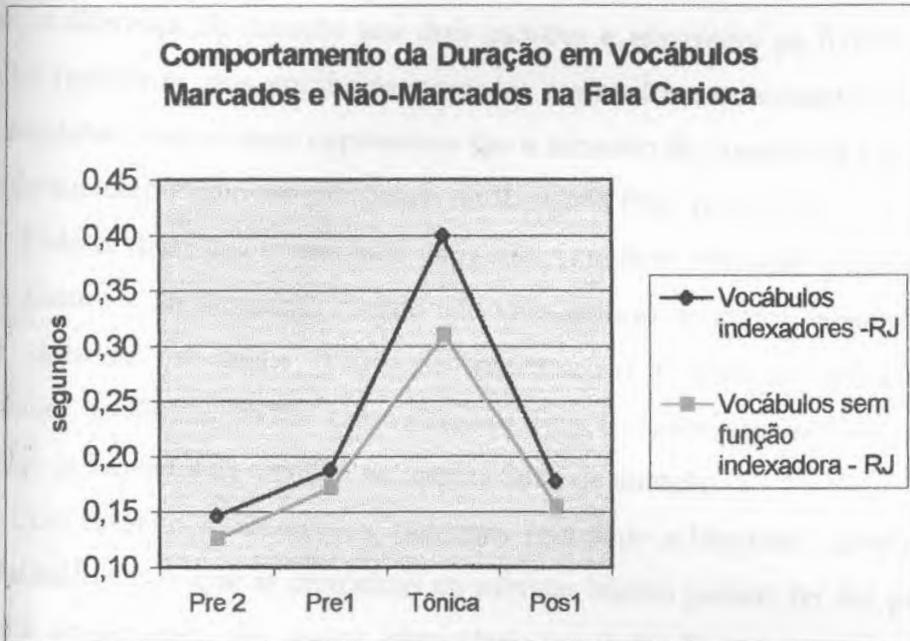


Gráfico (90): Comportamento da duração silábica na fala espontânea carioca, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca.

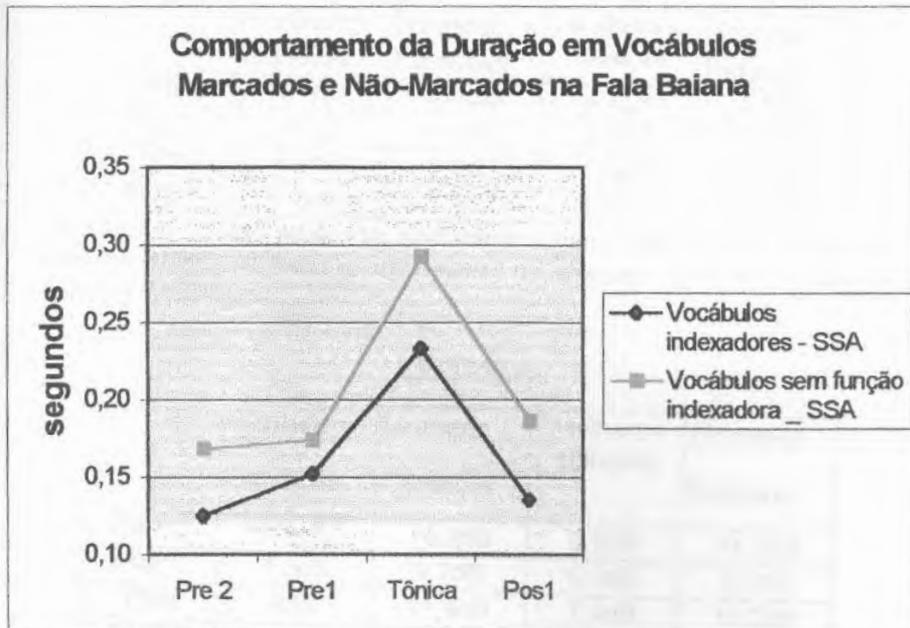


Gráfico (91): Comportamento da duração silábica na fala espontânea de Salvador, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca.

Escolhi para comentário os dados de fala espontânea por encontrar neles manifestação clara de diferença entre os padrões. Na fala carioca a sílaba tônica destaca-se nos vocábulos indexadores, tendo uma duração ultralonga (0,400s), que supera em 0,90s a duração média das tônicas em vocábulos não-marcados (0,310s). Nas demais sílabas, a diferença de duração nos dois padrões é em média de 0,020s. Na fala de Salvador registra-se, nos vocábulos marcados regionalmente, aumento da duração em todas as sílabas, mas os mais expressivos são o aumento da duração na Pre2 (de 0,43s, o dobro do aumento médio nas pretônicas do Rio) e na Pos1 (de 0,51s).

Pode-se dizer que o resultado mais relevante face à duração é que as tônicas do Rio de Janeiro e de Salvador, quando não veiculadoras de marca regional, são sílabas longas, durando em média 0,30s. Ao expressarem o sotaque, entretanto, elas se diferenciam: as tônicas do Rio assumem uma duração maior, tornando-se ultralongas, e as tônicas de Salvador se mantêm na mesma faixa de duração.

Com respeito à intensidade, tínhamos levantado a hipótese – confirmada na 1ª etapa de análise – de que as pretônicas no subfalar baiano podiam ter sua proeminência prosódica determinada por maior intensidade (ao lado de um aumento da F0). Os resultados que obtivemos na 2ª etapa de análise foram os seguintes:

FALA ESPONTÂNEA

	Mulheres Cariocas	Homens Cariocas	Mulheres Baianas	Homens Baianos
PRE 2	3.7dB	6.1dB	4.3dB	4.7dB
PRE 1	3.8dB	4.1dB	2.6dB	4.5dB
TON	4.7dB	6.9dB	4.3dB	6.5dB
POS 1	1.3dB	1.4dB	1.2dB	1.0dB

Tabela (63): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na fala espontânea de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional".

LEITURA

	Mulheres Cariocas	Homens Cariocas	Mulheres Baianas	Homens Baianos
PRE 2	9,9dB	14,2dB	8,8dB	14,3dB
PRE 1	7,3dB	9,7dB	6,3dB	8,2dB
TON	9dB	11,9dB	7,4dB	10,2dB
POS 1	1,3dB	1,4dB	1,1dB	1,6dB

Tabela (64): Reprodução da tabela (32) – Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) obtidos na leitura de todos os informantes no contexto "vocábulo em fim de Unidade Entoacional" – apresentada à pág. 142.

Vejamos a expressão destes números em forma de gráfico:

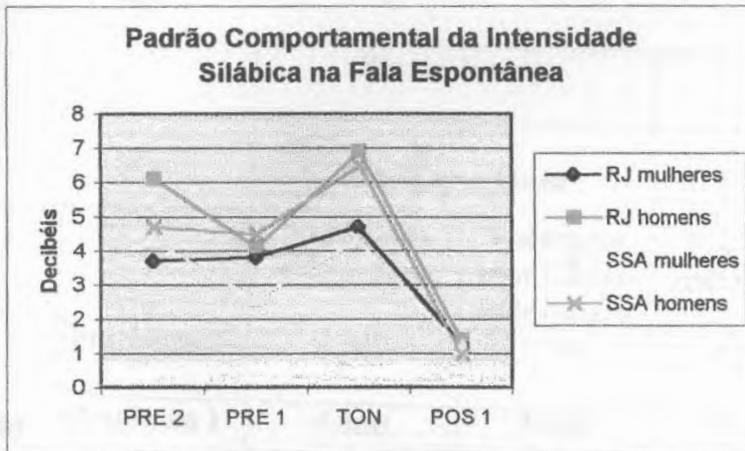


Gráfico (92): Reprodução do gráfico (24) – Padrão médio da intensidade silábica (em decibéis) reunindo todos os informantes do Projeto NURC – Rio de Janeiro x Salvador – no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional” – apresentado à pág. 120.

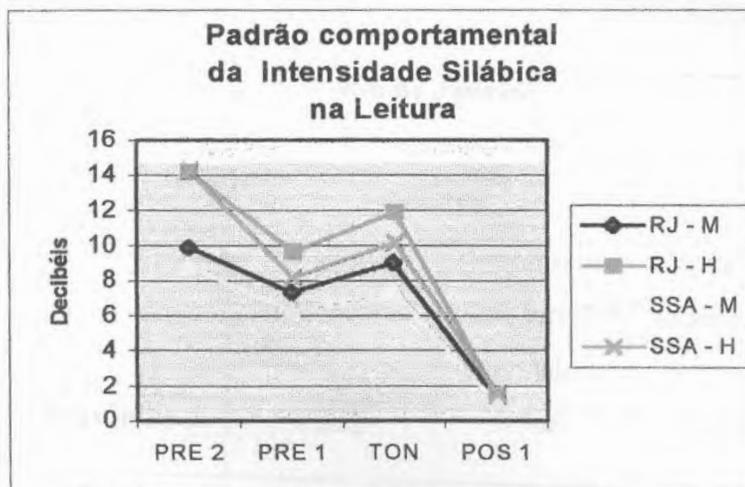


Gráfico (93): Reprodução do gráfico (40) – Padrão da intensidade silábica média na leitura de todos os informantes no contexto “vocábulo em fim de Unidade Entoacional” – apresentado à pág. 143.

Como se vê, mais uma vez, os resultados apresentam padrões indistintos no nível regional. Então, assim como procedemos para a duração, comparemos os resultados desta etapa de análise com os da 1ª:

		Rio de Janeiro		Salvador	
		Fala Espontânea		Fala Espontânea	
		Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora	Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora
Correlato Prosódico: Intensidade	Pretônica 2	4.2dB	3.7dB	4.3dB	4.3dB
	Pretônica 1	4.8dB	3.8dB	3.9dB	2.6dB
	Tônica	6.4dB	4.7dB	3.4dB	4.3dB
	Postônica	0.9dB	1.3dB	3.0dB	1.2dB

Tabela (65): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na fala espontânea feminina do Rio e de Salvador.

		Rio de Janeiro		Salvador	
		Leitura		Leitura	
		Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora	Vocábulos indexadores	Vocábulos sem função indexadora
Correlato Prosódico: Intensidade	Pretônica 2	4,2dB	9,9dB	4,5dB	8,8dB
	Pretônica 1	4,8dB	7,3dB	5,2dB	6,3dB
	Tônica	6,4dB	9dB	5,3dB	7,4dB
	Postônica	0,9dB	1,3dB	2,5dB	1,1dB

Tabela (66): Valores médios da intensidade silábica (em decibéis) contrapondo vocábulos indexadores e não-indexadores na leitura feminina do Rio e de Salvador.

Como fizemos anteriormente, vejamos os padrões que se definem para a fala espontânea:

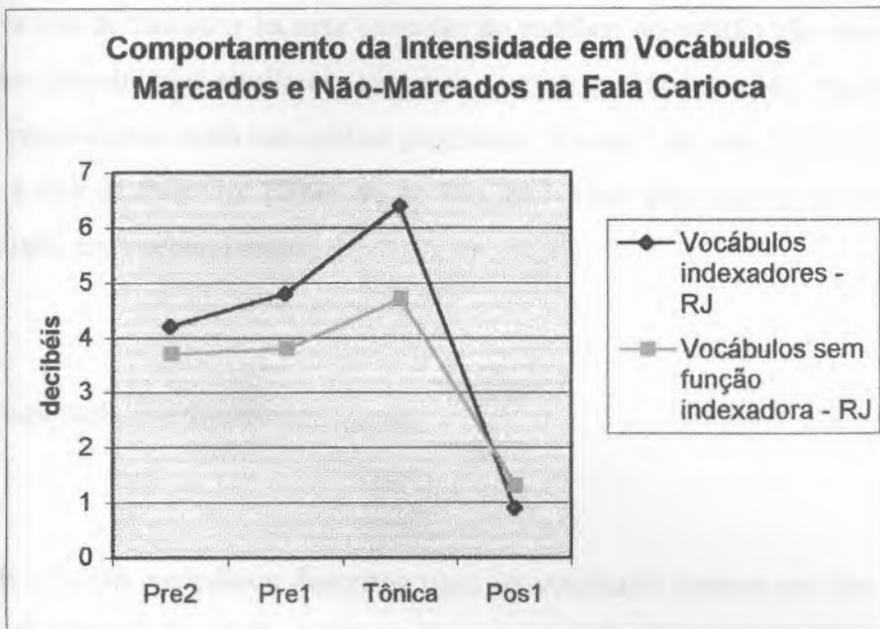


Gráfico (94): Comportamento da intensidade silábica na fala espontânea carioca, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca.

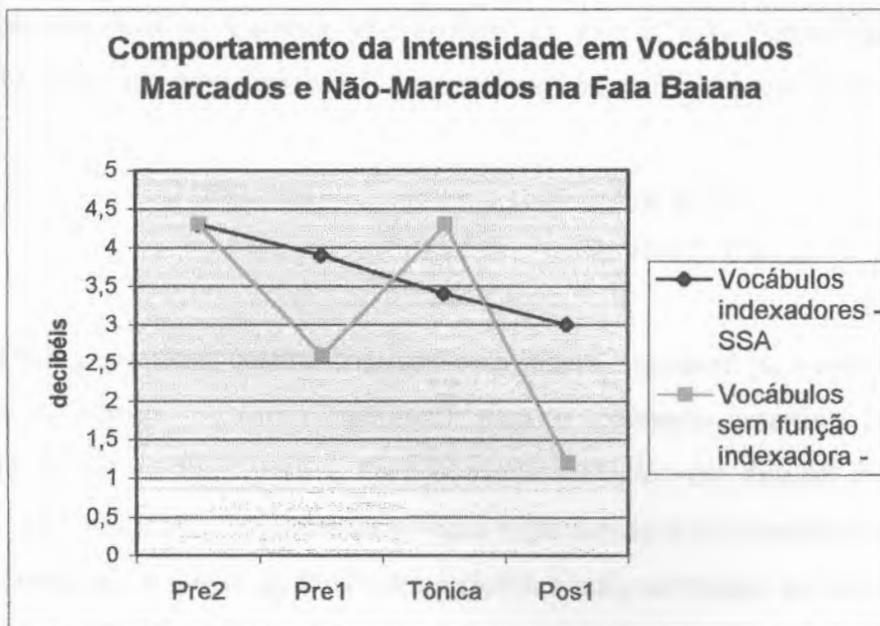


Gráfico (95): Comportamento da intensidade silábica na fala espontânea de Salvador, comparando um conjunto de vocábulos onde há marca regional com outro conjunto de vocábulos, desprovido de marca.

Na fala carioca, a marca do sotaque sobrepõe duração e intensidade sobre a sílaba tônica. Conforme se vê no gráfico, a intensidade aumenta, em média 0.5dB na Pre2 e na Pos1, nos vocábulos indexadores. O aumento da Pre1 é de 1dB, mas o aumento da tônica é o maior: 1.7dB.

Na fala de Salvador há uma inversão de padrões: no padrão não-marcado, Pre2 e tônica têm intensidades similares, ao passo que no padrão marcado regionalmente as maiores intensidades estão nas sílabas pretônicas. Ressalte-se que, em qualquer um dos padrões, a fala de Salvador difere da do Rio de Janeiro pelo fato de a Pre2 ser, neste falar, a sílaba mais proeminente.

5.3.2. Frequência fundamental

Os padrões melódicos descritos para os vocábulos postos em fim de unidade entoacional (cf. 5.2.1.3. e 5.2.1.4.) apresentam-se aqui fonologicamente representados.

Vejamos primeiramente a representação destes vocábulos no padrão assertivo.

Na fala espontânea carioca, bem como na leitura, registra-se, para ambos os sexos, uma sílaba Pre2 baixa, seguida de uma Pre1 alta e de uma tônica baixa, combinação que pode ser expressa pelo padrão: L H + L* L%. Numa frase como “O documento foi levado pelo deputado”, a representação do último vocábulo seria:

O documento foi levado pelo de pu ta do.

L H+L* L%

Na fala espontânea baiana, bem como na leitura e também para ambos os sexos, registra-se o mesmo contorno melódico para o contexto assertivo: movimento ascendente da F0 da Pre2 para a Pre1 e queda melódica em direção à tônica e à postônica. Há, no entanto, algumas diferenças especialmente nos resultados do *corpus* de fala espontânea. A queda da Pre1 para a tônica é mais acentuada na fala baiana que na fala carioca. Nos dados de Salvador, o descenso melódico médio foi de 35Hz para o sexo masculino e 23Hz para o sexo feminino, ao passo que nos dados do Rio de Janeiro a queda foi de apenas 7Hz na fala masculina e 12.6Hz na fala feminina. Embora tais números apontem para uma clara diferenciação entre as duas cidades, os resultados do

corpus de leitura nivelam o comportamento das duas cidades. Na leitura, a queda melódica da Pre1 para a tônica é da mesma ordem para os informantes das duas cidades: 26.8Hz para os homens baianos e 28.1Hz para os homens cariocas; 48.2Hz para as mulheres baianas e 54.6 Hz para as cariocas.

O padrão assertivo não-final revelou padrões diferenciados para homens e mulheres na fala espontânea carioca.

Na fala dos homens este padrão é marcado por elevação melódica da Pre2 para a Pre1 e queda constante da F0 da Pre1 até a Pos1. A elevação melódica inicial é de 2.6Hz e as descidas subseqüentes são inferiores a 1Hz. Assim tem-se um padrão do tipo L H+H* H%, em que a pequena queda nas sílabas finais aponta para a manutenção do tom alcançado na Pre1.

Na fala das mulheres o padrão é inverso: há um contorno melódico descendente da Pre2 para a Pre1, seguido de uma elevação abrupta em direção à tônica, que se mantém na sílaba final. A queda melódica inicial é de 4.2Hz e a subida em direção à tônica é de 10.9Hz, descrevendo um padrão do tipo H L+H* H%.

Na fala baiana registra-se um fenômeno interessante: o contorno melódico descrito pelos vocábulos na fala de homens e mulheres é descendente, embora o comportamento de ambos os sexos guarde particularidades entre si. Na fala feminina há aumento da F0 da Pre2 para a Pre1 (de 2.9Hz), seguida de um grande declínio melódico, de 11.8Hz em direção à tônica e de 3Hz em direção à Pos1, descrevendo um padrão do tipo L H+L* L%. Na fala dos homens baianos há um grande declínio melódico da Pre2 para a pre1, de 15.5Hz, seguido de uma pequena elevação melódica (2.6Hz) e de novo de um grande declínio, de 12 Hz, em direção à Pos1, descrevendo um padrão do tipo: H L+L* L%.

Os resultados obtidos no *corpus* de leitura do Rio de Janeiro mostram que homens e mulheres descrevem a mesma curva melódica até a sílaba tônica, mas com um contraste maior na leitura feminina. Da pretônica 2 para a pretônica 1 há queda da F0 de 9.9Hz para os homens e 14.7Hz para as mulheres. Da pretônica 1 para a tônica há subida melódica de 7.9Hz para os homens e 16.2Hz para as mulheres. A relação tônica – postônica, porém, difere entre eles: na leitura dos homens, ela é ascendente, com elevação de 7.8Hz; na leitura das mulheres é descendente, com queda de 9.2Hz. Para ambos, homens e mulheres, creio que o padrão continuativo pode ser expresso pela combinação tonal H L+H* H%. Ademais, note-se que o padrão assertivo não-final se opõe claramente ao padrão assertivo final, no qual a linha de declinação se faz presente.

No padrão continuativo, as sílabas se mantêm num mesmo patamar tonal, com pequenas variações em Hertz.

Resultados similares se acham na análise do padrão assertivo não-final na leitura dos baianos. Na leitura de homens e mulheres há declínio da F0 da Pre2 para a Pre1, sendo que para os homens esse declínio é de 13,7Hz em média, valor quase sete vezes maior que o encontrado para as mulheres (2,1Hz). A queda da F0 se mantém da Pre1 para a tônica e é de 6,4Hz para as mulheres e 1,5Hz para os homens. Na relação tônica – postônica a F0 tem comportamento diferente para os dois conjuntos de locutores: ela aumenta, na leitura das mulheres (3,8Hz) e diminui na leitura dos homens (6,3Hz). Podem-se estabelecer então os seguintes padrões: H L+L* H% para a leitura das mulheres e H L+L* L% para a leitura dos homens.

O padrão interrogativo foi investigado somente no *corpus* de leitura e revelou um mesmo comportamento para homens e mulheres nas duas cidades, que pode ser expresso pelo padrão H L+H* L%.

Do que se viu a respeito da F0, mediante a análise desse *corpus* de vocábulos localizados em fim de UE, faço minhas as palavras de Sosa (1999:245):

Nuestro estudio muestra que el español como sistema global, en este dominio de la entonación, tiene muchas más coincidencias que diferencias reales. (...) Como concluye Quilis en 1987 (...), “frente a la multiplicidade de variantes entonativas, los patrones fundamentales de lo que es el funcionamiento de la entonación en el plano da lengua se mantienen constantes y en pleno rendimiento. Aunque sea ya una frase trillada éste seria un ejemplo más de una hermosa variedad dentro de la unidad de nuestra Lengua española (p.163)”.

Creio ser licito afirmar que o *corpus*, ou melhor, a forma de abordá-lo, mais uma vez encobre as diferenças regionais. As diferenças existem, e assim como se evidenciaram na 1ª etapa de análise nos parâmetros duração e intensidade, poder-se-iam evidenciar também com este *corpus*, numa abordagem voltada para a descrição do que é representativo, perceptivamente, do fenômeno entoação regional.

5.4. 3ª Etapa – Análise comparativa: estudo de alguns casos prototípicos

Para o cumprimento desta etapa, selecionei alguns enunciados representativos da fala pernambucana para comentários. A proposta, nesta 3ª etapa de análise, é focalizar um pequeno conjunto de dados prototípicos, formados de: a) alguns grupos entoacionais apontados por todos os juízes nos testes de audição como característicos de um falar; b) alguns grupos entoacionais provenientes de amostras de TV onde a entoação regional sirva à caricatura. Os procedimentos metodológicos empregados trazem da 1ª etapa de análise a forma de recolher os dados, baseada na percepção. O objetivo é complementar a análise, de modo a evidenciar a individualização da prosódia regional nos momentos em que ela mais contrasta com a fala padrão.

Os contornos melódicos que apresento a seguir mostram a variação da frequência fundamental em dois grupos entoacionais apontados por todos os juízes, num dos testes de audição, realizado logo no início da pesquisa, como altamente característicos da fala pernambucana:

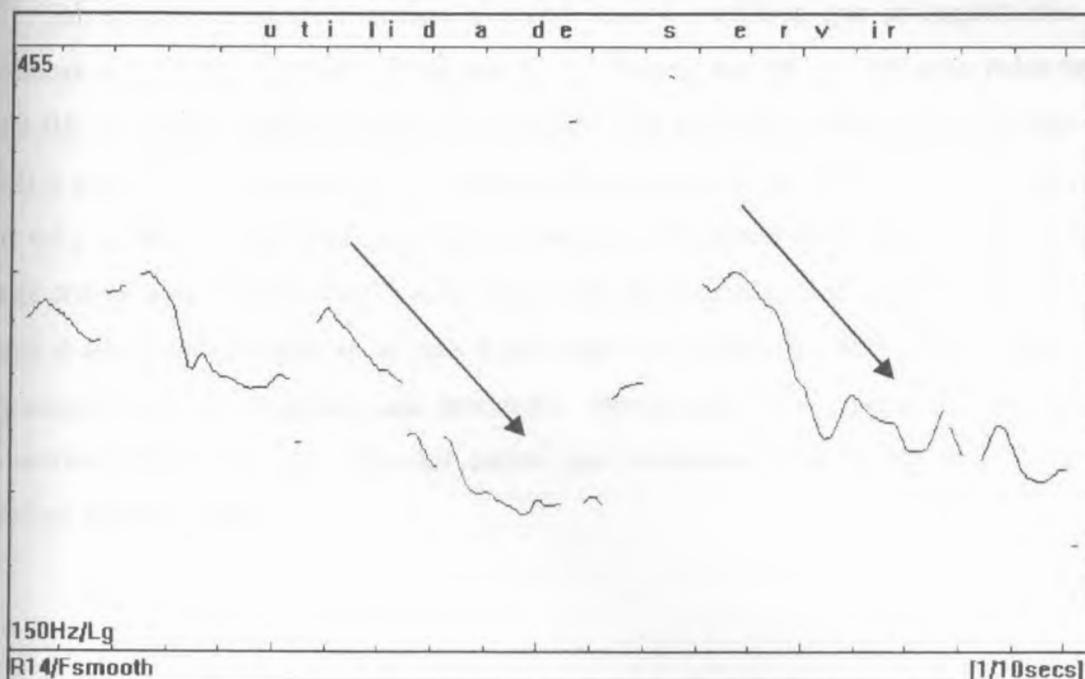


Figura (C): Contorno melódico da Unidade Entoacional "além da utilidade de servir a gente um pouco...", lida por uma informante recifense do sexo feminino.

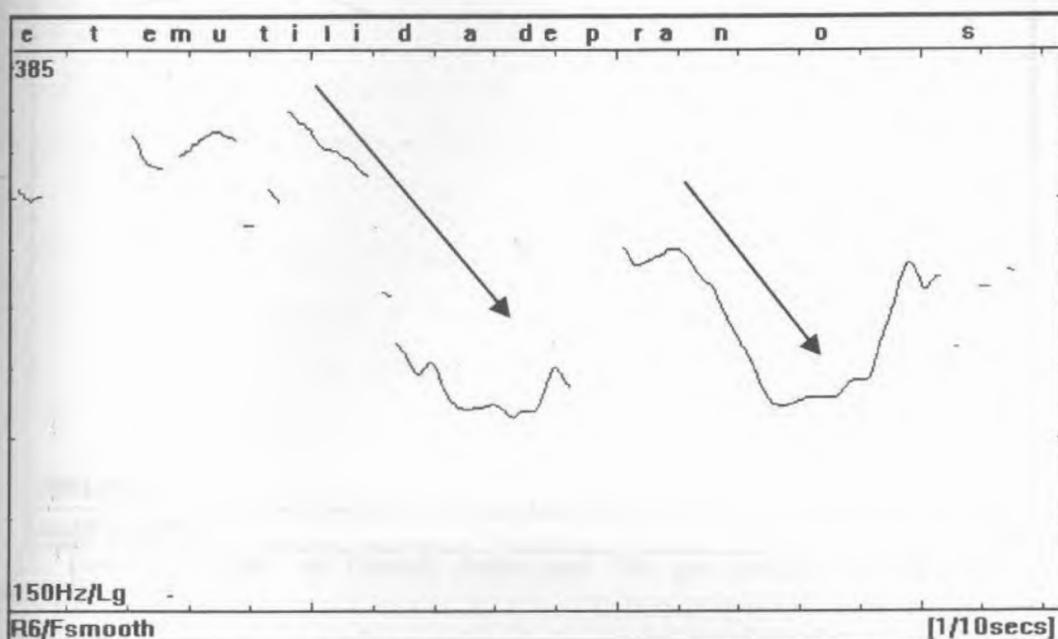


Figura (D): Contorno melódico da Unidade Entoacional "e tem utilidade pra nós", lida por uma informante recifense do sexo feminino. Dado nº 15.

Em ambos os dados é notória a grande queda melódica que se registra das sílabas pretônicas em direção à tônica. Na figura (C), as quedas melódicas indicadas pelas setas são de 89,4Hz e 79,6Hz, respectivamente. Na figura (D) as quedas melódicas indicadas são de 140,4Hz e 64,1Hz, respectivamente. Note-se que os valores são bastante altos – situando-se entre 64 e 141Hz – superiores a quaisquer variações melódicas descritas até esta seção. Para fins de comparação e confirmação desse índice de regionalismo, colhi de um dos capítulos da novela *A Indomada*, levada ao ar pela Rede Globo de Televisão, uma série de falas de uma personagem do sexo feminino, cuja recriação / representação do sotaque era bem acentuada (no sentido lato do termo!). Um dos dados que constituem esse corpus tem seu contorno melódico exposto abaixo:

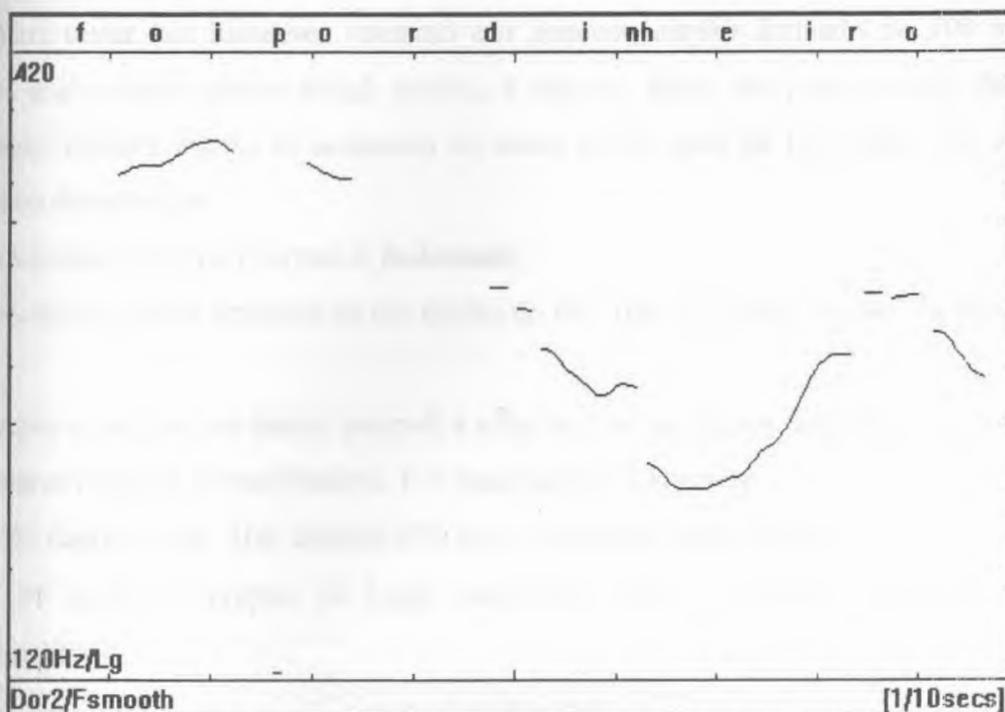


Figura (E): Contorno melódico da Unidade Entoacional "Foi por dinheiro?", constante do corpus "A Indomada". Dado nº 2.

A queda melódica que se registra do pico da intensidade da sílaba **por** até a tônica de **dinheiro** é de 177Hz, valor que é 36Hz superior ao intervalo melódico encontrado para marcar a proeminência nos dados da informante de Recife do Projeto NURC.

A proeminência melódica, percebida de outiva, se confirma nos traçados. Entretanto, ela não se define unicamente nas sílabas átonas e sim na relação entre pretônicas e tônicas. Verifica-se uma queda brusca da frequência fundamental nas sílabas onde recaem os acento do grupo tonal.

Porém, a análise desses dados exemplares não evidencia, por si só, diferenças entre a fala de uma pernambucana e a fala de uma atriz "interpretando" o sotaque de Pernambuco. Então, como se dará a exacerbação das marcas? Espero que ela se manifeste de duas formas:

- a) qualitativamente, por meio de uma variação maior da F0 nos dados da TV;
- b) e/ou quantitativamente, com incidência maior e mais regular da marca também no *corpus* da TV.

Para testar tais hipóteses constituí um pequeno *corpus* formado de 100 vocábulos sobre os quais recaía acento frasal, postos, a maioria deles, em posição final de unidade entoacional, embora alguns se achassem no início ou no meio da UE. Estes 100 vocábulos estão assim distribuídos:

- 50 vocábulos fazem do *corpus A Indomada*;
- 50 vocábulos foram retirados de um trecho do inq. 108, do Projeto NURC de Recife.

Após a recolha dos dados, procedi a uma análise perceptiva, assinalando os vocábulos onde a marca regional se manifestava. E o resultado foi o seguinte:

- Dos 50 dados do inq. 108, apenas 30% eram marcados regionalmente;
- Dos 50 dados do *corpus* de ficção televisiva, 45% por cento continham marcas de regionalidade.

A análise qualitativa das marcas também revelou diferenças: observados unicamente os vocábulos detentores de marca regional no contexto assertivo final, verificou-se que, de fato, na fala caricatural há um exagero não só da quantidade quanto da qualidade das marcas: o declínio médio Pretônica – Tônica encontrado no inq. 108 foi de 90Hz, ao passo que o declínio médio no *corpus* de TV foi de 140Hz.

6. Últimas considerações

A despeito de todas as falhas que o trabalho apresenta, acredito ter contribuído para o estudo da entoação regional no português do Brasil, menos pelos resultados que exponho, e mais pelas tentativas metodológicas, por uma busca plural de caminhos para a análise. Havia a possibilidade de errar, de tomar um descaminho, o que de fato aconteceu na 2ª etapa de análise, que deveria ir adiante adotando os mesmos procedimentos metodológicos que testei, num *corpus* de menores dimensões, e de que dou notícia na seção final da pesquisa (5.4.). Reconheço que os dados, quando não selecionados de outra segundo o critério de reconhecimento perceptivo da marca regional identificadora, não se mostram reveladores de comportamentos prosódicos distintos.

Ao partir para esta etapa da análise, optando por um *corpus* que não fosse previamente “filtrado”, guiei-me pela seguinte hipótese: se as marcas regionais se distribuem pelo discurso, ao tomar uma porção dele e confrontá-la com outra porção, de outra região, as diferenças se refletirão nos resultados gerais, sem que se faça preciso isolar os vocábulos que, perceptivamente, sejam responsáveis pela categorização dessa porção de discurso como pertencente a este ou àquele falar. Os resultados mostram que a hipótese não se confirma. Que méritos, então, têm a análise feita?

- Tínhamos uma hipótese e testamos – e parece que assim se faz a ciência;
- Atestamos que o fenômeno é intermitente e que, se não diretamente focalizado, se dilui no discurso;
- Os padrões encontrados podem ser tomados como padrões gerais, representativos do português do Brasil: buscando a variedade, encontramos a unidade;

Parece-me, no entanto, que algo se aproveita: constituí um imenso *corpus*, com vários recortes, representativo da entoação regional e faço, nesta pesquisa, uma proposta de abordagem. Ademais, termino a escritura deste trabalho numa data alvissareira: lanço-o ao mar, para que, seja qual for, ele cumpra o seu destino.

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2000.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Amadeu (1920) *O dialeto caipira*. São Paulo, HUCITEC, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, 3ª ed.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. (1979) *Antologia poética*. Rio de Janeiro, José Olympio, 13ª ed.
- ARNOLD, Márcia Rafaela (1996). "Questões de pronúncia do português brasileiro na década de 30". In: FACÓ, Marília Soares (org.). *Anais do V Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro, Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro. 1 v. (Série Anais). p. 497-507.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (1991). *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo, Ática.
- _____ e MORAES, J. A. (1995). "Geolingüística no Brasil: resultados e perspectivas." In: *Terceira Margem III* (Revista da Pós-Graduação em Letras da UFRJ), nº 3. pp.218-222.
- CAGLIARI, L. (1980). "Entoação do português brasileiro". In: *Estudos Lingüísticos III*. G.E.L., Unesp, Campus de Araraquara. p. 308-29.
- _____ (1981). *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Campinas, UNICAMP (tese de livre-docência).
- _____ (1981). "Investigando o ritmo da fala". In: *Anais do V Encontro Nacional de Lingüística*.
- _____ (1982a). "A entoação e o ritmo do português brasileiro: algumas análises espectrográficas". *Revista IBM* nº 13. p. 24-33.

- _____ (1982b). "Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro". In: *Linguagem oral, linguagem escrita*. Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. Série Estudos – 8.
- _____ & M. B. M. ABAURRE (1986). "Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro". *Cadernos de Estudos Lingüísticos 10*. Campinas, UNICAMP/IEL.
- CALLOU, Dinah Maria Isensee e LEITE, Yonne de Freitas (1990). *Iniciação ao estudo da fonética e da fonologia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- _____ org. (1991). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para o seu estudo. Vol 1 — Elocuções Formais*. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico/UFRJ.
- _____ e LOPES, Célia Regina dos Santos. Org. (1993). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para o seu estudo. Vol 2 — Diálogo entre Informante e Documentador*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ.
- _____ e LOPES, Célia Regina dos Santos. Org. (1994). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para o seu estudo. Vol 3 — diálogo entre dois informantes*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ.
- _____, MORAES, J. A., BITTENCOURT, R. E TARGINO, M. (1994). "Condicionamento prosódico do uso de artigo diante de possessivos". In: *Anais do III Congresso ASSEL-Rio*. Niterói, Universidade Federal Fluminense. pp.147-151.
- _____, LEITE, Y. e MORAES, J. A. (1994a). "Vocalismo tônico do português do Brasil: descrição acústica". Resumo nos *Anais do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa, 11 a 15 de abril de 1994.

- _____, LEITE, Y. e MORAES, J. A. (1994b). "Neutralização e realização fonética: a harmonia vocálica no português do Brasil". Resumo nos *Anais do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa, 11 a 15 de abril de 1994.
- _____, e MORAES, J. A. (1994). "Para uma nova dialectologia: a realização do S e do R posvocálicos no português do Brasil". Resumo nos *Anais do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa, 11 a 15 de abril de 1994.
- CAMARA JR., J. Mattoso (1965). *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- CAMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- CARTON, Fernand; ROSSI, Mario; AUTESSERRE, Denis; LÉON, Pierre (1983). *Les accents des Français* (collection dirigée par Pierre Léon). Paris, Hachette.
- CHAFE, Wallace (1992). "Intonation units and prominences in English natural discourse." In: *Proceedings of the IRCS workshop on prosody in natural speech*, 41-52. IRCS report n° 92-37. Philadelphia: Institute for Research in Cognitive Science, University of Pennsylvania.
- COSERIU, E. (1950) *La geografía lingüística*. Montevideo, Universidad de la República.
- _____, (1982). *Sentido y tareas de la dialectología*. México, Instituto de Investigaciones Filológicas.
- COUPER-KUHLEN, Elizabete (1986). "Functions of intonation". In: *An Introduction to English Prosody*. Tübing, Max Niemeyer Verlag.
- CRYSTAL, David (1988). *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro, Zahar. Edição em português. 1ª ed., 1985.
- CRUTTENDEN, Allan (1986). *Intonation*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CUNHA, A. G. (1982) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

CUNHA, Cláudia de Souza (1995). "Entoação Regional". Comunicação apresentada no *V Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, outubro de 1995.

_____, CALLOU, D. M. I., LEITE, Y. DE F. e COUTINHO, L. (1995). "Um Problema de Descrição na Fonologia do Português: As Vogais Pretônicas". In: *Miscelânea em homenagem a Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

_____, BARBOSA, A. G., LOPES, C. R. S., e SILVA, M. E. B. (1995). "Vendo a literatura brasileira: uma proposta interativa". In: SOARES, M. (Org.) *ANAIS do V Congresso da ASSEL/Rio: Estudos da linguagem perspectivas, memórias e atualidades*. Rio de Janeiro, Museu Nacional/ASSEL-Rio.

_____ e BRAGA, André Z., CAMPOS, F. S., MOREIRA, S. e TORRES, Anne (1996). "A fala carioca e sua caricatura na TV: análise de alguns aspectos fonológicos". Comunicação apresentada no *VI Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro, UFRJ, outubro de 1996.

_____ (1996a). "Realidade lingüística ou ficção na prosódia televisiva: um estudo sobre sotaques na TV". Comunicação apresentada na *48ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC*. São Paulo, PUC, julho de 1996.

_____ (1996b). "Nós, Você e A Gente: a influência do fator sexo na hora da indeterminação". In: LOPES, Célia & et al. (Org.). In: *Sexo: uma variável produtiva*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ.

_____ (1996c). "Indeterminação pronominal do sujeito". In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador, EDUFBA.

_____ e MOREIRA, Cristiane S (1997). "Realidade lingüística ou ficção na prosódia televisiva? Um estudo sobre os sotaques na TV", In: *Anais do VI Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro, Museu Nacional/ASSEL-Rio.

_____ (1997). "Aspectos prosódicos da fala pernambucana dentro e fora da TV". Comunicação apresentada no *VII Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro, UFRJ, outubro de 1997. Resumo publicado nos Anais do Congresso.

_____, LOPES, Célia Regina dos Santos e SILVA, Maria Emília Barcellos da. (1997). "As adequações lingüísticas na adaptação para a TV: análise de aspectos discursivo-gramaticais". In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino (Org.) *Anais do II Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso - O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro, UFRJ.

_____ (1998). "A fala carioca, gaúcha e pernambucana". Comunicação apresentada na XVI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará. Texto aceito para publicação nos Anais do Congresso.

_____ e CAMPOS, Fabiana da Silva (1998). "Sobre a duração silábica na fala do Rio de Janeiro e Recife". Comunicação apresentada na XVI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará. Texto aceito para publicação nos Anais do Congresso.

_____ (1998). "Processos de Indeterminação do sujeito na Fala Culta". In: *Anais do IX Congresso Internacional da ALFAL*. Campinas, UNICAMP.

_____ (1999). "Aspectos da entoação regional no português do Brasil". Comunicação apresentada no *XIX Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro, UFRJ, outubro de 1999. Resumo publicado nos Anais do Congresso.

DAUER, R. M. (1983). "Stress-timing and syllable-timing reanalyzed". *Journal of Phonetics*, 11:51-62.

- DI CRISTO, Albert (1985). *De la microprosodie a l'intonosyntaxe*. Publications Université de Provence.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- FERREIRA, A. B. de H. (1986) *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FERREIRA, Carlota et alii (1988). *Diversidade do português do Brasil. Estudos de dialetologia rural e outros*. Salvador, Centro Editorial e Didático/UFBA.
- FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana Alice (1994). *A dialetologia no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- FÓNAGY, I (1993). "As funções modais da entoação". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 25*. Campinas, UNICAMP. pp 25-65.
- FONTANELLA DE WEINBERG, B. (1976). *La lengua española fuera de España*. Buenos Aires, Paidós.
- GARDING, Eva (1977). *The scandinavian word accents*. Travaux de L'Institut de Linguistique de Lund – XI. CWK GLEERUP.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V e COSTA, Raquel G. R. (1996). "Padrões entoacionais da ênfase contrastiva." In: *Anais do V Congresso da Associação de estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL-Rio)*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V e COSTA, Raquel R. (1996). "Entonação & Ênfase". In: *Anais do V Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro, Museu Nacional/ASSEL-Rio.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V. (1997). *Focalização no Português do Brasil*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras.

- GÖSTA BRUCE (1977). *Swedish word accents in sentence perspective*. Travaux de L'Institut de Linguistique de Lund – XII. CWK GLEERUP.
- HUGHES, Arthur & TRUDGILL, Peter (1979). *English accents and dialects (An introduction to social and regional varieties of British English)*. London, Edward Arnold.
- ISBACESCU, Cristina (1968). *El español en Cuba. Observaciones fonéticas y fonológicas*. Bucarest, Sociedad Rumana de Linguística Románica.
- KVAVIK, K.H. (1974). "An analysis of Sentence-initial and final intonation data in two Spanish Dialects". In: *Journal of Phonetics*, 2. p.351-361.
- _____. (1978). "Directions in recent Spanish intonation analysis". In: *Corrientes Actuales en la Dialectología del Caribe Hispánico*. Humberto López Morales (ed.). Río Piedras, Puerto Rico, Editorial Universitaria. p. 181-197.
- LADEFOGED, Peter (1962). *Elements of acoustic phonetics*.
- LEHISTE, Ilse (1970). *Suprasegmentals*. Massachusetts, The Massachusetts Institute of Technology.
- LEITE, Yonne de Freitas (1974). *Portuguese Stress and Related Rules*. Tese de Doutorado. Austin, The University of Texas at Austin.
- LEITE, Yonne de Freitas, CALLOU, Dinah, MORAES, J. A. et alli (1993). "Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia". In: CASTILHO, A. (org.) *Gramática do português falado, vol. III: As abordagens*. Campinas, Editora da UNICAMP. pp. 315-360.
- _____, CALLOU, Dinah, MORAES, J. A. (1993). "A topicalização no português do Brasil: sintaxe e prosódia". In: HITLY, Gerold (ed.) *Actes du XXe. Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Université de Zurich, 6 a 11 de abril de 1992. Gunter Narr Verlag / A. Francke Verlag / Satuffenburg Verlag. Tubingen, Alemanha. Tome I, Section I – La Phrase, pp. 101-107. Publicado

igualmente nos *Anais do II Congresso da ASSEL – Rio*, Faculdade de Letras, UFRJ, 1993, pp.89-97.

_____, CALLOU, Dinah e MORAES, J. A. (1994a). “As vogais pretônicas no português do Brasil: descrição acústica e variação fonológica”. Resumo nos *Anais do IX Encontro Nacional da Anpoll*. Caxambu, 12 a 16 de junho de 1994.

_____, CALLOU, Dinah e MORAES, J. A. (1995). “Aspectos fonéticos do Português do Brasil: pluralidade de normas”. In: *Anais do I Encontro Nacional sobre a língua falada e ensino*. [Maceió, 14 a 18 de março de 1994]. pp. 353-358.

MAIA, Eleonora Motta (1991). *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. 3ª ed. São Paulo, Ática.

MAJOR, R. C. (1981). “Stress-timing in Brazilian Portuguese”. *Journal of Phonetics*. v. 9, nº 3, p.343-352.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis (1992). *Acento e ritmo*. São Paulo, Contexto.

MORAES, J. A. (1982). “Em Torno da Entoação: Alguns Problemas Teóricos”. In: *Cultura Lingüística I*. Publicação do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro. pp. 63-78.

_____. (1984). *Recherches sur l’Intonation Modale du Portugais Parlé à Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Université de Paris III, 505 pp.

_____. (1987). “Corrélat Acoustiques de l’Accent de Mot en Portugais Brésilien”. In: GAMKRELIDZE, T. (ed.) *Proceedings of the 11th International Congress of Phonetic Sciences*. Academy of Sciences of the Estoniam S.S.R., Tallinn, Estonia, URSS. pp. 313-316.

_____. (1992). “Durée Intrinsèque des Voyelles du Portugais Brésilien”. In: P. Martin (ed.) *Melanges Léon: Phonétique, Phonostylistique, Linguistique et Literature*. Toronto, Editions Mélodie. pp. 367-377.

_____ e LEITE, Yonne de Freitas (1993). "Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho". In: ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado. Volume II - Níveis de análise lingüística*. Campinas, Editora da UNICAMP.

_____ e WETZELS, Leo (1994). "Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonética experimental". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 23*. Campinas, UNICAMP, 1992 [out. 1994]. pp.153-166.

_____ (1994). "Do iorubá ao português: a passagem de um sistema tonal a um sistema acentual". In: *Anais do III Encontro Nacional de Fonética e Fonologia*. [João Pessoa, 14-16 de setembro de 1988]. UFPB/CNPq/CAPES. pp. 31-32.

_____ CALLOU, Dinah et alli (1995). "O equilíbrio dos pés métricos e uso do artigo diante de possessivos. In: *Anais do I Encontro Nacional sobre a língua falada e ensino*. [Maceió, 14 a 18 de março de 1994] Caxambu, 12 a 16 de junho de 1994]. pp. 468-473.

_____ (1995). "Acentuação lexical e acentuação frasal em português. Um estudo acústico perceptivo". In: *Estudos Lingüísticos e Literários 17*. Salvador, UFBA. pp. 39-57.

_____ e CALLOU, Dinah (1995). "Condicionamentos sócio- e geolingüísticos na realização do R no português do Brasil". In: *Estudos Lingüísticos e Literários 17*. Salvador, UFBA. pp. 68-78.

_____ (1995). "Sobre as marcas prosódicas do acento em português". In: PEREIRA, C. e P. PEREIRA (orgs.) *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e literários IN Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. pp. 323-335.

_____, CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne (1996a). "Variação dialetal no português do Brasil: aspectos fonéticos e morfossintáticos". In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa 14*. [dezembro de 1995]. pp.106-118.

- _____, CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne (1996b). "O sistema vocálico no português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, Mary (org.) *Gramática do português falado, vol. V: Convergências*. Campinas, Ed. Da UNICAMP / FAPESP. pp.321-339.
- _____ (1997a). "A nasalidade vocálica no português do Brasil". Relatório de pesquisa de Pós-Doutorado apresentado à CAPES.
- _____ (1997b). "A Propos des Marques Prosodiques du Style Éffeminé en Portugais Brésilien". In: J. PERROT (ed.) *Polyphonie pour Iván Fónagy. Mélanges Offerts en Homenage à Ivan Fónagy par un Groupe de Disciples, Còllegues et Admirateurs*. Paris, L'Harmattan. pp.343-351.
- _____, CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne (1997). "Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ do português do Brasil". In: KOCH, I. (org.) *Gramática do Português Falado, Vol. VI: Desenvolvimentos*. Campinas, Ed. UNICAMP / FAPESP. pp.465-493.
- MORAES, J. A. (1998). "Intonation in Brazilian Portuguese". In: HIRST, D. e DI CRISTO (eds.). *Intonation Systems: a survey of Twnety Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1999) "F0 declination in Brazilian Portuguese in read and spontaneous speech". *Proceedings of the 14th International Congress of Phonetic Sciencs*. San Francisco, USA. (inédito)
- NASCENTES, Antenor (1953). *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Organização Simões.
- _____ (1958 e 1961). *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil, I, II*. Rio de Janeiro, Casa de Ruy Barbosa.
- NAVARRO TOMÁS, T.(1944). *Manual de entonación española*. New York: Hispanic Institute in the United States.

- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene (1986). *Prosodic Phonology*. Foris Publications, Dorcrecht - Holland/Riverton - U.S.A.
- ORSINI, Mônica Tavares. (1995) *A acústica das vogais orais no dialeto carioca: a voz feminina*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.
- PEREIRA, Isabel; MATA, Ana Isabel e FREITAS, Maria João (1992). *Estudos em prosódia*. Coimbra/Lisboa, Edições Colibri.
- PIERREHUMBERT, J. B. (1980). *The Phonology and Phonetics of English Intonation*. Tese de Doutoramento. Cambridge, Massachussets, MIT Press.
- PIKE, K. (1947). *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor, The University of Michigan Press. 12^a ed., 1971.
- QUILIS, A. (1987). "Entonación dialectal hispánica". In: *Actas del I Congreso Internacional sobre el Español de América*. H. López Morales y M. Vaquero (eds.). San Juan, Puerto Rico, Academia Puertorriqueña de la Lengua Española. p.117-164.
- ROSSI, Mario et alli (1980) *L'Intonation. De l'Acoustique à la Sémantique*. Paris, Klincksieck.
- SILVA NETO, Serafim da (1950). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Presença, 1986, 5^a ed.
- SOSA, Juan Manuel (1991). *Fonética y fonología de la entonación del español hispanoamericano*. Tese de Doutoramento. University of Massachussets. Departament of Spanish and Portuguese.
- _____ (1999). *La entonación del español – su estructura fónica, variabilidad y dialectología*. Madrid, Cátedra.
- _____ (1944). *Estudos de dialetologia portuguesa. Linguagem de Goiás*. Volume 1. São Paulo, Anchieta S/A.

TRASK, R. L. (1996) *A dictionary of phonetics and phonology*. London and New York, Routledge.

TRUDGILL, Peter (1975). *Accent, dialect and the school*. London, Edward Arnold.

SILVA NETO, Serafim da (1950). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Presença, 5ª ed., 1986.

WAUGH, Linda R. e SCHOONELD, C. H. (1980). *The melody of language*. Baltimore, University Park Press.

Anexo 1 - Corpus de leitura da 1ª etapa da pesquisa

1. Gostaria de uma explicação para o que você fez.
2. Foi por dinheiro?
3. Tanta gente passou por cima dos meus sentimentos...
4. Apenas por dinheiro?
5. Ou será que você ficou noivo de mim só pra se divertir as minhas custas?
6. Foi maldade? Perversão?
7. Abria meu coração pra você e lhe revelava minhas inseguranças, meus sonhos.
8. Você se divertia quando eu suspirava só de lhe ver? Quando eu ficava com as mãos molhadas de tocar nas suas? E quando eu fazia de tudo pra lhe roubar um beijo?
9. Como é que você se sentia sabendo que eu estava fazendo papel de idiota?
10. Você se divertia, não se divertia?
11. Deve ter sido engraçado durante esse tempo todo que você me enganou, não é?
12. Não existe explicação para o que você fez comigo, não é?
13. Mesmo que eu entendesse seus motivos, Hércules, eu nunca que iria achar justo usar uma outra pessoa pra reparar seus próprios erros.
14. Você devia ter encontrado uma outra saída, será que você não entende?
15. Você fez com que eu desse a minha vida um valor que eu nunca dei.
16. Sabe como eu tô me sentindo agora? Como se eu tivesse nascido de novo e agora.
17. Parece que tudo ficou mais claro pra mim.
18. Sempre fui sincera, verdadeira, mas tímida demais.
19. Ficava só no meu canto, observando as pessoas e vendo o quanto elas se vendem, se corrompem, são hipócritas, mesquinhas.
20. Quando eu criava coragem pra sair do meu canto era com muita sinceridade, mas com muita insegurança também.
21. Só por causa disso eu é que era a fraca.
22. Coragem quem tive fui eu que fiz tudo sem pedir nada em troca.
23. Me sinto forte como eu nunca pensei que fosse.
24. Resta ter pena de você, Hércules.
25. Você se esqueceu de um detalhe, rapaz.
26. Você tem que servir de exemplo para os seus filhos.
27. Não existe exemplo pior na face da terra do que esse que você está dando pra eles.
28. Eu acho que você não merece que eu perca mais ainda o meu tempo com você.
29. Eu lhe fico muito agradecida.
30. Fique sabendo que eu já o perdoei.
31. Eu me sinto bem mais aliviada agora.
32. Eu prefiro ir embora logo daqui.
33. Sinceramente eu espero nunca mais ter que voltar a essa casa.

Anexo 2 – Medições realizadas na 2ª etapa de análise – Rio de Janeiro x Salvador

- *Corpus* NURC
- *Corpus* Frases (Nova Leitura)

ORDEM	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	CHEGADA			0	0,261	0,294	0,111	
2	2	POLÍTICA			0	0,184	0,308	0,197	0,078
3	3	EDUCAÇÃO		0,058	0,095	0,175	0,525	0	
4	4	EDUCAÇÃO		0,072	0,109	0,171	0,414	0	
5	4	DE CURSOS			0	0,136	0,372	0,214	
6	5	QUE SAEM			0	0,11	0,5	0,303	
7	6	REFORMA			0	0,222	0,532	0,234	
8	7	REFORMA			0	0,169	0,252	0,126	
9	7	EU LEIO			0	0,114	0,272	0,127	
10	8	POLÍTICA			0	0,143	0,364	0,135	0,117
11	9	DE CONTOS			0	0,128	0,471	0,163	
12	10	DOMINGO			0	0,083	0,289	0,076	
13	10	MAIOR			0	0,218	0,306	0	
14	11	DE ARTE			0	0,103	0,455	0,242	
15	12	DE MODA			0	0,109	0,427	0,239	
16	13	CADA UMA			0,102	0,156	0,306	0	
17	14	ESPORTE			0	0,156	0,175	0,063	
18	14	VEJO MENOS			0,157	0,088	0,176	0,331	
19	15	FUTEBOL			0,128	0,177	0,445	0	
20	16	BRASILEIRO			0,153	0,097	0,342	0,112	
21	17	FUTEBOL			0,133	0,18	0,362	0	
22	18	BRASIL			0	0,233	0,341	0	
23	19	COMUNS			0	0,131	0,23	0	
24	21	ES(PORTE)			0	0,148	0,287	0	
25	21	PRINCIPALMENTE			0,103	0,186	0,2	0,127	
26	23	SUBTÍTULOS			0	0,328	0,356	0,123	0,32
27	24	ARTIGOS			0	0,226	0,393	0,198	
28	25	EM CIMA			0	0,11	0,231	0,221	
29	27	COLUNAS			0	0,167	0,41	0,186	
30	28	EU VEJO			0	0,111	0,248	0,309	
31	29	DIFERENTE			0,133	0,148	0,224	0,146	
32	30	QUADRINHOS			0	0,251	0,289	0,185	
33	31	JORNAL			0	0,148	0,24	0	
34	31	FAZER			0	0,208	0,3	0	
35	32	VISITEI			0,119	0,158	0,343	0	
36	32	TIPOGRAFIA		0,139	0,136	0,199	0,594	0	
37	34	IMPRIMEM			0	0,149	0,335	0,293	
38	35	MUITO TEMPO			0,199	0,153	0,192	0,116	
39	36	UMA TURMA			0	0,2	0,258	0,099	
40	36	PRIMÁRIA			0	0,153	0,303	0,202	
41	37	SOLTEIRA			0	0,287	0,194	0,135	
42	38	TIPOGRAFIA		0,079	0,129	0,2	0,304	0	
43	39	REVISTA			0	0,184	0,346	0,121	
44	42	DAS LETRAS			0	0,21	0,39	0,248	
45	43	TAMBÉM			0	0,206	0,388	0	
46	45	AQUILO			0	0,085	0,366	0,155	
47	46	INTERESSANTE		0,052	0,138	0,149	0,306	0,084	
48	47	COMPLICADO			0,162	0,159	0,255	0,123	
49	48	GERAL			0	0,155	0,266	0	
50	49	DETALHES			0	0,174	0,251	0,166	
		SOMA		0,400	1,996	8,396	16,427	5,910	0,515
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA		0,400	1,996	8,396	16,427	5,910	0,515
		MÉDIA		0,067	0,125	0,168	0,329	0,174	0,172

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON
1	1	CHEGADA				9,1	2,3
2	2	POLÍTICA				13,3	11,9
3	3	EDUCAÇÃO		1,8	0,0	1,2	8,6
4	4	EDUCAÇÃO		0,0	5,9	8,2	8,3
5	4	DE CURSOS				11,8	20,9
6	5	QUE SAEM				0,0	6,5
7	6	REFORMA				4,3	4,7
8	7	REFORMA				1,8	2,2
9	7	EU LEIO				5,7	4,6
10	8	POLÍTICA				16,8	18,3
11	9	DE CONTOS				8,7	17,0
12	10	DOMINGO				7,0	4,7
13	10	MAIOR				1,0	0,0
14	11	DE ARTE				8,6	4,4
15	12	DE MODA				1,2	2,9
16	13	CADA UMA			4,0	1,8	0,0
17	14	ESPORTE				0,0	18,3
18	14	VEJO MENOS			1,7	15,4	12,5
19	15	FUTEBOL				0,0	1,4
20	16	BRASILEIRO			4,3	0,0	10,8
21	17	FUTEBOL			5,1	0,0	5,3
22	18	BRASIL				0,0	2,2
23	19	COMUNS				0,4	0,0
24	21	ES(PORTE)				0,0	12,4
25	21	PRINCIPALMENTE			0,0	15,9	11,0
26	23	SUBTÍTULOS				10,0	7,7
27	24	ARTIGOS				0,5	5,4
28	25	EM CIMA				1,0	6,8
29	27	COLUNAS				2,9	5,5
30	28	EU VEJO				4,8	11,8
31	29	DIFERENTE			0,0	15,7	7,3
32	30	QUADRINHOS				0,0	7,2
33	31	JORNAL				0,0	0,8
34	31	FAZER				0,0	3,2
35	32	VISITEI			1,3	0,0	11,1
36	32	TIPOGRAFIA		0,0	9,7	5,4	6,2
37	34	IMPRIMEM				0,0	4,6
38	35	MUITO TEMPO			0,0	1,9	4,5
39	36	UMA TURMA				0,5	3,8
40	36	PRIMÁRIA				0,5	0,2
41	37	SOLTEIRA				0,0	3,1
42	38	TIPOGRAFIA		0,0	4,8	6,9	6,8
43	39	REVISTA				16,1	12,7
44	42	DAS LETRAS				1,7	9,1
45	43	TAMBÉM				0,0	11,6
46	45	AQUILO				1,0	8,8
47	46	INTERESSANTE		0,9	3,7	4,3	3,7
48	47	COMPLICADO			4,8	3,8	2,8
49	48	GERAL				2,5	0,0
50	49	DETALHES				8,7	2,6
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON
		SOMA		2,7	45,3	220,4	338,5
		MÉDIA		0,5	3,2	4,4	6,8

ORDENADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	3	POR BAIXO	0	0	0	0,141	0,23	0,17
2	3	POR CIMA	0	0	0	0,143	0,229	0,235
3	4	POR CIMA	0	0	0	0,108	0,265	0,169
4	5	TEMPO LÁ	0	0	0,212	0,156	0,178	0
5	6	PARIS	0	0	0	0,144	0,326	0
6	8	EXCURSÃO	0	0	0,094	0,148	0,404	0
7	9	EXCURSÃO	0	0	0,155	0,156	0,432	0
8	12	PARIS	0	0	0	0,142	0,351	0
9	13	CICERONE	0	0	0,09	0,188	0,188	0,156
10	15	MINHA FILHA	0	0	0,159	0,125	0,222	0,19
11	19	VIAGENS	0	0	0	0,153	0,142	0,152
12	20	AQUELAS	0	0	0	0,116	0,124	0,264
13	22	CASTELOS	0	0	0	0,302	0,493	0,142
14	23	E TAL	0	0	0	0,109	0,206	0
15	23	EMBORA	0	0	0	0,091	0,185	0,121
16	24	PARIS MESMO	0	0	0,122	0,247	0,371	0
17	25	METRÔ	0	0	0	0,211	0,274	0
18	26	PRA LÁ	0	0	0	0,125	0,155	0
19	26	PARIS	0	0	0	0,152	0,303	0
20	29	MUSEUS	0	0	0	0,128	0,303	0
21	30	MOSTRADO	0	0	0	0,29	0,394	0,176
22	31	FIZEMOS	0	0	0	0,108	0,329	0,338
23	33	GRANFINAS	0	0	0	0,231	0,146	0,142
24	33	TAMBÉM	0	0	0	0,169	0,25	0
25	34	BARATOS	0	0	0	0,185	0,178	0,165
26	35	ALI	0	0	0	0,069	0,196	0
27	36	CURAR TODAS	0	0	0,195	0,229	0,202	0,172
28	39	PARIS	0	0	0	0,15	0,322	0
29	40	JARDIM	0	0	0	0,333	0,258	0
30	41	BOTÂNICO	0	0	0	0,18	0,184	0,239
31	42	NUNCA VI	0	0	0,165	0,176	0,204	0
32	42	AMIZADES	0	0	0,071	0,116	0,29	0,247
33	43	JARDIM	0	0	0	0,289	0,256	0
34	44	BELEZA	0	0	0	0,14	0,211	0,237
35	45	TAMBÉM	0	0	0	0,209	0,331	0
36	46	MOURISCO	0	0	0	0,321	0,36	0,13
37	47	PASSEIO	0	0	0	0,18	0,244	0,101
38	49	PARIS	0	0	0	0,242	0,29	0
39	50	VERDADE	0	0	0	0,233	0,187	0,228
40	51	CONHECER	0	0	0	0,119	0,133	0,321
41	52	DE NOITE	0	0	0	0,098	0,219	0,204
42	53	DORMIR	0	0	0	0,142	0,209	0
43	54	CONHECER	0	0	0	0,135	0,116	0,389
44	55	DIREITINHO	0	0	0,086	0,18	0,236	0,216
45	56	POPULOSO	0	0	0,185	0,217	0,144	0,075
46	57	COPACABANA	0	0,17	0,118	0,097	0,142	0,13
47	58	DO MAR	0	0	0	0,135	0,37	0
48	59	BONITA	0	0	0	0,154	0,254	0,183
49	60	ACHO LINDA	0	0	0,121	0,165	0,269	0,172
50	61	FRANCESA	0	0	0	0,243	0,499	0,106
		SOMA	0,000	0,170	1,773	8,620	12,804	5,570
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
		SOMA		0,170	1,773	8,620	12,804	5,570
		MÉDIA		0,170	0,127	0,172	0,256	0,192

NOO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	3	POR BAIXO				1,3	2,5	0,0	
2	3	POR CIMA				0,0	7,6	2,6	
3	4	POR CIMA				0,0	10,8	9,8	
4	5	TEMPO LÁ			1,3	0,0	1,2		
5	6	PARIS				4,2	0,0		
6	8	EXCURSÃO			0,0	7,3	13,4		
7	9	EXCURSÃO			1,0	0,1	0,0		
8	12	PARIS				2,2	0,0		
9	13	CICERONE			0,0	12,6	11,7	9,2	
10	15	MINHA FILHA			2,2	0,5	1,7	0,0	
11	19	VIAGENS				3,2	2,5	0,0	
12	20	AQUELAS				1,9	0,0	3,8	
13	22	CASTELOS				6,3	7,2	0,0	
14	23	E TAL				0,0	1,9		
15	23	EMBORA				0,1	2,0	0,0	
16	24	PARIS MESMO			0,0	4,4	0,9		
17	25	METRÔ				0,0	3,0		
18	26	PRA LÁ				4,4	0,0		
19	26	PARIS				1,4	0,0		
20	29	MUSEUS				0,0	0,5		
21	30	MOSTRADO				4,3	7,6	0,0	
22	31	FIZEMOS				0,0	4,4	3,2	
23	33	GRANFINAS				2,0	0,0	2,1	
24	33	TAMBÉM				0,0	5,8		
25	34	BARATOS				9,5	7,7	0,0	
26	35	ALI				0,0	1,0		
27	36	CURAR TODAS			9,0	0,0	13,0	2,8	
28	39	PARIS				2,4	0,0		
29	40	JARDIM				1,9	0,0		
30	41	BOTÂNICO				0,0	3,1	0,7	
31	42	NUNCA VI			2,1	1,6	0,0		
32	42	AMIZADES			9,5	7,4	7,9	0,0	
33	43	JARDIM				5,8	0,0		
34	44	BELEZA				7,5	6,3	0,0	
35	45	TAMBÉM				0,0	3,5		
36	46	MOURISCO				15,4	14,8	0,0	
37	47	PASSEIO				2,1	2,4	0,0	
38	49	PARIS				5,0	0,0		
39	50	VERDADE				11,0	5,7	0,0	
40	51	CONHECER				1,9	2,7	0,0	
41	52	DE NOITE				1,1	6,0	0,0	
42	53	DORMIR				0,5	0,0		
43	54	CONHECER				1,5	0,0	3,0	
44	55	DIREITINHO			9,4	11,2	4,9	0,0	
45	56	POPULOSO			9,9	10,0	9,4	0,0	
46	57	COPACABANA		5,1	2,2	8,0	2,0	0,0	
47	58	DO MAR				1,4	0,0		
48	59	BONITA				4,0	6,0	0,0	
49	60	ACHO LINDA			10,1	0,0	14,7	8,9	
50	61	FRANCESA				3,2	13,9	0,0	
		SOMA		5,1	56,7	168,6	209,7	46,1	-
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA		5,1	56,7	168,6	209,7	46,1	
		MÉDIA		5,1	4,1	3,4	4,2	1,6	

ADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	2	ASSISTÉN(CIA)	-	-	0,107	0,173	0,180	0,103	-
2	3	INDÚSTRIA	-	-	-	0,156	0,254	0,167	-
3	4	CIVIL	-	-	-	0,210	1,320	-	-
4	5	GERAL	-	-	-	0,150	0,159	-	-
5	6	NATURALMENTE	-	0,175	0,128	0,114	0,266	0,209	-
6	7	REQUISITOS	-	-	0,170	0,114	0,213	0,070	-
7	8	TRABALHA	-	-	-	0,164	0,219	0,135	-
8	9	COMPROVAR	-	-	0,230	0,225	0,280	-	-
9	10	CONTRIBUIÇÃO	0,180	0,080	0,121	0,075	0,258	-	-
10	11	CARREIA	-	-	-	0,21	0,316	0,239	-
11	12	DESCONTOS	-	-	-	0,359	0,254	0,389	-
12	13	EMPREGADOR	-	0,178	0,139	0,174	0,403	-	-
13	15	PRO SESI	-	-	-	0,124	0,265	0,132	-
14	16	EMPREGADO	-	-	0,160	0,170	0,200	0,100	-
15	17	EMPREGADOR	-	0,138	0,133	0,166	0,394	-	-
16	18	QUE PAGA	-	-	-	0,173	0,273	0,110	-
17	19	SUA FOLHA	-	-	-	0,291	0,358	0,162	-
18	20	PERCENTUAL	-	0,169	0,273	0,121	0,254	-	-
19	21	O SESI	-	-	-	0,126	0,442	0,238	-
20	21	MANTENHA	-	-	-	0,288	0,212	0,173	-
21	22	BENEFÍCIOS	-	-	0,120	0,109	0,334	0,239	-
22	22	TRABALHADOR	-	0,106	0,130	0,162	0,158	-	-
23	23	ALGUMA	-	-	-	0,149	0,200	0,067	-
24	23	ALGUM	-	-	-	0,127	0,259	-	-
25	24	CONSEGUE	-	-	-	0,176	0,360	0,244	-
26	26	TRABALHADOR	-	0,120	0,124	0,119	0,239	-	-
27	27	ESSE FIM	-	-	0,094	0,160	0,416	-	-
28	28	POR CENTO	-	-	-	0,203	0,311	0,219	-
29	29	SOCIAL	-	-	0,174	0,150	0,156	-	-
30	30	EMPREGADOR	-	0,141	0,129	0,123	0,395	-	-
31	31	DIZER	-	-	-	0,093	0,283	-	-
32	32	CONTRIBUI	-	-	0,201	0,120	0,251	-	-
33	32	SEU BOLSO	-	-	-	0,217	0,256	0,205	-
34	33	ECONOMIAS	-	0,126	0,073	0,141	0,149	0,096	-
35	34	MANTIDO	-	-	-	0,206	0,207	0,151	-
36	35	CORRELATA	-	-	0,147	0,138	0,251	0,201	-
37	36	CORRELATA	-	-	0,171	0,109	0,309	0,155	-
38	37	SOCIAL	-	-	0,188	0,169	0,209	-	-
39	38	TRABALHADOR	-	0,132	0,123	0,121	0,264	-	-
40	38	GERAL	-	-	-	0,176	0,253	-	-
41	39	ELE DEIXA	-	-	0,113	0,122	0,270	0,333	-
42	40	ALGUNS	-	-	-	0,112	0,347	-	-
43	41	EXEMPLO	-	-	-	0,123	0,255	0,111	-
44	43	FAMILIARES	-	0,139	0,136	0,067	0,198	0,237	-
45	44	FACILIDADE	-	0,155	0,170	0,115	0,268	0,159	-
46	45	TRABALHADOR	-	0,130	0,139	0,104	0,255	-	-
47	46	TAMBÉM	-	-	-	0,203	0,255	-	-
48	47	DEPENDENTES	-	-	0,128	0,159	0,186	0,194	-
49	48	NO CASO	-	-	-	0,187	0,296	0,144	-
50	49	MELHOR	-	-	-	0,117	0,386	-	-
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA	0,180	1,954	3,887	7,860	14,469	5,306	-
		MÉDIA	0,180	0,150	0,150	0,157	0,289	0,190	-

ORDENADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	2	ASSISTÊN(CIA)	-	-	7,4	0,0	19,6	9,1	-
2	3	INDÚSTRIA	-	-	-	5,9	2,3	0,0	-
3	4	CIVIL	-	-	-	0,6	0,0	-	-
4	5	GERAL	-	-	-	4,5	0	-	-
5	6	NATURALMENTE	-	1,3	4,6	3,6	3,1	0,0	-
6	7	REQUISITOS	-	-	10,2	7,5	18	0,0	-
7	8	TRABALHA	-	-	-	3,8	3,3	0,0	-
8	9	COMPROVAR	-	-	2,2	7,4	0	-	-
9	10	CONTRIBUIÇÃO	0,0	2,4	0,7	0,8	3,9	-	-
10	11	CARREIA	-	-	-	0	4,2	0,5	-
11	12	DESCONTOS	-	-	-	4,8	7	0,0	-
12	13	EMPREGADOR	-	12,2	3,9	0	10,2	-	-
13	15	PRO SESI	-	-	-	2,6	7,9	0,0	-
14	16	EMPREGADO	-	-	7,4	7	5,1	0,0	-
15	17	EMPREGADOR	-	3,5	4,8	0	6,1	-	-
16	18	QUE PAGA	-	-	-	6,3	5,6	0,0	-
17	19	SUA FOLHA	-	-	-	1,1	6,2	0,0	-
18	20	PERCENTUAL	-	8,6	0,8	0	3,4	-	-
19	21	O SESI	-	-	-	7,5	8,6	0,0	-
20	21	MANTENHA	-	-	-	2,7	6,7	0,0	-
21	22	BENEFÍCIOS	-	-	14,7	9,6	7,9	0,0	-
22	22	TRABALHADOR	-	7,5	5,5	6,3	0,0	-	-
23	23	ALGUMA	-	-	-	0,0	9,2	8,3	-
24	23	ALGUM	-	-	-	0,0	8,1	-	-
25	24	CONSEGUE	-	-	-	1,2	1,1	0,0	-
26	26	TRABALHADOR	-	4,8	1,6	0,0	8,5	-	-
27	27	ESSE FIM	-	-	2,4	0,0	3,8	-	-
28	28	POR CENTO	-	-	-	12,1	18,6	0,0	-
29	29	SOCIAL	-	-	2,3	2,9	0,0	-	-
30	30	EMPREGADOR	-	13,6	7,0	0,0	8,7	-	-
31	31	DIZER	-	-	-	0,0	12,1	-	-
32	32	CONTRIBUI	-	-	4,6	6,8	0,0	-	-
33	32	SEU BOLSO	-	-	-	15,1	11,0	0,0	-
34	33	ECONOMIAS	-	3,2	0,0	1,3	5,5	5,8	-
35	34	MANTIDO	-	-	-	9,7	6,1	0,0	-
36	35	CORRELATA	-	-	10,6	12,2	10,0	0,0	-
37	36	CORRELATA	-	-	10,2	2,3	13,4	0,0	-
38	37	SOCIAL	-	-	0,0	3,5	1,0	-	-
39	38	TRABALHADOR	-	-	0,6	0,5	0,0	11,7	-
40	38	GERAL	-	-	-	2,9	0,0	-	-
41	39	ELE DEIXA	-	-	7,8	3,8	10,9	0,0	-
42	40	ALGUNS	-	-	-	0,0	4,4	-	-
43	41	EXEMPLO	-	-	-	8,1	6,0	0,0	-
44	43	FAMILIARES	-	3,7	5,2	0,0	3,2	2,2	-
45	44	FACILIDADE	-	11,5	10,0	10,2	13,2	0,0	-
46	45	TRABALHADOR	-	0,0	1,0	2,0	5,4	-	-
47	46	TAMBÉM	-	-	-	3,0	0,0	-	-
48	47	DEPENDENTES	-	-	21,5	14,3	14,3	0,0	-
49	48	NO CASO	-	-	-	6,1	7,0	0,0	-
50	49	MELHOR	-	-	-	3,6	0,0	-	-
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA	-	72,3	147,0	203,6	310,6	37,6	-
		MÉDIA	-	6,0	5,7	4,1	6,2	1,3	-

DURAÇÃO

ORDENADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	EVIDENTEMENTE	0,305	0,080	0,118	0,107	0,193	0,081	-
2	2	ASPECTOS	-	-	-	0,207	0,304	0,105	-
3	3	MODIFICADO	-	0,165	0,066	0,143	0,308	0,125	-
4	7	UMA COISA	-	-	-	0,296	0,308	0,089	-
5	8	AGRESSIVA	-	-	0,063	0,218	0,304	0,261	-
6	9	(RIO DE) JANEIRO	-	-	0,143	0,142	0,224	0,100	-
7	10	CIDADE	-	-	-	0,226	0,232	0,150	-
8	12	NOVA IORQUE	-	-	0,150	0,133	0,371	-	-
9	14	BARULHO	-	-	-	0,153	0,214	0,152	-
10	17	É TANTO	-	-	-	0,192	0,226	0,081	-
11	19	(DESA)GRADÁVEL	-	-	0,223	0,223	0,242	0,103	-
12	20	CASTELO	-	-	-	0,298	0,215	0,198	-
13	22	(RIODE) JANEIRO	-	-	0,180	0,127	0,219	0,162	-
14	23	AGRADÁVEL	-	-	0,124	0,213	0,295	0,137	-
15	24	IMPRESSÃO	-	-	0,186	0,150	0,259	-	-
16	25	COMUM	-	-	-	0,190	0,327	-	-
17	29	PREJUDICADA	-	0,175	0,082	0,202	0,234	0,190	-
18	30	HORRÍVEIS	-	-	-	0,141	0,233	0,298	-
19	31	ASFALTAMENTO	-	0,203	0,224	0,132	0,278	0,174	-
20	32	INDISCRIMINADO	0,166	0,204	0,170	0,169	0,346	0,188	-
21	33	DESFIGURAÇÃO	0,173	0,137	0,124	0,119	0,282	-	-
22	34	DESTRUIÇÃO	-	0,272	0,095	0,116	0,406	-	-
23	35	DE ÁRVORES	-	-	-	0,221	0,321	0,145	0,199
24	36	ZONAS VERDES	-	-	0,168	0,282	0,262	0,244	-
25	37	MUITO POUCAS	-	-	0,151	0,121	0,213	0,186	-
26	39	CIDADE	-	-	-	0,248	0,310	0,205	-
27	42	TROPICAL	-	-	0,171	0,157	0,320	-	-
28	43	ANTIGO	-	-	-	0,146	0,277	0,184	-
29	44	ESSE TEMPO	-	-	0,050	0,176	0,156	0,075	-
30	45	GENTE SENTE	-	-	0,115	0,096	0,323	0,121	-
31	46	RIO (DEJA)NEIRO	-	-	0,088	0,198	0,180	0,090	-
32	47	TROPICAL	-	-	0,144	0,133	0,296	-	-
33	48	ESTREITAS	-	-	-	0,224	0,278	0,234	-
34	49	CASARIO	-	-	0,122	0,174	0,319	-	-
35	50A	APROXIMANDO	-	0,080	0,208	0,180	0,260	0,157	-
36	50B	(UMA) SOMBRA	-	-	-	0,207	0,294	0,172	-
37	52	VARANDAS	-	-	-	0,195	0,247	0,179	-
38	53	DESTRUIDO	-	-	0,157	0,181	0,142	0,124	-
39	54	(RIODE)JANEIRO	-	-	0,122	0,122	0,196	0,093	-
40	55	DO NORTE	-	-	-	0,142	0,322	0,134	-
41	57	SENTIDO	-	-	-	0,260	0,264	0,059	-
42	58	CONSTRUIR	-	-	0,274	0,132	0,234	-	-
43	59	TROPICAL	-	-	0,179	0,111	0,270	-	-
44	60	ARMADO	-	-	-	0,203	0,222	0,111	-
45	61	DE VIDRO	-	-	-	0,203	0,196	0,142	-
46	63	ANTIGAMENTE	-	0,080	0,113	0,126	0,263	0,125	-
47	65	TÃO QUENTE	-	-	-	0,211	0,222	0,107	-
48	66	DE VIDA	-	-	-	0,124	0,237	0,109	-
49	40	QUE ERA	-	-	-	0,190	0,119	0,225	-
50	4	CIDADES	-	-	-	0,210	0,227	0,199	-
		SOMA	0,644	1,396	4,010	8,870	12,990	6,014	-

ADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	EVIDENTEMENTE	12,1	7,4	9,4	0,0	13,6	5,3	
2	2	ASPECTOS				13,0	15,1	0,0	
3	3	MODIFICADO		5,0	3,2	3,5	11,0	0,0	
4	7	UMA COISA				2,5	3,2	0,0	
5	8	AGRESSIVA			6,7	5,7	4,6	0,0	
6	9	(RIO DE) JANEIRO			2,2	6,2	2,2	0,0	
7	10	CIDADE				2,0	10,1	0,0	
8	12	NOVA IORQUE			2,2	0,0	9,1		
9	14	BARULHO				5,3	3,9	0,0	
10	17	É TANTO				14,8	6,2	0,0	
11	19	(DESA)GRADÁVEL			6,7	7,3	6,2	0,0	
12	20	CASTELO				5,3	13,0	0,0	
13	22	(RIODE) JANEIRO			0,0	2,6	11,4	5,1	
14	23	AGRADÁVEL			10,6	12,0	10,2	0,0	
15	24	IMPRESSÃO				0,0	3,4	5,2	
16	25	COMUM				0,0	5,0		
17	29	PREJUDICADA		5,8	2,0	0,0	5,2	5,7	
18	30	HORRIVEIS				0,0	8,3	2,0	
19	31	ASFALTAMENTO		8,3	15,2	8,3	12,0	0,0	
20	32	INDISCRIMINADO	2,2	6,7	6,0	4,0	9,3	0,0	
21	33	DESFIGURAÇÃO	10,7	0,0	16,2	17,3	10,0		
22	34	DESTRUIÇÃO		0,0	4,3	4,3	4,1		
23	35	DE ÁRVORES				8	15,3	3,4	0
24	36	ZONAS VERDES			4,1	0	14,5	2	
25	37	MUITO POUCAS			6,0	0,0	19,0	4,0	
26	39	CIDADE				0,0	11,0	0,0	
27	42	TROPICAL			11,0	0,0	14,1		
28	43	ANTIGO				0,0	19,3	8,6	
29	44	ESSE TEMPO			5,6	5,2	7,2	0,0	
30	45	GENTE SENTE			10,6	0,0	16,1	6,0	
31	46	RIO (DEJA)NEIRO			0,0	4,2	13,3	0,2	
32	47	TROPICAL			10,2	0,0	9,0		
33	48	ESTREITAS				1,1	19,0	0,0	
34	49	CASARIO			6,0	2,2	0,0		
35	50A	APROXIMANDO		7,3	11,3	0,0	4,0	2,4	
36	50B	(UMA) SOMBRA				4,0	7,2	0,0	
37	52	VARANDAS				5,4	3,0	0,0	
38	53	DESTRUÍDO			4,0	5,2	13,3	0,0	
39	54	(RIODE)JANEIRO			1,2	0,0	8,0	4,1	
40	55	DO NORTE				5,7	16,0	0,0	
41	57	SENTIDO				1,2	6,0	0,0	
42	58	CONSTRUIR			0,0	1,4	8,0		
43	59	TROPICAL			14,1	0,0	15,9		
44	60	ARMADO				4,0	5,1	0,0	
45	61	DE VIDRO				0,0	3,7	2,0	
46	63	ANTIGAMENTE		9	2,3	9,6	4,4	0,0	
47	65	TÃO QUENTE				5,5	15,1	0,0	
48	66	DE VIDA				0,0	8,1	2,5	
49	40	QUE ERA				0,0	11,0	0,0	
50	4	CIDADES				1,0	4,7	0,0	
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA	25,0	49,5	171,1	177,8	468,4	58,5	-
		MÉDIA	8,3	5,0	6,3	3,6	9,4	1,4	-

ORDO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	GENTE	0	0	0	0	0,216	0,153	0
2	3	DIRETORES	0	0	0,148	0,167	0,284	0,131	0
3	5	IMPROVISADO	0	0,113	0,157	0,124	0,231	0,106	0
4	6	BÁSICO	0	0	0	0	0,302	0,243	0,139
5	7	ALUNOS	0	0	0	0,128	0,218	0,288	0
6	10	DISSO	0	0	0	0	0,199	0,226	0
7	11	OU NÃO	0	0	0	0,142	0,226	0	0
8	12	VOÇÊ	0	0	0	0,140	0,224	0	0
9	13	CONHECIMENTOS	0	0,055	0,110	0,134	0,201	0,196	0
10	14	CAS (O A)	0	0	0	0,260	0,249	0	0
11	16	UMA CENA	0	0	0	0,403	0,300	0,180	0
12	17	DA CENA	0	0	0	0,139	0,275	0,099	0
13	21	OBSERVANDO	0	0	0,174	0,222	0,202	0,163	0
14	22	PREOCUPA	0	0	0,118	0,105	0,157	0,120	0
15	23	MOMENTO	0	0	0	0,190	0,189	0,080	0
16	24	DA CENA	0	0	0	0,168	0,341	0,165	0
17	25	DA CENA	0	0	0	0,105	0,267	0,215	0
18	26	DEFAZAGEM	0	0	0,177	0,289	0,205	0,177	0
19	28	MELHOR	0	0	0	0,159	0,290	0	0
20	30	MUITO TEMPO	0	0	0	0,302	0,304	0,214	0
21	32	VERMELHA	0	0	0	0,201	0,251	0,151	0
22	33	FACULDADE	0	0	0,265	0,167	0,275	0,156	0
23	35A	FINAL	0	0	0	0,145	0,231	0	0
24	35B	NA URCA	0	0	0	0,158	0,274	0,206	0
25	36	TUPI	0	0	0	0,182	0,200	0	0
26	37	ALI	0	0	0	0,069	0,239	0	0
27	38	E VENDO	0	0	0	0,054	0,236	0,116	0
28	41	JANELA	0	0	0	0,192	0,208	0,112	0
29	41B	EMPREGADINHAS	0	0,130	0,165	0,149	0,146	0,310	0
30	43	O SOM	0	0	0	0,116	0,587	0	0
31	44	PROGRAMA	0	0	0	0,262	0,252	0,159	0
32	45	O ATOR	0	0	0	0,294	0,381	0,000	0
33	47	MICROFONE	0	0	0,146	0,258	0,175	0,148	0
34	49	AUMENTAVA	0	0	0,125	0,194	0,312	0,130	0
35	50	FAZER ISSO	0	0	0,137	0,146	0,190	0,170	0
36	42	NEGÓCIO	0	0	0	0,128	0,162	0,131	0
37	51	FICAVA	0	0	0	0,150	0,200	0,134	0
38	52	DEPENDER	0	0	0,138	0,209	0,214	0	0
39	52	APROXIMAÇÃO	0,129	0,182	0,103	0,240	0,383	0	0
40	53	ARTISTA	0	0	0	0,184	0,275	0,152	0
41	53	OU NÃO	0	0	0	0,076	0,261	0	0
42	54	PRIMEIRO	0	0	0	0,136	0,287	0,073	0
43	54	ALI	0	0	0	0,075	0,150	0	0
44	55	SINOPSE	0	0	0	0,176	0,252	0,213	0
45	55	ELES FAZEM	0	0	0,105	0,209	0,283	0,284	0
46	56	HISTÓRIA	0	0	0	0,175	0,250	0,197	0
47	56	ELABORADA	0	0,083	0,179	0,167	0,340	0,256	0
48	57	MEDIDA	0	0	0	0,156	0,291	0,151	0
49	57	ACEITE	0	0	0	0,192	0,303	0,102	0
50	60	OU NÃO	0	0	0	0,209	0,433	0	0
		SOMA	0,129	0,563	2,247	8,246	12,921	6,107	-

	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
SOMA	0,644	1,396	4,01	8,87	12,99	6,107	0,139
MÉDIA	0,322	0,279	0,267	0,189	0,260	0,170	0

CORPUS NURC

MÉDIA DA INTENSIDADE

HOMEM FAIXA 2

Cidade de JANEIRO

INO 254

ORDEN	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	GENTE					5,2	0	
2	3	DIRETORES			8,2	10,4	2,2	0	
3	5	IMPROVISADO		14,4	15	14,6	8	0	
4	6	BÁSICO					6,1	0,7	0
5	7	ALUNOS				5,4	0,6	0	
6	10	DISSO					7	0	
7	11	OU NÃO				0,1	0		
8	12	VOCÊ				3	0		
9	13	CONHECIMENTOS		11,2	8,4	3,3	7,5	0	
10	14	CAS (O A)				3,7	0		
11	16	UMA CENA				5	0	2,2	
12	17	DA CENA				3,1	9	0	
13	21	OBSERVANDO			3,2	5	0	1,7	
14	22	PREOCUPA			6	5,8	0	3,4	
15	23	MOMENTO				2,2	0	1	
16	24	DA CENA				4,1	2	0	
17	25	DA CENA				7,6	4,2	0	
18	26	DEFAZAGEM			12,4	11	9,5	0	
19	28	MELHOR				7,1	0		
20	30	MUITO TEMPO				7	12,2	0	
21	32	VERMELHA				8	10,4	0	
22	33	FACULDADE			0	3,6	9	11,3	
23	35A	FINAL				0	3		
24	35B	NA URCA				16	18,2	0	
25	36	TUPI				0	7,5		
26	37	ALI				0	0,5		
27	38	E VENDO				8	15,6	0	
28	41	JANELA				2,2	3	0	
29	41B	EMPREGADINHAS		8,6	7	6,1	0	1,1	
30	43	O SOM				0	5,8		
31	44	PROGRAMA				3,3	3	0	
32	45	O ATOR				2	0		
33	47	MICROFONE			5,3	5	0	8,8	
34	49	AUMENTAVA			13	13,2	14,1	0	
35	50	FAZER ISSO			4,1	9	6,5	0	
36	42	NEGÓCIO				11,7	7	0	
37	51	FICAVA				0	19,2	15	
38	52	DEPENDER				0	0,7	0,5	
39	52	APROXIMAÇÃO	12,1	8,1	0	10	7,3		
40	53	ARTISTA				0	2,5	4,7	
41	53	OU NÃO				0	14		
42	54	PRIMEIRO			6,3	10	0		
43	54	ALI				2,7	0		
44	55	SINOPSE				0	9,1	0	
45	55				0	0,5	10	2,3	
46	56	HISTÓRIA				0	8	4	
47	56	ELABORADA		6,3	6,4	1	6,4	0	
48	57	MEDIDA				4,4	0	0,1	
49	57	ACEITE				7,7	8	0	
50	60	OU NÃO				2	0		
		SOMA	12,1	48,6	95,3	224,8	262,3	56,8	-

	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
SOMA	12,1	48,6	95,3	224,8	262,3	56,8	0
MÉDIA	12,1	6,1	6,4	4,7	5,2	1,6	0

ORDO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	CHOCOLATE			0,116	0,152	0,309	0,12	
2	1	NORMALMENTE			0,203	0,167	0,297	0,091	
3	2	DE FESTA				0,202	0,365	0,158	
4	3	DO AMIGUINHO			0,158	0,17	0,229	0,205	
5	4	EM CASA				0,183	0,243	0,179	
6	5	UM POUCO				0,157	0,235	0,103	
7	6	UM POUCO				0,165	0,187	0,07	
8	7	CONHEÇO				0,127	0,207	0,239	
9	8	FALEI PÃO			0,098	0,252	0,256		
10	9	É BOM				0,094	0,183		
11	10	PROPAGANDA			0,21	0,173	0,222	0,12	
12	11	PORQUE				0,267	0,203		
13	11	DE PÃO				0,182	0,385		
14	13	REALMENTE			0,17	0,08	0,172	0,098	
15	15	MANTEIGA				0,271	0,157	0,109	
16	16	PÃO COM OVOS			0,189	0,128	0,221	0,176	
17	18	INDIVÍDUO			0,17	0,15	0,3	0,27	
18	19	HISTÓRIA				0,233	0,227	0,14	
19	19	ESCOLHERIA?		0,169	0,084	0,162	0,204	0,182	
20	20	COM QUÊ?				0,267	0,365		
21	23	MINHA FRENTE			0,148	0,128	0,39	0,122	
22	25	COM OVOS				0,132	0,231	0,136	
23	26	COM OVOS				0,147	0,284	0,218	
24	27	GUSTAÇÃO			0,139	0,209	0,428		
25	28	COM OVOS				0,094	0,187	0,112	
26	29	GUSTAÇÃO			0,163	0,091	0,240		
27	30	SABOR <i>de manteiga</i>		0,071	0,082	0,162	0,211	0,105	
28	31	REQUEIJÃO			0,106	0,183	0,552		
29	32	COM BANANA			0,133	0,166	0,355	0,106	
30	33	COM O PÃO			0,164	0,082	0,45		
31	34	DIGERIDAS			0,136	0,179	0,253	0,237	
32	35	PALMIRA				0,222	0,304	0,205	
33	39	PRODUTO				0,211	0,261	0,094	
34	41	QUADRADOS				0,198	0,276	0,113	
35	41	QUADRADA				0,183	0,265	0,121	
36	42	REDONDA				0,14	0,333	0,192	
37	42	ENTENDEU?			0,114	0,147	0,266		
38	43	SENTID(O O)VAL		0,118	0,113	0,214	0,282		
39	43	PALMIRA				0,179	0,192	0,121	
40	44	QUASE OVAL			0,117	0,202	0,513		
41	45	AGORA				0,101	0,097	0,133	
42	45	GUSTAÇÃO			0,127	0,211	0,301		
43	46	SABOR TEM			0,165	0,306	0,489		
44	47	DO QUE OUTROS			0,089	0,13	0,313	0,17	
45	48	DIFÍCIL				0,178	0,211	0,231	
46	51	UM POUCO				0,186	0,299	0,092	
47	52	PARECE				0,176	0,224	0,198	
48	55	DESSA COISA			0,105	0,197	0,137	0,089	
49	57	DETERIORADO		0,15	0,107	0,23	0,335	0,353	
50	60	O SORO				0,103	0,347	0,272	
		SOMA	0,000	0,508	3,406	8,674	13,975	5,680	
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,000	0,127	0,135	0,173	0,280	0,158	0,000

8 7- 2- 5- 5- 3- 3-

ORDENADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	CHOCOLATE			5,9	8,1	9,7	0,	
2	1	NORMALMENTE			7,5	6,4	5,2	0,	
3	2	DE FESTA				1,	9,4	0,	
4	3	DO AMIGUINHO			0	2,	2,1	2,2	
5	4	EM CASA				4,7	6,	0	
6	5	UM POUCO				3,0	4	0	
7	6	UM POUCO				7,2	7	0	
8	7	CONHEÇO				4,7	0,1	0	
9	8	FALEI PÃO			0	3	1,5		
10	9	É BOM				0,2	0		
11	10	PROPAGANDA			0	3,2	0,1	2,5	
12	11	PORQUE				0	2		
13	11	DE PÃO				0	6,3		
14	13	REALMENTE			3,5	3,3	2,7	0	
15	15	MANTEIGA				1,3	2,2	0	
16	16	PÃO COM OVOS			4,2	4,5	7	0	
17	18	INDIVÍDUO			8	5,1	7	0	
18	19	HISTÓRIA				3	0	1	
19	19	ESCOLHERIA?		0	3,2	6	3,2	2,1	
20	20	COM QUÊ?				7	0		
21	23	MINHA FRENTE			10,3	6	10,3	0	
22	25	COM OVOS				2,3	6,5	0	
23	26	COM OVOS				6,4	6,8	0	
24	27	GUSTAÇÃO			0	4	1,2		
25	28	COM OVOS				3,5	6	0	
26	29	GUSTAÇÃO			0,9	0	2,3		
27	30	SABOR <i>de nozoides</i>		6.3	5.7	5.7	6.0	0	
28	31	REQUEIJÃO			0	0,6	2,6		
29	32	COM BANANA			4,4	6	6,4	0	
30	33	COM O PÃO			2	0	9,7		
31	34	DIGERIDAS			10,6	10,4	6,8	0	
32	35	PALMIRA				3,5	2,1	0	
33	39	PRODUTO				9,7	6,3	0	
34	41	QUADRADOS				9	8,4	0	
35	41	QUADRADA				0	4	2	
36	42	REDONDA				7	9,8	0	
37	42	ENTENDEU?			0	4	14,3		
38	43	SENTID(O O)VAL		0	5,9	7,5	8,5		
39	43	PALMIRA				3,2	9	0	
40	44	QUASE OVAL			0	1	6		
41	45	AGORA				0	6,3	6,2	
42	45	GUSTAÇÃO			0	3,9	1,3		
43	46	SABOR TEM			6,1	8,3	0		
44	47	DO QUE OUTROS			0	10,6	16,4	5,6	
45	48	DIFÍCIL				10,5	9,4	0	
46	51	UM POUCO				4,2	10,3	0	
47	52	PARECE				8,8	9,2	0	
48	55	DESSA COISA			0	1,4	4,5	5	
49	57	DETERIORADO		9,1	8,3	11,7	8	0	
50	60	O SORO				1	7,1	0	
SOMA			0	15.4	86.5	226.9	291	26.6	
MÉDIA			0,0	3,9	3,5	4,5	5,6	0,7	0,0

∅ 4 25 50 50 36 ∅

ORDADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	SOFISTICADO		0,163	0,154	0,113	0,183	0,09	
2	2	BOM-GOSTO				0,205	0,212	0,091	
3	4	PESSOAS				0,126	0,2	0,092	
4	5	ENCONTRAR			0,093	0,187	0,359		
5	6	ALMOÇO				0,1	0,211	0,212	
6	6	VERDADEIRAMENTE	0,159	0,109	0,13	0,109	0,279	0,083	
7	7	PETISCANDO			0,192	0,191	0,312	0,159	
8	8	FAZENDO				0,172	0,262	0,254	
9	8	TIRA-GOSTO			0,132	0,128	0,264		
10	9	GERAL				0,189	0,25		
11	10	DO ALMOÇO			0,086	0,117	0,205	0,178	
12	11	GERALMENTE			0,135	0,101	0,237	0,212	
13	11	SERVIDOS				0,158	0,255	0,215	
14	12	UM PRATO				0,189	0,387	0,147	
15	13	DE CARNE				0,159	0,361	0,184	
16	15	CONSERVA				0,16	0,398	0,189	
17	17	POR EXEMPLO			0,118	0,157	0,257	0,596	
18	18	PRESUNTO				0,189	0,224	0,058	
19	19	CHAMADO				0,102	0,112	0,098	
20	19	DE PEIXE				0,198	0,254	0,109	
21	20	GALINHA				0,135	0,195		
22	21	MAIS LEVE				0,216	0,28	0,153	
23	22	SOBREMESA			0,135	0,108	0,34	0,115	
24	23	UM PEIXE				0,11	0,244	0,101	
25	23	POR EXEMPLO			0,143	0,123	0,253	0,245	
26	24	VINHO BRANCO			0,163	0,088	0,292	0,118	
27	25	PRAS CARNES				0,28	0,238	0,14	
28	27	PORTUGUÊS			0,141	0,128	0,326		
29	29	FALANDO				0,137	0,181	0,138	
30	30	NA BAHIA			0,075	0,111	0,283		
31	30	PORQUE				0,174	0,207		
32	32	SEGUINTE				0,15	0,286	0,078	
33	33	DESCENDENTE			0,115	0,136	0,187	0,153	
34	35	SUIÇO				0,14	0,207	0,115	
35	36	EM CASA				0,19	0,232	0,089	
36	38	ALIMENTAÇÃO	0,041	0,091	0,146	0,111	0,268		
37	39	SEGUINTE				0,13	0,23	0,085	
38	40	A SOPA				0,073	0,328	0,138	
39	42	DE SOPA				0,089	0,328	0,168	
40	43	SEGUINTE				0,154	0,244	0,2	
41	44	EM CASA				0,12	0,316	0,171	
42	46	TALVEZ				0,169	0,289		
43	46	FEIJÃO				0,127	0,276		
44	47	UM BIFE				0,208	0,326	0,1	
45	50	PRINCÍPIO				0,148	0,219	0,117	
46	50	DE PENSÃO			0,102	0,209	0,376		
47	51	MANEIRA				0,11	0,226	0,094	
48	52	A SOPA				0,105	0,315	0,203	
49	53	DA SOPA				0,137	0,352	0,183	
50	54	UM PRATO				0,246	0,344	0,2	
		SOMA	0,200	0,363	2,060	7,412	13,410	6,071	
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,100	0,121	0,129	0,148	0,268	0,156	0,000

2 3 16 50 50 39

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	SOFISTICADO		10	0	6,9	17,2	18,	
2	2	BOM-GOSTO				17,2	11,3	0,	
3	4	PESSOAS				0,	1,	0,	
4	5	ENCONTRAR			0	3,	4,4		
5	6	ALMOÇO				5,	3,3	0	
6	6	VERDADEIRAMENTE	8,6	9,3	11	8,2	13,8		
7	7	PETISCANDO			8,5	7,3	5	0	
8	8	FAZENDO				2,3	0	0,5	
9	8	TIRA-GOSTO			5	4,3	0		
10	9	GERAL				3	0		
11	10	DO ALMOÇO			13	10,3	11,8	0	
12	11	GERALMENTE			9	5	5,5	0	
13	11	SERVIDOS				8,2	11	0	
14	12	UM PRATO				5,2	12,4	0	
15	13	DE CARNE				2	2	0	
16	15	CONSERVA				4	8,8	0	
17	17	POR EXEMPLO			6	7,4	0	0,6	
18	18	PRESUNTO				15	15,8	0	
19	19	CHAMADO				4	4	0	
20	19	DE PEIXE				6,7	12	0	
21	20	GALINHA				1	0		
22	21	MAIS LEVE				5	8,1	0	
23	22	SOBREMESA			11	8	10,9	0	
24	23	UM PEIXE				10,2	13,5	0	
25	23	POR EXEMPLO			15	13,2	11,1	0	
26	24	VINHO BRANCO			12,4	12	13,7	0	
27	25	PRAS CARNES				2,1	2	0	
28	27	PORTUGUÊS				0	3,1	9	
29	29	FALANDO				5	1,3	0	
30	30	NA BAHIA			0	5	4,6		
31	30	PORQUE				0	3,4		
32	32	SEGUINTE				8,5	9	0	
33	33	DESCENDENTE			17,3	9,3	9	0	
34	35	SUIÇO				3,6	13,7	0	
35	36	EM CASA				0	1,3	0,7	
36	38	ALIMENTAÇÃO	4,5	3,3	2,6	1	0		
37	39	SEGUINTE				13,1	14,2	0	
38	40	A SOPA				7,3	11,6	0	
39	42	DE SOPA				0	17,6	5,6	
40	43	SEGUINTE				7,4	8	0	
41	44	EM CASA				13,5	16	0	
42	46	TALVEZ				0	3		
43	46	FEIJÃO				4	0		
44	47	UM BIFE				11,4	14,2	0	
45	50	PRINCÍPIO				14	13,3	0	
46	50	DE PENSÃO			0	7	8,4		
47	51	MANEIRA				0	7	3	
48	52	A SOPA				6	11,1	0	
49	53	DA SOPA				7,1	8,1	0	
50	54	UM PRATO				15,5	14,5	0	
		SOMA	13,1	22,6	110,8	315,2	391,0	37,4	
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	6,6	7,5	6,9	6,3	7,8	1,0	0,0

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	MANTEIGA				0,327	0,318	0,299	
2	2	OU QUEIJO				0,265	0,386	0,252	
3	3	REQUEIJÃO			0,2	0,205	0,376		
4	4	TORRADOS				0,154	0,33	0,339	
5	5	MANTEIGA				0,255	0,32	0,342	
6	7	REQUEIJÃO			0,195	0,2	0,484		
7	8	MANHÃ				0,156	0,313		
8	11	DO PÃO				0,16	0,46		
9	12	DE PÃO				0,305	0,308		
10	13	COMIDAS				0,117	0,178	0,468	
11	14	DEPENDE				0,296	0,299	0,101	
12	16	RESTAURANTE			0,233	0,148	0,253	0,361	
13	17	EM CASA				0,151	0,358	0,162	
14	18	É COMUM			0,122	0,167	0,336		
15	19	É SOPA				0,089	0,33	0,223	
16	22	UM DRINQUE				0,197	0,279	0,269	
17	23	BEBIDAS				0,198	0,258	0,393	
18	24	CERVEJA				0,289	0,374	0,109	
19	24	UM VINHO				0,179	0,362	0,261	
20	25	CHAMPANHE				0,29	0,306	0,18	
21	27	CHAMPINHON			0,326	0,144	0,435		
22	28	SALADA				0,268	0,37	0,164	
23	30	PEIXE FRITO			0,149	0,211	0,34	0,306	
24	31	MOQUECA				0,217	0,315	0,17	
25	31	DE PEIXE				0,224	0,298	0,468	
26	32	COZIDO				0,171	0,289	0,29	
27	34	JAPONESA			0,185	0,155	0,224	0,147	
28	34	É CRU				0,12	0,317		
29	35	VEM CRU				0,233	0,474		
30	36	COMPLEMENTAR		0,169	0,139	0,259	0,328		
31	38	DE PEIXE				0,171	0,223	0,167	
32	39	VERMELHO				0,181	0,325	0,205	
33	41	CONHEÇO				0,172	0,262	0,206	
34	43	AMAZONAS			0,132	0,138	0,279	0,316	
35	45	PARAGUAÇU		0,14	0,165	0,144	0,448		
36	46	TUCUNARÉ		0,148	0,119	0,17	0,364		
37	51	ROBALO				0,212	0,296	0,197	
38	51	TUCUNARÉ		0,17	0,159	0,135	0,33		
39	56	CONHEÇA				0,193	0,331	0,225	
40	58	PATACHOCA			0,162	0,124	0,46	0,187	
41	59	PATACHOCA?			0,14	0,131	0,414	0,142	
42	62	CARANGUEIJO			0,143	0,137	0,328	0,122	
43	64	AGORA				0,157	0,195	0,121	
44	65	CABELO				0,25	0,247	0,157	
45	66	CABELUDO			0,147	0,149	0,223	0,142	
46	68	CHEGADO				0,288	0,319	0,197	
47	70	SIRI				0,286	0,552		
48	70	SIRI MOLE			0,274	0,102	0,374	0,174	
49	71	CARANGUEIJO			0,141	0,179	0,32	0,228	
50	72	CARANGUEIJO			0,134	0,175	0,216	0,295	
		SOMA	0,000	0,627	3,265	9,670	16,524	8,385	
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,000	0,157	0,172	0,193	0,330	0,233	0,000

ø 4 19 50 50 36 ø

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	MANTEIGA				0,	8,	3,2	
2	2	OU QUEIJO				5,3	3,3	0,	
3	3	REQUEIJÃO			4,8	6,2	0,		
4	4	TORRADOS				5,6	8,9	0,	
5	5	MANTEIGA				1,9	8,7	0	
6	7	REQUEIJÃO			0	5,1	2		
7	8	MANHÃ				0	1		
8	11	DO PÃO				0	4		
9	12	DE PÃO				0	5		
10	13	COMIDAS				0	4	4,1	
11	14	DEPENDE				6,6	6,6	0	
12	16	RESTAURANTE			5,1	5	6,3	0	
13	17	EM CASA				5,8	6,2	0	
14	18	É COMUM			4,1	0	1,3		
15	19	É SOPA				9	10,3	0	
16	22	UM DRINQUE				1,6	8,4	0	
17	23	BEBIDAS				0	11	6,7	
18	24	CERVEJA				1	4,5	0	
19	24	UM VINHO				0	6,6	1,9	
20	25	CHAMPANHE				0	8	7,8	
21	27	CHAMPINHON			0	2,4	3,6		
22	28	SALADA				6,7	8	0	
23	30	PEIXE FRITO			7,6	0	9,5	4	
24	31	MOQUECA				6	9	0	
25	31	DE PEIXE				2	10,4	0	
26	32	COZIDO				0	6,5	2,5	
27	34	JAPONESA			2,2	0	6	2,2	
28	34	É CRU				0	0,6		
29	35	VEM CRU				0	4,7		
30	36	COMPLEMENTAR		0	3	2	2		
31	38	DE PEIXE				0	8,7	2,1	
32	39	VERMELHO				8	9,3	0	
33	41	CONHEÇO				7,1	10,1	0	
34	43	AMAZONAS			1,3	3,7	3,1	0	
35	45	PARAGUAÇU		6,3	7	4,4	0		
36	46	TUCUNARÉ		0	7	8,6	9,2		
37	51	ROBALO				1,7	2,9	0	
38	51	TUCUNARÉ		0	6	7,5	3,8		
39	56	CONHEÇA				5,5	5,5	0	
40	58	PATACHOCA			7	5,7	12,5	0	
41	59	PATACHOCA?			3,5	2	7,6	0	
42	62	CARANGUEIJO			8	4,1	6	0	
43	64	AGORA				0	7,5	3	
44	65	CABELO				0	5,2	5,1	
45	66	CABELUDO			0	1,7	8,7	2,2	
46	68	CHEGADO				4,8	3	0	
47	70	SIRI				0	4		
48	70	SIRI MOLE			1	1,9	4,6	0	
49	71	CARANGUEIJO			2,2	0,2	8	0	
50	72	CARANGUEIJO			1,6	0	8	2,5	
		SOMA	0,0	6,3	71,4	139,1	302,1	47,3	
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,0	1,6	3,8	2,8	6,0	1,3	0,0

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	DEPENDE	0	0	0	0,288	0,159	0,111	0
2	2	TAPIOCA	0	0	0,275	0,124	0,314	0,193	0
3	2	DE MILHO	0	0	0	0,091	0,301	0,185	0
4	3	MANDIOCA	0	0	0,23	0,113	0,308	0,153	0
5	4	SE COME	0	0	0	0,164	0,238	0,176	0
6	5	DOENTE	0	0	0	0,139	0,194	0,132	0
7	5	GERALMENTE	0	0	0,171	0,17	0,239	0,097	0
8	6	DE COCO	0	0	0	0,163	0,208	0,171	0
9	8	CACHORRO	0	0	0	0,216	0,356	0,098	0
10	8	CONHECEM	0	0	0	0,137	0,246	0,153	0
11	9	RALINHO	0	0	0	0,175	0,231	0,182	0
12	10	FARINHA	0	0	0	0,278	0,232	0,225	0
13	10	DE MESA	0	0	0	0,11	0,288	0,23	0
14	11	PENEIRADA	0	0	0,096	0,261	0,348	0,238	0
15	12	BEM RALINHO	0	0	0,113	0,18	0,24	0,188	0
16	13	SUBSTANCIAL	0	0,376	0,18	0,225	0,223	0	0
17	14	DE ALHO	0	0	0	0,137	0,246	0,156	0
18	15	É DOCE	0	0	0	0,101	0,317	0,293	0
19	16	DE SAL	0	0	0	0,142	0,4	0	0
20	17	PREDOMINA	0	0	0,243	0,147	0,154	0,141	0
21	17	AÇÚCAR	0	0	0	0,095	0,274	0,214	0
22	18	TAMBÉM	0	0	0	0,193	0,366	0	0
23	20	POR AI	0	0	0	0,126	0,304	0	0
24	21	(PRA O) NORTE	0	0	0	0,187	0,349	0,187	0
25	22	NO CAFÉ	0	0	0	0,199	0,22	0,3	0
26	23	DA TERRA	0	0	0	0,275	0,328	0,304	0
27	25	COZIDA	0	0	0	0,225	0,317	0,208	0
28	26	NO CAFÉ	0	0	0	0,17	0,179	0,415	0
29	26	CUZCUZ	0	0	0	0,301	0,426	0	0
30	28	DEPENDENDO	0	0	0,164	0,221	0,274	0,153	0
31	29	INTERIOR	0	0,122	0,108	0,188	0,289	0	0
32	30	DO SOL	0	0	0	0,104	0,528	0	0
33	31	NO CAFÉ	0	0	0	0,129	0,217	0,25	0
34	31	CUNHADO	0	0	0	0,151	0,294	0,227	0
35	33	BAIANO	0	0	0	0,252	0,126	0,205	0
36	34	ALAGOAS	0	0	0,109	0,156	0,247	0,077	0
37	35	PEQUENOZINHO	0	0,125	0,267	0,113	0,221	0,083	0
38	36	DO SOL	0	0	0	0,156	0,552	0	0
39	36	NO CAFÉ	0	0	0	0,149	0,187	0,369	0
40	38	FUMEIRO	0	0	0	0,182	0,307	0,176	0
41	39	QUALIDADES	0	0	0,149	0,12	0,425	0,145	0
42	39	QUER TUDO	0	0	0	0,187	0,202	0,085	0
43	41	COMER TUDO	0	0	0,124	0,346	0,225	0,195	0
44	42	DE LEITE	0	0	0	0,132	0,342	0,145	0
45	43	MANTEIGA	0	0	0	0,256	0,228	0,236	0
46	45	MANTEIGA	0	0	0	0,209	0,201	0,129	0
47	46	COMO POUCO	0	0	0,125	0,18	0,277	0,132	0
48	48	PORQUE	0	0	0	0,277	0,388	0	0
49	49	COLESTEROL	0	0,131	0,269	0,16	0,455	0	0
50	49	MANTEIGA	0	0	0	0,313	0,368	0,203	0
		SOMA	0,000	0,754	2,623	9,113	14,358	7,560	0
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA	0,000	0,754	2,623	9,113	14,358	7,560	0,000
		MÉDIA	0,000	0,189	0,175	0,182	0,287	0,189	0,000

26 15 50 50 40

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	DEPENDE				0,2	4,9	0,	
2	2	TAPIOCA			6,1	3,1	4,1	0,	
3	2	DE MILHO				0,	4,2	1,1	
4	3	MANDIOCA			10,3	3,4	8,	0,	
5	4	SE COME				0,	2,2	1,6	
6	5	DOENTE				12	13,5	0	
7	5	GERALMENTE			16	16,1	20	0	
8	6	DE COCO				11,4	18,1	0	
9	8	CACHORRO				3,5	5,7	0	
10	8	CONHECEM				8,1	12,4	0	
11	9	RALINHO				0	4,4	2,6	
12	10	FARINHA				1,1	1,5	0	
13	10	DE MESA				1	3,3	0	
14	11	PENEIRADA			5,6	5,3	0	3	
15	12	BEM RALINHO			1	0	4,1	0,4	
16	13	SUBSTANCIAL		0,6	0	2	1,4		
17	14	DE ALHO				1,2	0,5	0	
18	15	É DOCE				0	5,2	0,2	
19	16	DE SAL				0	4		
20	17	PREDOMINA			3,3	0	1,6	1	
21	17	AÇÚCAR				3	6,6	0	
22	18	TAMBÉM				0	1		
23	20	POR AI				0	5,1		
24	21	(PRA O) NORTE				6,2	10,5	0	
25	22	NO CAFÉ				7	0	1,3	
26	23	DA TERRA				4,4	8	0	
27	25	COZIDA				0,7	0	0	
28	26	NO CAFÉ				2,3	0,2	0	
29	26	CUZCUZ				0	4		
30	28	DEPENDENDO			9,1	9,2	6,3	0	
31	29	INTERIOR		0,	4,6	6,2	5,4		
32	30	DO SOL				0	10,5		
33	31	NO CAFÉ				0	3,8	7	
34	31	CUNHADO				2,8	1,4	0	
35	33	BAIANO				0	1,5	1	
36	34	ALAGOAS			2,7	0,7	4	0	
37	35	PEQUENOZINHO		3,4	8,4	3	1,2	0	
38	36	DO SOL				0	7		
39	36	NO CAFÉ				3,5	0	3,3	
40	38	FUMEIRO				2	7,3	0	
41	39	QUALIDADES			8	8,4	10,1	0	
42	39	QUER TUDO				10,6	13,3	0	
43	41	COMER TUDO			0	8,4	6,7	1	
44	42	DE LEITE				12,5	14,2	0	
45	43	MANTEIGA				2	2,5	0	
46	45	MANTEIGA				6,2	7,5	0	
47	46	COMO POUCO			10,6	14	13,7	0	
48	48	PORQUE				0	7		
49	49	COLESTEROL		3	0	2,4	2,5		
50	49	MANTEIGA				3,3	7,3	0	
		SOMA	0,0	7,0	85,7	187,2	287,7	23,5	
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA	0,0	7,0	85,7	187,2	287,7	23,5	0,0
		MÉDIA	0,0	1,8	5,7	3,7	5,8	0,6	0,0

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	1	SOBRE PEIXE	0	0	0,168	0,201	0,244	0,411
2	1	ASSADO	0	0	0	0,131	0,391	0,183
3	2	PEIXE AO FORNO	0	0	0,154	0,199	0,377	0,251
4	3	DE ENSOPADO	0	0,121	0,077	0,232	0,393	0,278
5	4	PEIXE FRITO	0	0	0,18	0,194	0,405	0,305
6	5	DE PEIXE	0	0	0	0,16	0,283	0,337
7	6	DE PEIXE	0	0	0	0,149	0,279	0,295
8	8	GERALMENTE	0	0	0,241	0,167	0,284	0,285
9	10	POR AQUI	0	0	0,126	0,175	0,254	0
10	11	AO BRASIL	0	0	0,158	0,316	0,406	0
11	13	ENTRETANTO	0	0	0,218	0,22	0,299	0,253
12	14	CARNEIRO	0	0	0	0,194	0,317	0,215
13	15	DIFÍCIL	0	0	0	0,204	0,211	0,197
14	16	ALIMENTAÇÃO	0,07	0,082	0,222	0,166	0,408	0
15	16	DIGAMOS	0	0	0	0,138	0,264	0,341
16	17	ANIMAL	0	0	0,092	0,098	0,341	0
17	18	ALIMENTAÇÃO	0,127	0,112	0,195	0,144	0,435	0
18	19	VAMOS DIZER	0	0,242	0,232	0,141	0,358	0
19	20	ALCATRA	0	0	0	0,243	0,274	0,246
20	20	CHÁ DE DENTRO	0	0	0,193	0,153	0,274	0,205
21	21	HONESTAMENTE	0	0,066	0,206	0,111	0,171	0,23
22	22	AGORA	0	0	0	0,221	0,39	0,356
23	23	AQUI	0	0	0	0,174	0,386	0
24	25	MEU GOSTO	0	0	0	0,224	0,362	0,179
25	27	COMO FÍGADO	0	0	0,202	0,192	0,254	0,184
26	29	ME ENGANO	0	0	0,132	0,112	0,158	0,171
27	32	RABADA	0	0	0	0,323	0,383	0,202
28	34	EM GERAL	0	0	0,236	0,361	0,456	0
29	35	CHOURIÇA	0	0	0	0,201	0,112	0,255
30	36	É USADO	0	0	0,158	0,123	0,359	0,222
31	37	DO MAIS	0	0	0	0,15	0,634	0
32	38	ASSADO	0	0	0	0,182	0,534	0,216
33	39	SALGADO	0	0	0	0,29	0,244	0,149
34	40	FEIJOADA	0	0	0	0,185	0,399	0,36
35	41	DEFUMADO	0	0	0,168	0,115	0,33	0,249
36	41	TAMBÉM	0	0	0	0,148	0,403	0
37	42	USADO	0	0	0	0,063	0,366	0,179
38	43	FEIJOADA	0	0	0	0,21	0,289	0,12
39	44	NO BRASIL	0	0	0,117	0,217	0,32	0
40	45	FEIJOADA	0	0	0	0,125	0,239	0,209
41	46	PRINCÍPIO	0	0	0	0,193	0,172	0,104
42	47	FEIJÃO	0	0	0	0,262	0,522	0
43	49	CEBOLA	0	0	0	0,284	0,333	0,292
44	50	CARNE DE BOI	0	0,245	0,188	0,091	0,226	0
45	51	CARNE DE BOI	0	0,276	0,223	0,124	0,62	0
46	52	SERTÃO	0	0	0	0,33	0,418	0
47	53	USAMOS	0	0	0	0,211	0,208	0,219
48	53	ANTERIORMENTE	0,103	0,15	0,085	0,157	0,337	0,186
49	54	DEFUMADOS	0	0	0,207	0,146	0,335	0,444
50	55	DE PORCO	0	0	0	0,099	0,466	0,288
		SOMA	0,300	1,294	4,178	9,249	16,923	8,616
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
		SOMA	0,300	1,294	4,178	9,249	16,923	8,616
		MÉDIA	0,100	0,162	0,174	0,185	0,338	0,246

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	SOBRE PEIXE			10,8	0	16	9,6	
2	1	ASSADO				0	2,8	1,3	
3	2	PEIXE AO FORNO			0,1	0,1	1,9	0	
4	3	DE ENSOPADO		1,8	0	5,8	4,8	2,3	
5	4	PEIXE FRITO			3,5	0	1,3	1	
6	5	DE PEIXE				0	11,8	5,5	
7	6	DE PEIXE				0	4,4	0,3	
8	8	GERALMENTE			4,9	2	0	1,5	
9	10	POR AQUI			3,4	4,3	0		
10	11	AO BRASIL			0	2	3,1		
11	13	ENTRETANTO			7	5,2	11,5	0	
12	14	CARNEIRO				5,2	7,8	0	
13	15	DIFÍCIL				0	3	6,8	
14	16	ALIMENTAÇÃO	7,2	2,9	0	5	7,9		
15	16	DIGAMOS				4	8,9	0	
16	17	ANIMAL			4	0	3		
17	18	ALIMENTAÇÃO	2,3	5,3	0	6	3,6		
18	19	VAMOS DIZER		1,2	2,9	1,8	0		
19	20	ALCATRA				0	1,1	0,5	
20	20	CHÁ DE DENTRO			2	6,2	3,7	0	
21	21	HONESTAMENTE		6,1	6	2,5	3	0	
22	22	AGORA				0	6,2	3	
23	23	AQUI				0	3		
24	25	MEU GOSTO				2,2	1,5	0	
25	27	COMO FÍGADO			3	3	0	7	0,2
26	29	ME ENGANO			1	0	2	1,4	
27	32	RABADA				3,4	5,1	0	
28	34	EM GERAL			1,8	1,1	0		
29	35	CHOURIÇA				7,3	4,4	0	
30	36	É USADO			2,3	5	6,3	0	
31	37	DO MAIS				4,4	0		
32	38	ASSADO				0	4	3,6	
33	39	SALGADO				2,1	0	2,2	
34	40	FEIJOADA				3	3,5	0	
35	41	DEFUMADO			6,4	0	2	3,6	
36	41	TAMBÉM				0	2,4		
37	42	USADO				1,7	2,5	0	
38	43	FEIJOADA				4,3	2,4	0	
39	44	NO BRASIL			0	5,5	3		
40	45	FEIJOADA				0	2,5	1,3	
41	46	PRINCÍPIO				0,8	2	0	
42	47	FEIJÃO				1,7	0		
43	49	CEBOLA				0,6	0	0	
44	50	CARNE DE BOI		5	0	3,7	6,4		
45	51	CARNE DE BOI		6,5	0	3	7,3		
46	52	SERTÃO				0	2		
47	53	USAMOS				2,1	0	0,5	
48	53	ANTERIORMENTE	0	2,7	3,2	5,1	2,2	0,9	
49	54	DEFUMADOS			5,3	2,2	2	0	
50	55	DE PORCO				0	6,7	4,3	
		SOMA	9,5	31,5	67,6	112,3	179,0	56,6	0,2
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA	9,5	31,5	67,6	112,3	179,0	56,6	0,2
		MÉDIA	3,2	3,9	2,8	2,2	3,6	1,6	0,2

Contexto Assertivo: 9 dados

DADO	UTT	COD	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
4	5	A	GERAL				154,9	100,7	
15	17	A	EMPREGADOR		185,2	155,4	153,2	96,2	
22	22	A	TRABALHADOR		165,6	94,2	89,2	67,2	
27	27	A	ESSE FIM			141,1	179,2	112,8	
29	29	A	SOCIAL			125,4		97,3	
36	35	A	CORRELATA			128,4	136,1	99,1	90,0
45	44	A	FACILIDADE		103,9	103,0	99,5	98,8	84,9
48	47	A	DEPENDENTES			99,5	92,2	82,0	
50	49	A	MELHOR				122,8	94,7	
				PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
			SOMA		454,7	847,0	1.027,1	848,8	174,9
			MÉDIA		151,6	121,0	128,4	94,3	87,5
					3	7	8	9	2

Contexto Front. Intra-sint.: 3 dados

DADO	UTT	COD	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
2	3	F	INDÚSTRIA				111,9	96,8	85,2
11	12	F	DESCONTOS				117,8	131,2	89,6
42	40	F	ALGUNS				103,7	138,0	
				PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
			SOMA				333,4	366,0	174,8
			MÉDIA	-	-	-	111,1	122,0	87,4

12 dados

Contexto Continuativo: 38 dados

DADO	UTT	COD	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	2	C	ASSISTÊN(CIA)			86,4	173,7	143,9	
3	4	C	CIVIL				136,0	102,8	
5	6	C	NATURALMENTE		109,4	125,7	124,7	113,1	131,9
6	7	C	REQUISITOS			96,6	93,8	152,2	
7	8	C	TRABALHA				114,9	121,6	121,8
8	9	C	COMPROVAR			157,8	138,0	105,2	
9	10	C	CONTRIBUIÇÃO	99,8	98,1	88,5	88,4	146,0	
10	11	C	CARREIA				159,1	139,2	100,1
12	13	C	EMPREGADOR		165,0	92,3	84,9	125,3	
13	15	C	PRO SESI				85,0	129,2	88,1
14	16	C	EMPREGADO			95,7	88,9	84,8	
16	18	C	QUE PAGA				155,6	104,2	91,0
17	19	C	SUA FOLHA				132,4	138,0	98,7
18	20	C	PERCENTUAL		120,1	96,5	101,5	120,2	
19	21	C	O SESI				181,7	125,3	83,0
20	21	C	MANTENHA				140,4	135,7	131,8
21	22	C	BENEFÍCIOS			174,3	142,6	170,2	153,6
23	23	C	ALGUMA				82,2	151,9	151,8
24	23	C	ALGUM				96,4	131,6	
25	24	C	CONSEGUE				157,3	118,2	131,2
26	26	C	TRABALHADOR		100,7	91,7	87,4	125,8	
28	28	C	POR CENTO				100,3	119,2	110,9
30	30	C	EMPREGADOR		179,0	120,0	99,9	192,7	
31	31	C	DIZER				88,9	151,1	
32	32	C	CONTRIBUI			199,4	173,0	100,6	
33	32	C	SEU BOLSO				175,2	109,5	176,8
34	33	C	ECONOMIAS		104,9	93,9	94,9	144,5	138,1
35	34	C	MANTIDO				148,6	106,8	95,1
37	36	C	CORRELATA			94,3	88,6	132,4	
38	37	C	SOCIAL			128,3	126,9	118,6	
39	38	C	TRABALHADOR			88,7	81,8	104,2	
40	38	C	GERAL				107,6	141,2	
41	39	C	ELE DEIXA			172,8	215,0	166,0	
43	41	C	EXEMPLO				115,1	116,7	
44	43	C	FAMILIARES		113,4	99,6	89,2	100,0	94,3
46	45	C	TRABALHADOR		146,2	156,2	150,8	111,1	
47	46	C	TAMBÉM				144,9	110,2	
49	48	C	NO CASO				176,2	146,3	171,0
			SOMA	99,8	1.136,8	2.258,7	4.741,8	4.855,5	2.069,2
			MÉDIA	99,8	126,3	118,9	124,8	127,8	121,7
			divisor	1	9	19	38	38	17

38 dados

Contexto Continuativo: 27 dados

DADC	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	EVIDENTEMENTE	C	95,8	97,1	97,0	96,3	106,0	106,6	
3	3	MODIFICADO	C		95,1	184,3	89,1	96,9	95,2	
5	8	AGRESSIVA	C			104,9	99,9	118,2	89,8	
8	12	NOVA IORQUE	C			85,3	77,7	95,9		
11	19	(DESA)GRADÁVEL	C				90,3	91,4	97,5	
13	22	(RIODE) JANEIRO	C			95,0	95,9	103,1	113,4	
15	24	IMPRESSÃO	C			97,4	185,6	106,7		
16	25	COMUM	C				94,4	112,8		
17	29	PREJUDICADA	C		89,7	87,6	89,3	90,5	91,8	
23	35	DE ÁRVORES	C				87,0	104,9	99,4	97,6
25	37	MUITO POUCAS	C			100,7	176,5	138,9		
26	39	CIDADE	C				94,1	110,0	102,8	
28	43	ANTIGO	C				101,6		102,4	
29	44	ESSE TEMPO	C			120,8	121,3	123,8	123,1	
30	45	GENTE SENTE	C			198,8	203,8	156,9		
31	46	RIO (DEJA)NEIRO	C			85,8		122,6	70,8	
33	48	ESTREITAS	C				189,9	112,2	80,8	
34	49	CASARIO	C			100,4	90,2	82,4		
35	50A	APROXIMANDO	C		92,5	98,8		105,8	123,2	
37	52	VARANDAS	C				94,8	104,7	90,1	
39	54	(RIODE)JANEIRO	C			91,8	94,5	120,9	112,3	
40	55	DO NORTE	C				94,0	133,4	104,2	
42	58	CONSTRUIR	C			117,6	112,0	132,0		
44	60	ARMADO	C				88,3	99,9	101,4	
45	61	DE VIDRO	C				98,6	106,9	115,8	
46	63	ANTIGAMENTE	C		100,6		101,0	130,1	132,3	
49	40	QUE ERA	C				109,1	110,2		
		SOMA		95,8	475,0	1666,2	2775,2	2917,1	1952,9	97,6
		MÉDIA		95,8	95,0	104,1	111,0	112,2	102,8	97,6
		DIVISOR		1	5	16	25	26	19	1

Contexto Front. Intra-sint.: 4 dados

DADC	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
19	31	ASFALTAMENTO	F		91,4	92,2	89,7	101,0	98,1
20	32	INDISCRIMINADO	F	92,1	61,3	96,7	95,4	97,5	90,0
21	33	DESFIGURAÇÃO	F		137,2	102,5		99,5	
22	34	DESTRUIÇÃO	F		153,1	114,6	105,9	112,9	
		SOMA		92,1	443,0	406,0	291,0	410,9	188,1
		MÉDIA		92,1	110,8	101,5	97,0	102,7	94,1
				1	4	4	3	4	2

31 dados

Contexto assertivo: 14 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
2	2	ASPECTOS	A		112,8	89,7	
6	9	(RIO DE) JANEIRO	A	98,6	101,8	87,4	87,2
7	10	CIDADE	A		86,6	90,5	98,3
10	17	É TANTO	A		130,4	86,4	84,9
12	20	CASTELO	A			130,4	155,4
14	23	AGRADÁVEL	A	95,5	100,7	92,4	91,0
27	42	TROPICAL	A	121,4	120,6	103,0	
32	47	TROPICAL	A		102,2	72,0	
36	50B	(UMA) SOMBRA	A		113,1	121,1	112,5
38	53	DESTRUÍDO	A	130,5	93,8	122,8	226,9
43	59	TROPICAL	A	133,1	129,4	95,6	
47	65	TÃO QUENTE	A		88,9	100,6	91,4
48	66	DE VIDA	A		88,8	104,2	79,2
	4	CIDADES	A				87,8
		SOMA		579,1	1269,1	1296,1	1114,6
		Média		96,5	105,8	99,7	111,5
		DIVISOR		6	12	13	10

88,3

100,4

96

Contexto enumerativo: 3 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
9	14	BARULHO	E		88,5	102,4	100,8
18	30	HORRÍVEIS	E		63,5	102,9	68,8
24	36	ZONAS VERDES	E	102,1	98,1	124,4	75,3
		SOMA		102,1	250,1	329,7	244,9
		MÉDIA		102,1	83,4	109,9	81,6
		divisor		1	3	3	3

Contexto Declarativo: 2 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
4	7	UMA COISA	D		110,8	95,9	100,6
41	57	SENTIDO	D		94,9	90,4	85,3
		SOMA			205,7	186,3	185,9
		MÉDIA		0,0	102,9	93,2	93,0
		divisor			2	2	2

1º dado.

CONTEXTO CONTINUATIVO: 23 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	3	PRA BAIXO	C		145,9	162,9	157,0
2	3	PRA CIMA	C		134,6	171,5	175,4
3	4	POR CIMA	C		129,7	190,0	204,4
6	8	EXCURSÃO	C	127,0	176,0	221,1	
8	12	PARIS	C		178,7	178,8	
9	13	CICERONE	C	175,4	221,7	179,5	158,8
15	23	EMBORA	C		150,3	194,0	176,3
17	25	METRÔ	C		132,0	180,0	
18	26	PRA CÁ	C		152,2	121,3	
19	26	PARIS	C		149,4	135,4	
20	29	MUSEUS	C		136,4	142,5	
23	33	GRANFINAS	C		113,1	165,0	155,0
25	34	BARATOS	C		176,0	116,3	
26	35	ALI	C		121,8	150,4	
27	36	CASAS TODAS	C	120,9	109,9	149,3	
28	39	PARIS	C		165,4	148,4	
29	40	JARDIM	C		143,1	164,9	
30	41	BOTÂNICO	C		177,8	150,5	141,0
31	42	NUNCA VI	C	217,2	159,4	186,8	
32	42	AMIZADES	C	151,1	144,4	168,5	175,1
33	43	JARDIM	C		154,4	131,3	
35	45	TAMBÉM	C		150,3	176,5	
43	54	CONHECER	C		149,9	138,5	129,8
		SOMA		791,6	3472,4	3723,4	1472,8
		MÉDIA		158,3	151,0	161,9	163,6
		divisor		5	23	23	9

CONTEXTO FRONT. INTRA-SINT.: 6 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
7	9	EXCURSÃO	F	173,9	172,8	165,9	
10	15	MINHA FILHA	F	140,7	143,5	124,8	114,0
11	19	VIAGENS	F		153,1	168,0	170,3
12	20	AQUELAS	F		179,7	143,0	119,8
22	31	FIZEMOS	F		145,2	150,8	144,4
24	33	TAMBÉM	F		117,4	150,2	
		SOMA		314,6	911,7	902,7	548,5
		MÉDIA		157,3	152,0	150,5	137,1
		divisor		2	6	6	4

25

CONTEXTO ASSERTIVO: 18 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS2
4	5	TEMPO LÁ	A		151,6	145,5	106,6	
5	6	PARIS	A			160,8	150,2	
14	23	E TAL	A			146,3	109,7	
16	24	PARIS MESMO	A		148,3	168,8	131,9	
34	44	BELEZA	A			168,6	132,5	128,1
36	46	MOURISCO	A			153,4	168,3	147,4
37	47	PASSEIO	A			138,5	150,1	138,9
38	49	PARIS	A			171,2	141,1	
39	50	VERDADE	A			181,0	219,3	141,0
40	51	CONHECER	A			151,8	145,2	134,3
41	52	DE NOITE	A			87,9	111,1	
42	53	DORMIR	A			160,8	130,1	
44	55	DIREITINHO	A		144,2	136,0	126,9	152,0
45	56	POPULOSO	A		183,2	153,9	148,3	131,2
46	57	COPACABANA	A	135,2	142,2	147,2	116,7	
47	58	DO MAR	A			146,6	134,8	
48	59	BONITA	A			176,1	155,6	126,1
49	60	ACHO LINDA	A		148,9	144,7	150,1	
		SOMA		135,2	918,4	2739,1	2528,5	1099,0
		MÉDIA		135,2	153,1	152,2	140,5	137,4
		divisor		1	6	18	18	8

CONTEXTO ENUMERATIVO: 3 DADOS

13	22	CASTELOS	E		148,4	160,2	127,6	
21	30	MOSTRADO	E		124,4	128,8	107,2	
50	61	FRANCESA	E		124,8	169,7	122,8	
		SOMA			397,6	458,7	357,6	
		MÉDIA			132,5	152,9	119,2	
		divisor			3	3	3	

21 dados

UNIC RIO
MÉDIAS DA F0 CODIFICADA

CONTEXTO ENUMERATIVO

M2 INQ. 184

E
CONTEXTO DE
FRONT. INTRA-SINTAG.

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2	
2	2	POLÍTICA	E			184,7	188,2	217,1	177,2	
3	3	EDUCAÇÃO	E	168,3	162,8	172,0	182,2			
4	4	EDUCAÇÃO	E	231,9	288,6	224,7	218,2			
6	5	QUE SAEM	E			162,8	193,7	171,6		
7	6	REFORMA	E			191,1	93,4	171,8		
10	8	POLÍTICA	E			268,1	239,2	263,5	209,8	
11	9	DE CONTOS	E			176,8	200,4	211,9		
14	11	DE ARTE	E			209,1	207,3	189,5		
15	12	DE MODA	E			183,1	196,8	174,0		
26	23	SUBTÍTULOS	E			206,8	211,1	195,1	171,5	
27	24	ARTIGOS	E			203,3	210,6	178,2		
		SOMA		400,2	451,4	2182,5	2141,1	1772,7	558,5	
				PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		SOMA		400,2	451,4	2182,5	2141,1	1772,7	558,5	
		MÉDIA	0,0	200,1	225,7	198,4	194,6	197,0	186,2	
		divisor		2	2	11	11	9	3	

CONTEXTO ENUMERATIVO
11 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
39	36	UMA TURMA	F			217,8	191,8	194,4	

CONTEXTO FRONT. INTRA-SINTG.
1 DADO

Contexto Assertivo: 14 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	1	CHEGADA	A			186,5	172,2	165,0
9	7	EU LEIO	A			186,3	204,7	201,8
16	13	CADA UMA	A		213,8	201,2	174,3	
18	14	VEJO MENOS	A		217,4	216,1	208,4	163,0
25	21	PRINCIPALMENTE	A		94,6		174,4	209,0
29	27	COLUNAS	A			199,6	228,1	199,4
30	28	EU VEJO	A			244,4	215,9	170,1
32	30	QUADRINHOS	A			159,8	169,5	181,9
34	31	FAZER	A			177,3	181,5	
37	34	IMPRIMEM	A			176,8	200,8	197,3
42	38	TIPOGRAFIA	A	236,2	274,0	267,3	211,6	
43	39	REVISTA	A			175,0	178,3	229,7
48	47	COMPLICADO	A		238,7	255,1	218,4	223,1
50	49	DETALHES	A			231,8	203,8	186,0
		SOMA		236,2	1038,5	2677,2	2741,9	2126,3
			PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
		MÉDIA		236,2	207,7	205,9	195,9	193,3
				1	5	13	14	11

NURC RIO
MÉDIAS DA F0 CODIFICADA

CONTEXTO
CONTINUATIVO

M2 INQ.184

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
5	4	DE CURSOS	C			175,1	202,4	202,7
8	7	REFORMA	C			186,3	204,7	201,8
12	10	DOMINGO	C			213,7	203,2	179,3
13	10	MAIOR	C			183,4	172,3	
17	14	ESPORTE	C				210,0	208,7
19	15	FUTEBOL	C			171,2	211,3	
20	16	BRASILEIRO	C		162,7	158,6	201,5	171,3
21	17	FUTEBOL	C		207,3	218,1	214,4	
22	18	BRASIL	C			222,4	215,7	
23	19	COMUNS	C			214,9	233,1	
24	21	ES(PORTE)	C				196,8	
28	25	EM CIMA	C			172,0	209,5	179,2
31	29	DIFERENTE	C		180,7	215,4	193,3	189,4
33	31	JORNAL	C			224,8	235,6	
35	32	VISITEI	C		190,9	187,7	186,1	
36	32	TIPOGRAFIA	C	105,4		169,7	174,1	
38	35	MUITO TEMPO	C		230,0	290,4	218,1	222,1
40	36	PRIMÁRIA	C			198,9	186,9	184,3
41	37	SOLTEIRA	C			204,6	251,0	242,0
44	42	DAS LETRAS	C			199,8	186,3	154,4
45	43	TAMBÉM	C			169,1	180,7	
46	45	AQUILO	C			174,2	200,1	178,3
47	46	INTERESSANTE	C	143,3	155,6	153,7	218,2	213,5
49	48	GERAL	C			226,1	235,7	
		SOMA		248,7	1127,2	4330,1	4941,0	2527,0
				PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
		SOMA		248,7	1127,2	4330,1	4941,0	2527,0
		MÉDIA		124,4	187,9	196,8	205,9	194,4
		DIVISOR		2	6	22	24	13

CONTEXTO CONTINUATIVO
24 DADOS

Contexto Assertivo: 17 dados

DADO	UTT	COD	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
2	3	A	DIRETORES			127,9	128,4	94,2	89,2
3	5	A	IMPROVISADO		132,1	127,4	128,5	105,1	185,8 85,8
5	7	A	ALUNOS				141,3	238,6	228,7
6	10	A	DISSO					223,2	216,5
7	11	A	OU NÃO				79,8	127	
9	13	A	CONHECIMENTOS			238,1		241,7	212,1
12	17	A	DA CENA				161,4	127,5	229,1 100,1
13	21	A	OBSERVANDO			173,4	175,1	127,5	124,6
17	25	A	DA CENA				112,5	110,3	104,6
18	26	A	DEFAZAGEM			120,7	116,2	103,4	
21	32	A	VERMELHA				117,3	226,4	108,3
25	36	A	TUPI				130,8	245,6	
27	38	A	E VENDO				168,1	126,6	76,8
29	41B	A	EMPREGADINHAS		130,1	128,7	130,2	105	103,5
34	49	A	AUMENTAVA			141	141,5	115,9	223,5 46
35	50	A	FAZER ISSO			128,8	136,8	173,3	193,4
41	53	A	OU NÃO				149,8	121,1	
SOMA					262,2	1186	2017,7	2612,4	2096,1

	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
SOMA		262,2	1186	2017,7	2612,4	2096,1
MÉDIA	0,0	131,1	148,3	134,5	153,7	161,2 133,8
		2	8	15	17	13

Contexto Front. Int.: 1 dado

DADO	UTT	COD	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
38	52	F	DEPENDER	0	0	0	135,6	135	132,6

18 dados

Contexto Continuativo: 32 dados

DADO	UTT	COD	VOCÁBULO	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	C	GENTE					137,8	125,5	
4	6	C	BÁSICO					77,3	160,1	131,5
8	12	C	VOCÊ				196	192,1		
10	14	C	CAS (O AI)				161,6	143		
11	16	C	UMA CENA				172	192,7	174,1	
14	22	C	PREOCUPA			158,5	154,7	172,1	180,2	
15	23	C	MOMENTO				139,1	172,2	166,7	
16	24	C	DA CENA				117,1	119,9	231,6	
19	28	C	MELHOR				127,8	105,2		
20	30	C	MUITO TEMPO				143,8	129,3	133,2	
22	33	C	FACULDADE			121	162	139,7	170,5	
23	35A	C	FINAL				208,1	137,1		
24	35B	C	NA URCA				174,3	134,9	133,7	
26	37	C	ALI				111,7	126,5		
28	41	C	JANELA				124,5	129,6		
30	43	C	O SOM				139,3	162,4		
31	44	C	PROGRAMA				133,1	81,2	134,6	
32	45	C	O ATOR				155,1	163,2		
33	47	C	MICROFONE			132,1	128,5	159	172,4	
36	42	C	NEGÓCIO				175	129,9	86,1	
37	51	C	FICAVA				151,6	137,5	131,6	
39	52	C	APROXIMAÇÃO	141,2	139,1	141,5	129,1	125,8		
40	53	C	ARTISTA				119,9	128,4	136,1	
42	54	C	PRIMEIRO			250,7	177	137,8		
43	54	C	ALI				184,1	204,4		
44	55	C	SINOPSE				166,8	163,8	136,3	
45	55	C	ELES FAZEM			144,6	129,4	166,9	206	
46	56	C	HISTÓRIA				158,1	167,7	182	
47	56	C	ELABORADA		141,9	138,5	130,1	154,7	164,2	
48	57	C	MEDIDA				137,8	140	150,4	
49	57	C	ACEITE				125,9	144,1	164,5	
50	60	C	OU NÃO				171,5	135,9		
			SOMA	141,2	281	1086,9	4505	4612,1	3139,8	-

	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
SOMA	141,2	281	1086,9	4505	4612,1	3139,8	131,5
MÉDIA	141,2	140,5	155,3	150,2	144,1	157,0	131,5
	1	2	7	30	32	20	1

CONTEXTO CONTINUATIVO: 26 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
8	8	GERALMENTE	C			205,9	200,8	208,3	
10	11	AO BRASIL	C			158,5	163	237,1	
11	13	ENTRETANTO	C			230,4	270,8	260,4	304
13	15	DIFÍCIL	C				190,6	241,5	232,6
14	16	ALIMENTAÇÃO	C	190	185,9	189,8	202,6	238,1	
15	16	DIGAMOS	C				267,4	179	151,8
17	18	ALIMENTAÇÃO	C	184,7	193,2	188,3	178,4	205,2	
18	19	VAMOS DIZER	C		234,1	223	197,5	150,7	
21	21	HONESTAMENTE	C		231,7	232,1	231,2	229,7	229,9
22	22	AGORA	C				204	195,1	167,2
23	23	AQUI	C				152,8	227,9	
24	25	MEU GOSTO	C				166,2	220,3	155,9
26	29	ME ENGANO	C			202,7	192,3	224,8	195,6
28	34	EM GERAL	C			256,9	188,6	230,9	
30	36	É USADO	C			307,1	283,2	177,3	235,4
31	37	DO MAIS	C				209,4	170,6	
33	39	SALGADO	C				170,8	197	171,1
34	40	FEIJOADA	C				170,8	200,4	141,3
35	41	DEFUMADO	C			184,9	94,6	196,2	152,6
36	41	TAMBÉM	C				180,4	169,6	
37	42	USADO	C				108	177,8	232,2
38	43	FEIJOADA	C				206,6	177,1	171,8
45	51	CARNE DE BOI	C		194,6	166,1	176,7	156,3	
47	53	USAMOS	C				208,9	197,7	197
48	53	ANTERIORMENTE	C	194,5	182,6	178,1	178,3	158,7	175,8
49	54	DEFUMADOS	C			201,1	224,3	189,2	245,5
		SOMA		569,2	1222,1	2904,9	5018,2	5216,9	3159,7
		MÉDIA		189,7	203,7	207,5	193,0	200,7	197,5
		divisor		3	6	14	26	26	16

CONTEXTO ASSERTIVO: 3 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
9	10	POR AQUI	A			204,9	191,9	161,3	
29	35	CHOURIÇA	A				188,7	168,5	136,5
39	44	NO BRASIL	A			176,4	168,6	143,7	
		SOMA				381,3	549,2	473,5	136,5
		MÉDIA				190,7	183,1	157,8	136,5
		divisor				2	3	3	1

29 dados.

CONTEXTO ENUMERATIVO: 16 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
2	1	ASSADO	E			202	202,7	228,2	331,8	
3	2	PEIXE AO FORNO	E			189	179,1	242,2	279,3	
4	3	DE ENSOPADO	E		174,8	186,4	246,5	206,5	275,2	
5	4	PEIXE FRITO	E			193,2	236,4	232,5	243	
6	5	DE PEIXE	E				196,3	233,9	234,3	
7	6	DE PEIXE	E				231,2	206,7	232,3	
12	14	CARNEIRO	E				230,2	229,9	198,1	
19	20	ALCATRA	E				218,3	223,9	182,2	
20	20	CHÃ DE DENTRO	E			206,6	174,5	189,4	177,5	
25	27	COMO FÍGADO	E			215,3	220,9	235	227,9	209,2
27	32	RABADA	E				186	196,9	165,8	
32	38	ASSADO	E				232,8	199,5	162,9	
42	47	FEIJÃO	E				241,8	260,4		
43	49	CEBOLA	E				201,6	169,7	219,4	
46	52	SERTÃO	E				166	175,9		
50	55	DE PORCO	E				258,9	233	215,8	
		SOMA			174,8	1192,5	3423,2	3463,6	3145,5	209,2
		MÉDIA			174,8	198,8	214,0	216,5	224,7	209,2
		divisor			1	6	16	16	14	1

CONTEXTO FRONT. INTRA-SINTG.: 3 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	1	SOBRE PEIXE	F	0	0	237,2	182,2	208,6	191,4
16	17	ANIMAL	F	0	0	223,4	191,8	236,1	
44	50	CARNE DE BOI	F	0	206,8	186,3	175,4	166,1	
		SOMA			206,8	646,9	549,4	610,8	191,4
		MÉDIA			206,8	215,6	183,1	203,6	191,4
		divisor			1	3	3	3	1

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL: 1 DADO

40	45	FEIJOADA	T				172,4	190,2	134,7
----	----	----------	---	--	--	--	-------	-------	-------

CONTEXTO DECLARATIVO: 1 DADO

41	46	PRINCÍPIO	D				223,7	223,2	
----	----	-----------	---	--	--	--	-------	-------	--

CONTEXTO CONTINUATIVO: 27 DADOS

DADC	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	1	DEPENDE	C			140,1	157,6	157,8
5	4	SE COME	C			244,9	192,3	206,5
6	5	DOENTE	C			223,8	167,9	168,3
7	5	GERALMENTE	C		99,7	201,1	166,2	177,4
10	8	CONHECEM	C			149,6	167,4	167,3
11	9	RALINHO	C			178,5	203,8	184,5
12	10	FARINHA	C			178,7	164,5	163,9
13	10	DE MESA	C			160,9	158,4	213
14	11	PENEIRADA	C		186	180	166,4	207,1
15	12	BEM RALINHO	C		249,6	248	252,8	217,8
17	14	DE ALHO	C			149,5	143,5	141,7
18	15	É DOCE	C			259,5	200,8	
20	17	PREDOMINA	C		184	190,8	193,5	179,1
22	18	TAMBÉM	C			280,5	190,9	
23	20	POR AI	C			153,9	172,3	
24	21	(PRA O) NORTE	C			186	237	
30	28	DEPENDENDO	C		186,2	164	158,2	146,7
31	29	INTERIOR	C	159,7	171,2	177,5	176,3	
32	30	DO SOL	C			162,2	164,8	
34	31	CUNHADO	C			172,3	171	233,9
35	33	BAIANO	C			152,8	151,7	147,6
36	34	ALAGOAS	C		165,9	161,7	171,9	183,4
39	36	NO CAFÉ	C			171,3	158,6	152,9
41	39	QUALIDADES	C		172,8	165,9	189,8	171,9
48	48	PORQUE	C			162,9	152,4	
49	49	COLESTEROL	C	202,4	198,2	231,5	211,5	
50	49	MANTEIGA	C			190,6	215,9	173,1
		SOMA		362,1	1613,6	5018,5	4857,4	3393,9
		MÉDIA		181,1	179,3	185,9	179,9	178,6
		DIVISOR		2	9	27	27	19

CONTEXTO ASSERTIVO: 11 DADOS

DADC	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
8	6	DE COCO	A			245,5	177	176,7
16	13	SUBSTANCIAL	A	209,8	182,8	176,9	145,6	
19	16	DE SAL	A			196,1	163,8	
21	17	AÇÚCAR	A			213,9	180,1	183,9
28	26	NO CAFÉ	A			168,7	216,4	155,6
33	31	NO CAFÉ	A			153,3	162,5	165,1
37	35	PEQUENOZINHO	A	148,5	143	137,7	129,6	128,4
42	39	QUER TUDO	A			257,1	179,1	295,1
43	41	COMER TUDO	A		200,8	236,4	220,4	149,4
44	42	DE LEITE	A			165,7	171,7	113,1
46	45	MANTEIGA	A			169,6	139,1	
		SOMA		358,3	526,6	2120,9	1885,3	1367,3
		MÉDIA		179,2	175,5	192,8	171,4	170,9
		DIVISOR		2	3	11	11	8

CONTEXTO ENUMERATIVO: 10 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
2	2	TAPIOCA	E		81,6	194,9	184,8	170,
3	2	DE MILHO	E			195,2	158,9	152,9
4	3	MANDIOCA	E		169,9	193,	175,7	
9	8	CACHORRO	E			173,8	175,8	154,3
26	23	DA TERRA	E			192,4	172,2	173,5
27	25	COZIDA	E			175,6	158,9	179,3
29	26	CUZCUZ	E			187,4	186	
38	36	DO SOL	E			182,2	174,7	
40	38	FUMEIRO	E			177,6	163,3	206,9
45	43	MANTEIGA	E			171,3	183,4	207,2
		SOMA			251,5	1843,4	1733,7	1244,1
		MÉDIA			125,8	184,3	173,4	177,7
		DIVISOR			2	10	10	7

CONTEXTO DECLARATIVO: 1 DADO

25	22	NO CAFÉ	D			167,1	165,9	140,6
----	----	---------	---	--	--	-------	-------	-------

F, INTRA-SINTAG.: 1 DADO

47	46	COMO POUCO	F		298,1	280,8	183,6	164
----	----	------------	---	--	-------	-------	-------	-----

12 dados

CONTEXTO CONTINUATIVO: 32 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	1	SOFISTICADO	C		94,2		89,9	109,9	
3	4	PESSOAS	C				75,3	81,2	79,6
4	5	ENCONTRAR	C			134,6	120,4	94,5	
5	6	ALMOÇO	C				84,7	81,2	82,8
6	6	VERDADEIRAMENTE	C	89,3	81,6	84,9	82,3	111,3	
8	8	FAZENDO	C				120,8	116,2	118
11	10	DO ALMOÇO	C			99,6	93,6	103,9	
12	11	GERALMENTE	C				88,7	42,3	
13	11	SERVIDOS	C				84,9	92,2	
14	12	UM PRATO	C				175,8	122,4	118,2
15	13	DE CARNE	C				111,4	114,3	108,6
16	15	CONSERVA	C				102,1	102,4	95,9
17	17	POR EXEMPLO	C			107	104	98,2	89,2
18	18	PRESUNTO	C				87,9	99,5	
19	19	CHAMADO	C				111,7	102,7	89
20	19	DE PEIXE	C				113,2		117,5
24	23	UM PEIXE	C				63,8	125,9	119,2
25	23	POR EXEMPLO	C			101,8	90,7	100,2	72,5
26	24	VINHO BRANCO	C			99,3	95,5	86,5	
27	25	PRAS CARNES	C				91		86,8
28	27	PORTUGUÊS	C				78,1	83,5	
29	29	FALANDO	C				121,7	127,2	142,6
30	30	NA BAHIA	C			170,1			
31	30	PORQUE	C				152,9	182,8	
34	35	SUIÇO	C				82	116	115
35	36	EM CASA	C				109,5	112,4	124,3
39	42	DE SOPA	C				89,7	139,2	
42	46	TALVEZ	C					92,1	
44	47	UM BIFE	C				83,8	93,9	90,3
45	50	PRINCÍPIO	C				108	100,3	90,7
46	50	DE PENSÃO	C			92,3	114,3	134,3	
49	53	DA SOPA	C				119,1	100,9	
		SOMA		89,3	175,8	889,6	3046,8	3077,4	1740,2
				PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
		MÉDIA		89,3	87,9	111,2	101,6	106,1	102,4
		DIVISOR		1	2	8	30	29	17

4 CONTEXTOS:
ASSERTIVO,
DECLARATIVO,
FRONTEIRA INTRA-SINTG.,
ENUMERATIVO

CONTEXTOS ASSERTIVO: 9 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
2	2	BOM-GOSTO	A				122,7	87,3	81,9
7	7	PETISCANDO	A			126,1	111,9	115,6	87,3
9	8	TIRA-GOSTO	A			155,7	134,9	97,9	
10	9	GERAL	A				97,7	82	
21	20	GALINHA	A				103,1	107,6	
22	21	MAIS LEVE	A				89,3	91,1	73,1
23	22	SOBREMESA	A			117,8	95,9	100,1	
36	38	ALIMENTAÇÃO	A	94,5	89,3	91,6		82,8	
38	40	A SOPA	A				164,3	110,2	
SOMA				94,5	89,3	491,2	919,8	874,6	242,3
MÉDIA				94,5	89,3	122,8	115,0	97,2	80,8
DIVISOR				1	1	4	8	9	3

CONTEXTOS DECLARATIVO: 5 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
32	32	SEGUINTE	D				147,8	101,9	183,7
37	39	SEGUINTE	D				173,2	101,5	222,8
40	43	SEGUINTE	D				147,9	105,8	105,6
41	44	EM CASA	D				146,7	114,8	
47	51	MANEIRA	D				144,8		90,4
SOMA							760,4	424,0	602,5
MÉDIA							152,1	106,0	150,6
DIVISOR				0	0	0	5	4	4

CONTEXTOS FRONT. INTRA-SINTAG.: 2 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
33	33	DESCENDENTE	F				114,8	102,4	87
50	54	UM PRATO	F				139,7		86,3
SOMA							254,5	102,4	173,3
MÉDIA							127,3	102,4	86,7
DIVISOR				0	0	0	2	1	2

CONTEXTOS ENUMERATIVO: 2 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 4	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
43	46	FEIJÃO	E				110,5	91,5	
48	52	A SOPA	E				120,8	139,5	201,5
SOMA							231,3	231,0	201,5
MÉDIA							115,7	115,5	201,5
DIVISOR				0	0	0	2	2	1

7 dados

CONTEXTO ASSERTIVO: 19 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
3	3	REQUEIJÃO	A		140,3	140,2	125,4	
4	4	TORRADOS	A			132,6	146,6	137,3
7	8	MANHÃ	A			134,9	128,5	
11	14	DEPENDE	A			162,8	138,2	85,7
13	17	EM CASA	A			141,6	163,9	130,7
14	18	É COMUM	A	143,4	173,4	140,4		
15	19	É SOPA	A			181,9	137,1	81,9
16	22	UM DRINQUE	A			192,2	146,3	150,9
28	34	É CRU	A			221,4	131,5	
30	36	COMPLEMENTAR	A	128,2	135,7	124,3	117,9	
32	39	VERMELHO	A			177,8	129	122,6
33	41	CONHEÇO	A			140,1	126,8	244,7
34	43	AMAZONAS	A		155,9	152,7	123,4	233,5
35	45	PARAGUAÇU	A	146,4	140,3	125	96,9	
36	46	TUCUNARÉ	A	93,2	167,7	156,6	88,5	
38	51	TUCUNARÉ	A	188,8	198,3	197,1	161,2	
42	62	CARANGUEIJO	A		161,8	167,3	127,1	244,7
43	64	AGORA	A			131	141,4	141,8
44	65	CABELO	A			149,8	134	128,1
SOMA				556,6	1243,4	3002,7	2504,1	1704,9
MÉDIA				139,2	155,4	158,0	131,8	155,0
DIVISOR				4	8	19	19	11

119,0
94,7

CONTEXTO CONTINUATIVO: 9 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
8	11	DO PÃO	C			168,7	155,1	
9	12	DE PÃO	C			127,2	145,3	
10	13	COMIDAS	C			235	183,6	192,4
27	34	JAPONESA	C		192,2	146,9	146,2	186,3
29	35	VEM CRU	C			185,8	151,2	
37	51	ROBALO	C			166	167,3	151,6
39	56	CONHEÇA	C			141,1	147,8	93,1
45	66	CABELUDO	C		159,3	145,6	145,2	146,2
50	72	CARANGUEIJO	C		138,2	140	144,4	164,8
SOMA			0,0	1128,2	2564,6	5562,8	4790,1	3322,9
MÉDIA			0,0	282,0	135,0	111,3	99,8	83,1
DIVISOR								

21 dados

3 CONTEXTOS:
ENUMERATIVO,
PERGUNTA TOTAL
E

FRONTEIRA INTRA-SINTAG.

CONTEXTO ENUMERATIVO: 16 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	1	MANTEIGA	E			147,7	127,3	123,1
2	2	OU QUEIJO	E			131,3	95,4	97,5
5	5	MANTEIGA	E		177,3	182,2	117,1	
6	7	REQUEIJÃO	E		138,2	140,7	148,1	
18	24	CERVEJA	E			167,7	147,9	136,2
19	24	UM VINHO	E			132,2	140,6	140,7
20	25	CHAMPANHE	E			98,3	140,8	116,5
21	27	CHAMPINHON	E		145,6	140,1	146,3	
22	28	SALADA	E			134,4	145	138,6
23	30	PEIXE FRITO	E		137	136,9	173,9	125,2
25	31	DE PEIXE	E			126,1	144,5	163,4
26	32	COZIDO	E			161,8	169,6	115,4
40	58	PATACHOCA	E		132,2	146,8	151,5	145,6
47	70	SIRI	E			125,2	133,6	
48	70	SIRI MOLE	E		127,1	124,2	139,6	115,7
49	71	CARANGUEIJO	E		126,8	120,6	141,3	138,7
		SOMA			984,2	2216,2	2262,5	1204,0
		MÉDIA			140,6	138,5	141,4	133,8
		DIVISOR			7	16	16	12

→ 129,7

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL: 4 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
12	16	RESTAURANTE	T		147,7	128,2	186,3	116,6
17	23b	BEBIDAS	T			123,6	196,9	125,9
31	38	DE PEIXE	T			197,3	149,6	174,1
41	59	PATACHOCA?	T		127,4	129,4	164,1	
		SOMA			275,1	578,5	696,9	416,6
		MÉDIA			137,6	144,6	174,2	138,9
		DIVISOR			2	4	4	3

CONTEXTO FRONT. INTRA-SINTAG.: 2 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	COD.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
24	31	MOQUECA	F			139,7	147,9	122,9
46	68	CHEGADO	F			143,9	124	115
		SOMA				283,6	271,9	237,9
		MÉDIA				141,8	136,0	119,0
		DIVISOR				2	2	2

22 dados

CONTEXTO CONTINUATIVO: 25 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1	CHOCOLATE	C		252,1	198,1	186,	185,3	✓
2	1	NORMALMENTE	C		184,1	182,3	159,1	191,9	✓
3	2	DE FESTA	C			160,	144,4	134,2	
4	3	DO AMIGUINHO	C		148,8	139,7	148,5	139,1	
5	4	EM CASA	C			181,8	175,6	171,3	
7	6	UM POUCO	C			94,2	127,4	114,8	
11	10	PROPAGANDA	C		211,1	175,7	162,5	154,7	
12	11	PORQUE	C			215	212,9		
14	13	REALMENTE	C		190,5	180,1	176,9	191,4	
15	15	MANTEIGA	C			275,2	228,5	207,9	
16	16	PÃO COM OVOS	C		151,4	148,9	150	154,1	
21	23	MINHA FRENTE	C		150,5	145,3	145,3	142,4	
22	25	COM OVOS	C			143	150,2	155,6	
23	26	COM OVOS	C				179,5	149,6	
30	33	COM O PÃO	C		136	130,8	245,5		
33	39	PRODUTO	C			189,1	155,1	140,1	
35	41	QUADRADA	C			138	182,9	168	
37	42	ENTENDEU?	C		141,9	150,3	182,7		
39	43	PALMIRA	C			135,6	174,5	174,8	
40	44	QUASE OVAL	C		144,4	133,3	185,4		
41	45	AGORA	C			237,7	252	253,5	
42	45	GUSTAÇÃO	C		215,2	179	287,2		
44	47	DO QUE OUTROS	C		205	142,5	162,1	156,2	
46	51	UM POUCO	C			140	154,5	130,9	
47	52	PARECE	C			133,5	155,1	158,4	
		SOMA			2131,0	3949,1	4483,8	3274,2	
		MÉDIA			177,6	164,5	179,4	163,7	
		divisor			12	24	25	20	

CONTEXTO ASSERTIVO: 13 DADOS

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
8	7	CONHEÇO	A			128,6	94,6		
9	8	FALEI PÃO	A		266,9	318,1	157,9		
10	9	É BOM	A				193,8		
13	11	DE PÃO	A			211,1	154,4		
17	18	INDIVÍDUO	A		216,9	221,4	155,9		
24	27	GUSTAÇÃO	A		232,2	226,5	152,3		
25	28	COM OVOS	A			199	134,3	128,9	
27	30	DO INDIVÍDUO	A	192,9	190	175,1	101,6	100,4	
31	34	DIGERIDAS	A		207	184,5	153,4	144,1	
32	35	PALMIRA	A			159,8	147,2	139,6	
43	46	SABOR TEM	A		195	199,5	157,7		
45	48	DIFÍCIL	A			328,9	224,4	226	
49	57	DETERIORADO	A	267,6	227,5	199,9	139,2	110,4	
		SOMA		460,5	1535,5	2552,4	1966,7	849,4	
		MÉDIA		230,3	219,4	212,7	151,3	141,6	
		divisor		2	7	12	13	6	

Contexto Enumerativo: 5 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
28	31	REQUEIJÃO	E		164,4	142,9		
29	32	COM BANANA	E		157,6	151,3	149,8	
34	41	QUADRADOS	E			183,3	184,2	184,8
36	42	REDONDA	E			154,6	197,3	191
38	43	SENTID(O O)VAL	E	181,3	175,5	136,7	175,9	
		SOMA		181,3	497,5	768,8	707,2	375,8
		MÉDIA		181,3	165,8	153,8	176,8	187,9
		divisor		1	3	5	4	2

Contexto Front. Intra-sintg.: 4 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
6	5	UM POUCO	F			141,6	135,8	156,6
26	29	GUSTAÇÃO	F		273,1	245	223,5	
48	55	DESSA COISA	F		142,4		191,8	187,8
50	60	O SORO	F			197	178,7	134,8
		SOMA			415,5	583,6	729,8	479,2
		MÉDIA			207,8	194,5	182,5	159,7
		divisor			2	3	4	3

Contexto Declarativo: 1 dado

18	19	HISTÓRIA	D			156,8	132,3	133,5
----	----	----------	---	--	--	-------	-------	-------

Cont. Pergunta Total: 2 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	cod.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
19	19	ESCOLHERIA?	P	162,3	153,2	126,2	119,6	114,3
20	20	COM QUÊ?	P			177,1	133,3	
		SOMA		162,3	153,2	303,3	252,9	114,3
		MÉDIA		162,3	153,2	151,7	126,5	114,3
		divisor		1	1	2	2	1

12 dados

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		0,147	0,107	0,227	0,086	
2	01b	LEVADO			0,126	0,186	0,101	
3	01c	DEPUTADO		0,133	0,136	0,229	0,083	
4	2a	DEPUTADO		0,12	0,114	0,191	0,053	
5	2b	DOCUMENTO		0,138	0,12	0,271	0,161	
6	3a	A CÂMARA			0,133	0,179	0,147	0,103
7	3b	SEMANA			0,175	0,199	0,122	
8	4a	PROJETO			0,175	0,222	0,08	
9	4b	DEPUTADO		0,125	0,093	0,246	0,093	
10	5a	A CÂMARA			0,172	0,155	0,094	0,114
11	5b	DEPUTADO		0,114	0,107	0,269	0,075	
12	6a	A CÂMARA			0,144	0,12	0,093	0,102
13	6b	DEPUTADO		0,08	0,163	0,232	0,097	
14	6c	PROJETO			0,148	0,263	0,103	
15	7	RECESSO			0,137	0,303	0,277	
16	8a	BATATA			0,205	0,262	0,104	
17	8b	SOPA				0,308	0,084	
18	8c	COZIDA			0,095	0,287	0,201	
19	9a	BATATA			0,174	0,232	0,133	
20	9b	SOPA				0,297	0,1	
21	10a	COZIDA			0,112	0,134	0,92	
22	10b	POR FAVOR?		0,101	0,189	0,317		
23	11a	VAMOS				0,173	0,107	
24	11b	CIDADE			0,169	0,291	0,213	
25	12a	VAMOS				0,195	0,12	
26	12b	A MATA			0,109	0,233	0,102	
27	12c	CIDADE			0,177	0,268	0,226	
28	13a	O TAPETE		0,102	0,138	0,217	0,13	
29	13b	CERA				0,197	0,096	
30	13c	NA SACADA		0,116	0,155	0,279	0,204	
31	15a	CADETE			0,197	0,162	0,126	
32	15b	DEPÓSITO			0,174	0,238	0,155	
33	15c	DINHEIRO			0,18	0,16	0,054	
34	16	DO BANCO			0,092	0,235	0,261	
35	17a	CADETE			0,179	0,141	0,04	
36	17b	DINHEIRO			0,112	0,164	0,072	
37	17c	DEPÓSITO			0,148	0,256	0,191	0,098
38	18a	GAROTO			0,146	0,136	0,058	
39	18b	CATETE			0,156	0,279	0,251	
40	19a	E CADÊ			0,151	0,154		
41	19b	CORPO				0,176	0,051	
42	19c	DELITO			0,193	0,167		
43	20a	DELITO			0,205	0,246	0,218	
44	21	O CASO			0,111	0,267	0,29	
45	22a	OS ANIMAIS	0,064	0,124	0,104	0,457		
46	22b	DIVIDIDOS		0,067	0,119	0,17	0,064	
47	23	NOCIVOS			0,128	0,308	0,359	
		SOMA	0,064	1,367	5,968	10,698	6,595	0,417
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,064	0,114	0,146	0,228	0,153	0,104
		divisor	1	12	41	47	43	4

NOVA LEITURA

INTENSIDADE

UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
01a	DOCUMENTO		15,4	10,2	17,3	0,	
01b	LEVADO			17,5	22,2	0,	
01c	DEPUTADO		18,4	2,	19,	0,	
2a	DEPUTADO		12,3	0,	21,2	5,6	
2b	DOCUMENTO		14	9,6	8,	0	
3a	A CÂMARA			11,6	12,2	7,3	0
3b	SEMANA			0	3,8	0,5	
4a	PROJETO			13,2	2	0	
4b	DEPUTADO		12	3	19	0	
5a	A CÂMARA			1,9	4,3	0	3,6
5b	DEPUTADO		13,5	0	2	0,6	
6a	A CÂMARA			0	3	6	5,6
6b	DEPUTADO		11	0	24,5	7,4	
6c	PROJETO			15,3	24	0	
7	RECESSO			6	6,6	0	
8a	BATATA			10	8,2	0	
8b	SOPA				17	0	
8c	COZIDA			7	0,2	0	
9a	BATATA			7,4	10,4	0	
9b	SOPA				15	0	
10a	COZIDA			0	3,1	8	
10b	POR FAVOR?		0	15,2	11		
11a	VAMOS				16,3	0	
11b	CIDADE			0	22	3,3	
12a	VAMOS				20,3	0	
12b	A MATA			8,1	5	0	
12c	CIDADE			0	19,1	3,7	
13a	O TAPETE		14,3	18	16	0	
13b	CERA				0	1	
13c	NA SACADA		13	18,7	13,6	0	
15a	CADETE			19	14,6	0	
15b	DEPÓSITO			16,4	17	0	
15c	DINHEIRO			4	7	0	
16	DO BANCO			5	18,2	0	
17a	CADETE			21,1	16	0	
17b	DINHEIRO			0	11,1	3	
17c	DEPÓSITO			15,3	11,1	0	0,4
18a	GAROTO			21,8	17	0	
18b	CATETE			10,3	10	0	
19a	E CADÊ			0	0		
19b	CORPO				18,5	0	
19c	DELITO			8	0		
20a	DELITO			16,5	17	0	
21	O CASO			7,8	11	0	
22a	OS ANIMAIS	0	20,1	7	15,6		
22b	DIVIDIDOS		3,2	9,7	8,1	0	
23	NOCIVOS			4,1	4,1	0	
	SOMA	0,0	147,2	340,7	562,6	46,4	9,6
		PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
	MÉDIA	0,0	12,3	8,3	12,0	1,1	2,4
	divisor	1	12	41	47	43	4

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		0,139	0,114	0,258	0,055	
2	01b	LEVADO			0,102	0,175	0,088	
3	01c	DEPUTADO		0,137	0,126	0,285	0,103	
4	2a	DEPUTADO		0,139	0,106	0,231	0,074	
5	2b	DOCUMENTO		0,135	0,108	0,252	0,171	
6	3a	A CÂMARA			0,175	0,207	0,137	0,082
7	3b	SEMANA			0,184	0,237	0,199	
8	4a	PROJETO			0,174	0,216	0,08	
9	4b	DEPUTADO		0,134	0,103	0,272	0,1	
10	5a	A CÂMARA			0,116	0,156	0,092	0,09
11	5b	DEPUTADO		0,102	0,123	0,273	0,101	
12	6a	A CÂMARA			0,126	0,14	0,076	0,076
13	6b	DEPUTADO		0,12	0,145	0,318	0,118	
14	6c	PROJETO			0,176	0,236	0,103	
15	7	RECESSO			0,123	0,286	0,172	
16	8a	BATATA			0,165	0,317	0,207	
17	8b	SOPA				0,453	0,119	
18	8c	COZIDA			0,111	0,224	0,097	
19	9a	BATATA			0,207	0,257	0,119	
20	9b	SOPA				0,297	0,074	
21	10a	COZIDA			0,089	0,202	0,121	
22	10b	POR FAVOR?		0,124	0,121	0,254		
23	11a	VAMOS				0,164	0,14	
24	11b	CIDADE			0,134	0,24	0,152	
25	12a	VAMOS				0,206	0,073	
26	12b	A MATA			0,052	0,302	0,105	
27	12c	CIDADE			0,139	0,272	0,108	
28	13a	O TAPETE		0,104	0,17	0,2	0,104	
29	13b	CERA				0,17	0,074	
30	13c	NA SACADA		0,114	0,199	0,272	0,095	
31	15a	CADETE			0,171	0,154	0,089	
32	15b	DEPÓSITO			0,175	0,261	0,07	
33	15c	DINHEIRO			0,134	0,244	0,123	
34	16	DO BANCO			0,124	0,227	0,165	
35	17a	CADETE			0,169	0,12	0,06	
36	17b	DINHEIRO			0,105	0,21	0,053	
37	17c	DEPÓSITO			0,147	0,256	0,131	0,083
38	18a	GAROTO			0,135	0,128	0,06	
39	18b	CATETE			0,169	0,269	0,166	
40	19a	E CADÊ			0,108	0,153	0,143	
41	19b	CORPO				0,187	0,065	
42	19c	DELITO			0,119	0,212	0,152	
43	20a	DELITO			0,109	0,265	0,125	
44	21	O CASO			0,088	0,264	0,147	
45	22a	OS ANIMAIS	0,076	0,105	0,091	0,492		
46	22b	DIVIDIDOS		0,075	0,121	0,137	0,104	
47	23	NOCIVOS			0,144	0,268	0,26	
		SOMA	0,076	1,428	5,497	11,219	5,170	0,331
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,076	0,119	0,134	0,239	0,115	0,083
		divisor	1	12	41	47	45	4

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		21,4	19,8	21,	0,	
2	01b	LEVADO			17,3	18,4	0,	
3	01c	DEPUTADO		23,2	16,3	15,4	0,	
4	2a	DEPUTADO		7	0,	4,6	1,2	
5	2b	DOCUMENTO		27,1	24,3	20,2	0	
6	3a	A CÂMARA			1,1	3,1	1	0
7	3b	SEMANA			0	2,2	0,1	
8	4a	PROJETO			6,8	6,1	0	
9	4b	DEPUTADO		28	12,3	21	0	
10	5a	A CÂMARA			0	4,7	4	3,7
11	5b	DEPUTADO		26,3	0	27,5	11,3	
12	6a	A CÂMARA			0	4,5	4,3	3,9
13	6b	DEPUTADO		25,3	0	26,6	17,9	
14	6c	PROJETO			4	4,7	0	
15	7	RECESSO			18,7	14,1	0	
16	8a	BATATA			6,3	6	0	
17	8b	SOPA				4	0	
18	8c	COZIDA			22,3	16	0	
19	9a	BATATA			8,4	5,7	0	
20	9b	SOPA				4,9	0	
21	10a	COZIDA			0	3,6	0,5	
22	10b	POR FAVOR?		0	16,6	22		
23	11a	VAMOS				3,8	0	
24	11b	CIDADE			8	15	0	
25	12a	VAMOS				3	0	
26	12b	A MATA			4	5,4	0	
27	12c	CIDADE			8	23,4	0	
28	13a	O TAPETE		7,7	11,8	11,4	0	
29	13b	CERA				3	0	
30	13c	NA SACADA		18,2	20,4	19	0	
31	15a	CADETE			14	13,1	0	
32	15b	DEPÓSITO			20	23,3	0	
33	15c	DINHEIRO			0	9,5	7,9	
34	16	DO BANCO			26,4	20,9	0	
35	17a	CADETE			20,6	20	0	
36	17b	DINHEIRO			0	6,6	3,7	
37	17c	DEPÓSITO			31	13,3	4,3	0
38	18a	GAROTO			9,5	9	0	
39	18b	CATETE			18	21,6	0	
40	19a	E CADÊ		0	5,5	5		
41	19b	CORPO				16,4	0	
42	19c	DELITO			26,2	19	0	
43	20a	DELITO			22,6	22	0	
44	21	O CASO			8,9	21	0	
45	22a	OS ANIMAIS	0	5,2	0,8	7		
46	22b	DIVIDIDOS		0	3,3	6	2	
47	23	NOCIVOS			11,4	10	0	
SOMA			0,0	189,4	444,6	584,0	58,2	7,6
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,0	14,6	10,8	12,4	1,3	1,9
divisor			1	13	41	47	44	4

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		0,143	0,094	0,248	0,1	
2	01b	LEVADO			0,198	0,33	0,234	
3	01c	DEPUTADO		0,108	0,11	0,194	0,154	
4	2a	DEPUTADO		0,114	0,125	0,236	0,088	
5	2b	DOCUMENTO		0,102	0,168	0,241	0,145	
6	3a	A CÂMARA			0,176	0,185	0,16	0,137
7	3b	SEMANA			0,163	0,21	0,163	
8	4a	PROJETO			0,237	0,314	0,118	
9	4b	DEPUTADO		0,094	0,137	0,217	0,097	
10	5a	A CÂMARA			0,161	0,2	0,1	0,095
11	5b	DEPUTADO		0,109	0,13	0,233	0,174	
12	6a	A CÂMARA			0,168	0,217	0,067	0,104
13	6b	DEPUTADO		0,103	0,138	0,324	0,101	
14	7B	PROJETO			0,131	0,388	0,153	
15	7c	RECESSO			0,126	0,288	0,177	
16	8a	BATATA			0,234	0,284	0,215	
17	9a	SOPA				0,517	0,232	
18	9b	COZIDA			0,154	0,226	0,135	
19	10a	BATATA			0,199	0,298	0,223	
20	10b	SOPA				0,48	0,162	
21	11a	COZIDA			0,113	0,201	0,099	
22	11b	POR FAVOR?		0,146	0,141	0,265		
23	12a	VAMOS				0,136	0,155	
24	12b	CIDADE			0,129	0,269	0,173	
25	13a	VAMOS				0,206	0,139	
26	13b	A MATA			0,124	0,36	0,172	
27	13c	CIDADE			0,153	0,202	0,127	
28	14a	O TAPETE		0,118	0,212	0,207	0,239	
29	14b	CERA				0,257	0,088	
30	15	NA SACADA		0,113	0,228	0,249	0,112	
31	16a	CADETE			0,199	0,272	0,125	
32	16b	DEPÓSITO			0,192	0,271	0,131	0,082
33	17a	DINHEIRO			0,124	0,268	0,201	
34	17b	DO BANCO			0,116	0,231	0,103	
35	18a	CADETE			0,185	0,252	0,124	
36	18b	DINHEIRO			0,145	0,198	0,156	
37	19	DEPÓSITO			0,157	0,234	0,114	0,113
38	20a	GAROTO			0,147	0,15	0,101	
39	20b	CATETE			0,198	0,257	0,231	
40	21a	E CADÊ			0,155	0,212	0,152	
41	21b	CORPO				0,243	0,094	
42	21c	DELITO			0,109	0,265	0,163	
43	22	DELITO			0,126	0,285	0,122	
44	23	O CASO			0,111	0,267	0,122	
45	24a	OS ANIMAIS	0,181	0,111	0,141	0,511		
46	24b	DIVIDIDOS		0,104	0,152	0,173	0,205	
47	25	NOCIVOS			0,176	0,307	0,281	
		SOMA	0,181	1,365	6,382	12,378	6,727	0,531
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,181	0,114	0,156	0,263	0,149	0,106
		divisor	1	12	41	47	45	5

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	01a	DOCUMENTO		10	8	9	-
2	01b	LEVADO			5,3	7,2	0,
3	01c	DEPUTADO		27,1	6,4	23,	0,
4	2a	DEPUTADO		12,2	3,1	13,5	0,
5	2b	DOCUMENTO		27,1	27,9	22,4	0
6	3a	A CÂMARA			8,8	9,1	10
7	3b	SEMANA			0	6,1	4
8	4a	PROJETO			0,5	1,4	0
9	4b	DEPUTADO		24	4,4	20,4	0
10	5a	A CÂMARA			2,4	2,4	0,6
11	5b	DEPUTADO		24,3	0	26	7
12	6a	A CÂMARA			2	2	1,3
13	6b	DEPUTADO		24,6	9	26	0
14	7B	PROJETO			2	11,2	0
15	7c	RECESSO			19	4,3	0
16	8a	BATATA			12,8	13,2	0
17	9a	SOPA				3,7	0
18	9b	COZIDA			11,4	7	0
19	10a	BATATA			7,2	7,1	0
20	10b	SOPA				4,1	0
21	11a	COZIDA			2,4	2,6	0
22	11b	POR FAVOR?		0	6	2,4	
23	12a	VAMOS				4,2	0
24	12b	CIDADE			4,7	18,3	0
25	13a	VAMOS				0	1,3
26	13b	A MATA			14,5	13,1	0
27	13c	CIDADE			4,9	20,9	0
28	14a	O TAPETE		22,9	23,2	1	0
29	14b	CERA				5	0
30	15	NA SACADA		16	18,1	16,3	0
31	16a	CADETE			13,2	12,6	0
32	16b	DEPÓSITO			27,6	25,4	8,1
33	17a	DINHEIRO			0	8,2	6,2
34	17b	DO BANCO			23	20	0
35	18a	CADETE			16	15,2	0
36	18b	DINHEIRO			0	6,1	6
37	19	DEPÓSITO			30,6	28	8
38	20a	GAROTO			8,2	7,5	0
39	20b	CATETE				10	20,7
40	21a	E CADÉ			0	7	6
41	21b	CORPO				5,3	0
42	21c	DELITO			24,9	21	0
43	22	DELITO			16,4	22,3	0
44	23	O CASO			17,1	18,1	0
45	24a	OS ANIMAIS	1,5	0	0,6	1,2	
46	24b	DIVIDIDOS		0	4,8	9	5
47	25	NOCIVOS			15	12,6	0
SOMA			1,5	188,2	401,4	532,4	84,2
MÉDIA			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
			1,5	15,7	10,0	11,3	1,9
divisor			1	12	40	47	45

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		0,143	0,094	0,248	0,1	
2	01b	LEVADO			0,198	0,33	0,234	
3	01c	DEPUTADO		0,108	0,11	0,194	0,154	
4	2a	DEPUTADO		0,114	0,125	0,236	0,088	
5	2b	DOCUMENTO		0,102	0,168	0,241	0,145	
6	3a	A CÂMARA			0,176	0,185	0,16	0,137
7	3b	SEMANA			0,163	0,21	0,163	
8	4a	PROJETO			0,237	0,314	0,118	
9	4b	DEPUTADO		0,094	0,137	0,217	0,097	
10	5a	A CÂMARA			0,161	0,2	0,1	0,095
11	5b	DEPUTADO		0,109	0,13	0,233	0,174	
12	6a	A CÂMARA			0,168	0,217	0,067	0,104
13	6b	DEPUTADO		0,103	0,138	0,324	0,101	
14	7B	PROJETO			0,131	0,388	0,153	
15	7c	RECESSO			0,126	0,288	0,177	
16	8a	BATATA			0,234	0,284	0,215	
17	9a	SOPA				0,517	0,232	
18	9b	COZIDA			0,154	0,226	0,135	
19	10a	BATATA			0,199	0,298	0,223	
20	10b	SOPA				0,48	0,162	
21	11a	COZIDA			0,113	0,201	0,099	
22	11b	POR FAVOR?		0,146	0,141	0,265		
23	12a	VAMOS				0,136	0,155	
24	12b	CIDADE			0,129	0,269	0,173	
25	13a	VAMOS				0,206	0,139	
26	13b	A MATA			0,124	0,36	0,172	
27	13c	CIDADE			0,153	0,202	0,127	
28	14a	O TAPETE		0,118	0,212	0,207	0,239	
29	14b	CERA				0,257	0,088	
30	15	NA SACADA		0,113	0,228	0,249	0,112	
31	16a	CADETE			0,199	0,272	0,125	
32	16b	DEPÓSITO			0,192	0,271	0,131	0,082
33	17a	DINHEIRO			0,124	0,268	0,201	
34	17b	DO BANCO			0,116	0,231	0,103	
35	18a	CADETE			0,185	0,252	0,124	
36	18b	DINHEIRO			0,145	0,198	0,156	
37	19	DEPÓSITO			0,157	0,234	0,114	0,113
38	20a	GAROTO			0,147	0,15	0,101	
39	20b	CATETE			0,198	0,257	0,231	
40	21a	E CADÊ			0,155	0,212	0,152	
41	21b	CORPO				0,243	0,094	
42	21c	DELITO			0,109	0,265	0,163	
43	22	DELITO			0,126	0,285	0,122	
44	23	O CASO			0,111	0,267	0,122	
45	24a	OS ANIMAIS	0,181	0,111	0,141	0,511		
46	24b	DIVIDIDOS		0,104	0,152	0,173	0,205	
47	25	NOCIVOS			0,176	0,307	0,281	
		SOMA	0,181	1,365	6,382	12,378	6,727	0,531
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,181	0,114	0,156	0,263	0,149	0,106
		divisor	1	12	41	47	45	5

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	01a	DOCUMENTO		24,6	22,1	24,1	0,
2	01b	LEVADO			18,	19,8	0,
3	01c	DEPUTADO		23,6	0,	28,3	29,
4	2a	DEPUTADO		22,7	0,	24,7	11,9
5	2b	DOCUMENTO		18,5	19,7	18,6	0
6	3a	A CÂMARA			0,0	1,4	2,5
7	3b	SEMANA			0	5,6	3,4
8	4a	PROJETO			18,4	19,6	0
9	4b	DEPUTADO		25,3	0	29,5	6
10	5a	A CÂMARA			0,1	0,1	0,2
11	5b	DEPUTADO		29,9	0	30,9	5,1
12	6a	A CÂMARA			2,7	3,7	2,1
13	6b	DEPUTADO		2,1	0	6,2	2,2
14	7B	PROJETO			2,3	4,7	0
15	7c	RECESSO			28	30,3	0
16	8a	BATATA			8	9	0
17	9a	SOPA				0	1
18	9b	COZIDA			11	13,7	0
19	10a	BATATA			8	8,2	0
20	10b	SOPA				4,9	0
21	11a	COZIDA			3	0	2,7
22	11b	POR FAVOR?		0	2	1,3	
23	12a	VAMOS				0	0,1
24	12b	CIDADE			0	27,5	12,5
25	13a	VAMOS				0	0,8
26	13b	A MATA			6	5,3	0
27	13c	CIDADE			0	24,7	0
28	14a	O TAPETE		2,2	7,1	6,2	0
29	14b	CERA				0	1
30	15	NA SACADA		13,5	14,4	15	0
31	16a	CADETE			3,5	3	0
32	16b	DEPÓSITO			29,3	30	0
33	17a	DINHEIRO			0	7,2	5,5
34	17b	DO BANCO			21,6	23	0
35	18a	CADETE			21,7	21	0
36	18b	DINHEIRO			0	6	3,4
37	19	DEPÓSITO			30,8	32,2	0
38	20a	GAROTO			5,1	5	0
39	20b	CATETE			18,2	18	0
40	21a	E CADÉ			0	0,9	0,9
41	21b	CORPO				18	0
42	21c	DELITO			22,4	20,6	0
43	22	DELITO			14	14,1	0
44	23	O CASO			15,1	18	0
45	24a	OS ANIMAIS	1,6	2,5	0	2	
46	24b	DIVIDIDOS		0	4,1	9	10,7
47	25	NOCIVOS			15,7	20,1	0
SOMA			1,6	164,9	372,3	611,4	101,0
MÉDIA			1,6	13,7	9,1	13,0	2,2
divisor			1	12	41	47	45

DADO	UTT	VOCÁBULO		PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO			14,6	10,	14,2	0,	
2	01b	LEVADO				10,3	12,	0,	
3	01c	DEPUTADO	A		2,3	1,	0,		
4	2a	DEPUTADO			10,1	0,	10,2	1,	
5	2b	DOCUMENTO	A		14,4	14,2	14,	0	
6	3a	A CÂMARA	C			0,0	2	3,4	2,5
7	3b	SEMANA	C			0	0,6	0,1	
8	4a	PROJETO				5	5,7	0	
9	4b	DEPUTADO	A		12	13,4	16,5	0	
10	5a	A CÂMARA				0	10	10,6	8,2
11	5b	DEPUTADO	A		8	2,4	12,2	0	
12	6a	A CÂMARA				0	4,4	6,3	4
13	6b	DEPUTADO	C		8,5	4	11	0	
14	7a	PROJETO	C			10,1	9,3	0	
15	7b	RECESSO	A			25	2,4	0	
16	8a	BATATA				6,4	0	3	
17	8b	SOPA					0	1	
18	9a	COZIDA				17,2	10,3	0	
19	10a	BATATA				7,5	7,2	0	
20	10b	SOPA					0	1	
21	11a	COZIDA				0	6,1	7,2	
22	11b	POR FAVOR?				0	6	6	
23	12a	VAMOS					15,3	0	
24	12b	CIDADE				0	17,1	1	
25	13a	VAMOS					8	0	
26	13b	A MATA				5,4	5,3	0	
27	13c	CIDADE				2	18	0	
28	14a	O TAPETE			12,6	18,1	15,4	0	
29	14b	CERA					0	3,2	
30	14c	NA SACADA							
31	15a	CADETE				20	16,6	0	
32	15b	DEPÓSITO				15,1	13,6	0	
33	16a	DINHEIRO				0	8,1	1	
34	16b	DO BANCO				18	13,4	0	
35	17a	CADETE				16,3	13	0	
36	17b	DINHEIRO				0	13,5	9	
37	17c	DEPÓSITO				11,8	19	0	
38	18a	GAROTO				1,5	1	0	
39	18b	CATETE				16	14,6	0	
40	19a	E CADÊ				1	2	0	
41	19b	CORPO					2,5	0	
42	19c	DELITO				11	10,4	0	
43	20	DELITO				4,1	0	4	
44	21	O CASO				22,2	23	0	
45	22a	OS ANIMAIS		4,1	6	0	6,2		
46	22b	DIVIDIDOS			14,3	5,1	8,3	0	
47	23	NOCIVOS				13	8	0	
SOMA				4,1	102,8	307,1	406,4	57,8	14,7
				PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA				4,1	10,3	7,7	8,8	1,3	4,9
divisor				1	10	40	46	44	3

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		0,131	0,103	0,27	0,081	
2	01b	LEVADO			0,143	0,335	0,115	
3	01c	DEPUTADO		0,131	0,161	0,257		
4	2a	DEPUTADO		0,147	0,161	0,208	0,087	
5	2b	DOCUMENTO		0,12	0,108	0,31	0,143	
6	3a	A CÂMARA			0,198	0,241	0,156	0,173
7	3b	SEMANA			0,177	0,265	0,217	
8	4a	PROJETO			0,177	0,295	0,118	
9	4b	DEPUTADO		0,11	0,138	0,291	0,091	
10	5a	A CÂMARA			0,152	0,142	0,125	0,1
11	5b	DEPUTADO		0,101	0,122	0,277	0,199	
12	6a	A CÂMARA			0,201	0,193	0,145	0,099
13	6b	DEPUTADO		0,099	0,184	0,278	0,129	
14	7a	PROJETO			0,194	0,372	0,115	
15	7b	RECESSO			0,124	0,32	0,228	
16	8a	BATATA			0,19	0,31	0,143	
17	8b	SOPA				0,384	0,126	
18	9a	COZIDA			0,133	0,248	0,149	
19	10a	BATATA			0,201	0,208	0,085	
20	10b	SOPA				0,285	0,142	
21	11a	COZIDA			0,094	0,187	0,118	
22	11b	POR FAVOR?		0,124	0,18	0,394		
23	12a	VAMOS				0,147	0,144	
24	12b	CIDADE			0,157	0,35	0,202	
25	13a	VAMOS				0,11	0,155	
26	13b	A MATA			0,083	0,273	0,105	
27	13c	CIDADE			0,159	0,358	0,217	
28	14	O TAPETE		0,101	0,18	0,293	0,14	
29	15a	CERA				0,227	0,134	
30	15b	NA SACADA						
31	16a	CADETE			0,21	0,226	0,13	
32	16b	DEPÓSITO			0,141	0,337	0,086	
33	17a	DINHEIRO			0,163	0,245	0,06	
34	17b	DO BANCO			0,107	0,248	0,122	
35	18a	CADETE			0,205	0,178	0,046	
36	18b	DINHEIRO			0,188	0,197	0,049	
37	19	DEPÓSITO			0,176	0,202	0,156	
38	20a	GAROTO			0,126	0,145	0,118	
39	21a	CATETE			0,194	0,263	0,23	
40	21b	E CADÊ			0,169	0,189	0,059	
41	21b	CORPO				0,221	0,099	
42	21c	DELITO			0,111	0,26	0,247	
43	22	DELITO			0,154	0,256	0,255	
44	23	O CASO			0,143	0,257	0,2	
45	24a	OS ANIMAIS	0,148	0,114	0,1	0,459		
46	24b	DIVIDIDOS		0,105	0,112	0,185	0,107	
47	25	NOCIVOS			0,137	0,329	0,397	
		SOMA	0,148	1,283	6,156	12,025	6,170	0,372
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,148	0,117	0,154	0,261	0,143	0,124
		divisor	1	11	40	46	43	3

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		0,176	0,105	0,229	0,096	
2	01b	LEVADO			0,16	0,205	0,093	
3	01c	DEPUTADO		0,158	0,15	0,295	0,142	
4	2a	DEPUTADO		0,164	0,163	0,274	0,103	
5	2b	DOCUMENTO		0,118	0,08	0,345	0,122	
6	3a	A CÂMARA				0,212	0,148	0,091
7	3b	SEMANA			0,174	0,263	0,166	
8	4a	PROJETO			0,189	0,343	0,117	
9	4b	DEPUTADO		0,158	0,132	0,291	0,12	
10	5a	A CÂMARA				0,147	0,115	0,115
11	5b	DEPUTADO		0,142	0,127	0,333	0,109	
12	6a	A CÂMARA				0,148	0,133	0,121
13	6b	DEPUTADO		0,142	0,146	0,302	0,139	
14	7a	PROJETO			0,193	0,356	0,138	
15	7b	RECESSO			0,124	0,37	0,227	
16	8a	BATATA			0,206	0,357	0,14	
17	8b	SOPA				0,427	0,147	
18	9a	COZIDA			0,129	0,307	0,125	
19	10a	BATATA			0,203	0,346	0,13	
20	10b	SOPA				0,421	0,152	
21	11a	COZIDA			0,143	0,311	0,127	
22	11b	POR FAVOR?		0,127	0,194	0,326		
23	12a	VAMOS				0,185	0,178	
24	12b	CIDADE			0,213	0,312	0,153	
25	13a	VAMOS				0,172	0,196	
26	13b	A MATA			0,104	0,392	0,097	
27	13c	CIDADE			0,199	0,34	0,136	
28	14	O TAPETE		0,119	0,207	0,291	0,219	
29	15a	CERA				0,234	0,095	
30	15b	NA SACADA		0,128	0,231	0,304	0,085	
31	16a	CADETE			0,194	0,183	0,117	
32	16b	DEPÓSITO			0,148	0,322	0,16	0,095
33	17a	DINHEIRO			0,161	0,332	0,086	
34	17b	DO BANCO			0,1	0,369	0,163	
35	18a	CADETE			0,183	0,178	0,094	
36	18b	DINHEIRO			0,123	0,34	0,071	
37	19	DEPÓSITO			0,171	0,28	0,146	0,154
38	20a	GAROTO			0,167	0,168	0,092	
39	21a	CATETE			0,177	0,295	0,205	
40	21b	E CADÊ			0,085	0,156	0,195	
41	21b	CORPO				0,225	0,112	
42	21c	DELITO			0,131	0,28	0,189	
43	22	DELITO			0,124	0,301	0,137	
44	23	O CASO			0,108	0,323	0,166	
45	24a	OS ANIMAIS	0,106	0,15	0,131	0,556		
46	24b	DIVIDIDOS		0,131	0,157	0,267	0,159	
47	25	NOCIVOS			0,155	0,344	0,34	
		SOMA	0,106	1,713	5,887	13,757	6,380	0,576
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,106	0,143	0,155	0,293	0,142	0,115
		divisor	1	12	38	47	45	5

10/11

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	01a	DOCUMENTO		2	1,5	1,4	0,
2	01b	LEVADO			1,4	2,	0,
3	01c	DEPUTADO		3,6	2,8	3,6	0,
4	2a	DEPUTADO		4,4	3,	5,9	0,
5	2b	DOCUMENTO		17,7	13,8	17,1	0
6	3a	A CÂMARA				3,1	1
7	3b	SEMANA			0	2,2	2
8	4a	PROJETO			5	4	0
9	4b	DEPUTADO		15	11,4	13,3	0
10	5a	A CÂMARA				1	0
11	5b	DEPUTADO		8,7	1,6	6,6	0
12	6a	A CÂMARA				1,3	0
13	6b	DEPUTADO		5,2	4,4	3,4	0
14	7a	PROJETO			9	7,4	0
15	7b	RECESSO			6,4	3,1	0
16	8a	BATATA			8,8	9	0
17	8b	SOPA				2,2	0
18	9a	COZIDA			6	7,7	0
19	10a	BATATA			9,5	9	0
20	10b	SOPA				1	0
21	11a	COZIDA			1,2	2,3	0
22	11b	POR FAVOR?		0,1	0	7	
23	12a	VAMOS				1	0
24	12b	CIDADE			0	5,5	0,6
25	13a	VAMOS				1	0
26	13b	A MATA			4,3	6,4	0
27	13c	CIDADE			7,5	9	0
28	14	O TAPETE		0,1	2,2	1	0
29	15a	CERA				0,3	0
30	15b	NA SACADA		12,1	14,2	13,7	0
31	16a	CADETE			5,1	4,1	0
32	16b	DEPÓSITO			6,6	7	0
33	17a	DINHEIRO			4,5	3	0
34	17b	DO BANCO			8,8	9	0
35	18a	CADETE			6,3	4,3	0
36	18b	DINHEIRO			1	3	0
37	19	DEPÓSITO			8,3	10,1	0
38	20a	GAROTO			4	3,5	0
39	21a	CATETE			0,3	1,3	0
40	21b	E CADÊ			0	9,5	10
41	21b	CORPO				4	0
42	21c	DELITO			12,3	11	0
43	22	DELITO			3	2,8	0
44	23	O CASO			7,3	8	0
45	24a	OS ANIMAIS	0,4	0	0,4	0,4	
46	24b	DIVIDIDOS		0	2,3	4	2,6
47	25	NOCIVOS			7	7,2	0
SOMA			0,4	68,9	191,2	243,7	16,2
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
MÉDIA			0,4	5,7	5,0	5,2	0,4
divisor			1	12	38	47	45

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		0,21	0,061	0,284	0,08	
2	01b	LEVADO			0,137	0,265	0,097	
3	01c	DEPUTADO		0,185	0,101	0,17	0,056	
4	2a	DEPUTADO		0,171	0,157	0,222	0,1	
5	2b	DOCUMENTO		0,14	0,099	0,159	0,072	
6	3a	A CÂMARA			0,218	0,222	0,133	0,231
7	3b	SEMANA			0,171	0,239	0,159	
8	3c	PROJETO			0,182	0,324	0,143	
9	3d	DEPUTADO		0,13	0,097	0,204	0,049	
10	4a	A CÂMARA			0,186	0,28	0,084	0,105
11	4b	DEPUTADO		0,13	0,117	0,262	0,049	
12	5a	A CÂMARA			0,229	0,262	0,081	0,13
13	5b	DEPUTADO		0,157	0,117	0,298	0,141	
14	5c	PROJETO			0,216	0,32	0,202	
15	5b	RECESSO			0,128	0,252	0,156	
16	6a	BATATA			0,206	0,342	0,205	
17	6b	SOPA				0,464	0,254	
18	6c	COZIDA			0,11	0,225	0,141	
19	7a	BATATA			0,184	0,359	0,126	
20	7b	SOPA				0,577	0,257	
21	7c	COZIDA			0,181	0,185	0,078	
22	7d	POR FAVOR?		0,147	0,208	0,256		
23	8a	VAMOS				0,302	0,163	
24	8b	CIDADE			0,148	0,276	0,133	
25	9a	VAMOS				0,296	0,098	
26	9b	A MATA			0,128	0,329	0,213	
27	9c	CIDADE			0,129	0,269	0,074	
28	10a	O TAPETE		0,091	0,169	0,315	0,228	
29	10b	CERA				0,261	0,094	
30	10c	NA SACADA		0,108	0,177	0,236	0,102	
31	11a	CADETE			0,217	0,242	0,107	
32	11b	DEPÓSITO			0,2	0,307	0,117	0,148
33	11c	DINHEIRO			0,139	0,254	0,147	
34	11d	DO BANCO			0,075	0,196	0,079	
35	12a	CADETE			0,263	0,225	0,062	
36	12b	DINHEIRO			0,197	0,228	0,144	
37	12c	DEPÓSITO			0,166	0,268	0,097	0,108
38	13a	GAROTO			0,218	0,179	0,114	
39	13b	CATETE			0,166	0,242	0,175	
40	14a	E CADÊ		0,123	0,221	0,122		
41	14b	CORPO				0,265	0,112	
42	14c	DELITO			0,132	0,231	0,203	
43	15a	DELITO			0,144	0,317	0,191	
44	15b	O CASO			0,087	0,242	0,169	
45	16a	OS ANIMAIS	0,166	0,149	0,119	0,668		
46	16b	DIVIDIDOS		0,116	0,147	0,16	0,093	
47	16c	NOCIVOS			0,177	0,32	0,261	
		SOMA	0,166	1,857	6,524	12,921	5,839	0,722
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,166	0,143	0,159	0,275	0,133	0,144
		divisor	1	13	41	47	44	5

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2	
1	01a	DOCUMENTO		16,9	9,1	13,	0,		
2	01b	LEVADO			8,	11,2	0,		
3	01c	DEPUTADO		17,3	0,	16,2	4,3		
4	2a	DEPUTADO		14	0,	18,2	8,7		
5	2b	DOCUMENTO		21,7	7,1	9,2	0		
6	3a	A CÂMARA			2,8	0	2	0,7	
7	3b	SEMANA			0	0,8	0,1		
8	3c	PROJETO			12,1	13,6	0		
9	3d	DEPUTADO		19,5	3,7	16,3	0		
10	4a	A CÂMARA			2,3	1,9	2	0	
11	4b	DEPUTADO		18,4	6,8	23	0		
12	5a	A CÂMARA			4,2	0	2,3	0,7	
13	5b	DEPUTADO		15,5	0	20,8	7,2		
14	5c	PROJETO			7,6	10,1	0		
15	5b	RECESSO			19,6	17,3	0		
16	6a	BATATA			12	13,4	0		
17	6b	SOPA				3,3	0		
18	6c	COZIDA			10,2	8,5	0		
19	7a	BATATA			15,7	18,5	0		
20	7b	SOPA				8	0		
21	7c	COZIDA			0	3,4	1		
22	7d	POR FAVOR?		127,6	94,1	111,8			
23	8a	VAMOS				7	0		
24	8b	CIDADE			0	20,5	2,4		
25	9a	VAMOS				5,1	0		
26	9b	A MATA			9,3	9,5	0		
27	9c	CIDADE			5,1	21,7	0		
28	10a	O TAPETE		4,2	11,4	9,4	0		
29	10b	CERA				5,1	0		
30	10c	NA SACADA		16,5	14,9	9,9	0		
31	11a	CADETE			17	12,6	0		
32	11b	DEPÓSITO			9	9,6	1,5	0	
33	11c	DINHEIRO			0	11,1	3,3		
34	11d	DO BANCO				15,2	13,3	0	
35	12a	CADETE				17,3	12,7	0	
36	12b	DINHEIRO				0	7,7	2,7	
37	12c	DEPÓSITO				21,6	15,1	7,7	0
38	13a	GAROTO				12	11,9	0	
39	13b	CATETE				10,6	15	0	
40	14a	E CADÊ		0	9,8	8,4			
41	14b	CORPO				13,7	0		
42	14c	DELITO				20,2	15,6	0	
43	15a	DELITO				8	8,9	0	
44	15b	O CASO				10,2	19,1	0	
45	16a	OS ANIMAIS	2,1	3,5	0	5,1			
46	16b	DIVIDIDOS		7	10,3	11,2	0		
47	16c	NOCIVOS				16,6	9,1	0	
SOMA			2,1	282,1	433,8	626,8	45,2	1,4	
MÉDIA			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2	
MÉDIA			2,1	21,7	10,6	13,3	1,0	0,3	
divisor			1	13	41	47	44	5	

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1a	DOCUMENTO		0,157	0,083	0,197	0,055	
2	1b	LEVADO			0,131	0,218	0,124	
3	1c	DEPUTADO		0,146	0,113	0,283	0,134	
4	2a	DEPUTADO		0,119	0,094	0,147	0,102	
5	2b	DOCUMENTO		0,098	0,107	0,262	0,067	
6	3a	A CÂMARA			0,156	0,196	0,119	0,07
7	3b	SEMANA			0,129	0,294	0,154	
8	3c	PROJETO			0,158	0,326	0,12	
9	3d	DEPUTADO		0,144	0,12	0,235	0,11	
10	4a	A CÂMARA			0,18	0,146	0,117	0,1
11	4b	DEPUTADO		0,134	0,088	0,252	0,118	
12	5a	A CÂMARA			0,135	0,192	0,11	0,071
13	5b	DEPUTADO		0,137	0,142	0,185	0,121	
14	5c	PROJETO			0,2	0,322	0,114	
15	5b	RECESSO			0,129	0,348	0,188	
16	6a	BATATA			0,184	0,189	0,102	
17	6b	SOPA				0,268	0,117	
18	6c	COZIDA			0,112	0,267	0,144	
19	7a	BATATA			0,185	0,27	0,091	
20	7b	SOPA				0,39	0,069	
21	7c	COZIDA			0,115	0,175	0,099	
22	7d	POR FAVOR?		0,096	0,142	0,273		
23	8a	VAMOS				0,135	0,155	
24	8b	CIDADE			0,154	0,243	0,21	
25	9a	VAMOS				0,115	0,129	
26	9b	A MATA			0,053	0,258	0,112	
27	9c	CIDADE			0,141	0,281	0,106	
28	10a	O TAPETE		0,137	0,151	0,264	0,092	
29	10b	CERA				0,215	0,092	
30	10c	NA SACADA		0,107	0,232	0,272	0,189	
31	11a	CADETE			0,17	0,144	0,113	
32	11b	DEPÓSITO			0,125	0,279	0,102	0,075
33	11c	DINHEIRO			0,114	0,217	0,08	
34	11d	DO BANCO			0,094	0,262	0,074	
35	12a	CADETE			0,163	0,139	0,056	
36	12b	DINHEIRO			0,142	0,177	0,089	
37	12c	DEPÓSITO			0,088	0,297	0,102	0,069
38	13a	GAROTO			0,162	0,185	0,071	
39	13b	CATETE			0,186	0,27	0,231	
40	14a	E CADÊ		0,079	0,129	0,071		
41	14b	CORPO				0,197	0,078	
42	14c	DELITO			0,123	0,204	0,087	
43	15a	DELITO			0,117	0,198	0,072	
44	15b	O CASO			0,045	0,281	0,181	
45	16a	OS ANIMAIS	0,1	0,147	0,123	0,481		
46	16b	DIVIDIDOS		0,06	0,123	0,184	0,132	
47	16c	NOCIVOS			0,137	0,227	0,307	
		SOMA	0,100	1,561	5,475	11,031	5,235	0,385
		MÉDIA	0,100	0,120	0,134	0,235	0,119	0,077
		divisor	1	13	41	47	44	5

UADC	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1a	DOCUMENTO		16,8	6,9	11,9	0,	
2	1b	LEVADO			8,6	7,	0,	
3	1c	DEPUTADO		16,9	0,	15,2	2,6	
4	2a	DEPUTADO		18,9	0,	18,2	10,3	
5	2b	DOCUMENTO		14,2	6,7	11,6	0	
6	3a	A CÂMARA			0,7	3,9	1,6	0
7	3b	SEMANA			0	4,1	3	
8	4a	PROJETO			8,2	4,8	0	
9	4b	DEPUTADO		14,2	0	11,5	5,6	
10	5a	A CÂMARA			1	3,1	4,2	0
11	5b	DEPUTADO		13,4	0	15,1	6,6	
12	6a	A CÂMARA			0	4,4	4,7	3,7
13	6b	DEPUTADO		17,7	0	16,9	8,2	
14	7a	PROJETO			18,2	15,7	0	
15	7b	RECESSO			10,8	10,3	0	
16	8a	BATATA			10,9	11,4	0	
17	8b	SOPA				14,5	0	
18	8c	COZIDA			0	0,9	1,5	
19	9a	BATATA			11,1	8	0	
20	9b	SOPA				6,3	0	
21	10a	COZIDA			0	2,4	4,4	
22	10b	POR FAVOR?		0	10,3	11,5		
23	11a	VAMOS				0	0,9	
24	11b	CIDADE			3,7	12	0	
25	12a	VAMOS				0	1,1	
26	12b	A MATA			1,3	8,5	0	
27	12c	CIDADE			0	13,6	2,2	
28	13a	O TAPETE		12,8	14,3	12,1	0	
29	13b	CERA				0	1,8	
30	13c	NA SACADA		8,6	5,3	6,3	0	
31	14a	CADETE			7,2	7,4	0	
32	14b	DEPÓSITO			18,6	19,4	6,3	0
33	15a	DINHEIRO			4	6	0	
34	15b	DO BANCO			11,3	8,7	0	
35	16a	CADETE			11,1	9,8	0	
36	16b	DINHEIRO			4,3	3,2	0	
37	16c	DEPÓSITO			16	12,1	3,2	0
38	17a	GAROTO			10,7	11,4	0	
39	17b	CATETE			5,7	11,3	0	
40	18a	E CADÊ		0	16,6	10		
41	18b	CORPO				13,7	0	
42	18c	DELITO			7,7	4,5	0	
43	19a	DELITO			12,4	13,1	0	
44	19b	O CASO			0	11,7	3,5	
45	20	OS ANIMAIS	0	3,8	4,3	4,4		
46	21	DIVIDIDOS		0	2	3,7	7,4	
47	23	NOCIVOS			8,2	5,8	0	
		SOMA	0,0	137,3	258,1	417,4	79,1	3,7
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	0,0	10,6	6,3	8,9	1,8	0,7
		divisor	1	13	41	47	44	5

13/8/99

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1a	DOCUMENTO		0,158	0,121	0,207	0,07	
2	1b	LEVADO			0,175	0,253	0,131	
3	1c	DEPUTADO		0,171	0,137	0,21	0,073	
4	2a	DEPUTADO		0,166	0,128	0,224	0,162	
5	2b	DOCUMENTO		0,114	0,135	0,327	0,119	
6	3a	A CÂMARA			0,205	0,224	0,118	0,147
7	3b	SEMANA			0,19	0,239	0,123	
8	4a	PROJETO			0,198	0,315	0,094	
9	4b	DEPUTADO		0,163	0,099	0,203	0,101	
10	5a	A CÂMARA			0,163	0,179	0,078	0,09
11	5b	DEPUTADO		0,169	0,078	0,211	0,097	
12	6a	A CÂMARA			0,156	0,158	0,076	0,071
13	6b	DEPUTADO		0,153	0,124	0,244	0,124	
14	7a	PROJETO			0,194	0,316	0,118	
15	7b	RECESSO			0,149	0,298	0,219	
16	8a	BATATA			0,215	0,288	0,084	
17	8b	SOPA				0,378	0,078	
18	9	COZIDA			0,14	0,326	0,116	
19	10a	BATATA			0,185	0,287	0,202	
20	10b	SOPA				0,341	0,102	
21	11a	COZIDA			0,105	0,285	0,13	
22	11b	POR FAVOR?		0,132	0,207	0,402		
23	12a	VAMOS				0,171	0,121	
24	12b	CIDADE			0,176	0,278	0,087	
25	13a	VAMOS				0,147	0,17	
26	13b	A MATA			0,12	0,311	0,149	
27	13c	CIDADE			0,196	0,217	0,084	
28	14a	O TAPETE		0,115	0,196	0,188	0,119	
29	14b	CERA				0,262	0,106	
30	14c	NA SACADA		0,105	0,221	0,313	0,095	
31	15a	CADETE			0,216	0,198	0,09	
32	15b	DEPÓSITO			0,174	0,291	0,126	0,121
33	16a	DINHEIRO			0,155	0,249	0,07	
34	16b	DO BANCO			0,099	0,313	0,103	
35	17a	CADETE			0,185	0,186	0,095	
36	17b	DINHEIRO			0,151	0,225	0,139	
37	17c	DEPÓSITO			0,206	0,217	0,111	0,197
38	18a	GAROTO			0,144	0,177	0,136	
39	18b	CATETE			0,185	0,27	0,272	
40	19a	E CADÊ		0,104	0,203	0,095		
41	19b	CORPO				0,254	0,099	
42	19c	DELITO			0,16	0,254	0,218	
43	20	DELITO			0,146	0,186	0,058	
44	21	O CASO			0,093	0,248	0,143	
45	22	OS ANIMAIS	0,105	0,151	0,138	0,525		
46	23	DIVIDIDOS		0,089	0,147	0,114	0,12	
47	24	NOCIVOS			0,144	0,34	0,336	
SOMA			0,105	1,790	6,559	11,944	5,462	0,626
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,105	0,138	0,160	0,254	0,124	0,125

divisor		1	13	41	47	44	5
---------	--	---	----	----	----	----	---

Handwritten notes: 13 41 47 44 5

UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1a	DOCUMENTO		16	6	10	0	
1b	LEVADO			1	1,2	0	
1c	DEPUTADO		19,2	2	14,5	0	
2a	DEPUTADO		17,2	0	13	14,5	
2b	DOCUMENTO		19,3	10,5	4,6	0	
3a	A CÂMARA			0	4	4	1
3b	SEMANA			11,5	8	0	
4a	PROJETO			17	20,6	0	
4b	DEPUTADO			16,1	0	16,7	0,7
5a	A CÂMARA			0	14,7	14,6	13
5b	DEPUTADO		14,6	0,5	20,4	0	
6a	A CÂMARA			0	4	7,8	7,2
6b	DEPUTADO		17,3	0,7	14,9	0	
7a	PROJETO			17,4	16	0	
7b	RECESSO			12,7	8	0	
8a	BATATA			14	10,2	0	
8b	SOPA				4,3	0	
9	COZIDA			9,1	0	2	
10a	BATATA			4	2,3	0	
10b	SOPA				0	0,8	
11a	COZIDA			1	0	3,2	
11b	POR FAVOR?		0	5	4,8		
12a	VAMOS				12,7	0	
12b	CIDADE			3,4	15,9	0	
13a	VAMOS				3,6	0	
13b	A MATA			9,6	4,4	0	
13c	CIDADE			6	14,6	0	
14a	O TAPETE		10,2	9,8	3	0	
14b	CERA				0,2	0	
14c	NA SACADA		13,3	15,3	10	0	
15a	CADETE			10,2	7,3	0	
15b	DEPÓSITO			17,4	18	3,2	0
16a	DINHEIRO			0	8	3,1	
16b	DO BANCO			17,2	15	0	
17a	CADETE			12	5,7	0	
17b	DINHEIRO			0	9,2	7	
17c	DEPÓSITO			18,5	9	0,7	0
18a	GAROTO			16	14,2	0	
18b	CATETE			5,3	9,5	0	
19a	E CADÊ			0	14,7	9	
19b	CORPO				16	0	
19c	DELITO			18	6,2	0	
20	DELITO			9	1,8	0	
21	O CASO			6,9	16	0	
22	OS ANIMAIS	0	10,8	0,4	3,2		
23	DIVIDIDOS		1,3	6,1	6	0	
24	NOCIVOS			9,6	0	2	
	SOMA	0	139,2	319,2	399,7	88,6	21,9
	MÉDIA	0,0	10,7	7,8	8,5	2,0	4,4
	divisor	1	13	41	47	44	5

ORDENADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1a	DOCUMENTO		0,142	0,067	0,235	0,081	
2	1b	LEVADO			0,165	0,22	0,069	
3	1c	DEPUTADO		0,153	0,135	0,274		
4	2a	DEPUTADO		0,169	0,122	0,29	0,09	
5	2b	DOCUMENTO		0,149	0,105	0,252		
6	3a	A CÂMARA			0,205	0,248	0,106	0,147
7	3b	SEMANA			0,187	0,215	0,142	
8	4a	PROJETO			0,154	0,316	0,114	
9	4b	DEPUTADO		0,139	0,119	0,254		
10	5a	A CÂMARA			0,139	0,174	0,092	0,103
11	5b	DEPUTADO ?		0,101	0,139	0,248	0,142	
12	6a	A CÂMARA			0,17	0,223	0,101	0,111
13	6b	DEPUTADO		0,133	0,126	0,272	0,094	
14	7a	PROJETO			0,144	0,289	0,093	
15	7b	RECESSO			0,112	0,351	0,299	
16	8a	BATATA			0,232	0,308	0,099	
17	8b	SOPA				0,444	0,134	
18	8c	COZIDA			0,164	0,222	0,104	
19	9a	BATATA			0,204	0,309	0,142	
20	9b	SOPA				0,389	0,085	
21	10a	COZIDA			0,109	0,154	0,132	
22	10b	POR FAVOR?		0,143	0,149	0,426		
23	11a	VAMOS				0,174	0,164	
24	11b	CIDADE			0,149	0,353	0,242	
25	12a	VAMOS				0,228	0,153	
26	12b	A MATA			0,124	0,333	0,13	
27	12c	CIDADE			0,149	0,315	0,181	
28	14a	O TAPETE		0,13	0,182	0,311	0,156	
29	14b	CERA				0,212	0,048	
30	14c	NA SACADA		0,15	0,183	0,253		
31	15a	CADETE			0,224	0,195	0,126	
32	15b	DEPÓSITO			0,144	0,326	0,098	0,136
33	16a	DINHEIRO			0,176	0,22	0,066	
34	16b	DO BANCO			0,098	0,256		
35	17a	CADETE			0,196	0,173	0,071	
36	17b	DINHEIRO			0,146	0,24	0,06	
37	17c	DEPÓSITO			0,152	0,286	0,09	
38	18a	GAROTO			0,178	0,219	0,077	
39	18b	CATETE			0,172	0,295	0,201	
40	19a	E CADÊ		0,099	0,188	0,106		
41	19b	CORPO				0,245	0,095	
42	19c	DELITO			0,135	0,247	0,196	
43	20	DELITO			0,14	0,291	0,141	
44	21	O CASO			0,122	0,295	0,155	
45	22a	OS ANIMAIS	0,135	0,139	0,078	0,546		
46	22b	DIVIDIDOS		0,06	0,143	0,149	0,143	
47	23	NOCIVOS			0,155	0,325	0,214	
		SOMA	0,135	1,707	6,181	12,706	4,926	0,497
		MÉDIA	0,135	0,131	0,151	0,270	0,126	0,124
		divisor	1	13	41	47	39	4

UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1a	DOCUMENTO		19,6	12	15,6	0	
1b	LEVADO			10,7	16	0	
1c	DEPUTADO		13	0	8,2		
2a	DEPUTADO		13,3	2,1	16	0	
2b	DOCUMENTO		15,1	5	0		
3a	A CÂMARA			3,3	0,3	3	0
3b	SEMANA			10,1	1	0	
4a	PROJETO			11,6	9	0	
4b	DEPUTADO		8,9	1,3	0		
5a	A CÂMARA			0,7	0,1	1,3	0
5b	DEPUTADO ?		11,4	0	2,3	7,7	
6a	A CÂMARA			0	5,1	4	2,5
6b	DEPUTADO		18,4	0	1,1	9,4	
7a	PROJETO			8	16	0	
7b	RECESSO			18,5	10	0	
8a	BATATA			10,1	8,8	0	
8b	SOPA				4	0	
8c	COZIDA			0	5,2	1	
9a	BATATA			16,1	14	0	
9b	SOPA				8,1	0	
10a	COZIDA			0	1,2	8,3	
10b	POR FAVOR?		0	6,1	7		
11a	VAMOS				6,3	0	
11b	CIDADE			1	14,7	0	
12a	VAMOS				2,1	0	
12b	A MATA			8,3	4,2	0	
12c	CIDADE			3,5	15,4	0	
14a	O TAPETE		8	12,8	16,3	0	
14b	CERA				5	0	
14c	NA SACADA		7,1	6	0		
15a	CADETE			11,3	13,2	0	
15b	DEPÓSITO			16	17,2	0	7,1
16a	DINHEIRO			2	3	0	
16b	DO BANCO			5,1	0		
17a	CADETE			15	16,2	0	
17b	DINHEIRO			1,4	2,3	0	
17c	DEPÓSITO			18	11,4	0	
18a	GAROTO			10	7	0	
18b	CATETE			5,5	17,2	0	
19a	E CADÊ		0	17	13,1		
19b	CORPO				8	0	
19c	DELITO			8,8	0	0,5	
20	DELITO			5,8	8	0	
21	O CASO			23	17	0	
22a	OS ANIMAIS	0,4	4,5	0	1		
22b	DIVIDIDOS		0	4,4	6	8,2	
23	NOCIVOS			15,2	6	0	
	SOMA	0,4	119,3	305,7	359,6	43,4	9,6
	MÉDIA	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		0,4	9,2	7,5	7,7	1,1	2,4
	divisor	1	13	41	47	39	4

DADO	DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1	1a	DOCUMENTO		0,175	0,13	0,203	0,079	
2	2	1b	LEVADO			0,181	0,2	0,079	
3	3	1c	DEPUTADO		0,198	0,07	0,281	0,086	
4	4	2a	DEPUTADO		0,187	0,072	0,228	0,081	
5	5	2b	DOCUMENTO		0,112	0,126	0,219	0,125	
6	6	3a	A CÂMARA			0,175	0,199	0,193	0,172
7	7	3b	SEMANA			0,176	0,229	0,108	
8	8	4a	PROJETO			0,16	0,214	0,095	
9	9	4b	DEPUTADO		0,154	0,111	0,237	0,083	
10	10	5a	A CÂMARA			0,155	0,134	0,101	0,116
11	11	5b	DEPUTADO ?		0,124	0,113	0,26	0,158	
12	12	6a	A CÂMARA			0,156	0,112	0,092	0,08
13	13	6b	DEPUTADO		0,135	0,117	0,286	0,098	
14	14	7a	PROJETO			0,166	0,239	0,16	
15	15	7b	RECESSO			0,15	0,304	0,257	
16	16	8a	BATATA			0,211	0,245	0,177	
17	17	8b	SOPA				0,289	0,103	
18	18	8c	COZIDA			0,167	0,228	0,206	
19	19	9a	BATATA			0,223	0,227	0,13	
20	20	9b	SOPA				0,314	0,083	
21	21	10a	COZIDA			0,165	0,189	0,132	
22	22	10b	POR FAVOR?		0,146	0,155	0,288		
23	23	11a	VAMOS				0,15	0,147	
24	24	11b	CIDADE			0,149	0,308	0,183	
25	25	12a	VAMOS				0,108	0,146	
26	26	12b	A MATA			0,142	0,28	0,131	
27	27	12c	CIDADE			0,147	0,285	0,193	
28	28	13a	O TAPETE		0,081	0,13	0,204	0,121	
29	29	13b	CERA				0,215	0,141	
30	30	13c	NA SACADA		0,122	0,182	0,263	0,125	
31	31	14a	CADETE			0,19	0,169	0,111	
32	32	14b	DEPÓSITO			0,18	0,237	0,087	0,104
33	33	15a	DINHEIRO			0,14	0,18	0,119	
34	34	15b	DO BANCO			0,103	0,278	0,153	
35	35	16a	CADETE			0,193	0,139	0,068	
36	36	16b	DINHEIRO			0,157	0,148	0,085	
37	37	16c	DEPÓSITO			0,169	0,212	0,142	0,086
38	38	17a	GAROTO			0,127	0,173	0,105	
39	39	17b	CATETE			0,199	0,204	0,277	
40	40	18a	E CADÊ		0,067	0,138	0,158		
41	41	18b	CORPO				0,18	0,112	
42	42	18c	DELITO			0,097	0,281	0,131	
43	43	19	DELITO			0,157	0,19	0,098	
44	44	20	O CASO			0,089	0,312	0,167	
45	45	21a	OS ANIMAIS	0,134	0,111	0,136	0,506		
46	46	21b	DIVIDIDOS		0,105	0,148	0,151	0,116	
47	47	22	NOCIVOS			0,117	0,272	0,367	
			SOMA	0,134	1,717	6,069	10,728	5,951	0,558
			MÉDIA	0,134	0,132	0,148	0,228	0,135	0,112
			divisor	1	13	41	47	44	5

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1a	DOCUMENTO		6,2	0	3,5	0,3	
2	1b	LEVADO			14	12,7	0	
3	1c	DEPUTADO		20,5	0	15	1,5	
4	2a	DEPUTADO		18	0	19,2	11,5	
5	2b	DOCUMENTO		16	10	10,3	0	
6	3a	A CÂMARA			5,1	0,1	0	0,6
7	3b	SEMANA			5	0,9	0	
8	4a	PROJETO			9	8,7	0	
9	4b	DEPUTADO		16	3,1	11,2	0	
10	5a	A CÂMARA			1,3	0	5,2	4
11	5b	DEPUTADO ?		9	0	14,8	5,6	
12	6a	A CÂMARA			0	4,7	9	10,5
13	6b	DEPUTADO		10	0	13,1	2	
14	7a	PROJETO			8,3	8	0	
15	7b	RECESSO			10,4	10,8	0	
16	8a	BATATA			3	7,4	0	
17	8b	SOPA				6,6	0	
18	8c	COZIDA			8,2	4,1	0	
19	9a	BATATA			8	6,3	0	
20	9b	SOPA				6	0	
21	10a	COZIDA			0	5	3,4	
22	10b	POR FAVOR?		0	6,7	8		
23	11a	VAMOS				2	0	
24	11b	CIDADE			5,1	13	0	
25	12a	VAMOS				0	0,4	
26	12b	A MATA			4	6,6	0	
27	12c	CIDADE			0	10,1	3	
28	13a	O TAPETE		4,3	6,8	7	0	
29	13b	CERA				0	4	
30	13c	NA SACADA		3,6	6	2	0	
31	14a	CADETE			13,1	11,1	0	
32	14b	DEPÓSITO			9,5	16,4	2	0
33	15a	DINHEIRO			0	12	2	
34	15b	DO BANCO			7	7,5	0	
35	16a	CADETE			15,2	10,3	0	
36	16b	DINHEIRO			1	8,5	0	
37	16c	DEPÓSITO			16,8	11	1,5	0
38	17a	GAROTO			7,6	8	0	
39	17b	CATETE			8	16,2	0	
40	18a	E CADÊ		0	7,3	6		
41	18b	CORPO				7	0	
42	18c	DELITO			6	5,6	0	
43	19	DELITO			14	11	0	
44	20	O CASO			9	9,6	0	
45	21a	OS ANIMAIS	0	7,5	8,2	8,7		
46	21b	DIVIDIDOS		2,5	3,8	5	0	
47	22	NOCIVOS			6	9,4	0	
		SOMA	0	113,6	246,5	380,4	51,4	15,1
		MÉDIA	0,0	8,7	6,0	8,1	1,2	3,0
		divisor	1	13	41	47	44	5

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1a	DOCUMENTO		0,152	0,124	0,155	0,075	
2	1b	LEVADO			0,14	0,204	0,093	
3	1c	DEPUTADO		0,175	0,069	0,26	0,154	
4	2a	DEPUTADO		0,174	0,062	0,179	0,059	
5	2b	DOCUMENTO		0,128	0,082	0,245	0,186	
6	3a	A CÂMARA			0,19	0,213	0,115	0,139
7	3b	SEMANA			0,195	0,176	0,125	
8	4a	PROJETO			0,182	0,281	0,088	
9	4b	DEPUTADO		0,123	0,161	0,243	0,138	
10	5a	A CÂMARA			0,161	0,168	0,128	0,086
11	5b	DEPUTADO ?		0,146	0,155	0,261	0,186	
12	6a	A CÂMARA			0,151	0,158	0,114	0,087
13	6b	DEPUTADO		0,122	0,14	0,288	0,14	
14	7a	PROJETO			0,165	0,286	0,106	
15	7b	RECESSO			0,129	0,252	0,252	
16	8a	BATATA			0,205	0,212	0,096	
17	8b	SOPA				0,331	0,132	
18	8c	COZIDA			0,15	0,22	0,125	
19	9a	BATATA			0,198	0,234	0,066	
20	9b	SOPA				0,327	0,09	
21	10a	COZIDA			0,123	0,167	0,097	
22	10b	POR FAVOR?		0,139	0,181	0,296		
23	11a	VAMOS				0,192	0,117	
24	11b	CIDADE			0,165	0,283	0,21	
25	12a	VAMOS				0,295	0,098	
26	12b	A MATA			0,102	0,219	0,115	
27	12c	CIDADE			0,165	0,233	0,147	
28	13a	O TAPETE		0,08	0,147	0,239	0,184	
29	13b	CERA				0,219	0,108	
30	13c	NA SACADA		0,113	0,217	0,253	0,069	
31	14a	CADETE			0,177	0,16	0,091	
32	14b	DEPÓSITO			0,194	0,196	0,08	0,129
33	15a	DINHEIRO			0,138	0,231	0,138	
34	15b	DO BANCO			0,115	0,224		
35	16a	CADETE			0,177	0,147	0,073	
36	16b	DINHEIRO			0,122	0,191	0,082	
37	16c	DEPÓSITO			0,151	0,243	0,176	0,089
38	17a	GAROTO			0,135	0,167	0,065	
39	17b	CATETE			0,146	0,239	0,247	
40	18a	E CADÊ		0,133	0,173	0,133		
41	18b	CORPO				0,173	0,089	
42	18c	DELITO			0,131	0,223	0,106	
43	19	DELITO			0,13	0,236	0,184	
44	20	O CASO			0,043	0,266	0,16	
45	21a	OS ANIMAIS	0,143	0,12	0,146	0,461		
46	21b	DIVIDIDOS		0,109	0,12	0,158	0,11	
47	22	NOCIVOS			0,163	0,38	0,397	
		SOMA	0,143	1,714	6,02	10,92	5,611	0,53
		MÉDIA	0,143	0,132	0,147	0,232	0,130	0,106
		divisor	1	13	41	47	43	5

DADO	UTT	VOCABULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1a	DOCUMENTO		19	10,5	12,8	0	
2	1b	LEVADO			8,3	7	0	
3	1c	DEPUTADO		14,5	5	8	0	
4	2a	DEPUTADO		13,3	0	16,5	3	
5	2b	DOCUMENTO		10	4,3	5,6	0	
6	3a	A CÂMARA			3,2	4,5	1,9	0
7	3b	SEMANA			0,8	0	0,2	
8	4a	PROJETO			3,5	7	0	
9	4b	DEPUTADO		10,7	6,4	9,1	0	
10	5a	A CÂMARA			2	3,8	5	0
11	5b	DEPUTADO ?		12,4	0	14,1	1,2	
12	6a	A CÂMARA			0	1,2	7	1,2
13	6b	DEPUTADO		7,3	0	7,3	1,3	
14	7a	PROJETO			8	5,3	0	
15	7b	RECESSO			6	2,8	0	
16	8a	BATATA			8,7	8,3	0	
17	8b	SOPA				2	0	
18	8c	COZIDA			14,5	2,4	0	
19	9a	BATATA			10	8,2	0	
20	9b	SOPA				1,4	0	
21	10a	COZIDA			0	0	0,7	
22	10b	POR FAVOR?		0	3,5	10		
23	11a	VAMOS				1,1	0	
24	11b	CIDADE			0	12,3	4	
25	12a	VAMOS				0	0,4	
26	12b	A MATA			11	7,3	0	
27	12c	CIDADE			0	12,3	4	
28	13a	O TAPETE		0	1,7	7	3	
29	13b	CERA				2	0	
30	13c	NA SACADA		13	11,2	11,4	0	
31	14a	CADETE			8,8	10,3	0	
32	14b	DEPÓSITO			13	8,1	0	3,4
33	15a	DINHEIRO			0	1	1,6	
34	15b	DO BANCO			3	0		
35	16a	CADETE			11,4	11	0	
36	16b	DINHEIRO			0	3	4	
37	16c	DEPÓSITO			10,6	10	1,2	0
38	17a	GAROTO			7	12,7	0	
39	17b	CATETE			0	13,8	7	
40	18a	E CADÊ		0	8	4,2		
41	18b	CORPO				3,5	0	
42	18c	DELITO			4	0	3,1	
43	19	DELITO			8,3	1,9	0	
44	20	O CASO			7	9	0	
45	21a	OS ANIMAIS	0	3,4	3,6	4,6		
46	21b	DIVIDIDOS		7,6	7	9,4	0	
47	22	NOCIVOS			8	4,20	0	
		SOMA	0	111,2	218,3	297,4	48,6	4,6
		MÉDIA	0,0	8,6	5,3	6,3	1,1	0,9
		divisor	1	13	41	47	43	5

UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
01a	DOCUMENTO		127	130,4	135,5	123,8	
01b	LEVADO			133,8	113,4	113,8	
01c	DEPUTADO		120,8	116,6			
2a	DEPUTADO		101,2		97,9	100,5	
2b	DOCUMENTO		106,5	118,6	81,		
3a	A CÂMARA			110,000	114,4	144,5	138,6
3b	SEMANA			116,9	101,8	114,3	
4a	PROJETO			123,8	105		
4b	DEPUTADO		108,2				
5a	A CÂMARA				112	123,2	109,1
5b	DEPUTADO						
6a	A CÂMARA				116,6	128,4	128,2
6b	DEPUTADO					124,1	
6c	PROJETO			97,3	104,1		
7	RECESSO			122,5			
8a	BATATA			106,6	108,2	133,8	
8b	SOPA				64,8		
8c	COZIDA			130,6			
9a	BATATA			97	111,7	132,9	
9b	SOPA				131,2	119,6	
10a	COZIDA			111,5	102,5		
10b	POR FAVOR?		94,6	102,90	124,5		
11a	VAMOS				140,4	155,2	
11b	CIDADE			98,54	129		
12a	VAMOS				130,4	143,6	
12b	A MATA			107,9	99,8	105,1	
12c	CIDADE			76,4	108,2		
13a	O TAPETE		104,9		113,2	119,6	
13b	CERA				109,6	112,7	
13c	NA SACADA		110	112,1	83,3	67	
15a	CADETE			123,3	126,5		
15b	DEPÓSITO				98,1		
15c	DINHEIRO			104,2	110,2	117,3	
16	DO BANCO						
17a	CADETE			107,2	120,4	122,8	
17b	DINHEIRO			102,5	106,5	117,6	
17c	DEPÓSITO			135,7			
18a	GAROTO			117,3	136,6	141,9	
18b	CATETE			109,7	116,7	109,3	
19a	E CADÊ				214,1	180,5	
19b	CORPO				125,7	122,7	
19c	DELITO			115,1	84,5		
20a	DELITO			100,4	135,7		
21	O CASO			111,7	92,6		
22a	OS ANIMAIS	120,1	110,3	117,6	94,9		
22b	DIVIDIDOS		123,5	116,7	101,9		
23	NOCIVOS			119,5	77,8		
	SOMA	120,1	1012,4	3399,4	4380,7	2864,9	375,9
		PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
	MÉDIA	120,1	112,5	117,2	112,3	124,6	125,3
	divisor	1	9	29	39	23	3

DADO	UTT	VOCABULO.	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1
1	01a	DOCUMENTO		117,7		122,9	
2	01b	LEVADO			113,6	113,7	108,6
3	01c	DEPUTADO		105,5		80,2	
4	2a	DEPUTADO		103,2		108,	
5	2b	DOCUMENTO		109	112,5	89,7	
6	3a	A CÂMARA				116,4	129,3
7	3b	SEMANA			100,2	104,5	117,7
8	4a	PROJETO			99,4	107,4	112,5
9	4b	DEPUTADO		100,7		80,3	
10	5a	A CÂMARA			195,7	180	179,8
11	5b	DEPUTADO		92	94,3	120,5	84,1
12	6a	A CÂMARA				124,9	125,7
13	6b	DEPUTADO				109,1	115,6
14	6c	PROJETO			97,8	104,4	114,2
15	7	RECESSO			104,7	97,5	
16	8a	BATATA				109,9	122,6
17	8b	SOPA				114,3	
18	8c	COZIDA			91,6	78,1	
19	9a	BATATA			112,3	95	85,4
20	9b	SOPA				114,1	
21	10a	COZIDA			87,3	117,2	90,7
22	10b	POR FAVOR?			87,2	116,9	
23	11a	VAMOS				155,4	166,9
24	11b	CIDADE				117,5	82,1
25	12a	VAMOS				151,7	145,7
26	12b	A MATA				103,4	83,4
27	12c	CIDADE			90,8	111,3	
28	13a	O TAPETE		97,1	96,9	113,2	
29	13b	CERA				110,1	106,8
30	13c	NA SACADA		106,2		79,5	66
31	15a	CADETE			116	125,2	110,9
32	15b	DEPÓSITO			94	105,8	117,5
33	15c	DINHEIRO			91,2	120,4	132,1
34	16	DO BANCO			102,8		
35	17a	CADETE			114,9	117,1	120,3
36	17b	DINHEIRO			95,7	114	123,9
37	17c	DEPÓSITO			114,4	98,9	
38	18a	GAROTO			104,3	125,5	106,7
39	18b	CATETE			111,6	132,2	
40	19a	E CADÊ				153,2	178,4
41	19b	CORPO				129,2	100,4
42	19c	DELITO			93	79,4	
43	20a	DELITO			91	133,2	
44	21	O CASO			88,7	85,1	72,2
45	22a	OS ANIMAIS	87,8	105,3	100,2	120,2	
46	22b	DIVIDIDOS		108,5	110,1	111,9	105,5
47	23	NOCIVOS			114	99,1	89,1
SOMA			87,8	1045,2	3026,2	5197,5	3294,1
MÉDIA			87,8	104,5	104,4	113,0	113,6
divisor			1	10	29	46	29

123,3

163,3

118,9

POS 2
405,5média 125 -
divisor

DADO	UTT	VOCABULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		202,7	184,	181,6	196,1	
2	01b	LEVADO			156,1	150,	167,8	
3	01c	DEPUTADO		142,5	143,4	157,		
4	2a	DEPUTADO		160,9	162,5	149,	155,8	
5	2b	DOCUMENTO		130,6	159,6	122,7		
6	3a	A CÂMARA			119,400	177,4	160,8	109,8
7	3b	SEMANA				144,1	124,2	
8	4a	PROJETO			150,3	151,6	164,1	
9	4b	DEPUTADO		142,2	145,8	118		
10	5a	A CÂMARA			136,6	176,6	176,7	173,8
11	5b	DEPUTADO		128,8	128,8	198,2	155,6	
12	6a	A CÂMARA			163,9	177,6	178,7	179,8
13	6b	DEPUTADO		161,9	161,7	131		
14	7B	PROJETO			113,8	165,9	215,9	
15	7c	RECESSO			162,8	161,5		
16	8a	BATATA			118,4	150,9	151,6	
17	9a	SOPA				163,9	183,8	
18	9b	COZIDA			163,1	115,9	119,4	
19	10a	BATATA			118,8	150,6	177,6	
20	10b	SOPA				153,6	171,2	
21	11a	COZIDA			156,2	147	122,4	
22	11b	POR FAVOR?		106,6	112,8	154,6		
23	12a	VAMOS				232,7	236,8	
24	12b	CIDADE			124,4	155,6	122,5	
25	13a	VAMOS				198,7	192,5	
26	13b	A MATA			126	143,8		
27	13c	CIDADE			103,9	153,5		
28	14a	O TAPETE		163,2	177,7	140,5	137,1	
29	14b	CERA				131,4	137,9	
30	15	NA SACADA		144,3	153,7	116,8		
31	16a	CADETE			169,3	117,4	175,4	
32	16b	DEPÓSITO			157	124		
33	17a	DINHEIRO				164,4	183,3	
34	17b	DO BANCO			155,7	114,4		
35	18a	CADETE			158,5	121,2	116,5	
36	18b	DINHEIRO			112,6	160,3	176,5	
37	19	DEPÓSITO			158,2	118,9	110,2	
38	20a	GAROTO			161	165	162,4	
39	20b	CATETE				201,9	189	
40	21a	E CADÊ			233,8	320,6	273,4	
41	21b	CORPO				198	196,5	
42	21c	DELITO			158,6	111,9		
43	22	DELITO			113	169,3	171,6	
44	23	O CASO				111,8	104,5	
45	24a	OS ANIMAIS	171,1	170,4	158,9	163,5		
46	24b	DIVIDIDOS		131,9	129,2	141,4	133	
47	25	NOCIVOS			155,5	111,6	112	
		SOMA	171,1	1786,0	5465,0	7287,3	5552,8	463,4
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	171,1	148,8	147,7	155,0	163,3	154,5

→ 160,5
→ 119,3
→ 112,5

divisor		1	12	37	47	34	3
---------	--	---	----	----	----	----	---

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		289,3	234,1	285,6	255,3	
2	01b	LEVADO			207,6	229,2	181,3	
3	01c	DEPUTADO		216,9	205,	200,	144,3	
4	2a	DEPUTADO		180,3		198,6	225,9	
5	2b	DOCUMENTO		221,5	234,2	182,		
6	3a	A CÂMARA			184,000	262,4	195,4	180,7
7	3b	SEMANA			172,9	218,8	187,4	
8	4a	PROJETO			196	210,1	216,3	
9	4b	DEPUTADO		209,2		190	125,2	
10	5a	A CÂMARA			228,8	305,1	328,8	318,6
11	5b	DEPUTADO		285,6	281,9	219,5	150,2	
12	6a	A CÂMARA			199,1	219,7	255,9	255,7
13	6b	DEPUTADO		185	208	233,1	275,1	
14	7B	PROJETO			182,9	214,2	260,1	
15	7c	RECESSO			246,7	184,4	151,7	
16	8a	BATATA			190,8	209,2	173,5	
17	9a	SOPA				209,3	184,2	
18	9b	COZIDA			176,8	198	140,8	
19	10a	BATATA			191,3	196,3	144,4	
20	10b	SOPA				204,7	169,1	
21	11a	COZIDA			183,5	226,2	179,8	
22	11b	POR FAVOR?		281	174,8	186,9		
23	12a	VAMOS				300,4	326,7	
24	12b	CIDADE			169,4	320,6	194,6	
25	13a	VAMOS				243,6	258	
26	13b	A MATA			193,8	196,8	166,8	
27	13c	CIDADE			149,9	243,5	167,8	
28	14a	O TAPETE		210,5	195,6	225,3		
29	14b	CERA				207,2	212	
30	15	NA SACADA		235,9	238,5	0,249	0,112	
31	16a	CADETE			239,1	287,3	277,6	
32	16b	DEPÓSITO			261,5	193,3		
33	17a	DINHEIRO			169,9	278,6	290,7	
34	17b	DO BANCO			273,3	184,4		
35	18a	CADETE			215,4	224,7		
36	18b	DINHEIRO			202,2	234,1	246,8	
37	19	DEPÓSITO			265,9	183,5		
38	20a	GAROTO			305,7	302,8	228,6	
39	20b	CATETE			167,4	273,1		
40	21a	E CADÊ			266,6	414,3	302,3	
41	21b	CORPO				243,7	205,8	
(42)	21c	DELITO			221,1	160	148,9	
43	22	DELITO			210,1	266,6	161	
44	23	O CASO			234,1	193,5		
45	24a	OS ANIMAIS	227,5	223,3	231,9	293,7		
46	24b	DIVIDIDOS		200,8	219,5	282	284,6	
47	25	NOCIVOS			244,1	173	144,6	
		SOMA	227,5	2739,3	8373,4	10709,5	7561,6	755,0
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	227,5	228,3	214,7	227,9	204,4	251,7
		divisor	1	12	39	47	37	3

DADO	UTT	VOCABULO		PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2	
1	01a	DOCUMENTO			224,1	226,4	287,1	275,1		
2	01b	LEVADO				225,1	198,	198,2		
3	01c	DEPUTADO	A		235,4	289,7	188,1	—	188,1	
4	2a	DEPUTADO			217	201,2	186,1			
5	2b	DOCUMENTO	A		208,8	262,	238,9	—		
6	3a	A CÂMARA				210,900	216,4	231,7	316,9	
7	3b	SEMANA	C			217,1	253,1	316,1		
8	4a	PROJETO	C			227	229,2	272,2		
9	4b	DEPUTADO	A		238,3	277,8	331,4	287,1	210,0	
10	5a	A CÂMARA					247,6	294,7	277,2	
11	5b	DEPUTADO	P		213		220	172,9		
12	6a	A CÂMARA				198,5	217,6	243,3	285,1	
13	6b	DEPUTADO	C		200,6	192,6	162,2			
14	7a	PROJETO	C			200,1	183,5	190		
15	7b	RECESSO	A			237	234,3	127,1	160,9	
16	8a	BATATA	C			199,4	182,8	240,6		
17	8b	SOPA	C				192,9	249,8		
18	9a	COZIDA	A			266	148,5	102		
19	10a	BATATA	C			211,1	228,7	164,4		
20	10b	SOPA	C				219,3	200,4		
21	11a	COZIDA				194,9	179	191,9		
22	11b	POR FAVOR?	P			181,8	195,2			
23	12a	VAMOS					351	330		
24	12b	CIDADE	P			206,6	240,7	160		
25	13a	VAMOS					298,3	340,4		
26	13b	A MATA	C			205,9	234			
27	13c	CIDADE	P			199,3	239,2	177		
28	14a	O TAPETE	C		225,4	217	232,2	218,5		
29	14b	CERA					230	236,4		
30	14c	NA SACADA	A			263,3	229,6	218,3		
31	15a	CADETE				220,6	197,2			
32	15b	DEPÓSITO	C			209,3	186,9			
33	16a	DINHEIRO	C			188,9	205,8	230,3		
34	16b	DO BANCO	A			230,3	180	124,5		
35	17a	CADETE				222,6	200	190,3		
36	17b	DINHEIRO				183,4	206,8	230,8		
37	17c	DEPÓSITO	A				204,4	123,1		
38	18a	GAROTO				235,9	298,7	290,3		
39	18b	CATETE	F				272,9	258		
40	19a	E CADÊ				286,4	306,2			
41	19b	CORPO					301,2	304,4		
42	19c	DELITO	P			264,1	324,7	279,9		
43	20	DELITO	C			203,3	238,9	303,4		
44	21	O CASO	A			246,6	149,1			
45	22a	OS ANIMAIS	C	234,7	224,7	218,3	229,6			
46	22b	DIVIDIDOS			222,9	209,9				
47	23	NOCIVOS	A			249,9	151,0	143,1		
SOMA					234,7	2210,2	8016,9	9870,1	7078,1	879,2
					PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA					234,7	221,0	222,7	235,0	244,1	293,1

divisor		1	10	36	42	29	3
---------	--	---	----	----	----	----	---

DADO	UTT	VOCÁBULO		PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO			207,5	183,6	178,4	223	
2	01b	LEVADO				192,8	188,7		
3	01c	DEPUTADO			194,5	195,4	155,9		
4	2a	DEPUTADO			185	177,3	199,2		
5	2b	DOCUMENTO			203,4	195,1	157,3		
6	3a	A CÂMARA					194,2	174,7	155,4
7	3b	SEMANA	c			159,7	195,1	172,5	
8	4a	PROJETO	c			184,3	173,3	205,3	
9	4b	DEPUTADO	A		202,4	198,9	157,4	141,2	
10	5a	A CÂMARA					246,5	252,4	233
11	5b	DEPUTADO			174,2	146,2	179,9	143	
12	6a	A CÂMARA					213,8	222,5	214,7
13	6b	DEPUTADO			200,6	171,8	172,7	180,6	
14	7a	PROJETO				194,5	172,7	191,4	
15	7b	RECESSO				195	155,2		
16	8a	BATATA				176,6	184,8	139,1	
17	8b	SOPA					201,5	157,1	
18	9a	COZIDA				177,5	166,5	132,6	
19	10a	BATATA				177,7	177,5	141,2	
20	10b	SOPA					195	157,7	
21	11a	COZIDA				155,2	209,7	151,3	
22	11b	POR FAVOR?			160,5	148,6	180,6		
23	12a	VAMOS					205,1	248,2	
24	12b	CIDADE					181,8	140,8	
25	13a	VAMOS					208,4	245,6	
26	13b	A MATA				172	183	145,4	
27	13c	CIDADE				157,2	169,9	139,7	
28	14	O TAPETE			191,4	168,4	201		
29	15a	CERA					192,2	195,8	
30	15b	NA SACADA			189,2	189,7	153	142,6	
31	16a	CADETE				183,8	205,1		
32	16b	DEPÓSITO				167,5	184,3	187,6	191,9
33	17a	DINHEIRO				173,3	197,6		
34	17b	DO BANCO				204,7	150,9		
35	18a	CADETE				186,8	208,8	228,9	
36	18b	DINHEIRO				169,3	203,2	212,1	
37	19	DEPÓSITO					158,3	142	
38	20a	GAROTO				192,5	258,3	237,2	
39	21a	CATETE				136,8	193,6		
40	21b	E CADÊ				202	249,8	295	
41	21b	CORPO					231,2	214,8	
(42)	21c	DELITO				186,6	151,2		
43	22	DELITO				154,6	207,3	155,9	
44	23	O CASO					146,6	135,5	
45	24a	OS ANIMAIS		171,6	205,7	178,3	208,5		
46	24b	DIVIDIDOS			201,7	202,3	180,6	154,9	
47	25	NOCIVOS				185,8	155,2	141	
SOMA				171,6	2316,1	6241,8	8840,8	6148,6	795,0
				PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA				171,6	193,0	178,3	188,1	180,8	198,8
divisor				1	12	35	47	34	4

DADC	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	01a	DOCUMENTO		142,6	143,3	155,5	156,9	
2	01b	LEVADO			132,5	121,9		
3	01c	DEPUTADO		122,7			86,8	
4	2a	DEPUTADO		126,4	126,6	201,2	120,2	
5	2b	DOCUMENTO		118,9	97,7	97,4		
6	3a	A CÂMARA			123,2	149,3		148,5
7	3b	SEMANA			129,9	114,3	120,7	
8	3c	PROJETO			156,1	109,5	120,9	
9	3d	DEPUTADO		118	158,2	92,7	111,2	
10	4a	A CÂMARA			121,4	161,4	155,8	135,2
11	4b	DEPUTADO		109,8		116,6	105,2	
12	5a	A CÂMARA			114,5	148,2	150	
13	5b	DEPUTADO		135,8		103,2	112,1	
14	5c	PROJETO			150,7	108,5	123,4	
15	5b	RECESSO			115,4	94,4	76	
16	6a	BATATA			107,9	127,6	118,9	
17	6b	SOPA				127,6	125,5	
18	6c	COZIDA			111	96,1		
19	7a	BATATA			104,1	110,5	90,1	
20	7b	SOPA				214	100,2	
21	7c	COZIDA			96,2	101,3	99,8	
22	7d	POR FAVOR?		127,6	94,1	111,8		
23	8a	VAMOS				152,9	159,5	
24	8b	CIDADE			78,1	167,4	89,4	
25	9a	VAMOS				138,4	158,5	
26	9b	A MATA			166,5	123,2	127,5	
27	9c	CIDADE				108,1	88,8	
28	10a	O TAPETE		133,3	110,4	129,4	132,8	
29	10b	CERA				129,3	127,9	
30	10c	NA SACADA		128,4	122,6		84,9	
31	11a	CADETE			129,6	152	149	
32	11b	DEPÓSITO			120	110	118	134
33	11c	DINHEIRO			115	117,3	125,8	
34	11d	DO BANCO			124,2	92,1	85,4	
35	12a	CADETE			132	152,5	158,4	
36	12b	DINHEIRO			136,4	117,7	133,4	
37	12c	DEPÓSITO			124,3	92,7	85,8	
38	13a	GAROTO			136,2	176,7	132	
39	13b	CATETE			96,1	130,8		
40	14a	E CADÊ		161,1	166,4	166,3		
41	14b	CORPO				141,8	121,2	
42	14c	DELITO			108,5	102,6	115,5	
43	15a	DELITO			115,7	126,9	138,1	
44	15b	O CASO			181,4	96		
45	16a	OS ANIMAIS	123,6	155,9	130	121,2		
46	16b	DIVIDIDOS		138	124,4	117,8	110,3	
47	16c	NOCIVOS			118,4	105,1		
		SOMA	123,6	1718,5	4619,0	5731,2	4415,9	417,7
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	123,6	132,2	121,6	127,4	119,3	139,2
		divisor	1	13	38	45	37	3

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1a	DOCUMENTO		121	114,5	121,4	82,	
2	1b	LEVADO			113,8	108,4		
3	1c	DEPUTADO		110		114,8	109,9	
4	2a	DEPUTADO		110,2		110,	110,9	
5	2b	DOCUMENTO		93,5	71,7	161,6	83,8	
6	3a	A CÂMARA			106,1	112,9	123,4	117,3
7	3b	SEMANA			95,9	104,9	110,6	
8	4a	PROJETO			106,2	96,9	111,2	
9	4b	DEPUTADO		112,6	70,4	84,9	161,1	
10	5a	A CÂMARA			110,7	115,2	129	123,9
11	5b	DEPUTADO		96,6	71,8	108,1	92,4	
12	6a	A CÂMARA			107	124,6	130,1	121,1
13	6b	DEPUTADO			102,9	97,8	97,1	
14	7a	PROJETO			104,2	96,4		
15	7b	RECESSO			118,4	84	60	
16	8a	BATATA			104,8	99,7	67,2	
17	8b	SOPA				100,3	95,1	
18	8c	COZIDA			83,7	86,7		
19	9a	BATATA			96,3	102,3	109,3	
20	9b	SOPA				102,9	63	
21	10a	COZIDA				96,2	91	
22	10b	POR FAVOR?		93,7	86,7	101,6		
23	11a	VAMOS				129,9	131,8	
24	11b	CIDADE			90	101,1	89,9	
25	12a	VAMOS				115,1	125,4	
26	12b	A MATA			89,3	105,4		
27	12c	CIDADE			105,4	95,4	84,5	
28	13a	O TAPETE		113,2	114,4	104,5	85,8	
29	13b	CERA				104,8	109	
30	13c	NA SACADA		107,9	104,9	87,4	77,9	
31	14a	CADETE			126,4	124,1	136,9	
32	14b	DEPÓSITO			101,5	103,9	108,4	
33	15a	DINHEIRO			102,3	102,5	101,5	
34	15b	DO BANCO			102,4	85,2		
35	16a	CADETE			111,3	105,8	108	
36	16b	DINHEIRO			96,3	90,7	85,5	
37	16c	DEPÓSITO			96,5	82,1		77,6
38	17a	GAROTO			106,1	115,4	139,7	
39	17b	CATETE			104,4		74	
40	18a	E CADÊ		104	131,5	128,9		
41	18b	CORPO				104,5		
42	18c	DELITO			91,6	89	87,8	
43	19a	DELITO			91,1	97,7	70,6	
44	19b	O CASO			106,8	85,6	75,4	
45	20	OS ANIMAIS	101,5	114,1	108,1	94,5		
46	21	DIVIDIDOS		106,4	101	105,1	108,7	
47	23	NOCIVOS			100,2	92,3		
		SOMA	101,5	1283,2	3846,6	4782,5	3627,9	439,9
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	101,5	106,9	101,2	104,0	100,8	110,0
		divisor	1	12	38	46	36	4

DADO	UTT	VOCABULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
1	1a	DOCUMENTO		140,4	133,1	141,		
2	1b	LEVADO			173,3	122,1	123,1	
3	1c	DEPUTADO		144,7	138,7	221,3	216,9	
4	2a	DEPUTADO		103,8	129,7	129,8	151,5	
5	2b	DOCUMENTO		101	199,9	96,3	172,7	
6	3a	A CÂMARA			135,4	145	162,6	168,9
7	3b	SEMANA			138,1	141,2	215,4	
8	4a	PROJETO			139,6	142		
9	4b	DEPUTADO		147,8	88,1		91,2	
10	5a	A CÂMARA				169,6	152,1	131
11	5b	DEPUTADO		123,1	126,6	137,6	139,4	
12	6a	A CÂMARA			85,2	182,4	176,6	171,2
13	6b	DEPUTADO		153,8	228,8	223,6	119,4	
14	7a	PROJETO			173,6	132,8	135	
15	7b	RECESSO			140	230,6		
16	8a	BATATA			142,8	131	143,3	
17	8b	SOPA				146,3		
18	9	COZIDA			143,4	132,7	105,3	
19	10a	BATATA			127,4	120,6	127,8	
20	10b	SOPA				159,7	139,9	
21	11a	COZIDA			107,3	113,6		
22	11b	POR FAVOR?		116,6	105,3	128,4		
23	12a	VAMOS				189,5		
24	12b	CIDADE			117,4	135	219,8	
25	13a	VAMOS				169,8	173,9	
26	13b	A MATA			127,8	125,7	86,8	
27	13c	CIDADE			121,8	128,4	137,8	
28	14a	O TAPETE		131,7	131	172,4	167,2	
29	14b	CERA				154,9	154,8	
30	14c	NA SACADA		150,8	145,9	96,4	136,3	
31	15a	CADETE			151,7	158,6	175,6	
32	15b	DEPÓSITO			127,2	133,4	133,9	131,7
33	16a	DINHEIRO			124,2	128,4		
34	16b	DO BANCO			135,3			
35	17a	CADETE			131,8	128,3	129,6	
36	17b	DINHEIRO			126,5	128,3	151,1	
37	17c	DEPÓSITO			130,1	103,9		
38	18a	GAROTO			195,6	154,1	132,7	
39	18b	CATETE			128,6	154,3	162,9	
40	19a	E CADÊ			111,5	170,1		
41	19b	CORPO				143,6	131,6	
42	19c	DELITO			126,2	103,8		
43	20	DELITO			147,6	156,5		
44	21	O CASO			138		129	
45	22	OS ANIMAIS	141,2	154,4	129,3	110		
46	23	DIVIDIDOS		127,8	129	126,8	125,6	
47	24	NOCIVOS			123,6	108	125,1	
		SOMA	141,2	1595,9	5456,4	6327,8	4845,9	602,8
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
		MÉDIA	141,2	133,0	136,4	143,8	146,8	150,7
		divisor	1	12	40	44	33	4

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1a	DOCUMENTO		265,3	286	238,9	281,5	
2	1b	LEVADO			249,1	218	234,8	
3	1c	DEPUTADO		231,2	238,2	177		
4	2a	DEPUTADO		238,3	247,2	194,2	219,3	
5	2b	DOCUMENTO		230,1	244,3	193,8		
6	3a	A CÂMARA			162,4	215,1	226,1	242,3
7	3b	SEMANA			225	197,4	197,9	
8	4a	PROJETO			208,6	210,5	241,3	
9	4b	DEPUTADO		226,4	233,3	161,6		
10	5a	A CÂMARA			204,4	256,7	258,6	240,2
11	5b	DEPUTADO ?		185,4	189,9	190,5	211,5	
12	6a	A CÂMARA			199,9	239,7	263,8	271,3
13	6b	DEPUTADO		191	177,7	175,7	225,8	
14	7a	PROJETO			192,6	212,1	209,6	
15	7b	RECESSO			235,2	165,7	224,6	
16	8a	BATATA			212	185,8	212,3	
17	8b	SOPA				234,2	253,3	
18	8c	COZIDA			202,3	167,2	153	
19	9a	BATATA			209,9	184	196,8	
20	9b	SOPA				209	318	
21	10a	COZIDA			192,2	205,6	195,3	
22	10b	POR FAVOR?		186,9	172,5	216,9		
23	11a	VAMOS				239,4	266,6	
24	11b	CIDADE			186,2	225,6	200,1	
25	12a	VAMOS				267,3	313,1	
26	12b	A MATA			212,3	189,6	185,8	
27	12c	CIDADE			233,2	215,3	225,6	
28	14a	O TAPETE		220,6	209,8	237,7	291,5	
29	14b	CERA				235,8	228,8	
30	14c	NA SACADA		230,7	235,2	144,9		
31	15a	CADETE			239,5	235,6	287,5	
32	15b	DEPÓSITO			199,5	192,4	209,6	244,8
33	16a	DINHEIRO			212,3	211	231	
34	16b	DO BANCO			260	197,6		
35	17a	CADETE			223	256,7	255,3	
36	17b	DINHEIRO			212,5	212,4	235,7	
37	17c	DEPÓSITO			256,6	167,4	172,2	
38	18a	GAROTO			278,5	225,2	216,4	
39	18b	CATETE			178,3	216,8		
40	19a	E CADÊ		241	314,4	251,7		
41	19b	CORPO				201,8	203,8	
42	19c	DELITO			185,3	164	151,7	
43	20	DELITO			183,5	236,3	207	
44	21	O CASO			231,7	200,6		
45	22a	OS ANIMAIS	234,4	259,4	257	225,1		
46	22b	DIVIDIDOS		279,6	278,5	215,7	221	
47	23	NOCIVOS			254,3	165,7		
		SOMA	234,4	2985,9	9124,3	9781,2	8226,2	998,6
		MÉDIA	234,4	229,7	222,5	208,1	228,5	249,7
		divisor	1	13	41	47	36	4

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1a	DOCUMENTO			240	265,9	266,7	
2	1b	LEVADO			227,7	210,6	214	
3	1c	DEPUTADO		203,4	208	163,2		
4	2a	DEPUTADO		192,9		175	198	
5	2b	DOCUMENTO		200,5	192,7	277,8	120,1	
6	3a	A CÂMARA			263,4	203,5	199,1	204,1
7	3b	SEMANA			242,9	171,9	184,1	
8	4a	PROJETO			196	180,5	213,7	
9	4b	DEPUTADO		184,2	185,5	253,5	136,8	
10	5a	A CÂMARA			239,7	341,2	296,3	233,9
11	5b	DEPUTADO ?		168,9	159,2	197,1	153,4	
12	6a	A CÂMARA			181,4	233	242,6	238,8
13	6b	DEPUTADO		174,9	218,3	207,6	211,6	
14	7a	PROJETO			209	216,7	218,8	
15	7b	RECESSO			215,4	272,9		
16	8a	BATATA				203,7	218,5	
17	8b	SOPA				232,6	235	
18	8c	COZIDA			201,9	298,1	130,1	
19	9a	BATATA			164,9	194,9	141,9	
20	9b	SOPA				214,8	172,1	
21	10a	COZIDA			316	190,8	149,1	
22	10b	POR FAVOR?		167,9	151,7	194,1		
23	11a	VAMOS				285,1	298,9	
24	11b	CIDADE			166,3	180,5	148,1	
25	12a	VAMOS				268,1	269,2	
26	12b	A MATA				191,9	148,3	
27	12c	CIDADE			283,1	169,3	154,4	
28	13a	O TAPETE		203,5	218	179,2	128,5	
29	13b	CERA				176,8	183	
30	13c	NA SACADA		185,3	214,2	271,5	282,9	
31	14a	CADETE			202,5	201,5	209,5	
32	14b	DEPÓSITO			176,2	192	199,2	202,7
33	15a	DINHEIRO			192	197,9	215	
34	15b	DO BANCO			201	154,9	232,1	
35	16a	CADETE			197,5	178,5	111	
36	16b	DINHEIRO			199,8	200,1	214	
37	16c	DEPÓSITO			178,8	133,8	122,6	
38	17a	GAROTO			253,1	266,2	249,8	
39	17b	CATETE ?			143	195	306,6	
40	18a	E CADÊ		255,3	303,6	320,1		
41	18b	CORPO				215,7	198,2	
42	18c	DELITO			173	157	141,2	
43	19	DELITO			214,6	218,7	218	
44	20	O CASO			176			
45	21a	OS ANIMAIS	210,2	258,4	255,6	197,3		
46	21b	DIVIDIDOS		210,7	200,1	194,1	165,5	
47	22	NOCIVOS			199	295	297,9	
		SOMA	210,2	2405,9	7961,1	9939,6	8195,8	879,5
		MÉDIA	210,2	200,5	209,5	216,1	199,9	219,9
		divisor	1	12	38	46	41	4

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
1	1a	DOCUMENTO		241,7	235,7	238,8	236,6	
2	1b	LEVADO			230,6	195,1	204,2	
3	1c	DEPUTADO		206	213,7	160,2		
4	2a	DEPUTADO		182,5		180,1	238,9	
5	2b	DOCUMENTO		188,1	206,2	184,9	113,2	
6	3a	A CÂMARA			187,3	242	204	183,2
7	3b	SEMANA			205,7	192	195	
8	4a	PROJETO			176,7	181,3		
9	4b	DEPUTADO		198,7	200,1	157,5		
10	5a	A CÂMARA			183,2	242	260,5	225,1
11	5b	DEPUTADO ?		182,3		184,6	159	
12	6a	A CÂMARA			190,7	218,9	230,2	233,7
13	6b	DEPUTADO		173,9		156	203,2	
14	7a	PROJETO			180,6	172	193,3	
15	7b	RECESSO			216,2	219,2	205,3	
16	8a	BATATA			192,8	198,7	184,1	
17	8b	SOPA				198,8	206,1	
18	8c	COZIDA			215	220,7		
19	9a	BATATA			196,2	161,6	178,5	
20	9b	SOPA				214,4	206,6	
21	10a	COZIDA			179,5	180,6	176,9	
22	10b	POR FAVOR?		172,8	162,1	210,6		
23	11a	VAMOS				241,1	174,5	
24	11b	CIDADE			143,1	182,5	143,3	
25	12b	VAMOS				268,8	272	
26	12b	A MATA			186,1	165,4	120,9	
27	12c	CIDADE			177,3	179,5	173,2	
28	13a	O TAPETE		194,4		203,5	213,9	
29	13b	CERA				196,4	201,3	
30	13c	NA SACADA		200	228,2	222	137,2	
31	14a	CADETE			229	238,5	248,4	
32	14b	DEPÓSITO			188,1	157,5		192,8
33	15a	DINHEIRO			179,3	172,9	211	
34	15b	DO BANCO			221			
35	16a	CADETE			208,3	222,1	227,3	
36	16b	DINHEIRO			182,2	183,5	196,6	
37	16c	DEPÓSITO			212,9	177,5	152,2	
38	17a	GAROTO			261,4	275,3	238,3	
39	17b	CATETE				208,7	214,5	
40	18a	E CADÊ		240	291	236,4		
41	18b	CORPO				193,8	191,4	
42	18c	DELITO			159			
43	19	DELITO			180,4	162,8	199,1	
44	20	O CASO			213,2	150,3		
45	21a	OS ANIMAIS	216,7	204,5	196,7	210,6		
46	21b	DIVIDIDOS		238,5	247,9	196,3	189,4	
47	22	NOCIVOS			233	227,30		
		SOMA	216,7	2623,4	7310,4	8982,7	6900,1	834,8
		MÉDIA	216,7	218,6	203,1	199,6	202,9	208,7
		divisor	1	12	36	45	34	4

LEITURA SSA
F0 CODIFICADA3 CONTEXTOS:
ASSERTIVO
CONTINUATIVO E
PERGUNTA TOTAL

CONTEXTO ASSERTIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
3	01c	DEPUTADO		122,7			86,8	
5	2b	DOCUMENTO		118,9	97,7	97,4		
9	3d	DEPUTADO		118	158,2	92,7	111,2	
15	5b	RECESSO			115,4	94,4	76	
18	6c	COZIDA			111	96,1		
30	10c	NA SACADA		128,4	122,6		84,9	
34	11d	DO BANCO			124,2	92,1	85,4	
37	12c	DEPÓSITO			124,3	92,7	85,8	
44	15b	O CASO			181,4	96		
47	16c	NOCIVOS			118,4	105,1		
SOMA			0,0	488,0	1153,2	766,5	530,1	0,0
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,0	122,0	128,1	95,8	88,4	0,0
divisor			0	4	9	8	6	0

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
11	4b	DEPUTADO		109,8		116,6	105,2	
22	7d	POR FAVOR?		127,6	94,1	111,8		
24	8b	CIDADE			78,1	167,4	89,4	
27	9c	CIDADE				108,1	88,8	
39	13b	CATETE			96,1	130,8		
SOMA			0,0	237,4	268,3	634,7	283,4	0,0
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,0	118,7	89,4	126,9	94,5	0,0
divisor			0	2	3	5	3	0

CONTEXTO CONTINUATIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
6	3a	A CÂMARA			123,2	149,3		148,5
7	3b	SEMANA			129,9	114,3	120,7	
8	3c	PROJETO			156,1	109,5	120,9	
13	5b	DEPUTADO		135,8		103,2	112,1	
14	5c	PROJETO			150,7	108,5	123,4	
16	6a	BATATA			107,9	127,6	118,9	
17	6b	SOPA				127,6	125,5	
19	7a	BATATA			104,1	110,5	90,1	
20	7b	SOPA				214	100,2	
21	7c	COZIDA			96,2	101,3	99,8	
26	9b	A MATA			166,5	123,2	127,5	
28	10a	O TAPETE		133,3	110,4	129,4	132,8	
32	11b	DEPÓSITO			120	110	118	134
36	12b	DINHEIRO			136,4	117,7	133,4	
43	15a	DELITO			115,7	126,9	138,1	
45	16a	OS ANIMAIS	123,6	155,9	130	121,2		
SOMA			123,6	425,0	1647,1	1994,2	1661,4	282,5
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			123,6	141,7	126,7	124,6	118,7	141,3
divisor			1	3	13	16	14	2

LEITURA
SALVADOR
F0 CODIFICADA
CONTEXTO ASSERTIVO

3 CONTEXTOS

H2

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
3	1c	DEPUTADO		110		114,8	109,9	
5	2b	DOCUMENTO		93,5		85,7	75,4	
9	4b	DEPUTADO		112,6	101,6	84,9	76,4	
15	7b	RECESSO			118,4	84	69,8	
18	8c	COZIDA			83,7	86,7	65,4	
30	13c	NA SACADA		107,9	104,9	87,4	77,9	
34	15b	DO BANCO			102,4	77		
37	16c	DEPÓSITO			96,5	82,1	77,5	68,6
44	19b	O CASO			106,8	85,6	72	
47	23	NOCIVOS			100,2	92,3	72,3	
SOMA			0,0	424,0	814,5	880,5	696,6	68,6
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,0	106,0	101,8	88,1	77,4	68,6
divisor			0	4	8	10	9	1

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
11	5b	DEPUTADO		96,6	71,8	108,1	92,4	
22	10b	POR FAVOR?		93,7	86,7	101,6		
24	11b	CIDADE			90	101,1	89,9	
27	12c	CIDADE			105,4	95,4	84,5	
39	17b	CATETE			104,4		74	
SOMA			0,0	190,3	458,3	406,2	340,8	0,0
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,0	95,2	91,7	101,6	85,2	0,0
divisor			0	2	5	4	4	0

CONTEXTO CONTINUATIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
6	3a	A CÂMARA			106,1	112,9	123,4	117,3
7	3b	SEMANA			95,9	104,9	110,6	
8	4a	PROJETO			106,2	96,9	111,2	
13	6b	DEPUTADO			102,9	97,8	97,1	
14	7a	PROJETO			104,2	96,4		
16	8a	BATATA			104,8	99,7	67,2	
17	8b	SOPA				100,3	95,1	
19	9a	BATATA			96,3	102,3	109,3	
20	9b	SOPA				102,9	63	
21	10a	COZIDA				96,2	91	
26	12b	A MATA			89,3	105,4		
28	13a	O TAPETE		113,2	114,4	104,5	85,8	
32	14b	DEPÓSITO			101,5	103,9	108,4	
36	16b	DINHEIRO			96,3	90,7	85,5	
43	19a	DELITO			91,1	97,7	70,6	
45	20	OS ANIMAIS	101,5	114,1	108,1	94,5		
SOMA			101,5	227,3	1317,1	1607,0	1218,2	117,3
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			101,5	113,7	101,3	100,4	93,7	117,3
divisor			1	2	13	16	13	1

3 CONTEXTOS

H3

LEITURA
SALVADOR
F0 CODIFICADA
CONTEXTO ASSERTIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
3	1c	DEPUTADO		144,7	138,7	100,	86,9	
5	2b	DOCUMENTO		101	199,9	96,3	72	
9	4b	DEPUTADO		147,8	148,1		91,2	
15	7b	RECESSO			140	130,6		
18	9	COZIDA			143,4	132,7	105,3	
30	14c	NA SACADA		150,8	145,9	96,4	76,3	
34	16b	DO BANCO			135,3			
37	17c	DEPÓSITO			130,1	103,9		
44	21	O CASO			138		109	
47	24	NOCIVOS			123,6	108	85,1	
SOMA			0,0	544,3	1443,0	767,9	625,8	0,0
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,0	136,1	144,3	109,7	89,4	0,0
divisor			0	4	10	7	7	0

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
11	5b	DEPUTADO		128,2	114,8	137,6	128,1	
22	11b	POR FAVOR?		116,6	105,3	128,4		
24	12b	CIDADE			117,4	135		
27	13c	CIDADE			121,8	130,7	116	
39	18b	CATETE			128,6	154,3	136,7	
SOMA			0,0	244,8	587,9	686,0	380,8	0,0
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			0,0	122,4	117,6	137,2	126,9	0,0
divisor			0	2	5	5	3	0

CONTEXTO CONTINUATIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
6	3a	A CÂMARA			135,4	145	162,6	168,9
7	3b	SEMANA			138,1	141,2	215,4	
8	4a	PROJETO			139,6	142		
13	6b	DEPUTADO		153,8	228,8	223,6	119,4	
14	7a	PROJETO			173,6	132,8	135	
16	8a	BATATA			142,8	131	143,3	
17	8b	SOPA				146,3		
19	10a	BATATA			127,4	120,6	127,8	
20	10b	SOPA				159,7	139,9	
21	11a	COZIDA			107,3	113,6		
26	13b	A MATA			127,8	125,7	86,8	
28	14a	O TAPETE		131,7	131	172,4	167,2	
32	15b	DEPÓSITO			127,2	133,4	133,9	131,7
36	17b	DINHEIRO			126,5	128,3	151,1	
43	20	DELITO			147,6	156,5		
45	22	OS ANIMAIS	141,2	154,4	129,3	110		
SOMA			141,2	439,9	1982,4	2282,1	1582,4	300,6
			PRE 3	PRE 2	PRE 1	TON	POS 1	POS 2
MÉDIA			141,2	146,6	141,6	142,6	143,9	150,3
divisor			1	3	14	16	11	2

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
3	1c	DEPUTADO		231,2	238,2	177		
5	2b	DOCUMENTO		230,1	244,3	193,8		
9	4b	DEPUTADO		226,4	233,3	161,6		
15	7b	RECESSO			235,2	165,7	124,6	
18	8c	COZIDA			202,3	167,2	153	
30	14c	NA SACADA		230,7	235,2	144,9		
34	16b	DO BANCO			260	197,6		
37	17c	DEPÓSITO			256,6	167,4	162	
44	21	O CASO			231,7	200,6		
47	23	NOCIVOS			254,3	165,7		
		SOMA	0	918,4	2391,1	1741,5	439,6	0
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	0,0	229,6	239,1	174,2	146,5	0,0
		divisor	0	4	10	10	3	0

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
11	5b	DEPUTADO ?		185,4	189,9	190,5	211,5	
22	10b	POR FAVOR?		186,9	172,5	216,9		
24	11b	CIDADE			186,2	225,6	200,1	
27	12c	CIDADE			233,2	215,3	225,6	
39	18b	CATETE			178,3	216,8		
		SOMA		372,3	960,1	1065,1	637,2	0
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	0,0	186,2	192,0	213,0	212,4	0,0
		divisor	0	2	5	5	3	0

CONTEXTO CONTINUATIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
6	3a	A CÂMARA			162,4	215,1	226,1	242,3
7	3b	SEMANA			225	197,4	197,9	
8	4a	PROJETO			208,6	210,5	241,3	
13	6b	DEPUTADO		191	177,7	175,7	225,8	
14	7a	PROJETO				192,6	212,1	209,6
16	8a	BATATA			212	185,8	212,3	
17	8b	SOPA				234,2	253,3	
19	9a	BATATA			209,9	184	196,8	
20	9b	SOPA				209	318	
21	10a	COZIDA			192,2	205,6	195,3	
26	12b	A MATA			212,3	189,6	185,8	
28	14a	O TAPETE		220,6	209,8	237,7	291,5	
32	15b	DEPÓSITO			199,5	192,4	209,6	244,8
36	17b	DINHEIRO			212,5	212,4	235,7	
43	20	DELITO			183,5	236,3	207	
45	22a	OS ANIMAIS	234,4	259,4	257	225,1		
		SOMA	234,4	671	2662,4	3303,4	3408,5	696,7
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	234,4	223,7	204,8	206,5	227,2	232,2
		divisor	1	3	13	16	15	3

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
3	1c	DEPUTADO		203,4	208	163,2		
5	2b	DOCUMENTO		200,5	192,7	128,5	120,1	
9	4b	DEPUTADO		184,2	185,5	138,6	132	
15	7b	RECESSO			215,4	143,1		
18	8c	COZIDA			201,9	153,9	124,9	
30	13c	NA SACADA		208	214,2	149,9	138,6	
34	15b	DO BANCO			201	154,9		
37	16c	DEPÓSITO			178,8	133,8	122,6	
44	20	O CASO			176	119,8		
47	22	NOCIVOS			199	141	126	
		SOMA	0	796,1	1972,5	1426,7	764,2	0
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	0,0	199,0	197,3	142,7	127,4	0,0
		divisor	0	4	10	10	6	0

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
11	5b	DEPUTADO ?		168,9	207,3	197,1	153,4	
22	10b	POR FAVOR?		167,9	151,7	194,1		
24	11b	CIDADE			155,7	227,9	148,1	
27	12c	CIDADE			139,8	226,7	154,4	
39	17b	CATETE ?			143	195	188,3	
		SOMA		336,8	797,5	1040,8	644,2	0
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	0,0	168,4	159,5	208,2	161,1	0,0
		divisor	0	2	5	5	4	0

CONTEXTO CONTINUATIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
6	3a	A CÂMARA			271,1	203,5	199,1	204,1
7	3b	SEMANA			242,9	171,9	184,1	
8	4a	PROJETO			196	180,5	213,7	
13	6b	DEPUTADO		174,9	172	207,6	211,6	
14	7a	PROJETO			209	216,7	218,8	
16	8a	BATATA			159,3	203,7	218,5	
17	8b	SOPA				232,6	231,8	
19	9a	BATATA			164,9	194,9	216,1	
20	9b	SOPA				214,8	232,3	
21	10a	COZIDA			316	190,8	149,1	
26	12b	A MATA			180,6	191,9	148,3	
28	13a	O TAPETE		203,5	218	179,2	208,4	
32	14b	DEPÓSITO			176,2	192	199,2	202,7
36	16b	DINHEIRO			199,8	200,1	214	
43	19	DELITO			214,6	218,7	201,1	
45	21a	OS ANIMAIS	210,2	258,4	237,5	197,3		
		SOMA	210,2	636,8	2957,9	3196,2	3046,1	406,8
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	210,2	212,3	211,3	199,8	203,1	203,4
		divisor	1	3	14	16	15	2

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
3	1c	DEPUTADO		206	213,7	160,2		
5	2b	DOCUMENTO		188,1	206,2	184,9	113,2	
9	4b	DEPUTADO		198,7	200,1	157,5		
15	7b	RECESSO			216,2	219,2	205,3	
18	8c	COZIDA			215	220,7		
30	13c	NA SACADA		200	228,2	222	137,2	
34	15b	DO BANCO			221			
37	16c	DEPÓSITO			212,9	177,5	152,2	
44	20	O CASO			213,2	150,3		
47	22	NOCIVOS			233	227,30		
		SOMA	0,0	792,8	2159,5	1719,6	607,9	0,0
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	0,0	198,2	216,0	191,1	152,0	0,0
		divisor	0	4	10	9	4	0

CONTEXTO PERGUNTA TOTAL

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2	
11	5b	DEPUTADO ?	182,3		184,6	159		
22	10b	POR FAVOR?	172,8	162,1	210,6			
24	11b	CIDADE		143,1	182,5	143,3		
27	12c	CIDADE		177,3	179,5	173,2		
39	17b	CATETE			208,7	214,5		
		SOMA		355,1	482,5	965,9	690,0	
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	0,0	177,6	160,8	193,2	172,5	0,0
		divisor	0	2	3	5	4	0

CONT. CONTINUATIVO

DADO	UTT	VOCÁBULO	PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
6	3a	A CÂMARA			187,3	242	204	183,2
7	3b	SEMANA			205,7	192	195	
8	4a	PROJETO			176,7	181,3		
13	6b	DEPUTADO		173,9		156	203,2	
14	7a	PROJETO			180,6	172	193,3	
16	8a	BATATA			192,8	198,7	184,1	
17	8b	SOPA				198,8	206,1	
19	9a	BATATA			196,2	161,6	178,5	
20	9b	SOPA				214,4	206,6	
21	10a	COZIDA			179,5	180,6	176,9	
26	12b	A MATA			186,1	165,4	120,9	
28	13a	O TAPETE		194,4		203,5	213,9	
32	14b	DEPÓSITO			188,1	157,5		192,8
36	16b	DINHEIRO			182,2	183,5	196,6	
43	19	DELITO			180,4	162,8	199,1	
45	21a	OS ANIMAIS	216,7	204,5	196,7	210,6		
		SOMA	216,7	572,8	2252,3	2980,7	2478,2	376,0
			PRE3	PRE2	PRE1	TON	POS1	POS2
		MÉDIA	216,7	190,9	187,7	186,3	190,6	188,0
		divisor	1	3	12	16	13	2

CUNHA, Cláudia de Souza (2000). **Entoação Regional no Português do Brasil**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 308 fls., mimeo. 1vol.

RESUMO

O fenômeno da entoação regional constitui o objeto desta Tese. Minha proposta é descrever as marcas prosódicas responsáveis pela identificação de cinco falares do Brasil: o falar pernambucano, o falar baiano, o falar carioca, o falar paulista e o falar gaúcho, representados por gravações em que se registra a fala urbana culta de homens e mulheres residentes nas capitais dos estados em questão. A descrição tem apoio na análise experimental e em modelos fonológicos da corrente auto-segmental métrica.

No plano acústico-experimental, caracterizo o comportamento dos parâmetros duração, intensidade e frequência fundamental utilizando como ferramenta de decupagem da fala o programa computacional CECIL e empregando três procedimentos metodológicos distintos: 1) análise de dados provenientes das cinco cidades, recolhidos de outiva (sendo o critério de recolha haver marca perceptual de sotaque), e colhidos em dez gravações – cinco do Projeto NURC e cinco de um mesmo texto, lido por um informante (do sexo feminino) de cada cidade; 2) análise de dados provenientes das cinco capitais, recolhidos segundo o contexto de ocorrência – fim de Unidade Entoacional –, com ênfase na análise da fala baiana e da fala carioca através de um *corpus* composto de 24 gravações (12 do Projeto NURC – três homens e três mulheres cariocas, três homens e três mulheres baianas – e 12 de leitura, com igual distribuição entre os sexos); 3) análise comparativa de enunciados escolhidos, sem preocupação quantitativa, com o interesse único de observar a qualidade das marcas identificadoras de um sotaque.

A descrição revela que, frente à multiplicidade de variáveis entoacionais, alguns padrões prosódicos fundamentais ao funcionamento da língua são comuns a todas as amostras. Vê-se a fixação do parâmetro duração como identificador da sílaba tônica, a presença da linha de declinação caracterizando o contexto assertivo final e o padrão melódico ascendente pretônica – tônica caracterizando perguntas totais.

De outra parte, os resultados apontam os parâmetros frequência fundamental e intensidade como os principais responsáveis para a diferenciação regional, determinando a proeminência das sílabas pretônicas nos falares do nordeste, da sílaba tônica na fala gaúcha e conferindo características ora do nordeste e ora do sul aos falares de Rio de Janeiro e São Paulo, o que os evidencia de fato como sítios de interseção.

Sobretudo, mostro que o fenômeno é intermitente e que, embora a percepção de um falar regional seja prosodicamente clara para a maior parte dos falantes do português do Brasil, acham-se mais coincidências que diferenças no domínio da entoação.

CUNHA, Cláudia de Souza (2000). **Entoação Regional no Português do Brasil**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 308 fls., mimeo. 1vol.

ABSTRACT

This Work focuses the phenomena of regional intonation in Brazil. My aim is to describe prosodic marks responsible for the identification of five Brazilian speeches: the Pernambuco speech, the Bahia speech, Rio's, São Paulo's and Porto Alegre's speeches, spanning three major geographical areas – Northeast to South. They are all represented by recordings of male and female subjects of higher educational groups, practicing urban speech and coming from State capitals. Description is supported by experimental analysis and phonological models of the metric auto-segmental theoretical line.

On the acoustical-experimental issue, I characterize the behavior of parameters such as duration, intensity and pitch, using CECIL computer program as speech analysis tool and using three different methodological procedures: 1) Data analysis from the five cities, collected from direct listening (criteria was the accent perception mark), and collected in ten recordings – five from the NURC Project and five out of a same text, read by an informant of the female sex of each city; 2) Data analysis from the five cities collected according to the context of the occurrence – end of Tonal Unity, with emphasis in the Bahia and Rio speeches, through a *corpus* of 24 recordings (12 from the NURC Project – three male and three female Rio subjects, also three male and three female Bahia subjects – and 12 out of readings, with equal sex distribution); 3) Comparative analysis of the chosen utterances, with no preoccupation regarding quantity, with the sole purpose of observing the quality of identifying marks of an accent.

Description shows that when facing the multiplicity of tonal variables some prosodic patterns fundamental to the proper functioning of a language are common to all the samples. The duration parameter is fixed as the identifier of the stressed syllable, the presence of the declination line characterizing the final assertive context, the melodic ascending pre-stressed pattern to the stressed pattern characterizing yes-no questions.

On the other hand, results point out that pitch parameters and intensity are the main responsible for regional distinction, determining pre-stressed syllables prominence on Northeastern speeches, of the stressed syllable in Southern speech (Rio Grande do Sul) and conferring some Northeastern and Southern characteristics to São Paulo and Rio's speeches, which definitely gives them intersection sites attributes.

Above all I demonstrate that the phenomena is intermittent, and that although regional speech perception is prosodically comprehensible to most Brazilian Portuguese speakers, there are more coincidences than differences in the tonal field.

CUNHA, Cláudia de Souza (2000). **Entoação Regional no Português do Brasil**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 308 fls., mimeo. 1vol.

RÉSUMÉ

Le phénomène de l'intonation régionale constitue l'objet de cette Thèse. Mon propos est de décrire les marques prosodiques responsables par l'identification de cinq accents du Brésil: l'accent de l'état du Pernambuco, celui de Bahia, Rio, São Paulo et de l'extrême sud (dit « gaúcho »), représentés par enregistrements du discours urbain culte d'hommes et de femmes résidents dans les capitales des états en question. La description est supportée par une analyse expérimentale et en modèles phonologiques de la ligne métrique auto-ségmentée.

Dans le plan acoustique-expérimental, je caractérise le comportement des paramètres durée, intensité et fréquence fondamentale utilisant comme outil de découpage le logiciel CECIL et empruntant trois procédiments méthodologiques différents: 1) Analyse des informations provenant des cinq villes, récoltées à partir de l'écoute (dont le critère de récolte fût avoir une marque perceptive d'accent), et aussi à partir de dix enregistrements – cinq du Projet NURC et cinq d'un même texte, lus par un informant (du sexe féminin) de chaque ville; 2) Analyse d'informations provenant des cinq capitales, récoltées selon le contexte d'occurrence – fin d'Unité Tonale, emphasiant l'analyse du parler de Bahia et de Rio à travers d'un *corpus* composé de 24 enregistrements (12 du projet NURC – trois hommes et trois femmes de Rio, puis la même composition de sujets de Bahia – et 12 de lecture, avec égale distribution des sexes); 3) Analyse comparative des énoncés choisis, sans préoccupation quantitative, ayant comme seul intérêt observer la qualité des marques d'identification d'un accent.

La description révèle que, face à la multiplicité de variables tonales, certains patrons prosodiques fondamentaux au fonctionnement d'une langue sont communs à toutes les montres. On s'aperçoit de la fixation du paramètre durée comme l'identificateur de la syllabe tonique, la présence de la ligne de déclination caractérisant le contexte assertif final, ayant le patron mélodique ascendant prétonique-tonique pour les questions totales.

D'autre part les résultats désignent les paramètres de fréquence fondamentale et d'intensité comme les responsables pour la différenciation régionale, déterminant la prééminence de syllabes prétoniques dans le parler du Nord-Est (Bahia, Pernambuco), de la syllabe tonique au parler « gaúcho » et conférant caractéristiques soit du Nord-Est soit du Sud au parler de Rio et de São Paulo, ce qui les évideencie effectivement comme des sites d'intersection.

Je démontre surtout que le phénomène est intermittent, et que, malgré la perception d'un parler régional soye prosodiquement clair pour la plupart des parlants du portugais brésilien, on rencontre plus de coïncidences que différences dans le domaine de l'intonation.